COLEÇÃO GRANDES CIENTISTAS SOCIAIS 42

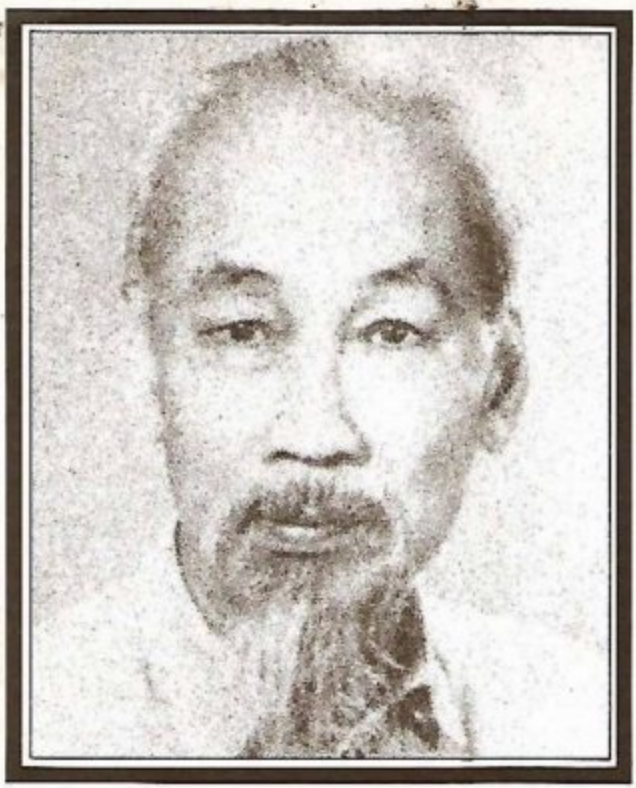
Ho Chi Minh

Organizadora: Marta Elena Alvarez
Coordenador: Florestan Fernandes

POLÍTICA

editora ática





GRANDES CIENTISTAS SOCIAIS

Textos básicos de Ciências Sociais, selecionados com a supervisão geral do Prof. Florestan Fernandes. Abrangendo seis disciplinas fundamentais da ciência social - Sociologia, História, Economia, Psicologia, Política e Antropologia - a coleção apresenta os autores modernos e contemporâneos de maior destaque mundial, focalizados através de introdução crítica e biobibliográfica, assinada por especialistas da universidade brasileira. A essa introdução crítica segue-se uma coletânea dos textos mais representativos de cada autor.

HO CHI MINH

(1890-1969) foi essencialmente um homem de ação, prático e de pouca teoria. Sua figura, em nível internacional, apresenta-se como o expoente máximo das lutas contra o colonialismo. Porém, mais do que isso, ele retrata um tipo de luta de libertação fundamentada no profundo enraizamento com as características do povo, no respeito por seus costumes e crenças. E, nessa luta, Ho Chi Minh aparece como a mais fiel expressão de um povo que combateu, sem cansaço, as diferentes forças estrangeiras invasoras — os chineses, os franceses, os japoneses e, por último, os norte-americanos.

A teoria de Ho Chi Minh não constituiu uma elaboração abstrata e conceitual da realidade, mas uma coadjuvante de sua prática. Nos textos selecionados para esta antologia, vê-se a manifestação desta prática através de documentos partidários e exortações, os quais reproduzem as linhas políticas, as críticas e os apelos à população.

Ho Chi Minh

Organizadora: Marta Elena Alvarez

POLÍTICA

editora ática

TEXTO

Consultoria geral
Florestan Fernandes

Coordenação editorial
Maria Carolina de A. Boschi

Tradução
Eder S. Sader (Introdução) e
Alícia B. Auzmendi (textos)

Revisão de tradução e copidesque
N. Nicolai

Índice analítico
Carmen Zilda Ribeiro

ARTE

Coordenação
Antônio do Amaral Rocha

Layout da capa
Elifas Andreato

Arte-final
René Etiene Ardanuy

Produção gráfica
Elaine Regina de Oliveira

Foto capa
Catherine Leroy/*Gama*

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP

H597h

Ho Chi Minh, 1890-1969.
Ho Chi Minh : política / organizadora (da coletânea) Marta Elena Alvarez ; (tradução Eder S. Sader e Alícia B. Auzmendi). — São Paulo : Ática, 1984.
(Grandes cientistas sociais ; 42)

Inclui introdução sobre Ho Chi Minh por Marta Elena Alvarez.
Bibliografia.

1. Comunismo — Vietnã 2. Ho Chi Minh, 1890-1969 3. Política 4. Vietnã — História 5. Vietnã — Política e governo. I. Alvarez, Marta Elena. II. Título.

CDD—320
—320.5320959
—320.9597
—959.7
84-0294 —959.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Política 320
2. Vietnã : Comunismo : Ciência política 320.53209597
3. Vietnã : História 959.7
4. Vietnã : Política 320.9597

1984

Todos os direitos reservados
Editora Ática S.A./Rua Barão de Iguape, 110
Telefone: PABX 278-9322/Caixa Postal 8656
End. Telegráfico: "Bomlivro"/São Paulo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Os caminhos da montanha ou a revolução na alma do povo (por Marta Elena Alvarez), 7

I. PATRIOTISMO E INTERNACIONALISMO

1. O que significa o patriotismo autêntico, 37
2. A questão nacional e colonial e o internacionalismo, 39
3. As lutas de outros povos, 54
4. Fundamentos leninistas, 61

II. DUAS GUERRAS, UMA LUTA

5. Política de negociações com a França: a prova de fogo do caminho pacífico da libertação nacional, 70
6. A agressão norte-americana, 81

III. A QUESTÃO DO PARTIDO

7. O partido da classe operária, 92
8. Características internas do Partido dos Trabalhadores do Vietnã, 95
9. O Partido dos Trabalhadores do Vietnã: vanguarda da classe operária, 97

IV. ESTRATÉGIA E TÁTICA

10. O caráter da Revolução, 112
11. A luta armada e o povo, 132
12. Relações partido — organizações de massas — povo, 147

V. A NOVA SOCIEDADE

13. Educação e cultura, 156
14. A família e a mulher, 169
15. A nova moralidade, 174

VI. TESTAMENTO 194

ÍNDICE ANALÍTICO E ONOMÁSTICO, 199

Textos para esta edição extraídos de:

HO CHI MINH. *Action et révolution (1920-1967)*. Textos escolhidos e apresentados por Colette Capitan-Peter. Paris, Union Générale d'Éditions, 1968.

- -. *Oeuvres choisies (1922-1967)*. Paris, Maspero, 1970.
- -. *A resistência do Vietnam*. Rio de Janeiro, Ed. Laemmert, 1968.
- -. *Écrits (1920-1969)*. 2.ed. Hanói, Éditions en Langues Étrangères, 1976.
- -. *Textos escolhidos*. Tradução de Manuel Augusto Araújo. Lisboa, Ed. Estampa, 1975 (Coleção Teoria, 26).

INTRODUÇÃO

Marta Elena Alvarez

Psicóloga Clínica do Trabalho
pela Universidad Nacional de Tucumán (Argentina)
Licenciada em Sociologia
pela Universidad de Concepción (Chile)
Ex-professora de Psicologia Social
da Universidad de Concepción (Chile)

OS CAMINHOS DA MONTANHA OU A REVOLUÇÃO NA ALMA DO POVO *

Não constitui tarefa fácil expressar literalmente os alcances da vida e da obra de Ho Chi Minh, na medida em que estas estão enraizadas na história do povo vietnamita. Trata-se de uma história de lutas, fundamentalmente de caráter nacionalista, frente a diferentes invasores.

Herdando essa tradição, a participação política de Ho Chi Minh foi basicamente anticolonialista. Através de sua militância se desenrola uma mistura de complementação e contradição entre seu papel de membro da III Internacional e do Partido Comunista (primeiramente chamado indochinês e depois vietnamita). Inclusive essa mudança, de aparência apenas nominal, reflete essa tensão. Porque no momento em que ele reingressa no país, em 1941, além de mudar-se o nome do partido, passa-se a dar maior importância aos seus aspectos nacionalistas.

Ho Chi Minh ingressou no PC francês em 1920, aí iniciando sua militância política, já ligada à III Internacional, influenciado pelos postulados anticolonialistas de Lenin.

No VIII Congresso do Partido Bolchevique, realizado em 1919, travou-se uma discussão acerca do direito à "autodeterminação" das nacionalidades minoritárias existentes no interior da União Soviética. Lenin defendia inclusive seu direito de separar-se da Rússia soviética, se assim o decidissem, dando o exemplo da Finlândia. Apesar disso, a

* Estudo redigido originalmente em espanhol. Traduzido por Eder S. Sader.

política aplicada por Stalin contrariou frontalmente tais princípios e foi freqüentemente acusada de "chauvinista e grã-russa". Em 1920, como Comissário do Povo para as nacionalidades, desencadeia uma repressão contra o nacionalismo muçulmano. Em 1922, convoca a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, liquidando de fato com a autonomia das nacionalidades [1]. Lenin se opôs a essa política, mas, já muito enfermo, esteve impossibilitado de intervir diretamente. A tendência stalinista se acentuará, tendo sido apontada como responsável pelo fracasso da Internacional nos países colonizados. Tal polêmica esclarece muito o quadro ideológico que influencia a formação de Ho Chi Minh.

Sua participação na III Internacional foi fundamentalmente de defesa das lutas anticolonialistas. No V Congresso da Internacional criticou duramente as políticas dos PCs francês e inglês, acusadas de colonialistas, e as posições omissas dos PCs europeus em geral.

Notamos uma passagem do enfoque leninista para o stalinista mais claramente no tocante à sua visão do internacionalismo. Num primeiro momento, Ho Chi Minh expressa a posição internacionalista de Lenin, através de sua participação direta, enquanto membro da Internacional, das lutas dos povos da China e Sião. Depois foi adotando a posição stalinista, no sentido de colocar o internacionalismo em função do nacionalismo, no caso, dos interesses vietnamitas. A formação da Confederação da Indochina é expressão da mesma tática que levou Stalin a criar a URSS.

Como nacionalista e anticolonialista, tinha de entrar em contradição com a Internacional Comunista da época de Stalin, que expressava as necessidades da política externa da URSS. Mas entrou em contradições consigo próprio, configurando uma posição dualista ante o problema. De um lado, tinha o cuidado de não entrar em contradição com Stalin e a Internacional Comunista, temendo as conseqüências que isso traria. A tática seguida (do mesmo modo que Mao, na China) era de aceitação "oficial" da linha da Internacional Comunista e a aplicação na prática, já no território vietnamita, do que lhe parecia exigência da realidade local. Dessa forma encontramos uma possível explicação para a contradição entre o que os documentos partidários levantavam e o que se fazia na prática. Um exemplo disso encontramos particularmente no tocante à classe que cumpriria o papel hegemônico na revolução. Os documentos partidários assinalavam a importância central do proleta-

[1] CLAUDIN, F. *La crisis del movimiento comunista*. Paris, Ruedo Ibérico, 1970. p. 208.

rado, apesar de seu diminuto peso na sociedade vietnamita. Já na prática, as lutas se baseavam fundamentalmente no campesinato, centrando-se nas aldeias e tendo por eixo a reforma agrária.

Uma história milenária

O pequeno Nguyen Sinh Cung nasceu na vila de Kim Lien, na província de Nghe Thinh. Trazia atrás de si o rumor de uma história turbulenta. Os primeiros dados vêm do ano 208 a.C., quando o Nam Viet era uma espécie de província chinesa. Invadido então pelos chineses, recebeu destes a imposição de sua língua, religião, leis e costumes. Esse domínio se manteria até o século X, quando os vietnamitas começam a reconquistar a independência. Já no século VII, Mai Hac De liderara uma insurreição camponesa, proclamando-se imperador. No século XV, foi a vez do rei Le Loi, liderando mais uma "guerra de libertação", possivelmente o criador dos "caminhos da montanha", tão usados posteriormente pelos guerrilheiros do Viet Minh [2].

As lutas pela reunificação do país tinham também seus fundamentos de longa data. Esse extenso país de 1.800 km, banhado pelo verde mar de um lado e cercado pelas azuis montanhas de outro, estava dividido em três partes com características diferentes. Ao norte estava o Tonquim, coberto por uma garoa insistente, que também alcança o Anã, ao centro. Tempestades e inundações açoitam essa zona, obrigando os homens a "uma luta incessante e renovada contra os elementos naturais" [3]. Ao sul encontra-se a Cochinchina, com suas terras ricas, regadas por rios tranqüilos e dispondo de clima aprazível.

Durante séculos, o povo vietnamita lutou por sua unidade territorial. Essas aspirações se concretizam só no século XIX, sob a direção de Gia Long, quando pela primeira vez aparece o nome Vietnã.

O berço revolucionário

Saindo do Tonquim, em direção ao sul, chegamos ao norte de Anã. As montanhas vão se aproximando do mar, o calor aumenta, a terra vai se tornando mais árida,

> "com suas praias reluzentes, arrozais esverdeados, dir-se-ia um espelho, um longo espelho cor de pérola",

---

[2] SARDENBERG NETO, I. *Ho Chi Minh*. São Paulo, Ed. Três, 1974. p. 23.
[3] MASSON, A. *Histoire du Vietnam*. Paris, P.U.F., 1967. p. 7.

onde

> "pássaros cinzentos, patos selvagens de asas enormes, cujos gritos roucos despertam penetrante nostalgia, um medo confuso e uma insaciável vontade de partir" [4].

Nesta província nasceria o líder revolucionário.

Em 1884, instaura-se o colonialismo francês. Um ano depois, como resposta aos apelos do rei do Anã, Ham Nghi, que resistia aos franceses, sublevam-se os "letrados" da província de Nghe An, liderados por Phan Dinh Phung.

Desenvolvem-se os movimentos nacionalistas. O principal bastião da resistência se situa em Nghe Thinh. Foi aí que, no dia 19 de maio de 1890, nasceu Nguyen Sinh Cung.

Ele usou muitos nomes durante sua vida: Cung, Tat Thanh, Ba, Nguyen Ai Quoc, Line, até chegar a ser Ho Chi Minh, nome com que se tornou famoso e presidiu a República Democrática do Vietnã.

Quando nasceu, a violência colonialista marcava seu país. Seu próprio pai era um nacionalista ativo, o que lhe acarretou sérios problemas, levando-o finalmente a uma vida errante. Era um homem letrado, e sua cultura combinava as leituras com o conhecimento da vida social de cada lugar por onde passava. Seus irmãos também eram nacionalistas. Sua irmã mais velha, Thanh, passou vários anos na prisão porque, "trabalhando na cozinha de um regimento, escondia armas para entregá-las aos guerrilheiros", merecendo por isso a indignada observação do mandarim provincial de que, enquanto "as outras mulheres parem crianças, você pare fuzis" [5]. O outro irmão, Khiem, ficou conhecido através de um escrito onde denuncia a miséria de seu povo. Nessa província, nessa família, ele cresce e se desenvolve, indo da casa até a escola, como as outras crianças vietnamitas, correndo entre o mar e as montanhas.

Já moço, estuda os caracteres chineses e a escrita tradicional do Vietnã. Aos 15 anos, ingressa no Colégio Quoc Hoc, em Hué, de onde sai após quatro anos para lecionar o *quoc ngu*, transcrição latinizada do vietnamita, e o francês, numa escola privada criada por um grupo de burgueses nacionalistas. Nove meses depois, parte para Saigon, onde se matricula numa escola profissional de marinheiros.

---

[4] LACOUTURE, J. *Ho Chi Minh*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1979. p. 11.
[5] SARDENBERG NETO, I. Op. cit., p. 25.

Ba, o cozinheiro, o aventureiro

Aqui começa uma nova etapa de sua vida, em que ele conheceria outros povos, costumes, idéias. Aí talvez estejam os primeiros elementos que comporão seus futuros ideais internacionalistas.

Aos 21 anos, fazendo-se chamar Ba, o futuro Ho Chi Minh parte a bordo do *Le Touche Trouville* como ajudante de cozinha. Viajou durante vários anos, tendo passado pelo Brasil entre 1912 e 1914, tendo ficado no Rio de Janeiro para recompor-se de uma enfermidade. Em 1914, durante a I Guerra Mundial, esteve na França e, em 1915, nos EUA, onde deu por finda sua carreira marítima.

A estada neste último país causou-lhe grande impacto. Expressou o problema do racismo em vários escritos, entre os quais "A Ku Klux Klan", "Como os brancos civilizam os negros" e outros.

Mas é em "O processo da colonização francesa", escrito entre 1921 e 1925 e fundamentado em informações e documentos coletados em suas viagens, que ele procura vincular os problemas do colonialismo à situação e lutas dos diferentes povos.

Após dois anos em Londres, instalou-se em Paris em 1917.

A estada na França

Sua permanência na França marca outra etapa na vida de Ho Chi Minh, então conhecido como Nguyen Ai Quoc: o patriota.

É com esse nome que ele passaria a ser um personagem quase lendário para toda uma geração de revolucionários.

Começa aqui sua militância partidária e suas primeiras atuações no âmbito internacional pela independência de seu país.

Diz W. Burchet que, ao chegar a Paris, ele descobre a diferença entre os colonialistas e o povo francês. E procurará sempre enfatizar a causa comum dos "povos explorados e oprimidos", tanto franceses como vietnamitas. Sempre que ataca os colonialistas franceses, apela para a solidariedade do povo francês. Como em 1946, quando escreve um apelo "Ao povo vietnamita, ao povo francês, aos povos dos países aliados" [6].

Na terra de seus colonizadores descobre outro elemento comum entre os colonizados e os proletários: a exploração e a opressão. Daí

[6] Texto incluído nesta coletânea, p. 70.

conclui da necessidade da aliança na luta contra o inimigo comum: os donos do poder. E é nesse momento, também, que observa a impossibilidade de emancipação nacional sem revolução internacional. Esclarecendo sua posição:

> "O patriotismo autêntico é absolutamente diferente do espírito 'chauvinista' da reação imperialista. Esse patriotismo é parte integrante do internacionalismo" [7].

Enquanto subsistia em Paris num ateliê fotográfico, retocando retratos antigos, inicia seus primeiros contatos políticos com dirigentes sindicalistas revolucionários e com rebeldes anamitas. Publica alguns artigos em *l'Humanité*, entre eles "Lembranças de um exilado", e uma crônica humorística intitulada "O dragão de bambu". Foi convidado pelo neto de Marx, Jean Longuet, para escrever no *le Populaire* e, além disso, publicou também no *La Vie Ouvrière*. Ingressou na Juventude Socialista, sendo nela o primeiro anamita. Seu primeiro manifesto foi um programa de oito pontos escrito com alguns compatriotas e entregue à Conferência da Paz de Versalhes, em janeiro de 1919. Apesar de seu tom bastante moderado, não obteve nenhuma resposta.

Em 26 de dezembro de 1920, participou, como delegado da Indochina, do Congresso Socialista de Tours. Na sua intervenção, fez uma apaixonada defesa da independência de seu país, denunciando as brutalidades cometidas pelos colonialistas e criticando o Partido Socialista por sua omissão ante tais problemas.

Foi ali que se decidiu a fundação do Partido Comunista francês e sua adesão à III Internacional. Nguyen Ai Quoc se aliou aos setores mais radicais, como Cachin, Frossard e Vaillant-Couturier, que saíram vitoriosos ao final dos debates. No artigo "Como escolhi o leninismo", escrito posteriormente, ele nos fala das razões que o levaram às suas definições em meio a discussões tão acaloradas, de que não chegava a compreender todo o alcance. Debatia-se sobre a alternativa entre a II e a III Internacionais e, conseqüentemente, sobre Lenin:

> "Apesar da dificuldade em expressar completamente meu pensamento em francês, atacava frontalmente e com vigor os detratores de Lenin e da III Internacional. Meu único argumento era este: Se vocês não condenam o colonialismo, se vocês não se solidarizam com os povos coloniais, que espécie de revolução vocês pretendem fazer então?" [8]

---

[7] Ho Chi Minh. Relatório político ao II Congresso Nacional do Partido dos Trabalhadores do Vietnã. Nesta coletânea, p. 37.

[8] Ho Chi Minh. Como escolhi o leninismo. Nesta coletânea, p. 61.

Após ler a "Tese sobre as questões coloniais e nacionais", elaborada por Lenin, confessa tê-la considerado de difícil entendimento. Só depois de relê-la várias vezes é que consegue compreendê-la e, então, ficou tomado de entusiasmo, assumindo a posição de defensor de Lenin e da III Internacional:

> "(...) foi o patriotismo e não ainda o comunismo que me inspirou confiança em Lenin e na III Internacional",

embora logo conclua que

> "(...) só o socialismo e o comunismo podiam libertar da escravidão as nações oprimidas e a classe operária do mundo inteiro" [9].

Entre 1922 e 1926, *Le Paria* — jornal que ele fundou, redigiu e distribuiu — apareceu, em períodos irregulares, nas bancas. Seu objetivo era transformá-lo em uma tribuna dos colonizados. Também seu título aparecia em vários idiomas, expressando essa intenção. Ao lado desse jornal, Ai Quoc publicou uma revista especificamente vietnamita, *A Alma do Vietnã* (*Vietnam Hon*), que no entanto só apareceu durante alguns meses.

Ao final de 1923, encerra-se esta etapa de sua vida, e ele segue para Moscou.

Moscou: influências contraditórias

Existem várias versões sobre a data de sua partida para Moscou. Mas, ao que parece, ele chegou à União Soviética no início de 1924, poucos dias após a morte de Lenin. Do impacto que lhe causou o fato podemos ter uma idéia pelo que escreveu no *Pravda* de 27 de janeiro de 1924:

> "Lenin morreu. Que faremos agora? Como encontrar alguém que, como ele, consagre com a mesma coragem e a mesma generosidade todo o seu tempo e todas as suas forças à nossa libertação? Essa é a pergunta que se fazem angustiadamente as grandes massas oprimidas das colônias" [10].

No que lhe dizia respeito, essa preocupação era fundada. Nesse ano turbulento para a sociedade soviética, a passagem de Lenin para Stalin

---

[9] Id., ibid., p. 61.
[10] Ho Chi Minh. Lenin e os povos coloniais. Nesta coletânea, p. 68.

se fazia acompanhar de perseguições, repressão e até eliminação física de adversários, além de mudanças na política anticolonialista da Internacional, no sentido de um "internacionalismo" que servisse aos interesses da política externa soviética.

Até então se haviam considerado os movimentos de libertação nacional nas colônias como uma "frente", subordinada sempre à "frente principal", situada nos países capitalistas desenvolvidos, cuja importância crescia. Mas, a partir de 1923, Lenin já via com certa preocupação o futuro da revolução nos países capitalistas avançados e ressalta a importância da luta dos povos oprimidos da Ásia. Deslocava-se o eixo da luta revolucionária, transferindo-se dos países capitalistas vencedores na guerra e prósperos, do Ocidente e do Oriente (Japão), para os países coloniais e semicoloniais e os países europeus vencidos na guerra [11]. As forças revolucionárias do "Terceiro Mundo" e as do Estado "oriental" soviético passavam ao primeiro plano em detrimento do proletariado ocidental. Lenin considerava que essas revoluções teriam um caráter democrático-burguês, com uma transição longa e difícil para sua fase socialista. Já no IV Congresso da Internacional Comunista, em novembro de 1922, ele recomendava a seus membros que estudassem em profundidade os novos aspectos da revolução mundial e os relacionassem com a estrutura da Internacional, que se mantinha, segundo suas palavras, "russa até a medula" [12].

E foi justamente o que fez Ho Chi Minh. Realizou um estágio na Universidade dos Trabalhadores do Oriente, fundada pelo Congresso dos Povos do Oriente, convocado pela Internacional Comunista após seu II Congresso e realizado em Bacu, em setembro de 1920. Aí deveria aprofundar-se a discussão acerca dos problemas nacional e colonial.

É nesse clima que Ho escreve vários artigos sobre o tema, como "A URSS e os povos coloniais" [13], e livros como *A China e a juventude chinesa* e *A raça negra*.

Após a morte de Lenin, a discussão se centra sobre a possibilidade ou não da vitória do socialismo num só país. No IV Congresso da Internacional Comunista, o último do qual participa Lenin, reafirma-se o caráter internacionalista da revolução. Em 1924, Stalin parece ater-se a essa tese, mas suas posições vão se alterando até constituírem a teoria do socialismo num só país, apresentada no VI Congresso da Internacional Comunista, em 1928, justamente no ano em que Nguyen Ai Quoc retorna

---

[11] CLAUDIN, F. *La crisis del movimiento comunista*, cit., p. 42.
[12] Id., ibid., p. 46.
[13] HO CHI MINH. *Textos escolhidos*. Lisboa, Ed. Estampa, 1975. p. 39.

a Moscou. E nesse período as acaloradas discussões dão lugar à perseguição e à eliminação física dos oponentes. O trotskismo é posto fora da lei na União Soviética e em todos os PCs [14]. O mesmo acontecerá com os trotskistas vietnamitas, que serão chamados de "fascistas". No entanto, a já assinalada diferença entre a linha oficial e a prática política real permite que, no Sul do país, se trabalhe com eles.

O momento culminante de sua primeira estadia em Moscou foi o de sua participação no V Congresso da Internacional Comunista, entre 17 de junho e 8 de julho de 1924. No seu discurso, o mais severo de todos os dos delegados dos países colonizados e semicolonizados, denunciou a posição dos PCs europeus, chamando-os de antileninistas e contra-revolucionários, mencionando especialmente o PC francês (do qual era militante) e o inglês. Partindo da posição de Lenin, que considerava a importância dos movimentos de libertação nacional e antiimperialistas nos países dominados e coloniais, ele desferia suas acusações. Mas apoiou-se também nas posições que Stalin defendia naquele período, para qualificar de contra-revolucionários os que, não só não viam a relação entre a luta do proletariado dos países avançados e a luta dos povos dominados, como ainda davam prioridade, em sua imprensa, a assuntos banais e ignoravam a opressão dos países colonialistas. Também nessa intervenção Ho reafirma a tese leninista da validade do "partido proletário" nos países colonizados, referindo-se no entanto ao papel relevante que aí caberia ao campesinato.

Ho Chi Minh e a Internacional Comunista na China

Em princípios de 1925, Ho Chi Minh foi enviado pela Internacional Comunista a Cantão, para atuar como assessor em política asiática junto a Borodin, representante da Internacional no Kuomintang.

O PC chinês era não apenas aliado mas integrante do Kuomintang, organização nacionalista burguesa fundada por Sun Yat-sen e cujo exército, sob o comando de Chiang Kai-shek, empreenderia uma "expedição ao norte" em 1926, em busca da independência e unificação da China. A Internacional Comunista considerava então o Kuomintang como a organização política em condições de levar a bom termo a revolução chinesa em sua etapa democrático-burguesa, definindo-o como expressão de um "bloco de quatro classes" (operários, camponeses, pequena burguesia e burguesia nacional).

[14] CLAUDIN, F. Op. cit., p. 49.

Ho trabalhou na Escola de Quadros de Whampoa, dirigida por Borodin, que tinha Chiang Kai-shek como encarregado de assuntos militares e Chou En-lai como encarregado de aspectos políticos. Mas sua atividade central parecia estar orientada principalmente na formação daqueles que iriam integrar-se na luta revolucionária no Vietnã.

Em junho de 1925, foi criado o que viria a ser o núcleo do futuro PC indochinês: o Thanh Nien (Associação da Juventude Revolucionária do Vietnã), que publica também uma pequena revista com seu nome. Suas características eram determinadas pelo tipo de alianças que se estabeleciam na época, de caráter democrático-burguês, com uma linha moderada, para o que seria uma etapa prévia à de caráter socialista.

Entre abril e julho de 1927, Chiang Kai-shek (que em 1926 havia sido nomeado "membro de honra" do Presidium da Internacional Comunista) se volta contra o PC chinês, desencadeando violenta repressão contra seus militantes e as entidades sindicais. Muitos dos membros do Thanh Nien conseguem fugir para Hong Kong, para onde é transferida sua sede. Ho Chi Minh abandona a China. Menciona-se sua passagem por Moscou, Bruxelas, França, Suíça e por Berlim, em 1928.

Em meados de 1928, começa sua estadia no Sião. Lá, entre uma colônia vietnamita bastante numerosa, desenvolveu uma intensa atividade política, destacando-se seu trabalho no interior dos pagodes budistas. Disfarçado de monge e fazendo-se passar por "padre Chin", não apenas pregava o budismo mas também formava células revolucionárias. Anos depois se veriam seus resultados, quando, na resistência contra a ocupação norte-americana, os bonzos budistas comoviam o mundo cremando-se publicamente em sinal de protesto.

Cita-se também um jornal que ele fundou então: *A Amizade*, e uma cooperativa florestal. Tudo isso num só ano. Em 1929, deixou o Sião.

A fundação do PC indochinês

Em 1929, em Hong Kong, realizou-se o Congresso do Thanh Nien. A discussão centrou-se nos destinos da organização. A passagem do Thanh Nien, organização de caráter moderado, para um partido revolucionário, punha em debate a questão de saber se este deveria ser um partido marxista-leninista no estilo dos partidos comunistas ocidentais — nos quais o proletariado tinha o papel hegemônico — ou se se adotava uma forma diferente, "asiática", levando-se em conta o papel do campesinato nas lutas de libertação. Afinal, a industrialização na Indochina

estava se iniciando justamente naqueles anos e, portanto, o proletariado industrial era ainda uma figura incipiente naquela sociedade.

Do Congresso do Than Nien saíram dois partidos comunistas. A delegação do Tonquim, em minoria, retirou-se antes do fim dos trabalhos e criou em Hanói um Partido Comunista da Indochina, cuja influência se estendia do Tonquim ao Anã do Norte. Por outra parte, os delegados do Sul, que constituíam a maioria, encerraram o Congresso decidindo, depois de grandes discussões, que se fundaria um partido em moldes leninistas. E criaram, ao regressar, o PC do Anã, em outubro de 1929, cuja influência se estendia do Anã do Sul à Cochinchina. Mas, além desses dois, havia ainda outra organização, rival do Thanh Nien, que também deu surgimento a uma Liga dos Comunistas Indochineses.

Tanto os dirigentes do antigo Thanh Nien quanto o delegado vietnamita em Moscou — Tran Phu — tomaram contato com Ho Chi Minh, no Sião, para pedir-lhe que tentasse unificar as distintas frações comunistas, o que aconteceu depois de certo tempo. Em fevereiro de 1930, realizou-se uma reunião em Hong Kong, onde se concretizou a unificação, fundando-se o Partido Comunista indochinês. Essa fusão das três frações se deu através de um processo de reacomodações internas. A sede encontrava-se em Haiphong e decidiu-se que os membros do Partido no exterior não poderiam assumir postos de direção.

A 18 de fevereiro foi lançado o "Apelo por ocasião da formação do PCI" [15], manifesto do Partido recém-formado, onde já se expressa a dualidade que assinalamos anteriormente. De um lado, caracteriza-se o proletariado como dirigente da revolução democrático-burguesa, tendo por eixo fundamental a aliança entre operários, camponeses e soldados. De outro, na prática, a luta se centrará não nas cidades, mas nas aldeias camponesas, tendo por objetivo fundamental a reforma agrária.

O pragmatismo de Ho leva-o a aceitar "oficialmente" as características partidárias adotadas pelos partidos comunistas ocidentais, mas na prática buscava as formas mais adequadas às condições vietnamitas.

No mesmo ano em que se criava o PCI, dois movimentos revolucionários sacudiram o país.

Um grupo nacionalista sublevou-se na guarnição de Yen Baz. Após infiltrarem seus militantes e tomarem a guarnição, esperaram uma insurreição geral que afinal não aconteceu. Isolados, terminaram esmagados.

Por outro lado, os camponeses da cidade natal de Ho, Nghe Thinh, no norte do Anã, diante da miséria que os assolava, efetuaram uma

---

[15] Texto incluído nesta coletânea, p. 92.

compacta "marcha da fome", no dia 12 de setembro, caminhando para Vinh, capital do Anã. Ocuparam a cidade e dividiram as terras, formaram assembléias populares e sovietes camponeses — chamados "xo-viet" [16], ultrapassando na ação as eventuais diretrizes partidárias, que seguramente não chegariam a tanto.

O ano que se seguiu, 1931, foi no entanto de refluxo, face à repressão desencadeada. Em meio às múltiplas perseguições, deu-se o assassinato, sob tortura, do secretário-geral do PCI, Tran Phu.

Da frente única proletária à frente popular

O VII Congresso da Internacional efetuaria uma virada política importante. A proposta das "frentes populares" expressou, no que se relaciona às alianças, tal mudança.

Da "frente única proletária", considerada no IV Congresso da Internacional Comunista como a única saída ante a ofensiva burguesa e da qual participariam comunistas, socialistas e outros grupos, se passa, no V Congresso, a uma política isolacionista que caracterizava a social-democracia como "social-fascista". Já em 1934 os líderes soviéticos, ante a ameaça nazista, voltam a colocar a necessidade de aliança com os socialistas. Em seguida, paralelamente à política externa soviética, que buscava alianças com Estados capitalistas "democráticos" para conter o fascismo, surgem propostas de alianças políticas ainda mais amplas. No VII Congresso a Internacional Comunista definiria a política das frentes populares, que se constituiriam em torno de reivindicações democráticas, incluindo a burguesia nacional. No caso dos vietnamitas — que estavam em luta contra o colonialismo francês — a frente deveria incorporar os franceses "democráticos". Nesse sentido expressa-se o pragmatismo de Ai Quoc, que, enquanto membro da Internacional Comunista, diferencia os "ultracolonialistas" dos "colonialistas antifascistas", incluindo estes últimos na frente proposta. Esta ampliação em direção à direita é acompanhada por uma sectarização à esquerda. Assim, seguindo a política stalinista na URSS, os trotskistas foram caracterizados como "fascistas" [17]. No Sul, revelando uma vez mais a distância entre os textos e a prática, os comunistas atuaram junto aos trotskistas para as eleições de 1935 em Saigon, onde dois comunistas foram eleitos para o Conselho Municipal. Ainda assim os trotskistas não eximem Ho Chi Minh de culpa nas perse-

[16] LACOUTURE, J. *Ho Chi Minh*, cit., p. 52-3.
[17] Id., ibid., p. 57.

guições sofridas, acusando-o pelo menos de conivência, em casos como o da morte de Ta Tu Than, antigo conselheiro municipal de Saigon. Mas referindo-se a esse revolucionário, que teria sido executado pelos comunistas, Ho diria: "Foi um grande patriota e choramos sua morte" [18].

No seu I Congresso, realizado em Macau em março de 1935, o PCI entra em contradição com a Internacional e com Ai Quoc. As sessões se encerraram antes que chegasse Le Dong Phong, delegado indochinês ao VII Congresso da Internacional Comunista, do qual deveria apresentar os informes. Ao contrário das teses do VII Congresso da Internacional, o PCI concluía que era chegada a hora da revolução:

> "Não se deve esquecer que a luta armada — forma suprema da luta de classes — pode conduzir à derrubada dos opressores. Durante os anos de 1930-1931, apesar de nossos fracassos, conseguimos grandes êxitos. Isso prova que a luta de classes deve ser organizada e conduzida com heroísmo e resolução" [19]

No entanto, em junho de 1936, oPCI realiza sua I Conferência Nacional, retifica sua linha e adere à poltica das frentes populares.

Na França, o governo estava em mãos da Frente Popular, presidida por Léon Blum, velho socialista, apoiado pelos comunistas. Os vietnamitas são beneficiados com a aistia política, interdição dos trabalhos forçados, aumento do salário mínmo, mas, de qualquer maneira, o colonialismo permanecia intacto. Nesa época são libertados Phan Van Dong e Tran Van Giau. Realizam-se gandes mobilizações de massa em ações conjuntas entre vietnamitas e franceses "democráticos". O ponto culminante foi uma grande concentrção a 1 de maio de 1938, quando milhares de socialistas e comunists, vietnamitas e franceses, saíram pelas ruas de Hanói.

Mas as esperanças colocada na conciliação entre franceses e vietnamitas duraram pouco. Em 193, cai o governo de Léon Blum, fracassando a experiência das Frentes Populares, tanto na França quanto na Indochina. Abate-se novamente uma dura repressão sobre o PCI e vastos setores da população vietamita. Apenas, agora, os comunistas estavam mais preparados, com a experiência da clandestinidade em 1937. Não foi destruído, embora milhares de seus membros tenham sido presos e sua atividade legal quas paralisada até 1945. À medida que aumenta a ofensiva japonesa na Indochina e, conseqüentemente, debilita-se o colonialismo francês, quem se reforça são os comunistas. Essa

---

[18] MANDEL, E. et al. *China × Vietnã*. São Paulo, Ed. Versus, 1979. p. 78
[19] LACOUTURE, J. Op. cit., p. 57.

situação teve seu auge com a capitulação francesa ante os japoneses em 9 de março de 1945, e então veremos a lenta ascensão de Ho e da resistência vietnamita. Mas vejamos antes seus preparativos.

De 1934 a 1938, Nguyen Ai Quoc se encontrava em Moscou, curando-se de uma tuberculose e estudando. Jean Lacouture afirma que foram os anos mais pacíficos e estudiosos de sua vida, longe das discussões e expurgos do PC soviético e da Internacional. Estudava no Instituto Lenin e dava aulas de história vietnamita, ditadas em forma de poemas. Era o professor "Linov".

Em meados de 1938, voltou à China, onde Chiang Kai-shek, pressionado pelos japoneses, buscava alianças com os comunistas. E então Ho Chi Minh, antes chamado "serpente comunista", foi chamado para ser instrutor militar, especificamente de tática guerrilheira, dos soldados de Chiang Kai-shek. Foi assim que o líder vietnamita se converteu em comissário político do general Ying, em 1939.

Em 1940, unem-se os "ultracolonialistas" com os "colonialistas antifascistas", para reprimir o nacionalismo vietnamita e o PCI. Os principais líderes, Phan Van Dong e Vo Nguyen Giap entre os mais conhecidos, se encontrariam com Nguyen Ai Quoc na China. Das discussões desse encontro começa a perfilar-se a estratégia da revolução vietnamita.

O retorno: a caminhada até o poder

Nesse ano de 1940, os japoneses já apareciam como força militar preponderante. Enquanto, na Europa, Paris caía nas mãos dos alemães, na Indochina os franceses perdiam espaço para os soldados do império japonês. Foi no começo de 1941, após trinta anos de ausência, que Nguyen Ai Quoc retornou ao país natal, estabelecendo-se em Bac Bo (Tonquim), na "zona livre" organizada na região de Cao Bang. Lá ficou, numa gruta de montanha, às margens de um rio. No contato puro com a natureza, vestido de azul, como costumam vestir-se os montanheses mugs, podia-se vê-lo distribuindo o *Viet Lap* (*Vietnã Independente*), pequeno jornal por ele mesmo elaborado.

Foi aí o berço do Viet Minh. Ali, numa modesta cabana, onde só havia uma mesa e uma máquina de escrever, realizou-se a VIII Conferência Ampliada (plenária) do Comitê Central do PCI, de 10 a 19 de maio de 1941. Ela foi convocada e presidida por Ai Quoc, dando nascimento ao Viet Minh e conclamando a uma Frente Nacional, consti-

tuída por operários, camponeses, pequeno-burgueses e ainda a burguesia nacional e latifundiários anticolonialistas. Só ficariam de fora os "traidores", cujas terras seriam confiscadas e repartidas entre os camponeses pobres. Já dentro do país, os aspectos nacionalistas de sua doutrina ficariam ainda mais nítidos.

> "Colocou deliberadamente o movimento sob o signo da salvação nacional. A partir desse momento, será dada maior ênfase à História da pátria, à bandeira, à cultura vietnamita e, a contragolpe, muito mais aos camponeses que ao proletariado." [20]

O Viet Minh (Liga pela Independência do Vietnã) foi então criado, para abranger o amplo leque de alianças pretendido. Em seu programa se dizia:

> "Depois de derrubar os fascistas japoneses e os imperialistas franceses, será constituído um governo revolucionário da República Democrática do Vietnã, no espírito da nova democracia e com a bandeira vermelha com a estrela de ouro por emblema" [21],

o que aludia ao caráter revolucionário das mudanças propostas, mas dentro do amplo campo de forças. Na "Carta do estrangeiro", redigida durante a VIII Conferência e lançada na província chinesa de Liao Tcheu, em 6 de junho de 1941, reafirma-se o caráter patriótico da luta, centrada contra os colonialistas franceses e invasores japoneses. O final do chamamento vincula, simbolicamente, a luta nacionalista do povo vietnamita à luta internacional contra o fascismo.

Nesse mesmo ano, diante das necessidades práticas da luta, Nguyen Ai Quoc começou a estudar as experiências guerrilheiras em outros países. Graças a esses estudos, escreveu *Métodos de guerrilha* e *A experiência francesa em guerrilha*. Também traduziu a *História do PC (bolchevique) da União Soviética* e *A condução dos exércitos*, de Sun Tsé.

Era já antiga a tradição de luta do povo vietnamita, que, sob o rei Le Loi, sustentou uma "guerra de libertação" contra os ocupantes chineses através dos "caminhos da montanha". O "tio Ho", como começa a ser chamado, era o mentor intelectual da tática adotada, mas o comando dos primeiros grupos de guerrilheiros fica em mãos de Vo Nguyen Giap e de Chu Van Than.

---

[20] Id., ibid., p. 63.
[21] Id., ibid., p. 64.

A prisão: nostalgia combativa na poesia

Em meados de 1942, Ho decide viajar à China, para entrar em contato com Chiang Kai-shek, chegar a acordos na luta contra os japoneses e restabelecer os laços com os "PCs irmãos", dando a conhecer a tática adotada no Vietnã. É a partir desse momento que adota o nome de Ho Chi Minh, "o que ilumina", quando iria representar o "Viet Minh". Mas, logo passada a fronteira, foi preso e passou por indescritíveis sofrimentos nos 15 meses em que permaneceu na prisão, levado de um lado para outro, acorrentado e famélico. Do cárcere escreveu vários poemas, nos quais narra suas condições e suas esperanças:

> "*Chegada a Tienpao*
> Caminhei hoje cinqüenta e três quilômetros,
> Minhas roupas estão completamente ensopadas, meus
> [sapatos estão rasgados,
> E durante toda a noite, sem ter onde deitar,
> Esperei pelo outro dia, na borda de uma cloaca" [22].

Suas palavras falam da vulnerabilidade do corpo e da liberdade do espírito:

> "O corpo está preso
> A mente escapa em liberdade:
> Grandes feitos exigem
> Mente ampla e bem temperada" [23].

Em seu espírito nota a força de uma vontade que não conhece limites. Poderão fechar-se as bocas, mas o pensamento permanece vivo e agitado, desde que exista o firme propósito para isso. E o tio Ho busca na poesia de seu povo, misto de camponês e poeta, um meio para suportar melhor a adversidade e preservar-se para cumprir sua missão. Assim, escreve:

> "Aqueles que saem da prisão podem reconstruir o país.
> O sofrimento é um teste para a fidelidade do povo.
> Aqueles que protestam na injustiça são pessoas de valor.
> Quando as portas das prisões se abrirem,
> O verdadeiro dragão voará para fora" [24].

---

[22] Ho Chi Minh. *Diário de prisão*. Rio de Janeiro, Difel, 1971. p. 55.
[23] Id., ibid., p. 29.
[24] Id., ibid., p. 17.

Esses poemas foram escritos em chinês clássico, dos séculos VI ao IX, e falam muito da sensibilidade de Ho. Um deles, particularmente nostálgico, foi publicado num jornal chinês:

"As nuvens abraçam os montes
Os montes abraçam as nuvens
Solitário, vou, coração apertado,
Perscrutar ao longe o céu do sul:
Penso em meus amigos" [25].

Foi através dessa publicação que muitos amigos, que já haviam chorado sua morte, souberam que ele estava vivo.

Luta de libertação e organização da guerrilha

Em dezembro de 1944, foram publicadas as diretrizes para as "Brigadas de propaganda", cujos princípios militares previam a concentração de forças, baseadas na mobilização popular, e a tomada de armas pelo povo em resistência. Tais brigadas seriam o embrião do Exército de Libertação, e sua tática seria a da guerra de guerrilhas, tendo por lema:

"o segredo, sempre o segredo; só atacar por surpresa, retirar-se antes que o inimigo possa reagir..." [26].

Era a época romântica da formação de quadros na floresta, no meio das montanhas, atravessando rios e enfrentando todo tipo de perigos.

A um grupo inicial de 34 homens, comandados por Giap, sucederam-se outros, que se multiplicaram rapidamente, ora nas aldeias conquistadas, ora dentro mesmo das guarnições inimigas, onde "se recrutava" um soldado e infiltravam-se dois. À agitação gerada pelos guerrilheiros juntava-se o cansaço da população ante as arbitrariedades dos colonialistas e seus servidores locais. Acendia-se o Norte vietnamita. O povo começava a levantar-se, sendo o Viet Minh a expressão de sua liderança combativa.

Os franceses alarmaram-se e procuraram reagir, enquanto fosse tempo. Mas a sorte estava com os guerrilheiros. No dia 9 de março de 1945, o exército japonês atacou e esmagou os franceses. Mas o imperialismo japonês, vitorioso na Indochina, estava já sendo derrotado no exterior, o que extenuava suas forças.

---

[25] LACOUTURE, J. *Ho Chi Minh*. cit., p. 66.
[26] Id., ibid., p. 72.

Nesse momento, o Viet Minh declara o fascismo japonês como o único inimigo da revolução vietnamita, abrindo possibilidades para novas alianças, particularmente com os franceses. Esse momento foi caracterizado como sendo pré-revolucionário, de acumulação de forças, fortalecendo o Exército de Libertação.

Avança-se em direção ao Sul. Em abril de 1945, realizam um congresso de guerrilheiros em Hiep-Hoa, província de Bac Giang, de onde lançam o brado de "Insurreição popular, marcha para o Sul!"

Esse momento coincide com a queda do nazismo. Giap e Ho se encontram, num clima de exaltação. Mas, apesar do entusiasmo que tomava conta do próprio Ho Chi Minh, ele observava que:

> "(...) todo movimento popular só poderia ser desencadeado dispondo-se de, pelo menos, três condições, que ainda não estavam inteiramente preenchidas: *a*) que o inimigo estivesse em situação insustentável; *b*) que o povo sentisse claramente a opressão; *c*) que a preparação dos revolucionários estivesse completa" [27].

Ainda assim, concluiu que já era o momento de mudar de tática e agrupar as forças numa mesma zona. Tan Trao se transforma na capital da "zona liberada". Diversas unidades se agrupam num "Exército de Libertação". Nesse momento, a estratégia leninista, referendada por Ho, do "momento favorável" e do "inimigo principal", toma corpo e se vietnamiza. Esse inimigo principal, no momento, era o fascismo japonês. E, para lutar contra ele, buscam-se as mais incríveis alianças, ora com os norte-americanos, ora com os franceses. As tropas japonesas avançavam em direção do Yunan. Diante disso os norte-americanos, que se encontravam na China Meridional, acharam conveniente entrar em contato com o Viet Minh, o que se efetivou em fevereiro de 1945. Ho Chi Minh encontrou-se com o chefe da seção norte-americana de Kun-Ming, do OSS (Office of Strategic Services), de quem recebeu armas. Em troca, os vietminh se comprometiam a não usá-las contra os franceses e a deixar equipes norte-americanas entrarem em suas zonas liberadas. Para compreender esses acordos, é preciso lembrar que, naquele momento e sob o governo de Franklin Roosevelt, os norte-americanos sustentavam posições anticolonialistas e contrárias à permanência da França na Indochina.

Após a morte de Roosevelt, as coisas mudam, e já no dia 25 de outubro uma declaração norte-americana afirma que "os EUA respei-

[27] Id., ibid., p. 75.

tarão a soberania francesa na Indochina" [28]. Assim, as possibilidades de acordos com os norte-americanos eram limitadas, mas os vietnamitas exploraram o que foi possível.

Em julho de 1945, começam as conversações com os franceses, através da intermediação tanto dos nacionalistas do Viet Nam Quoc Dan Dang (VNQDD), quanto dos norte-americanos, realizadas à base de um manifesto do Viet Minh, no qual se faziam algumas exigências moderadas, como o sufrágio universal e a proibição do ópio [29].

Os primeiros contatos com os franceses deram-se em julho, perfilando-se os primeiros elementos para um entendimento entre Ho Chi Minh e Sainteny, o representante francês [30]. A situação na França havia mudado, com o fim da ocupação nazista e o estabelecimento de um governo em que havia um terço de comunistas e um terço de socialistas. Mas, uma vez mais, as esperanças em governos progressistas nos países imperiais terminam em pouco tempo. A França reafirma sua política de divisão do Vietnã e da Indochina.

Ho Chi Minh, após uma delicada enfermidade que o deixou à beira da morte, recuperou-se e pôs-se à frente do comando político do Viet Minh. A 10 de agosto de 1945, convoca um Congresso Popular Extraordinário, realizado em Tan Trao, com a presença de 60 representantes, incluindo alguns que não pertenciam ao Viet Minh. Dali surge o Comitê de Libertação Nacional, que "decidiu tomar o poder das mãos dos fascistas japoneses antes da chegada dos aliados" [31]. Finalmente, Ho Chi Minh lança o "Apelo à insurreição geral", no qual exclama:

> "(...) conclamei-os à união, porque a união faz a força, e a força é a chave da conquista da independência e da liberdade" [32].

As tropas de Giap avançam para Hanói. Através dos relatos emocionantes de Jean Lacouture, podemos acompanhar a rápida passagem do momento pré-revolucionário à insurreição geral. Em poucos dias, a partir da capitulação dos japoneses, no dia 16 de agosto de 1945, a população vai envolvendo-se numa mágica exaltação revolucionária, numa louca corrida à tomada do poder. Um dia é a greve da Associação Geral dos Funcionários, outro é a caminhada compacta de milhares de pessoas, com seus calções brancos, em direção ao Teatro Muni-

---

[28] Id., ibid., p. 204.
[29] Id., ibid., p. 77.
[30] Id., ibid., p. 78-9.
[31] Id., ibid., p. 81.
[32] Ho Chi Minh. Apelo à insurreição geral. Nesta coletânea, p. 133.

cipal, onde já tremulava a bandeira vermelha com a estrela dourada de cinco pontas. O pânico corrói o governo de Bao Dai, a quem os japoneses tinham deixado o poder. Os franceses tremem de impotência ao serem impedidos pelos norte-americanos de abandonarem Kun-Ming [33]. No dia 19 de agosto, a revolução já domina todos os acontecimentos. O povo sai às ruas, decidido a pôr fim a 80 anos de sofrimentos, de exploração e de opressão. Dez franceses são mortos nessa jornada em que os vietnamitas quiseram acertar contas com seus algozes.

Os homens do Viet Minh

> "ocuparam os edifícios públicos e se apoderaram das armas da guarda indochinesa. As organizações nacionalistas pareciam ter desaparecido: os homens de Ho Chi Minh, aos quais a Associação Geral dos Estudantes levou sua adesão no dia 20, eram os donos da cidade" [34].

No dia 22, os norte-americanos levantam o veto aos franceses, e estes, a partir da China, avançam em direção a Hanói. Mas já era tarde. No dia 23 cai Saigon. O Comitê Provisório do Vietnã do Sul passa às mãos de Tran Van Giau. No dia 25 de agosto de 1945, todo o país já estava em mãos do povo, organizado no Viet Minh. Dois dias depois, em Hué, capital do Anã, Bao Dai abdica.

Quem é o líder da revolução? Quem é o chefe do Viet Minh? Muitas lendas se escutam sobre ele. É Ho Chi Minh, outra vez envolvido no mistério. Ninguém sabia que esse Ho Chi Minh desconhecido era aquele antigo líder revolucionário conhecido pelo nome de Nguyen Ai Quoc.

Ele faz sua aparição entre os dias 25 e 26. Nguyen Manh Ha mostra-nos a imagem do velho líder:

> "(...) quando batíamos papo nos corredores, vimos avançar um curioso personagem de *short*, bengala na mão, com um capacete colonial particularmente bizarro, pintado de castanho. Quem era?" [35]

Era Ho Chi Minh. Era um verdadeiro líder revolucionário, nada de arrogância ou autoritarismo. Era todo humildade e sensibilidade, tanto na discussão de um documento com sua gente quanto ao falar com seu povo, no mesmo nível, com a mesma linguagem.

---

[33] Um veto do general norte-americano Wedemeyer, que só foi suspenso em 22 de agosto, impedia os franceses de saírem da cidade. (Cf. LACOUTURE, J. *Ho Chi Minh*, cit., p. 82.)

[34] Id., ibid., p. 83.

[35] Id., ibid., p. 84.

No dia 29 de agosto de 1945, Ho Chi Minh é proclamado presidente do novo governo. Isso, que parece o ponto culminante de uma história, é apenas o ponto de partida de um novo caminho, difícil e muitas vezes doloroso. É a construção de uma nova sociedade, onde se tem de achar um precário equilíbrio entre distintas forças, tanto internas quanto externas. Tratava-se de consolidar um novo poder.

A independência do Vietnã

No dia 2 de setembro de 1945, proclamou-se a independência do Vietnã. As primeiras linhas da Declaração — "Todos os homens nascem iguais. O Criador nos deu direitos invioláveis: o direito de viver, o direito de ser livres e o direito de realizar nossa felicidade" [36] — foram extraídas da Declaração da Independência dos EUA. Em seguida, ela constitui uma longa denúncia dos anos de exploração e opressão colonialista. Escreve Paul Mus que:

> "(...) [este] primeiro ato oficial, de repercussão internacional, levado a efeito pelo Presidente Ho Chi Minh [é] ao mesmo tempo [o] último ato revolucionário do velho proscrito Nguyen Ai Quoc. Um legado de si para si mesmo, no passar da revolução à chefia do governo" [37].

Mais que isso, o tio Ho estava interpretando um profundo sentimento popular.

E no entanto os problemas estavam apenas começando. Havia a sombra dos chineses ao norte, havia a dos franceses, que queriam restabelecer seus privilégios, e havia também um outro terrível inimigo: a fome, que dizimou milhares de vietnamitas no inverno de 1944-1945. Por isso as primeiras medidas, tomadas no dia 3 de setembro, foram nesse sentido: decretar um dia de jejum a cada dez dias e intensificar a produção. No "Apelo à luta contra a fome", afirma-se que esta "é mais perigosa que a guerra", e são proclamadas várias medidas para combatê-la, como a proibição do uso do arroz e do milho para destilar álcool [38].

---

[36] Ho Chi Minh. Declaração de Independência da República Democrática do Vietnã. Nesta coletânea, p. 50.

[37] Mus, P. *Vietnam, sociologie d'une guerre*, p. 88. Apud Lacouture, J. Op. cit., p. 89.

[38] Ho Chi Minh. *Écrits (1920-1969)*. 2. ed. Hanói, Éditions en Langues Étrangères, 1976. p. 60.

Entre as preocupações que assaltavam Ho naqueles dias, continuavam a ressaltar as que se referiam à consolidação do poder, lutando contra oposições internas e agressores externos. Aproveitando-se da situação precária do país, os chineses atacaram. O general Lu Han avançou em direção ao Tonquim. Por outro lado, organizações anticomunistas, como a Dai Viet, trabalhavam para desestabilizar o governo.

Comentando essa situação, Lacouture usou a frase: "Depois da guerra vêm os horrores da paz" [39]. Mas a verdade é que mal se poderia falar de paz. O general Leclerc, assim que pôs os pés em Saigon, preparou-se para avançar para o Norte, com o objetivo de restabelecer a presença francesa na Indochina. Atacados por todos os lados, não restavam muitas alternativas aos vietnamitas. Foi nessa conjuntura delicada que, segundo Paul Mus, Ho Chi Minh teria afirmado que: "antes cheirar um pouco a merda francesa do que comer a dos chineses a vida inteira". Tratava-se, segundo o mesmo autor, de uma situação caracterizada como um "triângulo político-militar" [40].

De outubro de 1945 — quando começaram as negociações entre Ho Chi Minh e Sainteny — até março de 1946 — quando Leclerc e suas tropas forçaram os acordos do dia 6 — se estenderia uma primeira etapa da expedição francesa. Nela se deu a retomada de posições pelos franceses no território vietnamita, e Ho se viu obrigado a aceitar um acordo cujos termos eram os seguintes: "A França reconhece a República do Vietnã como um Estado com governo, parlamento e finanças próprias e como parte da Federação Indochinesa e da União Francesa". Com respeito à Cochinchina,

> "o governo francês compromete-se a respeitar as decisões tomadas pelas populações consultadas através de um referendum",

mas também

> "o governo do Vietnã declara-se disposto a receber amistosamente o exército francês, quando, conforme os acordos internacionais, ele substituir o exército chinês" [41].

A etapa seguinte seria a da "suspensão das armas"; esta mal começara, quando sobrevieram os conflitos sangrentos em Haiphong, no dia 20 de novembro de 1946. A partir dessa data, nenhuma negociação con-

---

[39] LACOUTURE, J. Op. cit., p. 90.
[40] MUS, P. *Vietnam, sociologie d'une guerre*, p. 85 e 74. Apud LACOUTURE, J. Op. cit., p. 94 e 92.
[41] LACOUTURE, J. Op. cit., p. 104.

seguiu deter o desencadeamento de novos combates entre as forças francesas e vietnamitas. A terceira etapa, a partir de 19 de dezembro, transforma-se assim numa guerra civil.

A luta entre o tigre e o elefante

Dizia Ho que, "se o tigre parar, o elefante o transpassará com suas possantes presas. Mas o tigre jamais parará, e o elefante morrerá de exaustão e hemorragia". E, dirigindo-se aos franceses, ainda no mesmo estilo metafórico, agregava: "Vocês me matarão dez homens, enquanto eu lhes matarei um. Mas, mesmo com essa conta, vocês não poderão agüentar e eu ganharei" [42].

Caracterizando esse momento, Ho elabora uma relação de "pontos a fazer e a não fazer". No texto está a preocupação da vinculação com o povo:

> "O povo é a base da nação. As forças essenciais para a resistência e para a reconstrução nacional residem no povo. Por isso, nas suas relações ou na sua vida em comum com o povo, todos os combatentes do exército, todos os quadros, quer trabalhem nos órgãos do governo, quer nas organizações populares, devem lembrar e colocar em prática estes doze pontos (...)" [43].

E no "Apelo à emulação patriótica" busca sintetizar os objetivos:

> "A emulação patriótica tem um tríplice objetivo: vencer a fome, vencer a ignorância, vencer o invasor" [44].

Quanto à fome, ele já havia se referido aos seus estragos e elaborado uma política para combatê-la. Sobre a educação, ele a relaciona com a luta de libertação:

> "Para consolidar a independência nacional, para fortalecer e enriquecer o país, é necessário que cada um de nós saiba exatamente quais são seus direitos e seus deveres, e que possua novos conhecimentos para poder participar na edificação nacional. Antes de mais nada, é necessário que todos saibam ler e escrever o *quoc ngu*" [45].

E ele explicará o que entende por educação:

---

[42] Id., ibid., p. 132.
[43] Ho Chi Minh. Pontos "a fazer" e "a não fazer". Nesta coletânea, p. 150.
[44] Ho Chi Minh. Apelo à emulação patriótica. Nesta coletânea, p. 151.
[45] Ho Chi Minh. Contra o analfabetismo. Nesta coletânea, p. 156.

"Educar a população não é entregar-lhe livros e obrigá-la a estudar. Se vocês agirem assim, irão contra seus interesses, e contra os interesses da revolução. Isso seria burocracia e autoritarismo. É preciso exortar a população a fazer de bom grado aquilo que lhe pedimos. Se usarmos o constrangimento, só se obterão resultados momentâneos e superficiais" [46].

E, prosseguindo suas explicações, diz o que entende por "ajudar a população":

"ajudar não é fazer tudo em seu lugar",

pois

"um povo que não conta com suas próprias forças e apenas espera a ajuda dos outros não merece ser independente" [47].

Para as mulheres, faz um chamado especial:

"Quanto às mulheres, devem estudar ainda com mais ardor, já que inumeráveis entraves as impediram até agora de se instruir. Chegou a hora de elas alcançarem os homens e de se tornarem dignas de ser cidadãs com todos os direitos" [48].

É de se notar que Ho sempre tinha se preocupado com a situação das mulheres. Já em 1922, no jornal *Le Paria*, tinha escrito um artigo sobre a mulher anamita, no qual denuncia os abusos dos colonizadores com ela. No "Relatório político ao II Congresso Nacional do Partido dos Trabalhadores do Vietnã", em 1951, ele se refere ao lugar das mulheres nas lutas travadas:

"Temos o direito de estar orgulhosos das gloriosas páginas escritas por nossas heroínas",

citando

"desde as mulheres que aconselham seus maridos e seus filhos a alistarem-se, enquanto elas mesmas servem nos transportes, até as mães dos combatentes que cuidam de nossos soldados como se fossem seus próprios filhos; desde as operárias e operários e camponeses que rivalizam em fervor para desenvolver a produção, sem levar em conta o cansaço para dar sua contribuição à resistência (...)" [49].

---

[46] Ho Chi Minh. Diretrizes dadas por ocasião de uma conferência sobre a guerra de guerrilha. Nesta coletânea, p. 142.
[47] Id., ibid., p. 143.
[48] Ho Chi Minh. Contra o analfabetismo, cit., p. 157.
[49] Ho Chi Minh. Relatório político ao II Congresso..., cit., p. 107.

A preocupação com a emancipação feminina se revela na discussão sobre as alterações na legislação acerca dos casamentos. O objetivo era estimular a união dos casais à base de uma relação de amor e não de interesse de dominação e segurança, que reproduzia a subjugação da mulher. Com isso queria

> "a emancipação das mulheres, ou seja, a libertação de metade da sociedade. A emancipação das mulheres deve ser executada simultaneamente com a extirpação da mentalidade feudal e burguesa nos homens" [50].

Desta forma ele exprimia sua consciência de que uma lei simplesmente não pode alterar relações sociais tão profundamente ancoradas e, assim, de que, para que a mulher se emancipe, ela tem de lutar duramente para alterar não só sua consciência, mas também a dos homens.

No dia 28 de dezembro de 1959, depois de discutido o projeto nas Associações Femininas, a 11.ª sessão da Assembléia Nacional, formada por mais de 30% de mulheres, aprovou a lei sobre o casamento e a família, baseada em quatro princípios fundamentais: liberdade de casamento, monogamia, igualdade entre homens e mulheres, e defesa dos direitos e interesses das crianças.

Tática e estratégia de luta

A concepção militar de Ho Chi Minh se aprofundará nesse período que então se abre de luta contra os franceses. No "Apelo de 19 de junho de 1947", após seis meses de combate, ele resume sua estratégia como de

> "resistência prolongada para desenvolver nossas forças e enriquecer nossa experiência. Nossa tática é a guerrilha, que desgasta o inimigo, até que chegue o dia em que a contra-ofensiva geral o expulsará para sempre".

Para isso é necessário que

> "cada cidadão [seja] um combatente, cada aldeia uma fortaleza" [51].

Era de tal ordem a desproporção entre as forças dos inimigos e as dos vietnamitas, que os propósitos de Ho foram considerados utópicos por muita gente, cética sobre a possibilidade de se constituir uma força

---

[50] Ho Chi Minh. Resumo de uma palestra numa reunião de quadros em que se debatia o projeto de lei sobre o casamento e a família. Nesta coletânea, p. 171.
[51] Ho Chi Minh. Apelo de 19 de junho de 1947. Nesta coletânea, p. 134.

armada em condições de enfrentar os invasores. Ho não se abalava e, quando comparavam a resistência com a luta do "gafanhoto contra o elefante", ele respondia:

> "Para um olhar limitado, que enxerga apenas o lado material das coisas ou seu aspecto momentâneo, a situação parecia ser realmente assim. Para resistir aos aviões e aos canhões do inimigo, tínhamos somente lanças de bambu. Mas nosso Partido é um partido marxista-leninista: não enxergamos apenas o presente, mas também o futuro, depositamos nossa confiança no moral e nas forças das massas e do povo" [52].

E, com a convicção dos obstinados, expunha com simplicidade:

> "a nação vietnamita deve ser e será libertada. Para libertar-se, deve combater os fascistas japoneses e franceses. Para combater os fascistas, deve possuir forças armadas. Para ter essas forças, deve organizar-se. E isso só se alcançará com determinação e método" [53].

As forças armadas da resistência estavam organizadas em um Exército de Defesa Nacional, com unidades regulares, formações regionais e milícias de guerrilha, e, por outro lado, grupos de autodefesa nas aldeias.

O líder vietminh assinala a importância de formar guerrilheiros nas aldeias, tomando como base a formação de milícias populares e consolidando unidades de guerrilheiros destacados da produção. O que quer dizer que se mantinham também grupos de jovens, de mulheres e de velhos participando de ações paralelamente às suas atividades normais cotidianas. E ele ressaltou mais de uma vez as unidades de guerrilheiros compostas de velhos ou de mulheres, "que se lançaram heroicamente ao assalto".

Ainda que a luta armada fosse a preocupação central nesse momento, ela permanecia como um aspecto indissolúvel da tarefa global de edificação de um novo Estado. E isso se iniciou com a conquista de uma "zona livre",

> "não só para fazer dela uma base para a resistência, mas também para ter um lugar seguro onde formar os quadros destinados ao exército e à administração do amanhã" [54].

---

[52] Ho Chi Minh. Relatório político ao II Congresso..., cit., p. 101.
[53] Ho Chi Minh. Aniversário da fundação do Exército de Libertação do Vietnã. Nesta coletânea, p. 137.
[54] Ho Chi Minh. À Conferência do Comitê Central da Liga pela Independência do Vietnã. Nesta coletânea, p. 140.

Dentro dessa linha, dizia que:

> "Saber combater é bom, mas *saber só combater*, negligenciando a política, a economia, a propaganda e a educação da população, é conhecer apenas um aspecto das coisas, pois o combate não pode estar divorciado da política e da economia" [55].

Assim, ao lado das organizações combatentes, o partido de Ho estimulou a criação de associações de camponeses, sindicatos operários, associações de mulheres, para a defesa de seus interesses, vinculando-os à luta de libertação nacional.

À guisa de conclusão

Ante a pergunta: "quem era Ho Chi Minh? um poeta? um camponês? um revolucionário?", podemos responder que, como o seu povo, ele era tudo isso: ora camponês, ora militante, poeta, emigrante, unificador, sonhador, negociador, realista, pragmático, empírico, revolucionário e, finalmente, presidente do país por cuja independência e unificação lutou, o Vietnã.

Alguns biógrafos opinam que Ho Chi Minh foi essencialmente um homem de ação, prático, e de pouca teoria. É certo que sua teoria não constitui uma elaboração abstrata e conceitual da realidade, mas sim um coadjuvante de sua prática, manifestada através de documentos partidários e exortações, nos quais se elaboravam linhas políticas, estruturavam-se críticas, faziam-se apelos à população.

Enquanto objetivo central da sua luta, encontramos os interesses nacionais formulados sob uma ótica popular. Isso significa que mesmo seu internacionalismo é referenciado pelo seu empenho anticolonialista e particularmente pelo anseio de unificar e emancipar seu país. Já vimos como sua participação na Internacional serve de complicador dessa práxis, mas também como ele a resolveu através de uma certa distância entre fórmulas consagradas e a prática real. Na realização de seus anseios nacionalistas, vemos suas habilidades como negociador capaz de manter a autenticidade da luta revolucionária vietnamita sem se isolar do quadro político socialista.

A contemplação das características de seu povo, o respeito por suas crenças e costumes, marcaram as diferentes etapas de sua luta. A recusa a qualquer culto à sua personalidade está manifesta na discrição

---

[55] Ho Chi Minh. Diretrizes dadas por ocasião de uma conferência..., cit., p. 143.

em que manteve tanto sua vida como sua própria identidade, ora Ba, ora Nguyen Ai Quoc, ora Ho Chi Minh.

Para a América Latina, a figura de Ho ficou fundamentalmente ligada à imagem da luta exitosa ante o invasor norte-americano. No seu testamento ele fala com orgulho:

> "Nosso país terá a insigne honra de ser uma pequena nação que, graças a um combate heróico, terá vencido dois imperialismos — o imperialismo francês e o imperialismo norte-americano — dando uma digna contribuição ao movimento de libertação nacional".

Nesse seu último escrito, pouco antes de morrer, falou de si:

> "Este ano, com meus 79 anos, já faço parte dessas pessoas 'raras em todas as épocas'; entretanto, guardo o espírito e a cabeça perfeitamente lúcidos, ainda que minha saúde acuse um leve declínio em comparação com os anos anteriores" [56].

No dia 3 de setembro de 1969 seu coração parou de bater. Mas ele, cujos "passos não faziam mais barulho do que o contato da seda", permaneceu presente nas lembranças de seu povo.

Bibliografia sobre Ho Chi Minh

BURCHETT, Wilfred G. *Vietnam: a guerrilha vista por dentro*. Rio de Janeiro, Record, 1968.

DAUPHIN-MEUNIER, A. *Histoire du Cambodge*. Paris, P.U.F., 1968.

LACOUTURE, Jean. *Ho Chi Minh*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1979.

— et al. *Vietname antes da paz*. Lisboa, D. Quixote, 1971.

— . *O Vietname entre a paz e a guerra*. Lisboa, Minotauro, 1965.

MAI LUAN et al. *L'Oncle Ho*. Hanói, Éditions en Langues Étrangères, 1979.

MANDEL, Ernest et al. *China × Vietnã*. São Paulo, Ed. Versus, 1979.

SARDENBERG NETO, I. *Ho Chi Minh*. São Paulo, Ed. Três, 1974 (Biblioteca de História, 38).

SIHANOUK, Norodom. *A minha guerra com a C.I.A.* Lisboa, Seara Nova, 1973.

THICH NHAT HANH. *Vietnã: flor de lótus em mar de fogo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968.

---

[56] HO CHI MINH. Testamento. Nesta coletânea, p. 194.

TEXTOS DE HO CHI MINH

Seleção e Organização:
Marta Elena Alvarez

I. PATRIOTISMO E INTERNACIONALISMO

1. O QUE SIGNIFICA O PATRIOTISMO AUTÊNTICO

*a. Relatório político ao II Congresso Nacional do Partido dos Trabalhadores do Vietnã (11 de fevereiro de 1951)**

[...]

O patriotismo assemelha-se aos objetos preciosos. Às vezes, estão expostos nas vitrinas, em vasos de cristal, e são vistos facilmente. Outras vezes, estão cuidadosamente guardados no fundo de cofres e de baús. Nosso dever é expor aos olhos de todos esses tesouros escondidos. Quero dizer que é necessário esforçar-se em explicar, em propagar a política do partido, em organizar, em dirigir a aplicação desta política, para que o patriotismo de todos possa traduzir-se em atos patrióticos nos trabalhos da resistência.

O patriotismo autêntico é absolutamente diferente do espírito "chauvinista" da reação imperialista. Esse patriotismo é parte integrante do internacionalismo. Graças ao patriotismo, o exército e os povos da União Soviética liquidaram os fascistas alemães e japoneses, mantiveram solidamente a pátria socialista e, com isso, ajudaram a classe operária e os povos oprimidos do mundo inteiro. Graças ao patriotismo, o Exército

---

*Reproduzido de Ho Chi Minh. *Action et révolution (1920-1967)*. Textos escolhidos e apresentados por Colette Capitan-Peter. Paris, Union Générale d'Éditions, 1968. p. 136-7.

de Libertação e os povos da China derrotaram a quadrilha do traidor Chiang Kai-shek e rechaçaram os imperialistas norte-americanos para fora do país. Graças ao patriotismo, o exército e o povo da Coréia, lutando ombro a ombro com os voluntários chineses, estão ocupados em derrotar os imperialistas norte-americanos e seus lacaios. Graças ao patriotismo, nosso exército e nosso povo suportam mil provações há muitos anos, mas permanecem firmemente decididos a liquidar os colonialistas agressores e os traidores, e a construir um Vietnã independente, unificado, democrático, livre, próspero, um Vietnã democrático absolutamente novo.

Intensificar a emulação patriótica. Em primeiro lugar, o exército deve rivalizar em entusiasmo para liquidar o inimigo e destacar-se por suas façanhas militares. Em segundo lugar, o povo deve rivalizar em entusiasmo para intensificar a produção. Devemos dedicar-nos de corpo e alma a acelerar o cumprimento dessas duas tarefas.

[...]

2. A QUESTÃO NACIONAL E COLONIAL E O INTERNACIONALISMO

a. Discurso no Congresso de Tours (dezembro de 1920) *

O Presidente: Camarada Delegado da Indochina, você está com a palavra.

Delegado da Indochina (Nguyen Ai Quoc): Hoje, em vez de preparar junto com vocês a Revolução mundial, venho aqui, sentindo uma tristeza profunda, para falar, como militante do Partido Socialista, contra os imperialistas que cometeram crimes abomináveis no meu país natal. Vocês todos sabem que o imperialismo francês penetrou na Indochina há cinqüenta anos. Ele conquistou nosso país pela força, motivado por seus interesses egoístas. Desde então, fomos não só vergonhosamente oprimidos e explorados, mas também torturados e impiedosamente envenenados. Para ser mais claro, fomos envenenados pelo ópio, pelo álcool, etc. É impossível revelar em alguns minutos todas as atrocidades que os capitalistas com sua rapacidade infligiram à Indochina. Existem mais cadeias que escolas, e elas estão sempre superlotadas. Todo nativo com idéias socialistas é detido e, às vezes, assassinado sem julgamento. Isto é o que eles chamam de justiça na Indochina. Em seu próprio país, os vietnamitas são segregados, e não gozam da segurança dos europeus ou daqueles que possuem um passaporte de um país da Europa. Não temos liberdade de imprensa nem liberdade de expressão. Não podemos nos

* Reproduzido de HO CHI MINH. *Action et révolution (1920-1967)*, cit., p. 13-5.

reunir livremente nem formar associações. Não temos o direito de viver no estrangeiro, nem mesmo de viajar como turistas. Obrigam-nos a viver na mais total ignorância e obscuridade, usurpando-nos o direito de estudar. Os colonialistas na Indochina nos constrangem, por todos os meios possíveis, a fumar ópio e a consumir álcool para envenenar-nos e enfraquecer-nos. Milhares de vietnamitas foram assim conduzidos a uma morte lenta ou massacrados para proteger interesses alheios.

Tal é, camaradas, o tratamento infligido a mais de 20 milhões de vietnamitas, ou seja, mais da metade da população francesa. E a isto se chama estar sob a proteção da França! É necessário que o Partido Socialista atue de maneira concreta para apoiar os nativos oprimidos.

Jean Longuet: Eu falei a favor dos nativos.

Nguyen Ai Quoc: Já pedi, no começo de meu discurso, silêncio total. É necessário que o Partido propague o socialismo em todos os países coloniais. Percebemos que a adesão do Partido Socialista à III Internacional significava a promessa implícita de conferir à questão colonial, daí para a frente, sua verdadeira importância. Nós nos sentimos muito felizes por saber que foi constituída uma delegação permanente para estudar a questão da África do Norte, e ficaríamos muito contentes se, num futuro próximo, o Partido enviasse um de seus membros à Indochina para estudar no próprio local os problemas do país e as medidas a serem tomadas.

(...) Em nome de toda a humanidade, em nome de todos os membros do Partido Socialista, de direita ou de esquerda, pedimos sua ajuda! Camaradas, salvem-nos!

b. Algumas reflexões sobre a questão colonial (1922) *

Desde que o Partido francês aceitou as "vinte e uma condições" [1] e aderiu à III Internacional, ele se impôs, entre outros deveres, uma tarefa particularmente delicada: a política colonial. O Partido não pode contentar-se, como a I e a II Internacionais, com manifestações pura-

---

* Reproduzido de HO CHI MINH. *Oeuvres choisies (1922-1967)*. Paris, Maspero, 1970. p. 5-7.

[1] Em 6 de agosto de 1920, o II Congresso da Internacional Comunista aprovou as *21 condições* propostas por Lenin para a Internacional reconhecer os partidos proletários. Essas condições impediam os elementos não-comunistas, sobretudo os centristas, de aderir ao Comintern. Elas determinavam os princípios políticos e de organização essenciais pelos quais as seções do Comintern se tornariam autênticos partidos marxistas de tipo novo.

mente sentimentais e sem seguimento; mas ele deve ter um plano de ação preciso, uma política efetiva e realista.

Nesta questão, mais que em outras, o Partido se defronta com numerosas dificuldades, sendo as principais:

1. *A grande extensão das colônias.* Sem contar os novos "territórios sob mandato" adquiridos desde a guerra, a França possui:

Na Ásia, 450.000 km²; na África, 3.541.000 km²; na América, 108.000 km²; na Oceânia, 216.000 km². Ou seja, 4.120.000 km² (quase oito vezes sua superfície) e uma população de 48 milhões de habitantes. Essas populações falam mais de 20 línguas diferentes. Esta diversidade de dialetos não é um fator que facilite a propaganda, já que, excetuando algumas velhas colônias, um propagandista francês não pode fazer-se compreender pelas massas nativas sem o auxílio de um tradutor. Ora, a tradução tem suas limitações, e nesses países de arbítrio administrativo é bastante difícil achar um intérprete para traduzir as palavras revolucionárias.

Existem ainda outros inconvenientes. Embora os nativos de todas as colônias sejam igualmente oprimidos e explorados, sua evolução intelectual, econômica e política difere grandemente de uma região para outra. Entre o Anã e o Congo, a Martinica ou a Nova Caledônia, não existe nenhuma semelhança salvo a miséria.

2. *A indiferença do proletariado metropolitano com relação às colônias.* Nas suas teses sobre a questão colonial [2], Lenin declarou taxativamente que a obrigação de prestar a mais ativa assistência aos movimentos de libertação dos países dominados compete aos operários do país colonizador. Para isto, é necessário que o operário da metrópole saiba muito bem o que é uma colônia, que ele esteja informado do que acontece lá, do sofrimento — mil vezes pior que o seu — que padecem seus irmãos, os proletários das colônias. Enfim, é necessário que ele se interesse por esta questão.

Infelizmente, ainda são numerosos os militantes que acreditam que uma colônia é apenas um país com muita areia embaixo e sol em cima; alguns coqueiros verdes e alguns homens de cor, e mais nada. E eles se desinteressam disso completamente.

3. *A ignorância do nativo.* Em todos os países colonizados, tanto na velha Indochina quanto no jovem Daomé, não há compreensão sobre a luta de classes e a força do proletariado, pela simples razão de que

---

[2] As teses de Lenin sobre a questão nacional e os povos coloniais foram examinadas no II Congresso do Comintern e aprovadas em 28 de julho de 1920.

não existe ampla exploração do campo comercial ou industrial nem organização operária. Aos olhos dos nativos, o bolchevismo — o termo é mais característico e expressivo por ser o mais freqüentemente utilizado pela burguesia — significa ou a destruição de tudo, ou a emancipação do jugo estrangeiro. O primeiro significado atribuído a esse termo afasta de nós a massa ignorante e temerosa; o segundo significado o aproxima do nacionalismo. Os dois são igualmente perigosos. Só uma pequena elite da população compreende o que significa o comunismo. Mas esta elite, pertencente à burguesia autóctone e pilar da burguesia colonial, não tem nenhum interesse em que a doutrina comunista seja compreendida e difundida. Ao contrário, assim como o cão da fábula, ela prefere ter a marca da coleira e ganhar seu pedaço de osso. Em geral, a massa é essencialmente revoltada, mas profundamente ignorante. Ela quer libertar-se, mas não sabe o que fazer para atingir este objetivo.

4. *Os preconceitos.* Da mútua ignorância desses dois proletariados nasceram os preconceitos. Para o operário francês, o nativo é um ser inferior, desprezível, incapaz de compreender e muito menos de agir. Para o nativo, os franceses — todos eles — não passam de exploradores malvados. O imperialismo e o capitalismo não deixam de aproveitar-se dessa desconfiança recíproca e dessa hierarquia artificial de raças para impedir a propaganda e para dividir as forças que deveriam unir-se.

5. *A ferocidade da repressão.* Se são inábeis para desenvolver as riquezas coloniais, os colonizadores franceses são mestres na arte da repressão selvagem e na fabricação da lealdade obrigatória. Um Gandhi ou um de Valera [3] já estariam no céu há muito tempo se tivessem nascido numa colônia francesa. Cercado de todos os requintes das cortes marciais e dos tribunais de exceção, um militante nativo não pode dedicar-se a educar seus irmãos oprimidos e ignorantes sem correr o risco de cair entre as garras de seus civilizadores.

Diante dessas dificuldades, que deve fazer o Partido?

Intensificar sua propaganda para vencê-las.

---

[3] Gandhi (1869-1948): eminente militante do movimento de libertação nacional do povo indiano, líder do Partido do Congresso Nacional indiano.

Eamon de Valera (nascido em 1882): político irlandês. Em 1916, participou da sublevação dos operários e pequeno-burgueses de Dublin. Durante a guerra civil irlandesa (1922-1923), comandou o exército republicano contra o governo de direita formado pelo Sinn Fein. Em seguida, abandonou os métodos revolucionários em sua luta pela independência da Irlanda. Em 1926, fundou o partido pequeno-burguês Fianna Fail. De 1932 a 1973, salvo curtas interrupções, de Valera encabeçou o governo irlandês.

c. *Intervenção sobre a questão nacional e colonial no V Congresso mundial da Internacional Comunista (1924)* *

Camaradas, gostaria somente de completar a crítica do camarada Manuinski [4] a propósito de nossa política na questão colonial. Mas, antes de abordar o tema, acho necessário apresentar alguns números que nos permitirão perceber toda a importância do problema.

País	Metrópoles		Colônias	
	Área (em km²)	População	Área (em km²)	População
Grã-Bretanha	241 839	45 500 000	36 263 000	405 383 000
França	536 000	39 000 000	10 241 000	55 571 000
Estados Unidos	9 420 000	100 000 000	1 850 000	12 000 000
Espanha	504 500	20 700 000	371 600	853 000
Itália	286 600	38 500 000	1 460 000	1 623 000
Japão	418 000	57 070 000	288 000	21 249 000
Bélgica	29 500	7 642 000	2 400 000	8 500 000
Portugal	92 000	5 545 000	2 062 000	8 738 000
Holanda	32 500	6 700 000	2 046 000	48 030 000

Portanto, nove países, povoados por 320.657.000 habitantes e que se estendem sobre 11.470.200 km², exploram colônias que totalizam 560.193.000 habitantes repartidos sobre 55.637.000 km². A superfície do conjunto dos territórios coloniais é cinco vezes superior à das metrópoles, cuja população total representa apenas três quintos da população das colônias.

Esses números são ainda mais eloqüentes se consideramos isoladamente cada uma das grandes potências imperialistas. A população das colônias britânicas é oito vezes e meia superior à população da Inglaterra e sua superfície total representa quase 232 vezes a superfície da metrópole. Quanto à França, ocupa territórios 19 vezes mais extensos que ela, cuja população ultrapassa a sua em 16.600.000 habitantes.

Podemos dizer então, sem exagero, que, enquanto o Partido Comunista francês e o Partido Comunista inglês não aplicarem uma política

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Oeuvres choisies (1922-1967)*, cit., p. 33-41.

[4] Manuinski (1883-1959): famoso militante do Partido Comunista da URSS, do movimento comunista e operário internacional. Membro do Presidium do Comitê Executivo da Internacional Comunista desde 1924 e Secretário desse mesmo Comitê de 1928 a 1943. No V Congresso Mundial da Internacional Comunista, apresentou o relatório sobre a questão nacional e colonial aqui mencionado.

verdadeiramente ativa nas questões coloniais e não estabelecerem contatos com as massas das colônias, seus grandes programas serão sempre letra morta. Esses programas não passarão de letra morta porque são contrários ao leninismo. Eu me explico. Na sua palestra sobre Lenin e a questão nacional, o camarada Stalin destacou que os reformistas e os líderes da II Internacional não ousaram colocar no mesmo pé de igualdade os povos de raça branca e os povos de cor, e que Lenin rejeitou esta desigualdade e derrubou o obstáculo que separava os escravos civilizados do imperialismo dos povos escravos não-civilizados.

Segundo Lenin, o êxito da revolução na Europa Ocidental está estreitamente vinculado ao movimento de libertação nacional e antiimperialista nas colônias e nos países dominados e, como Lenin nos ensinou, a questão nacional é uma parte do problema geral da revolução proletária e da ditadura do proletariado.

A seguir, o camarada Stalin examinou a opinião segundo a qual a vitória do proletariado na Europa seria possível sem uma aliança direta com o movimento de libertação nas colônias. E ele a qualificou de contra-revolucionária.

No entanto, se procedemos a um exame teórico a partir dos fatos, temos o direito de crer que, à exceção do Partido russo, a opinião de que falava Stalin subsiste ainda em nossos grandes partidos proletários, já que estes não fazem absolutamente nada nesse campo.

Que tem feito a burguesia dos países colonizadores para manter sob opressão as amplas massas dos povos colonizados? Tudo. Ela dirige uma propaganda ativa, utilizando as possibilidades proporcionadas por seu aparelho de Estado. Por todos os meios — conferências, cinema, imprensa, exposições, para citar somente os mais importantes — ela enche a cabeça dos povos metropolitanos com a ideologia colonialista, de maneira sistemática, fazendo cintilar diante de seus olhos as perspectivas de uma vida fácil, de glória e abundância, que esperaria por eles nas colônias.

Quanto a nossos partidos comunistas da Inglaterra, da Holanda, da Bélgica e dos outros países cuja burguesia invadiu as colônias, que têm feito eles? Que fizeram desde que assimilaram as teses de Lenin sobre a necessidade de educar o proletariado de seus países no espírito do verdadeiro internacionalismo proletário e da aproximação com as massas laboriosas das colônias? Tudo o que nossos partidos puderam fazer nesse sentido não vai muito longe. Quanto a mim, sendo minha pátria uma

colônia francesa e eu mesmo membro do Partido Comunista francês, lamento muitíssimo ver-me obrigado a dizer que nosso Partido fez muito pouco pelas colônias.

Nossa imprensa comunista tem a obrigação de familiarizar nossos militantes com os problemas coloniais, de despertar as massas laboriosas das colônias e de atraí-las para a causa do comunismo. Que fizemos nesse sentido? Absolutamente nada.

Se compararmos o espaço reservado em suas colunas às questões coloniais por *l'Humanité*, órgão central de nosso Partido, ao espaço consagrado às mesmas questões pelos jornais burgueses como *le Temps*, *le Figaro*, *l'Oeuvre*, ou jornais de tendências diversas como *le Populaire* e *la Liberté*, será necessário reconhecer de imediato que a comparação é desvantajosa para nós.

O Ministério das Colônias elaborou um plano para converter vastas extensões da África em imensas concessões entregues a particulares, tornando seus habitantes verdadeiros escravos presos às terras de seus novos donos; e, contudo, nossa imprensa não abriu o bico. Nas colônias da África Ocidental francesa, usaram-se métodos sem precedentes para realizar o recrutamento obrigatório, e nossa imprensa não reagiu. Os governantes da Indochina, transformando-se em negreiros de um novo tipo, venderam os tonquineses aos concessionários das ilhas do Pacífico; elevaram de dois para quatro anos a duração do serviço militar para os nativos; cederam a maior parte das terras da colônia aos tubarões do capitalismo financeiro; aumentaram em 30% os impostos, já excessivos para a capacidade fiscal dos contribuintes. E, tudo isto, justamente no momento em que as populações nativas eram levadas à falência e morriam de fome em conseqüência das inundações. E, no entanto, nossa imprensa continuou calada. É de surpreender, então, que os nativos se inclinem para as organizações democráticas liberais, como a Liga dos Direitos do Homem e do Cidadão e outras organizações semelhantes, que se interessam ou parecem interessar-se por eles?

Se formos um pouco mais longe, descobriremos fatos que ultrapassam a imaginação e que fazem crer que nosso Partido desdenha sistematicamente tudo o que diz respeito às colônias. Assim, por exemplo, *l'Humanité* nunca pensou em publicar o apelo que a Internacional Camponesa [5] lançou aos povos coloniais por intermédio da Internacional Co-

---

[5] Internacional Camponesa: associação internacional dos camponeses fundada em 1923 pelos delegados das organizações camponesas de diferentes países. O III Congresso Nacional do Partido Comunista francês teve lugar em Lyon em janeiro de 1924.

munista. Em sua tribuna de discussão, na véspera do Congresso de Lyon, publicou todas as teses, com exceção das teses sobre o problema colonial. *L'Humanité*, que festejou bastante as vitórias do boxeador senegalês Siki, nem elevou sua voz quando os carregadores de Dacar, os companheiros de Siki, foram detidos em pleno trabalho, jogados em caminhões, levados primeiro à cadeia e depois aos quartéis, onde os obrigaram a vestir a farda para se tornarem, contra a vontade, "guardiães da civilização". O órgão central de nosso Partido manteve seus leitores diariamente informados da façanha do aviador d'Oisy, que fez o primeiro vôo França—Indochina. Mas quando os governantes colonialistas da Indochina pilham os habitantes de "Dai-Nam" [6], extorquem-lhes suas terras para entregá-las aos especuladores franceses; quando se divertem em fazer chover bombas sobre as cabeças dos pobres nativos expropriados para tentar fazê-los voltar à razão, *l'Humanité* não julga necessário informar seus leitores.

Camaradas, a imprensa burguesa sabe muito bem que a questão nacional e a questão colonial são inseparáveis uma da outra. Isso, porém, acho que nosso Partido não compreendeu ainda. A lição do Ruhr, quando os destacamentos de atiradores nativos, enviados para "consolar" os operários alemães esfomeados, não se arredaram de companhias inteiras de soldados franceses suspeitos; o exemplo do Exército do Oriente, onde os caçadores nativos receberam armas automáticas para "levantar o moral" dos soldados franceses cansados com as dificuldades e com o prolongamento da guerra; os incidentes de 1917 nos acampamentos russos na França [7]; as lições da greve dos operários agrícolas dos Pireneus, contra os quais os soldados nativos foram obrigados a representar o papel vergonhoso de fura-greves; e, finalmente, a presença de 207.000 soldados coloniais no próprio solo da França, todos esses fatos ainda não bastaram para levar nosso Partido a refletir, a ver a necessidade de realizar uma política clara e enérgica nas questões coloniais. Por várias vezes deixou escapar boas ocasiões de propaganda. Os novos órgãos de direção reconheceram a passividade do Partido nesse campo.

---

[6] *Dai-Nam*: literalmente, grande país do Sul. Um dos antigos nomes do Vietnã, retomado sob a dominação francesa pela dinastia dos Nguyen.

[7] Durante a I Guerra Mundial, o governo czarista havia enviado à França um corpo expedicionário russo. Em 1917, recusando-se a lutar pelos interesses da burguesia, as tropas russas fundaram sovietes e exigiram o repatriamento. Temendo que a tropa francesa fosse contaminada pelas idéias revolucionárias, o Estado-maior francês retirou as tropas russas de suas posições para agrupá-las no campo de concentração de Lacourtine, sob a guarda de unidades de senegaleses e zuavos. O corpo expedicionário russo foi desarmado e repatriado depois.

Eis aí um bom sinal, porque, a partir do momento em que os dirigentes do Partido verificam e reconhecem esse defeito em sua política, todos têm o direito de esperar que, daí para a frente, o Partido se esforçará ao máximo para corrigir seus erros. Estou convencido de que este Congresso marcará uma virada e que levará o Partido a compensar o passivo destes últimos anos. Apesar de as apreciações do camarada Manuinski sobre as eleições na Argélia serem muito justas, devo dizer, para maior objetividade, que foi precisamente aí que nosso Partido errou, mas em seguida recuperou-se ao apresentar uma lista de delegados coloniais no Departamento do Sena. Isto é bem pouco, por certo, mas vale como começo. Fico feliz por verificar que nosso Partido acaba de tomar excelentes decisões, que está possuído de entusiasmo, bastando-lhe traduzir tudo isto em atos para chegar a uma política justa nas questões coloniais.

Neste caso, como passar à ação? Não basta, como foi feito até agora, apresentar longas teses e adotar resoluções sonoras que, logo depois do Congresso, ficam a dormir na poeira dos museus. O de que necessitamos são medidas concretas. Eis o que proponho:

1. Abrir uma rubrica no *l'Humanité* (pelo menos duas colunas por semana) para inserir regularmente artigos que tratem das questões coloniais.

2. Fortalecer nossa propaganda e recrutar novos adeptos do Partido entre os nativos das colônias onde a Internacional Comunista pôde fundar células.

3. Enviar nossos camaradas das colônias à Universidade do Oriente em Moscou.

4. Entender-nos com a Confederação Geral dos Trabalhadores Unitária [8], para organizar os trabalhadores coloniais empregados na França.

5. Tornar obrigatório que todos os membros do Partido se familiarizem cada vez mais com as questões coloniais.

---

[8] A Confederação Geral dos Trabalhadores Unitária, organização federativa dos sindicatos que manteve atividades na França de 1922 a 1936, foi fundada pelos sindicatos revolucionários (formando 60% da CGT, haviam sido expulsos em 1921 pelos dirigentes reformistas). A CGTU trabalhou energicamente pelo restabelecimento da unidade sindical, pela salvaguarda dos interesses vitais da classe operária e participou, ao lado do Partido Comunista, na luta contra o fascismo e a guerra. O movimento pela unidade operária, desenvolvido em 1934-1936, forçou os líderes reformistas da CGT a responder favoravelmente às propostas de unificação apresentadas pela CGTU. As duas centrais sindicais foram finalmente unificadas no Congresso Nacional de Toulouse, em 1936.

Na minha opinião, estas são proposições lógicas; se forem adotadas pela Internacional Comunista e por nosso Partido Comunista, nossa delegação, no próximo Congresso mundial, terá o direito de declarar que a Frente Unida do povo francês e dos povos coloniais se tornou uma realidade.

Camaradas, já que todos somos discípulos de Lenin, devemos concentrar nossas forças e nossas energias na questão colonial tanto quanto nas outras questões, a fim de traduzir em atos seus ensinamentos.

[...]

As colônias da França ocupam 10.241.510 km², povoados por 55.571.000 habitantes repartidos sobre os quatro continentes. Apesar das diferenças de raça, de clima, de costumes, de tradições, de nível econômico e social, as colônias têm dois pontos em comum que podem permitir-lhes marchar para a unidade e lutar lado a lado:

1. Em todas as colônias francesas, o comércio e a indústria estão muito pouco desenvolvidos, e a população se dedica quase exclusivamente à agricultura. Noventa e cinco por cento dos nativos são camponeses.

2. Em todas as colônias, os nativos são submetidos a uma exploração permanente pelos imperialistas franceses.

Falta-me tempo para fazer uma análise aprofundada da situação dos camponeses em cada colônia em particular. Limitar-me-ei a alguns exemplos típicos para dar uma idéia geral de sua vida nas colônias.

Começarei pelo país que conheço melhor, o meu país, a Indochina.

Durante a conquista, as operações militares expulsaram nossos camponeses de suas aldeias. Quando regressaram aos lares, encontraram seus arrozais nas mãos dos concessionários que tinham chegado nos vagões dos exércitos de ocupação e que não tinham hesitado em dividir entre si as terras que nossos lavradores trabalhavam havia gerações. Em conseqüência, nossos camponeses tornavam-se servos, reduzidos a trabalhar seus próprios arrozais por conta dos patrões estrangeiros.

Muitos destes infelizes, incapazes de suportar as condições draconianas impostas por seus espoliadores, abandonaram suas terras para levar vida errante através do país, perseguidos pelos franceses, que os chamavam piratas.

Como foi dito, esta espoliação efetuou-se por conta dos concessionários, que precisavam apenas de uma palavra para obter superfícies que ultrapassavam, às vezes, 20.000 ou 25.000 hectares.

Não contentes em obter gratuitamente o solo, recebem ainda grátis todos os meios de produção para sua exploração, inclusive a mão-de-obra. A administração lhes fornece um certo número de forçados, que trabalham a troco de nada, ou obriga as comunas a provê-los da mão-de-obra necessária.

Ao lado desses lobos e desses governantes, convém assinalar o papel da Igreja. A Missão Católica, sozinha, possui um quarto das terras aráveis da Cochinchina. O meio de adquirir essas terras é muito simples: a corrupção, a chantagem, o constrangimento. Eis alguns exemplos edificantes: a Missão aproveita-se das más colheitas para emprestar dinheiro aos camponeses, obrigando-os a empenhar suas terras como garantia. Como os juros dos empréstimos são abusivos, o devedor vê-se impossibilitado de pagar a dívida na data do vencimento, e as terras hipotecadas vão parar nas mãos da Missão. A Igreja não recua diante de nada para apoderar-se de documentos secretos comprometedores; é assim que, chantageando altos funcionários, ela consegue fazê-los aquiescer a seus desejos. Ela se associa aos grandes financistas para explorar as concessões outorgadas gratuitamente e os arrozais roubados aos camponeses. Conta com homens de sua confiança em altos cargos no governo colonial. Na exploração de seus fiéis, a Igreja nada fica a dever aos concessionários mais cruéis. Eis aqui um outro procedimento seu: ela reúne os pobres para lavrar as terras, prometendo reparti-las depois. Mas, próximo à época da colheita, ela reivindica a propriedade desses campos e expulsa precisamente aqueles que as tornaram valiosas. Despojados por seus "protetores" (religiosos ou leigos), nossos camponeses não têm mais ânimo para cultivar as pequenas parcelas de terra que lhes restam. Mas isso não é tudo. O Serviço do Cadastro aumenta artificialmente a superfície dos lotes para taxar ainda mais pesadamente os contribuintes. A administração aumenta os impostos de ano para ano. Bem recentemente, depois de tomar aos anamitas da região alta milhares de hectares para entregá-los aos especuladores, as autoridades mandaram bombardeiros sobrevoar a região, para tirar dos expropriados toda e qualquer veleidade de revolta.

Quando esses camponeses espoliados, arruinados e perseguidos encontram meios para arrotear terras incultas, a administração se apossa delas e obriga os camponeses que as valorizaram a comprá-las pelo preço avaliado. Do contrário, são expulsos impiedosamente.

No ano passado, os impostos sobre os arrozais foram aumentados em 30%, apesar de as enchentes terem devastado as colheitas em todo o país.

Além desses impostos iníquos que os levam à bancarrota, nossos camponeses sofrem ainda múltiplos encargos, sobretudo a corvéia, o imposto pessoal, a taxa sobre o sal, os empréstimos nacionais, as subscrições, os contratos leoninos que os obrigam a assinar...

Os capitalistas franceses aplicam a mesma política de banditismo e espoliação na Argélia, Tunísia e Marrocos, onde açambarcaram as terras mais férteis e melhor irrigadas. Os nativos, expulsos de seus lares, precisaram instalar-se nas regiões vizinhas das montanhas ou em terras estéreis para aí ganhar a vida. Os consórcios financeiros, os agiotas e os altos funcionários dividem entre si as terras dessas colônias.

[...]

d. Declaração de independência da República Democrática do Vietnã (2 de setembro de 1945) *

"Todos os homens nascem iguais. O Criador nos deu direitos invioláveis: o direito de viver, o direito de ser livres e o direito de realizar nossa felicidade."

Estas palavras imortais fazem parte da Declaração de Independência dos Estados Unidos da América em 1776. Tomada num sentido mais amplo, esta frase significa: todos os povos da terra nasceram iguais; todos os povos têm o direito de viver, de ser felizes e de ser livres.

A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão da Revolução Francesa de 1791 proclama igualmente: "Os homens nascem e permanecem livres e iguais em seus direitos".

Eis aí verdades que são inegáveis.

E, no entanto, durante mais de 80 anos, os colonialistas franceses, desrespeitando a bandeira da liberdade, da igualdade e da fraternidade, violaram nossa terra e oprimiram nossos compatriotas. Seus atos vão diretamente contra os ideais de humanidade e de justiça.

No campo político, privaram-nos de todas as liberdades.

Impuseram-nos leis desumanas. Constituíram três regimes políticos diferentes, no Norte, no Centro e no Sul do Vietnã, para destruir nossa unidade nacional e impedir a união de nosso povo.

Construíram mais prisões que escolas. Maltrataram implacavelmente nossos compatriotas. Afogaram nossas revoltas em rios de sangue.

---

* Reproduzido de HO CHI MINH. *Oeuvres choisies (1922-1967)*, cit., p. 95-8.

Estrangularam a opinião pública e praticaram uma política de obscurantismo. Impuseram-nos o uso do ópio e do álcool para enfraquecer nossa raça.

No campo econômico, exploraram-nos até a medula, reduziram nosso povo à mais negra miséria e saquearam implacavelmente nosso país.

Espoliaram nossos arrozais, nossas minas, nossas florestas, nossas matérias-primas. Retiveram o privilégio da emissão de moeda e o monopólio do comércio exterior.

Inventaram centenas de impostos injustificáveis, acuando nossos compatriotas, sobretudo os camponeses e comerciantes, à extrema pobreza.

Impediram nossa burguesia nacional de prosperar. Exploraram nossos operários da maneira mais selvagem.

Em outono de 1940, quando os fascistas japoneses, visando combater os Aliados, invadiram a Indochina para organizar novas bases de guerra, os colonialistas franceses se puseram de joelhos para entregar-lhes nosso país.

Depois, nosso povo, sob o duplo jugo japonês e francês, foi literalmente sangrado. O resultado foi aterrador. Nos últimos meses do ano passado e no começo deste ano, do Quang Tri ao Vietnã do Norte, mais de dois milhões de nossos compatriotas morreram de fome.

A 9 de março próximo passado, os japoneses desarmaram as tropas francesas. Os colonialistas franceses fugiram ou se renderam. Assim, longe de "proteger-nos", no espaço de cinco anos por duas vezes venderam nosso país aos japoneses.

Antes de 9 de março, a Liga Viet Minh convidou várias vezes os franceses a juntarem-se a ela para lutar contra os japoneses. Em vez de responder a esses apelos, os colonialistas franceses continuaram perseguindo cada vez mais os partidários do Viet Minh. Por ocasião de sua debandada, chegaram até mesmo a assassinar grande número de prisioneiros políticos encarcerados em Yen Bay e Cao Bang.

Apesar disso tudo, nossos compatriotas continuaram mantendo uma atitude humana e clemente com relação aos franceses. Depois dos acontecimentos de 9 de março, a Liga Viet Minh ajudou inúmeros franceses a passar a fronteira, salvou outros das prisões japonesas e protegeu a vida e os bens de todos os franceses.

De fato, desde o outono de 1940, nosso país deixou de ser uma colônia francesa para tornar-se uma possessão japonesa.

Depois da rendição dos japoneses, nosso povo todo se ergueu para reconquistar sua soberania nacional e fundou a República Democrática do Vietnã.

A verdade é que nosso povo retomou sua independência das mãos dos japoneses e não das mãos dos franceses.

Os franceses fogem, os japoneses se rendem, o imperador Bao Dai abdica. Nosso povo rompeu todas as correntes que pesaram sobre nós durante quase um século, para fazer do nosso Vietnã um país independente. E, ao mesmo tempo, nosso povo derrubou o regime monárquico estabelecido há dezenas de séculos, para fundar a República Democrática.

Por essas razões, nós, membros do governo provisório, declaramos, em nome de todo o povo do Vietnã, libertar-nos completamente de todo laço colonial com a França imperialista, anular todos os tratados que a França assinou e que dizem respeito ao Vietnã, abolir todos os privilégios que os franceses se outorgaram sobre nosso território.

Todo o povo do Vietnã, animado por uma mesma vontade, está decidido a lutar até o fim contra toda tentativa de agressão dos colonialistas franceses.

Estamos persuadidos de que os Aliados, que reconheceram o princípio de igualdade dos povos nas conferências de Teerã [9] e de São Francisco [10], não podem deixar de reconhecer a independência do Vietnã.

Um povo que se opôs obstinadamente à dominação francesa durante mais de 80 anos, um povo que, nos últimos anos, se pôs decididamente ao lado dos Aliados para lutar contra o fascismo, esse povo tem o direito de ser livre, esse povo tem o direito de ser independente.

Por essas razões, nós, membros do governo provisório da República Democrática do Vietnã, proclamamos solenemente ao mundo inteiro:

---

[9] A Conferência de Teerã, na qual participaram a União Soviética, os EUA e a Inglaterra, durou de 28 de novembro a 1 de dezembro de 1943. Ela adotou um plano para o esmagamento das forças nazistas e uma resolução para garantir uma paz durável no mundo, depois do fim das hostilidades. Mas os círculos dirigentes norte-americanos e ingleses, longe de colocarem esses princípios em prática, furtaram-se a suas responsabilidades.

[10] Ela ocorreu de 25 de abril a 26 de junho de 1945 e teve a participação de 50 nações, convocadas pela União Soviética, EUA, Inglaterra e China. Ela criou a Organização das Nações Unidas, para garantir a paz e a segurança no mundo.

O Vietnã tem o direito de ser livre e independente e, de fato, tornou-se um país livre e independente. Todo o povo do Vietnã está decidido a mobilizar todas as suas forças espirituais e materiais, a sacrificar sua vida e seus bens para preservar seu direito à liberdade e à independência.

Hanói, 2 de setembro de 1945.
Ho Chi Minh — Presidente

Trang Huy Lieu
Chu Van Tan
Duong Duc Hien
Nguyen Manh Ha
Pham Ngoc Thach
Vu Trong Khanh
Vu Dinh Hoe

Vo Nguyen Giap
Pham Van Dong
Nguyen Van To
Cu Huy Can
Nguyen Van Xuan
Dao Trong Kim
Le Van Hien

3. AS LUTAS DE OUTROS POVOS

a. A Ku Klux Klan (1924) *

O lugar de origem da Ku Klux Klan é o Sul dos EUA.

Em maio de 1866, depois da guerra civil, alguns jovens reuniram-se em uma pequena localidade do Estado do Tennessee para organizar um clube. Uma questão de matar o tempo. Esta associação recebeu o nome de *kuklos*, uma palavra grega significando clube. Para americanizar a palavra ela foi mudada para Ku Klux. Então, para mais originalidade, Ku Klux Klan.

Após grandes acontecimentos sociais, a opinião pública fica naturalmente indecisa. Ela se torna ávida por novos estímulos e inclinada ao misticismo. A KKK, com seu estranho garbo, seus rituais bizarros, seus mistérios e seu segredo, irresistivelmente atraiu a curiosidade dos brancos nos Estados do Sul — e se tornou muito popular.

Ela consistia, a princípio, em somente um grupo de esnobes e desocupados, sem propósitos políticos ou sociais. Elementos astutos descobriram nela uma força capaz de servir às suas ambições políticas.

A vitória do governo federal tinha recentemente libertado os negros e os tornara cidadãos. A agricultura do Sul — sem o trabalho escravo — ficou sem braços para o trabalho. Os senhores de terras ficaram

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *A resistência do Vietnam*. Rio de Janeiro, Ed. Laemmert, 1968. p. 36-40.

expostos à bancarrota. Os "Klansmen" proclamavam o princípio da supremacia da raça branca. Sua única política era contra o negro. A burguesia agrária e escravocrata viu na Klan um agente útil, quase um salvador. Eles lhe deram todo o auxílio que podiam. Os métodos da Klan iam das ameaças ao assassinato. No espaço de três anos ela cometeu tantos crimes e infrações que alguns de seus elementos a abandonaram com horror.

Por volta de 1869, sob a pressão da opinião pública, a Klan foi debandada por seu "imperador". Ela possuía um imperador, o qual, contudo, tinha uma autoridade puramente nominal. As Klans locais levavam avante suas próprias vidas e seus crimes. O professor MacKlin — a quem devemos estes detalhes — diz que cada página dos treze grandes volumes contendo as investigações sobre os atos da Klan, em 1871-1872, continha agressões a brancos ou negros. Estes atos de violência eram, muitas vezes, cometidos por puro sadismo. Eles eram uma diversão favorita dos "Klansmen".

Pode-se obter um melhor conhecimento da Klan e formular um melhor juízo citando-se o discurso do senador Sherman pela Ohio, no Senado, em março de 1871:

> "Existe — perguntou Sherman — um senador que possa nomear — pesquisando entre os crimes cometidos através dos tempos — uma associação ou bando cujos atos e desígnios sejam mais diabólicos ou criminosos do que aqueles da Ku Klux Klan? A Ku Klux Klan é uma associação secreta, formada sob voto, e cujos membros matam, roubam, pilham, provocam, insultam, e ameaçam. Eles cometem estes crimes, não contra os fortes, e os ricos, mas contra os pobres, os fracos, os inofensivos e os sem defesa".

Todavia a Klan viveu e "trabalhou" por mais de quarenta anos sem muito sensacionalismo.

A nova Klan

Foi em outubro de 1915 que William Joseph Simmons, o novo "imperador" da Klan, junto com 34 de seus amigos, trouxe a KKK de volta à cena norte-americana, outra vez. Seu programa era 100% "Americanismo", isto é: anticatólico, anti-semita, antioperário e antinegro.

Deve-se notar que foi logo após a Guerra Civil e a emancipação dos negros que a velha Ku Klux Klan viu a luz do dia, sendo seu objetivo

impedir o povo recém-liberto de adquirir uma vida social. Durante a Guerra Mundial, os EUA alistaram em seu exército e em sua marinha centenas de milhares de negros, aos quais foram feitas promessas de reformas sociais e políticas; tendo feito os mesmos sacrifícios que os brancos, timidamente reclamaram os mesmos direitos, situação que equivalia a uma "segunda emancipação". Daí a nova Klan floresceu.

Foi novamente nos Estados do Sul — região de grandes plantadores e de antiabolicionistas, o berço da servidão e do linchamento, a terra-mãe da velha Klan — que o "imperador" Simmons fundou o novo "Império invisível". Para um entrevistador, William Joseph Simmons disse, com referência a seus objetivos:

> "Estamos convencidos de que, para preservar a supremacia da raça branca, devemos retirar dos negros as franquias que lhes foram concedidas. A vontade do Senhor é que a raça branca seja superior, e foi por um decreto da Providência que os negros foram criados escravos".

Logo após a ressurreição da Klan, mais de 80 agressões foram constatadas somente no Estado do Texas, em um ano, e 96 linchamentos.

A Klan floresceu especialmente na Geórgia, Mississípi, Texas, Alabama e Arkansas. Nestes Estados as vítimas de linchamentos foram mais numerosas. Em 1919, a Ku Klux Klan queimou vivos quatro negros na Geórgia, dois no Mississípi e um no Texas. Ela linchou 22 negros na Geórgia, 12 no Mississípi, dez no Arkansas, oito no Alabama e três no Texas.

Ela atacou ou arrombou cadeias a fim de linchar negros que se achavam em custódia, cinco vezes na Geórgia, três no Alabama, três no Mississípi, três no Texas e duas no Arkansas. Ela linchou 12 mulheres no Mississípi, sete no Alabama, seis no Texas, cinco no Arkansas e cinco na Geórgia. Ela queimou, enforcou, afogou ou abateu a tiros nove negros que haviam pertencido às forças armadas. A Klan executou outros linchamentos em outros Estados, mas desejamos citar apenas dados exatos.

O declínio da Ku Klux Klan

A Klan está, por várias razões, ameaçada de desaparecer.

1. Os negros, tendo aprendido durante a guerra que são uma força se permanecerem unidos, não estão dispostos a permitir que seus irmãos

de raça sejam agredidos e assassinados com impunidade. Eles estão revidando cada tentativa de violência da Klan. Em julho de 1919, em Washington, enfrentaram a Klan e uma multidão furiosa. A batalha assolou a capital por quatro dias. Em agosto, eles combateram durante cinco dias a Klan e a multidão. Sete regimentos foram mobilizados para restaurar a ordem. Em setembro, o governo foi obrigado a enviar tropas federais a Omaha para abafar uma desordem semelhante. Em vários outros Estados, os negros defenderam-se não menos energicamente.

2. Como a sua predecessora, a nova Klan tem de tal maneira chocado a opinião pública por seus excessos que aqueles que a princípio a aprovavam ou dela faziam parte a estão abandonando. Suas lutas internas, seus escândalos, suas fraudes financeiras acabaram por enjoar até os mais indiferentes e os mais tolerantes. O Senado foi obrigado a processá-la. Até jornais burgueses como o *New York World*, o *Chicago Defender*, etc., atacaram-na.

3. Seu "100% Americanismo" e seu antitrabalhismo a opõem contra 20 milhões de católicos americanos, 3 milhões de judeus, 20 milhões de estrangeiros, 12 milhões de negros, todos os norte-americanos decentes e toda a classe operária norte-americana.

No último Congresso das Associações dos Negros, a seguinte moção foi aprovada:

> "Nós declaramos que a Ku Klux Klan é um inimigo da Humanidade; declaramos que estamos resolvidos a combatê-la até o fim e, para isto, a fazer causa comum com todos os trabalhadores estrangeiros na América, bem como com todos aqueles que são perseguidos por ela".

Por outro lado, a emigração de negros do Sul agrícola para o Norte industrial força os plantadores — ameaçados com a ruína, devido à escassez de braços — a aliviar as penas dos operários e camponeses negros e, conseqüentemente, a condenar cada vez mais os métodos e atos de violência de seu agente: a Ku Klux Klan.

4. Finalmente, a Ku Klux Klan tem todos os defeitos das organizações clandestinas e reacionárias, sem ter suas qualidades. Ela tem o misticismo da maçonaria, as dissimulações do catolicismo, a brutalidade do fascismo, a ilegalidade de suas 568 várias associações, porém ela não tem nem doutrina, nem programa, nem vitalidade, nem disciplina.

b. *A civilização que mata (1924)**

Como os brancos civilizam os negros — alguns fatos dos quais os manuais de História não fazem menção

Se o linchamento — infligido ao negro pelas populações norte-americanas — é uma prática desumana, eu não sei como qualificar os assassinatos coletivos cometidos, em nome da civilização, pelos europeus nas populações africanas.

Desde o dia em que os brancos puseram pé em suas praias, o continente negro não cessou de ser ensangüentado. Os assassinatos em massa aí são tolerados pela Igreja, legalmente sancionados pelos reis e parlamentos, conscienciosamente executados por negreiros de toda espécie, desde os mercadores de escravos de ontem até os administradores coloniais de hoje.

A religião

Foi para difundir as boas ações do Cristianismo que, por volta de 1442, os cavaleiros do rei ultracatólico de Espanha desembarcaram nas costas da África. Seu apostolado começou por massacres...

> "E enfim — diz seu diário de viagem — Nosso Senhor, que recompensa as boas ações e as empresas tentadas para sua glória, concedeu a seus fiéis servidores vitórias sobre seus inimigos. Ele nos laureou por nosso trabalho e pagou nossas despesas, e graças a Ele nós capturamos 165 homens, mulheres e crianças, *sem contar o grande número de mortos e feridos*".

Estes piedosos conquistadores forjaram uma tradição. O inventário dos bens confiscados aos jesuítas do Brasil, em 1768, trazia entre as cruzes salvadoras e outros objetos de culto os ferros de marcar os escravos.

Durante muito tempo, as sociedades inglesas "Para a propagação do Cristianismo" tiraram seus recursos culturais do tráfico de escravos.

Em 12 de fevereiro de 1835, a Igreja Independente da Paróquia de Christ's Church (Carolina do Sul) fazia anunciar nos jornais do país que ela poria à venda "um lote de dez escravos acostumados ao cultivo

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *A resistência do Vietnam*, cit., p. 40-3.

do algodão". Quantos fatos deste gênero poderiam ser citados! As Igrejas da América do Norte foram os mais resolutos inimigos da abolição da escravidão.

Os reis

Desde Carlos V até Leopoldo II, rei dos belgas, desde a virtuosa Elizabeth da Inglaterra até Napoleão, todas as cabeças coroadas da Europa fizeram o tráfico de negros. Todos os reis colonizadores assinaram tratados e acordos de monopólios para a exploração da carne negra.

Em 27 de agosto de 1701, sua majestade ultracatólica de Espanha e sua majestade cristianíssima de França cederam por dez anos o monopólio do tráfico de negros nas colônias da América à Companhia Real da Guiné... "a fim de obter, por este meio, vantagens louváveis e recíprocas para suas Majestades e para seus súditos".

Os negreiros

> "Sua Majestade Britânica se encarregou de introduzir na América espanhola 144.000 hindus de ambos os sexos, de toda idade, mediante 33 piastras e 1/3 de piastra por cabeça..."

Em 1824, um navio negreiro acabava de carregar na costa da África negros para os transportar às Antilhas, quando um cruzador passou a persegui-lo. Durante a perseguição, muitos barris flutuantes passaram ao lado do cruzador. Acreditou-se que o navio negreiro estava alijando-se de seus tonéis de água para ficar mais leve.

Mas, quando o barco foi abordado, ouviram-se gemidos escapando de uma barrica colocada no passadiço; aí descobriram-se duas negras quase asfixiadas. Os negreiros tinham imaginado este meio de aliviar seu barco.

Um navio inglês salvou um navio que fazia água. Acolheram-se os negros tanto quanto a tripulação. Mas logo que se percebeu a falta de víveres, decidiu-se sacrificar os negros. Foram eles alinhados no passadiço e baleados friamente por dois canhões.

A condição dos escravos

Os negros detidos são amarrados dois a dois, pelo pescoço, braços e pernas. Uma longa corrente os liga em seguida, em grupos de 20 ou

30. Assim acorrentados, fazem-nos marchar até o porto de embarque. São jogados nos porões, sem espaço, sem luz, sem ar.

Por "medida de higiene", fazem-nos dançar sob uma chuva de chicotadas, uma ou duas vezes por dia. Acontece freqüentemente que, na esperança de conseguir mais espaço, os homens se estrangulam, as mulheres enterram grampos no crânio de suas vizinhas. Os doentes considerados como mercadoria avariada e invendável são jogados ao mar. Quando o navio enfrenta mau tempo, afogam-se os escravos para aliviar o barco. Em geral, no fim da viagem, ¼ do carregamento vivo sucumbiu às doenças infecciosas ou à asfixia. Os escravos sobreviventes são marcados e numerados com ferro em brasa, como gado, e contados em toneladas, como "fardos". Assim, a Companhia Portuguesa da Guiné assinou, em 1700, um contrato pelo qual ela se obrigava a fornecer 11.000 "toneladas" de negros.

Mais de 15 milhões de negros foram transportados para a América nestas condições; cerca de 3 milhões morreram a caminho ou foram afogados. Os que foram mortos resistindo e nas revoltas não foram recenseados. Este comércio infame terminou em 1850, dando lugar a uma outra forma de escravidão, mais extensa: a colonização.

4. FUNDAMENTOS LENINISTAS

a. Como escolhi o leninismo (abril de 1960) * [1]

Depois da I Guerra Mundial, eu sobrevivia em Paris, ora como assistente de um fotógrafo, ora pintando "antiguidades" chinesas (*made in France*). De tempos em tempos, distribuía panfletos denunciando os crimes cometidos pelos colonialistas franceses no Vietnã.

Nessa época, minha solidariedade com relação à Revolução de Outubro era apenas instintiva e eu não tinha ainda compreendido toda a sua importância histórica. Eu amava e admirava Lenin porque era um grande patriota que havia libertado seu povo, mas ainda não tinha lido nenhum de seus livros.

Eu tinha me tornado membro do Partido Socialista francês porque essas "senhoras e senhores" — era assim que eu chamava meus camaradas nesses tempos — haviam demonstrado sua simpatia por mim e pela luta dos povos oprimidos. Mas eu não sabia ainda o que era um partido ou um sindicato, nem sabia a diferença entre o socialismo e o comunismo.

No Partido Socialista havia, então, discussões apaixonadas para decidir se ele devia permanecer na II Internacional, ou criar uma II

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Action et révolution (1920-1967)*, cit., p. 17-9.
[1] Artigo escrito em abril de 1960 para a revista soviética *Problèmes de l'Asie*, por ocasião do 90.º aniversário de nascimento de Lenin.

Internacional "e meia", ou juntar-se à III Internacional de Lenin. Eu assistia regularmente às reuniões, duas ou três vezes por semana, e seguia atentamente os debates. No começo, sentia dificuldade em compreender tudo o que se discutia. Por que os debates eram tão apaixonados? A Revolução podia ser feita com a II, a II e meia ou a III Internacional. Por que, então, perder tempo discutindo? O que tinha acontecido com a I Internacional?

Aquilo que mais me interessava — e que justamente não era discutido nas reuniões — era saber qual dessas Internacionais era solidária com os povos coloniais.

Coloquei essa questão — mais importante, na minha opinião — numa reunião, e alguns camaradas me responderam: "É a III e não a II Internacional". Um outro camarada me deu para ler a "Tese sobre as questões coloniais e nacionais" de Lenin, publicada no jornal *l'Humanité*.

Foi-me bastante difícil compreender toda a terminologia política dessa tese, mas, à força de lê-la e de relê-la, consegui finalmente compreender quase tudo. Que emoção, que entusiasmo, que lucidez e que segurança ela me transmitiu! Fiquei emocionado até as lágrimas! Apesar de estar só no meu quarto, comecei a declamar em voz alta, como se estivesse diante de uma multidão: "Queridos compatriotas mártires! Era disso que necessitávamos, é o caminho de nossa libertação!"

Depois desta leitura, adquiri confiança absoluta em Lenin e em sua III Internacional.

Anteriormente, durante as reuniões do Partido, eu somente seguia as argumentações; eu acreditava vagamente que todas elas eram lógicas, e não conseguia diferenciar entre as que o eram realmente e as que só o eram na aparência. Mas, a partir desse momento, mergulhei nos debates e passei a discutir fervorosamente. Apesar da dificuldade em expressar completamente meu pensamento em francês, atacava frontalmente e com vigor os detratores de Lenin e da III Internacional. Meu único argumento era este:

> "Se vocês não condenam o colonialismo, se vocês não se solidarizam com os povos coloniais, que espécie de revolução vocês pretendem fazer então?"

Eu não tomava parte só nas reuniões da minha célula, mas ia também visitar outras células do partido para expor minha "doutrina". Aqui devo dizer que os camaradas Marcel Cachin, Vaillant-Couturier,

Monmousseau e muitos outros ajudaram-me a aprofundar meus conhecimentos. Finalmente, no Congresso de Tours, votei junto com eles a favor de nossa reunião com a III Internacional.

No começo, foi o patriotismo e não ainda o comunismo que me inspirou confiança em Lenin e na III Internacional. Etapa por etapa, ao longo da luta, estudando o marxismo-leninismo enquanto participava das atividades do Partido, cheguei gradualmente à conclusão de que só o socialismo e o comunismo podiam libertar da escravidão as nações oprimidas e a classe operária do mundo inteiro.

Existe uma lenda em nosso país, e também na China, sobre o milagroso *Livro dos Sábios*. Quando se esbarra em grandes dificuldades, basta abrir esse livro para achar a solução. O leninismo não é somente um milagroso "livro dos sábios", uma bússola para nós, povo e revolucionários vietnamitas: é o sol radioso que ilumina nosso caminho em direção à vitória final do socialismo e do comunismo.

b. O leninismo e a libertação dos povos oprimidos (18 de abril de 1955) *

A 22 de abril de 1870, na velha Rússia dos déspotas, nascia Vladimir Ilyich Lenin, futuro chefe e mestre das massas laboriosas e dos povos oprimidos do mundo inteiro.

No final do século XIX e começo do século XX, o capitalismo atingira seu desenvolvimento máximo e derradeiro — o imperialismo — e inaugurara a era da revolução proletária. Coube a Lenin a tarefa de continuar habilmente a grande obra de Marx e Engels.

Lutando sem misericórdia contra os reformistas e os desviacionistas do marxismo, Lenin levou o socialismo científico ao seu nível mais alto. Ele enriqueceu o marxismo, a grande arma ideológica do proletariado, e muito contribuiu para a teoria da ditadura do proletariado. Desenvolveu as idéias marxistas sobre a aliança operários-camponeses, sobre as questões nacional e colonial, o internacionalismo proletário, a formação e o fortalecimento de um novo tipo de partido proletário, a única organização capaz de dirigir a múltipla luta da classe operária e dos povos oprimidos. Lenin estabeleceu uma nova teoria da revolução socialista e demonstrou que era possível que o socialismo triunfasse num só país.

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Action et révolution (1920-1967)*, cit., p. 147-54.

Lenin ajudou os trabalhadores que sofriam a opressão imperialista a perceber mais claramente a lei da mudança social, as necessidades e as condições objetivas da luta política em todas as etapas da revolução proletária e o mecanismo de todo o movimento de libertação. Fez com que as massas oprimidas compreendessem as mudanças complexas e obscuras de nosso tempo. Ele lhes deu uma arma milagrosa para a conquista de sua emancipação — a teoria e a estratégia do bolchevismo.

O Partido Comunista russo, fundado por Lenin, foi um brilhante exemplo para os povos do mundo. Sob a lúcida direção do grande Lenin, estrategista e tático cheio de talento, o Partido Comunista levou o proletariado russo a tomar o poder e a criar o primeiro Estado das massas trabalhadoras; a fundação desse Estado deu início a uma nova era na história da humanidade. Aos olhos dos povos pacíficos e democráticos, a União Soviética é o baluarte irredutível da independência e da liberdade. Depois da II Guerra Mundial, o poderoso campo da paz, da democracia e do socialismo, encabeçado pela União Soviética, tomou forma sob sua oposição ao imperialismo.

A popularidade de Lenin e sua doutrina estão estreitamente associadas a todos os êxitos dos partidários da paz e da democracia, do Elba ao Oceano Pacífico e do Ártico aos trópicos. É por isso que todos os povos oprimidos e desafortunados consideram o estandarte de Lenin, levantado agora pelos comunistas de todos os países, como um símbolo de fé e uma chama de esperança.

A heróica luta sustentada pelo povo soviético para edificar o comunismo é um estímulo para todos os povos, indicando-lhes o caminho a seguir para alcançar uma existência digna do homem.

A constante política de paz do governo Soviético, que é parte integrante do decreto assinado por Lenin e promulgado logo após o triunfo da revolução socialista, estimula as grandes massas populares a lutar pela defesa e fortalecimento da paz, e contra os belicistas dirigidos pelos imperialistas norte-americanos.

Os princípios definidos por Lenin sobre o direito dos povos de se autogovernarem, a coexistência pacífica, a não-intervenção nos assuntos internos de outros países — pressupõem a igualdade entre as duas partes e relações favoráveis a cada uma delas, princípios de base da política estrangeira da União Soviética — mostram aos povos dos países coloniais ou dos países sob protetorado a via da luta pela reunificação nacional e pela independência.

Tanto para os povos asiáticos, como também para os povos que, em todo o mundo, lutam pela paz, pela independência, pela democracia

e pelo socialismo, o leninismo é como o sol que anuncia uma nova vida feliz. Lenin sempre deu grande importância ao movimento de libertação nacional dos povos asiáticos, considerando-o como parte integrante da luta sustentada pelas massas laboriosas do mundo inteiro contra os opressores imperialistas. Lenin disse claramente que o despertar da Ásia e o primeiro combate livrado pelo proletariado progressista na Europa para a tomada do poder marcavam uma nova era na história do mundo, uma era que começou com o século XX. Em 1913, Lenin escreveu:

> "A Europa inteira se coloca à cabeça do movimento; toda a burguesia européia está em conluio com todas as forças reacionárias e medievais da China.
> Mas toda a jovem Ásia, ou seja, as centenas de milhões que compõem as massas trabalhadoras na Ásia, tem o firme apoio do proletariado de todos os países civilizados. Não existe força no mundo que possa impedir a vitória do proletariado na luta pela libertação dos povos europeus e asiáticos".

Hoje, na metade do século XX, a "jovem Ásia" evocada por Lenin é formada pela República Popular da China, República Popular da Mongólia, República Democrática Popular da Coréia e República Democrática do Vietnã. Em diversos pontos da Ásia, novas forças semelhantes se levantam e lutam por sua libertação nacional. As previsões científicas do grande estrategista revolucionário se concretizaram tão rapidamente que o campo imperialista ficou ansioso e apavorado!

Se os povos acorrentados da Ásia obtiveram vitórias concretas sob a direção dos partidos marxistas-leninistas, é porque eles seguiram os ensinamentos de Lenin.

No seu apelo aos revolucionários da Ásia, Lenin escreveu:

> "Vocês têm à sua frente uma tarefa que os comunistas do mundo inteiro não conheciam: apoiando-se na teoria e na prática cotidiana do comunismo e aplicando-as às condições especiais que inexistem na Europa, vocês devem aprender a utilizá-las numa situação em que são os camponeses os que formam as massas fundamentais e na qual o objetivo não é lutar contra o capitalismo, mas contra os vestígios feudais".

Esta é uma diretriz muito pertinente para um país como o nosso, onde 90% da população vive da agricultura e onde existem ainda muitos vestígios de um feudalismo e de um mandarinato apodrecidos.

A vitória da grande Revolução na China, sob a direção do glorioso Partido Comunista chinês e do camarada Mao Tse-tung, seu lúcido chefe,

foi a vitória do pensamento leninista. Foi precisamente por esta razão que o camarada Mao Tse-tung disse que o eco dos canhões da Revolução de Outubro tinha levado o marxismo-leninismo à China, onde 600 milhões de chineses estão agora, e de uma vez por todas, livres da opressão capitalista.

Aplicando a doutrina leninista ao internacionalismo, a União Soviética, onde o socialismo já triunfou, tem, sem cessar, apoiado moralmente o movimento de libertação nacional nos países coloniais ou sob protetorado. Em particular, e de acordo com sua política pacífica e seu grande prestígio no mundo inteiro, a União Soviética ajudou enormemente os povos coreano e vietnamita a defender sua pátria contra o perigo representado pelos imperialistas norte-americanos e seus aliados. A atividade diplomática da União Soviética foi um fator decisivo para o fim da guerra na Coréia e no Vietnã.

O povo vietnamita, discípulo do internacionalismo proletário, aprecia muitíssimo o apoio moral dos povos do mundo, inclusive da massa laboriosa francesa, que lutaram para que a guerra da Indochina acabasse.

Lenin nos legou, como a todos os comunistas e aos partidos operários, um tesouro inestimável, sua ideologia: organização, teoria e tática de um partido revolucionário. O leninismo é uma poderosa força ideológica que guia nosso partido e lhe dá a possibilidade de tornar-se a melhor organização das massas trabalhadoras e a representação da inteligência, da dignidade e da consciência de nosso povo.

Sob o estandarte do leninismo, o Partido dos Trabalhadores do Vietnã ganhou a confiança de nosso povo e é considerado por ele como sua vanguarda. Nosso partido aprendeu a utilizar o potencial e a iniciativa criadora de nosso povo, que jamais se resignou ao jugo da escravatura e do colonialismo.

Lenin representa a unidade espiritual do partido, a solidariedade no interior de suas fileiras, o respeito à disciplina revolucionária, a fé inabalável na grande causa do comunismo e a firme confiança na vitória final. Tudo isto é agora um estímulo para o Partido dos Trabalhadores do Vietnã, que aplicou, diariamente e a cada hora, o princípio da crítica e da autocrítica, e o considera como o método milagroso para corrigir as falhas e insuficiências e para lutar contra as manifestações do subjetivismo e da auto-satisfação. Nosso Partido não tem outros interesses senão os de nosso povo e de nossa pátria; em conseqüência, atribui grande importância a tornar melhor o nível de seu trabalho. Ao mesmo tempo em que faz todo o possível para cumprir essas tarefas, nosso Partido tem estudado constantemente o leninismo para aumentar sua com-

batividade, seu dinamismo político, sua unidade na organização e o nível ideológico de seus membros.

Nosso povo e os membros do Partido foram temperados na chama da longa e dura luta pela salvação da pátria e sofreram inumeráveis provas. Por mais de oito anos, nosso Partido e nosso povo sustentaram uma luta heróica, que acabou vitoriosamente em favor do povo vietnamita e do restabelecimento da paz na Indochina. Os Acordos de Genebra demonstraram que a luta pela libertação nacional, sustentada pelo povo vietnamita e pelos povos irmãos do Laos e do Camboja, seu sacrifício sublime e seu heroísmo foram reconhecidos internacionalmente. Nosso Partido pode orgulhar-se por haver sido, durante esses anos, decidido e protetor, e por haver levado o povo a lutar com grande espírito de sacrifício.

Hoje, depois de restaurada a paz, continuamos lutando pela rigorosa aplicação dos Acordos de Genebra. Segundo cálculos já verificados, pudemos afirmar recentemente que o adversário tinha violado esses acordos 2.114 vezes, 467 das quais no Vietnã do Sul. Eis aqui algumas estatísticas revoltantes: 806 mortos, 3.501 feridos e 12.741 prisões arbitrárias.

Em setembro último, o Partido dos Trabalhadores do Vietnã tomou várias decisões referentes à nossa ação popular pela estrita aplicação dos Acordos de Genebra, opondo-se a toda tentativa de violação desses acordos. Nossas tarefas principais são: consolidar a paz, completar a reforma agrária, trabalhar com todas as nossas forças para melhorar nossa vida econômica, estabilizar nossa vida, sob todos os aspectos, no território situado ao norte do Paralelo 17 e continuar a luta política realizada pelo povo inteiro. Propusemos estas divisas para nossa luta: consolidar a paz, completar a reunificação nacional, atingir a independência total e familiarizar todo o país com a democracia.

Hoje lutamos para levar a cabo essas tarefas fundamentais. No entanto, não podemos ignorar que, depois das conferências dos imperialistas em Manila e Bangcoc, existe uma nova situação na Ásia. Hoje os EUA intervêm abertamente nos assuntos da Indochina e sabotam obstinadamente os Acordos de Genebra.

Para atingir seu objetivo, os imperialistas e seus satélites nutrem o sinistro desígnio de dividir nosso país de maneira permanente, colocando assim o Vietnã do Sul sob sua dominação, mantendo em xeque todas as forças democráticas e sabotando as eleições gerais de 1956.

Nessas condições, nossa luta passa do estágio do armistício ao da luta política, para fazer fracassar o complô adverso que pretenderia

reavivar a guerra e para completar a reunificação nacional graças às eleições gerais previstas para o mês de julho de 1956.

A paz, a reunificação, a independência nacional e a democracia são problemas estreitamente ligados entre si. Se a paz não for consolidada, não existirá nenhuma possibilidade de reunificação do Vietnã, graças às eleições gerais. Inversamente, se não houver reunificação por meio de eleições gerais, não haverá possibilidade de estabelecer uma base sólida para a paz.

Os recentes desdobramentos do exame da situação política internacional permitem a nosso Partido ver claramente que a luta pela paz, pela independência e pela democracia que o povo vietnamita realiza será uma longa luta e que ele encontrará muitas dificuldades nesse caminho. Todavia, nosso Partido acredita firmemente na vitória final.

Nós retiramos uma grande força da todo-poderosa doutrina leninista para cumprir nossa sagrada tarefa, que é a de assegurar a paz, a reunificação, a independência e a democracia, e a de alcançar a vitória pelo socialismo.

c. *Lenin e os povos coloniais (1924)* *

"Lenin morreu." A notícia golpeou cada um de nós, como um raio. Ela se espalhou pelas ricas planícies da África e pelos verdes arrozais da Ásia. Os negros e os amarelos, é verdade, não sabem ainda com exatidão quem é Lenin, nem onde fica a Rússia. Os imperialistas colonialistas tudo fizeram para os impedir de sabê-lo, já que a ignorância é um dos principais pilares do seu regime. No entanto, desde os deltas do Vietnã até as selvas do Daomé, foi passando de boca em boca que, numa longínqua região do mundo, existe um povo que soube derrubar seus exploradores e que agora dirige ele mesmo seus assuntos sem precisar de patrões nem de governadores-gerais. Muitos escutaram dizer que esse país é a Rússia, que ali existem homens corajosos e que o mais corajoso entre eles é Lenin. E isto foi suficiente para que esse povo e esse homem que o dirige ganhassem a simpatia e a admiração de todos os homens de cor.

Mas isso não é tudo. Esses homens souberam também que esse grande líder, depois de libertar seu país, quis libertar igualmente os outros povos; que ele conclamou os brancos para ajudar os amarelos e

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Oeuvres choisies (1922-1967)*, cit., p. 13-4.

os negros em sua luta pela libertação do jugo dos "roumis" [1], dos "roumis" de qualquer espécie: governadores, residentes, etc.; e que ele delineou um programa de ação concreto para atingir esse objetivo.

No início, esses oprimidos não ousavam acreditar que existisse um tal homem e um tal programa. Mas depois, por mais vagas que fossem, algumas notícias chegaram até eles sobre o Partido Comunista e a Internacional Comunista, esta organização que luta pelos explorados, por todos os explorados sem exceção, ou seja, também por eles. E eles souberam que era precisamente Lenin que dirigia a Internacional.

E isto bastou para que esses homens quase sem cultura, mas agradecidos e cheios de boa vontade, mostrem por Lenin o mais profundo respeito e o considerem como seu libertador. Lenin morreu. Que faremos agora? Como encontrar alguém que, como ele, consagre com a mesma coragem e a mesma generosidade todo o seu tempo e todas as suas forças à nossa libertação? Essa é a pergunta que se fazem angustiadamente as grandes massas oprimidas das colônias.

Quanto a nós, dolorosamente atingidos por esta perda irreparável, compartilhamos com todos os povos do mundo este luto que atinge nossos irmãos e irmãs soviéticos. Estamos persuadidos de que a Internacional Comunista e suas células, inclusive as das colônias, saberão traduzir em atos os ensinamentos e as lições de nosso grande líder. Seguir seus conselhos, não é esse o melhor meio de demonstrar todo o amor que sentimos por ele?

Enquanto viveu, Lenin foi para nós um pai, um mestre, um camarada, um conselheiro. Agora ele se converteu na brilhante estrela que nos ilumina no caminho da revolução socialista.

E é na nossa obra que Lenin, imortal, viverá para sempre.

Pravda, 27 de janeiro de 1924.

---

[1] *Roumi*: palavra árabe que designava originariamente os conquistadores romanos da África do Norte e, depois, os invasores estrangeiros.

II. DUAS GUERRAS, UMA LUTA

5. POLÍTICA DE NEGOCIAÇÕES COM A FRANÇA: A PROVA DE FOGO DO CAMINHO PACÍFICO DA LIBERTAÇÃO NACIONAL

Apelo ao internacionalismo:

a. Ao povo vietnamita, ao povo francês, aos povos dos países aliados (21 de dezembro de 1946) *

O povo do Vietnã e seu governo estão decididos a lutar pela independência e a reunificação do país, mas também estão prontos para colaborar amigavelmente com o povo da França. Por isso assinamos a Convenção preliminar de 6 de março e o *modus vivendi* de 14 de setembro de 1946.

Mas a reação colonialista francesa, renegando sua palavra, considerou esses acordos como pedaços de papel.

Em Nam Bo, os ultracolonialistas continuam aprisionando e massacrando os patriotas vietnamitas e a fazer provocações. Eles maltratam os franceses de boa vontade, partidários do respeito à palavra empenhada. Eles criaram artificiosamente um governo fantoche para semear a discórdia entre nós.

Ao sul de Trung Bo, eles prosseguem a repressão contra nossos compatriotas, as operações contra o exército vietnamita e a invasão de nosso território.

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Écrits (1920-1969)*. 2. ed. Hanói, Éditions en Langues Étrangères, 1976. p. 68-71.

Em Bac Bo, eles provocaram incidentes para apoderar-se de Bac Ninh, Bac Giang, Lang Son e de muitas outras localidades. Bloquearam o porto de Haiphong, paralisando deste modo as atividades comerciais dos vietnamitas, dos chineses e de outros cidadãos estrangeiros, inclusive os próprios franceses. Eles procuraram estrangular a nação vietnamita e abalar nossa soberania nacional. Puseram em ação os blindados, a aviação, a artilharia pesada e a marinha de guerra para massacrar nossos compatriotas e apoderar-se do porto de Haiphong, assim como de outras cidades litorâneas.

Mas não pararam por aí. Puseram em movimento suas forças armadas de terra, mar e ar, e nos enviaram um ultimato após outro. Eles massacraram anciãos, mulheres e crianças até no coração mesmo de Hanói.

A 19 de dezembro de 1946, às 20 horas, atacavam Hanói, capital do Vietnã.

Os colonialistas franceses pretendem ocupar novamente o nosso país. Isto é evidente e inegável.

Neste momento, a nação vietnamita se encontra diante desta alternativa: cruzar os braços e abaixar a cabeça, para cair novamente na escravidão ou lutar até o fim para reconquistar sua liberdade e sua independência.

Não! A nação vietnamita não aceitará uma nova dominação!

Não! A nação vietnamita não aceitará jamais cair de novo na escravidão.

Antes morrer que perder a independência e a liberdade.

Povo francês!

Somos seus amigos, desejamos colaborar sinceramente com vocês no seio da União francesa, pois temos o mesmo ideal: liberdade, igualdade e independência.

Foram os ultracolonialistas franceses que desonraram a França e procuraram dividir-nos provocando a guerra. Que a França demonstre compreensão em relação às nossas aspirações à independência e à reunificação, que ela chame de volta os belicistas, e as boas relações de colaboração serão restabelecidas entre nossos povos.

Soldados franceses!

Não existe ódio entre nós: foram só interesses egoístas que levaram os ultracolonialistas a provocar as hostilidades. Para eles os lucros, para vocês os riscos e a morte. As condecorações, para os militaristas; para vocês e suas famílias, os sofrimentos e a miséria. Reflitam bem. Vocês podem aceitar de bom grado dar seu sangue pelos reacionários? Venham a nós, vocês serão recebidos de braços abertos, como amigos.

Povos dos países aliados!

Logo após a II Guerra Mundial, no momento em que as democracias se dedicam a organizar a paz, os colonialistas franceses ousam espezinhar a Carta do Atlântico e a Carta de São Francisco. Eles deflagram no Vietnã uma guerra de agressão, pela qual devem ser inteiramente responsabilizados. O povo vietnamita solicita sua intervenção.

Compatriotas!

Nossa resistência será longa e penosa. Quaisquer que sejam os sacrifícios, qualquer que seja a duração da resistência, combateremos até o fim, até o dia em que o Vietnã será completamente independente e reunificado. Somos vinte milhões contra cem mil colonialistas. Nossa vitória é certa.

Em nome do governo da República Democrática do Vietnã, lanço esta ordem-do-dia ao exército, aos membros dos corpos de autodefesa, às milícias populares e a toda a população dos três Ky:

1. Se as forças francesas atacarem, contra-ataquem energicamente com todos os meios de que disponham. Que toda a nação vietnamita se levante para defender a pátria!

2. Protejam a vida e os bens dos cidadãos estrangeiros e tratem corretamente os prisioneiros de guerra.

3. Castiguem todos os que derem assistência às forças inimigas.

A todos os que apóiam ou participam no combate pela defesa do país, a pátria se mostrará agradecida.

Compatriotas!

A pátria está em perigo, todos de pé!

Viva o Vietnã independente e reunificado!

Viva a vitória da resistência!

A viagem:

a. Aos compatriotas do Nam Bo antes da partida para as negociações na França (31 de maio de 1946) *

Caros compatriotas do Nam Bo!

A notícia da minha próxima viagem à França com a nossa delegação com vista a estabelecer conversações oficiais causou muita inquie-

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Écrits (1920-1969)*, cit., p. 64-5.

tação nos nossos compatriotas, sobretudo no Sul do país; vocês se perguntam o que acontecerá ao Nam Bo.

Tranqüilizem-se, compatriotas. Prometo-lhes que Ho Chi Minh não venderá a sua pátria.

Compatriotas do Nam Bo, vocês fizeram sacrifícios e lutaram durante longos meses pela salvaguarda de todo o Vietnã. Todo o país lhes deve estar reconhecido.

Compatriotas do Nam Bo, vocês são os filhos queridos do Vietnã. Os rios podem secar, as montanhas desgastarem-se, mas esta verdade permanecerá para sempre imutável!

*

Aconselho-os a unirem-se estreita e amplamente. Os cinco dedos da mão são de diferente comprimento, mas estão todos reunidos numa mesma mão. Os milhões dos nossos compatriotas não são forçosamente todos iguais, mas são todos descendentes dos mesmos antepassados. Devemos dar prova de indulgência, reconhecer que os descendentes dos Lac e dos Hong estão mais ou menos animados de sentimentos patrióticos. Em vez de os pôr de lado, devemos usar de persuasão, conquistá-los pela nossa afeição. Assim, poderemos realizar a união, e com esta grande união estamos certos de um futuro glorioso.

Esta carta não pode transmitir todos os meus sentimentos; antes de partir para a França, envio-lhes, a todos, caros compatriotas do Nam Bo, minhas calorosas saudações.

b. Proclamação ao povo no regresso das negociações na França (23 de outubro de 1946) *

Compatriotas!

Passaram-se mais de quatro meses desde que parti para a França. Voltei, e sinto-me feliz por tornar a ver a minha pátria, de tornar a vê-los. Relato-lhes a minha missão:

1. Para demonstrar a vontade de colaborar com o Vietnã, o governo francês reservou-me um acolhimento muito especial, não só à chegada e

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Textos escolhidos*. Tradução de Manuel Augusto de Araújo. Lisboa, Ed. Estampa, 1975. p. 157-61 (Coleção Teoria, 26).

à partida, mas também durante a estada. O povo francês, que tem por nós uma amizade sincera, mostrou-se muito cordial.

Em nome de vocês, agradeço a todo o povo francês.

Graças à clarividente direção do presidente interino da República, Huynh Thuc Khang, e com a dedicada ajuda da Assembléia nacional, os grandes esforços do nosso governo e a unidade do nosso povo conseguiram aplanar muitas dificuldades, e a reconstrução nacional progrediu durante a minha ausência.

Agradeço ao governo, à Assembléia nacional e a todos vocês.

O meu pensamento abrange todos os nossos compatriotas residentes no estrangeiro, que se têm sacrificado pela causa nacional e que sempre se mantiveram fiéis à pátria contra tudo e contra todos.

Devido à nossa compreensão em relação às personalidades francesas residentes no Norte e no Centro do Vietnã, a maior parte das dificuldades entre vietnamitas e franceses foram regularizadas nos últimos tempos.

Espero que, no futuro, a colaboração entre os nossos dois povos se vá estreitando.

Não posso esquecer os chineses e todos os camaradas de outras nacionalidades que seguem o princípio de: "Estamos com os nossos irmãos percorrendo a estrada comum".

Em todos os lugares onde encontrei chineses e indianos, vi as suas faces iluminarem-se, as suas mãos estenderem-se, e o mesmo se repete hoje quando voltei ao meu país.

2. Correspondendo ao cordial convite do governo francês, fui a Paris regularizar a questão da nossa independência e da reunificação do Vietnã. A atual situação da França não permitiu que essas duas questões ficassem por ora regularizadas. É preciso esperar. Mas posso afirmar categoricamente que, mais tarde ou mais cedo, o Vietnã será independente, o Norte, o Centro e o Sul reunificados.

Durante a nossa estada, foi definitivamente estabelecido o seguinte:

1. Reconhecer as cores nacionais do nosso país, que foram solenemente saudadas pelo governo e pelo povo francês.

2. Chamamos a atenção do povo e do governo francês para a questão vietnamita e conseguimos que nos compreendessem melhor. Da mesma maneira, chamamos a atenção do mundo, que agora também nos compreende melhor.

3. Fizemos de muitos franceses, amigos do Vietnã, partidários ativos da causa da nossa independência e da sincera colaboração e em pé de igualdade entre os dois povos.

4. Reforçamos a posição das organizações da Juventude, das Mulheres e dos Trabalhadores vietnamitas, que foram admitidos nas federações internacionais.

5. A Conferência franco-vietnamita não terminou os seus trabalhos, reiniciá-los-á em janeiro próximo. Mas o *modus vivendi* de 14 de setembro desanuviou o ambiente para a próxima sessão da conferência, que decorrerá em ambiente amigável.

Até janeiro, que é que devemos fazer?

1. O nosso povo e o governo devem fazer tudo para se organizar, trabalhar, reforçar ainda mais a união nacional, desenvolver a economia, reconstruir o país, realizar um novo modo de vida a todos os níveis. Jovens e velhos, homens e mulheres, intelectuais, camponeses, operários, comerciantes, todos os cidadãos devem entregar-se ardorosamente à sua tarefa. É preciso demonstrar ao povo fancês e ao mundo que os vietnamitas reúnem todas as condições requeridas para recuperar a independência, que é impossível recusar-lhes.

2. Os franceses manifestam-se compreensivos em relação a nós. Devemos corresponder.

Devemos ser corteses com os militares franceses, conciliadores para com os residentes franceses.

Se os franceses quiserem colaborar lealmente conosco, colaboremos sinceramente, no interesse das duas partes.

Que todo o mundo veja claramente que somos um povo civilizado.

Que aumente o número de franceses que concordam conosco e que se reforce o apoio que nos dão!

Que os provocadores que nos pretendem dividir não tenham o mínimo pretexto para o fazer!

Que a independência e a reunificação sejam uma realidade a efetivar-se o mais breve possível!

3. Compatriotas de Nam Bo e do sul de Trung Bo! Norte, Centro e Sul, como uma família de três irmãos. Como a Normandia, a Provença e a Bretanha.

Não se saberia dividir irmãos da mesma família. Não se saberia como dividir a França. Não se saberá como dividir o Vietnã.

Compatriotas há já um ano que combatemos, muitos perderam o lar, outros tombaram na luta. Outros ainda foram feitos prisioneiros ou deportados. Mas o nosso patriotismo permanece inquebrantável como a rocha e o bronze.

O povo, a nação, o governo lembrar-se-ão para todo o sempre da sua vontade férrea, do seu coração generoso.

Com todo o respeito inclino-me perante a memória dos nossos heróis caídos no campo da honra e perante todos vocês, meus compatriotas, que continuam a sacrificar-se.

Enquanto o país não for reunificado, continuarão a sofrer e não conseguirei dormir em paz. Juro-o solenemente: com a força da determinação, com a vontade de todo o povo, a terra de Nam Bo voltará para o seio da sua pátria.

O governo francês reconheceu à população de Nam Bo o direito de decidir da sua sorte por referendo.

Pelo *modus vivendi* de 14 de setembro, comprometeu-se a executar em Nam Bo os seguintes pontos:

1. Libertar todos os vietnamitas presos por atividades políticas e participação na resistência.

2. Liberdade de associação, de reunião, de imprensa e de movimentação.

3. Cessar as hostilidades entre as duas partes.

O governo francês que assinou este acordo deve cumpri-lo.

Mas, então, o que deve fazer a população de Nam Bo?

1. As tropas vietnamitas e as tropas francesas devem cessar os combates.

2. A ação dos nossos compatriotas deve revestir-se de formas políticas democráticas.

3. Devem unir-se estreitamente sem distinção de partido, classe ou religião. A união é a força, a divisão a impotência.

4. Abster-se de qualquer represália. Tratar os transviados com docilidade. Convencê-los argumentando. Todo homem é patriota, mas existem interesses mesquinhos que o fazem esquecer os seus deveres. Se soubermos fazer com que ouçam a voz da razão, os transviados voltarão ao bom caminho. É preciso não praticar nenhuma violência.

Estas são as tarefas a realizar imediatamente, para que se origine uma atmosfera de paz, que prepare o caminho para as formas democráticas que devem conduzir o Vietnã à reunificação.

O fim da saída pacífica:

a. Apelo à resistência nacional (20 de dezembro de 1946) *

Compatriotas em todo o país!

Por amor à paz, fizemos concessões. Mas, quanto mais concessões fazemos, mais os colonialistas franceses aproveitam para usurpar nossos direitos. Sua intenção é, evidentemente, reconquistar nosso país a qualquer preço.

Não! Antes sacrificar tudo que perder nosso país e cair novamente na escravidão.

Compatriotas, de pé!

Que todos os vietnamitas, homens e mulheres, jovens e velhos, sem distinção de credo, de partido, de nacionalidade, se levantem para combater os colonialistas franceses, para salvar a pátria! Entrem na luta com todos os meios disponíveis. Que aquele que tem um fuzil, utilize seu fuzil, que aquele que tem uma espada, utilize sua espada. E se não tiver espada, que tome picaretas e porretes! Que todos empenhem todas as suas forças para combater o colonialismo, para salvar a pátria!

Combatentes do exército regular, das formações de autodefesa, das milícias populares!

Chegou a hora de nos levantarmos! Devemos sacrificar até a última gota de nosso sangue para defender o país.

Mesmo que devamos suportar as mais duras privações e os piores sofrimentos, estejamos prontos para todos os sacrifícios.

Venceremos!

Viva o Vietnã independente e unificado!

Viva a resistência vitoriosa!

b. Carta congratulatória (8 de maio de 1954) **

Nosso exército libertou Dien Bien Phu. O governo e eu enviamos nossos cordiais cumprimentos a vocês, quadros, combatentes, operários

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Action et révolution (1920-1967)*, cit., p. 105-6.

** Carta congratulatória aos soldados, operários de serviços de guerra, à juventude de choque e ao povo na área do Nordeste, que alcançaram brilhante vitória em Dien Bien Phu. In: Ho Chi Minh. *A resistência do Vietnam*, cit., p. 166.

de serviços de guerra, juventude de choque e povo local, que gloriosamente cumpriram suas tarefas.

Esta vitória é grande, porém é só o começo. Não devemos ser autocomplacentes e subjetivos e subestimar o inimigo. Estamos determinados a lutar pela independência, unidade nacional, democracia e paz. Uma luta, seja militar ou diplomática, deve ser longa e dura, antes que a completa vitória seja alcançada.

O governo e eu recompensaremos os oficiais, soldados, operários patriotas, juventude de choque e povo local, que realizaram brilhantes façanhas.

c. *Discurso após a vitoriosa conclusão dos Acordos de Genebra (22 de julho de 1954)* *

A Conferência de Genebra terminou. É uma grande vitória para nossa diplomacia.

Em nome do governo, cordialmente faço o seguinte apelo:

1. Em benefício da paz, unidade, independência e democracia da mãe pátria, nosso povo, militares, quadros e governo, durante estes últimos oito anos, fundiram-se em um bloco monolítico, suportaram dificuldades, e resolutamente sobrepujaram todos os obstáculos para prosseguir na resistência; ganhamos muitas vitórias brilhantes. Nesta ocasião, em nome do governo, cordialmente congratulo-me com vocês, do norte ao sul. Respeitosamente inclino-me em memória dos militares e de todos aqueles que deram suas vidas em sacrifício pela mãe pátria, e envio minhas homenagens de conforto aos feridos e aos inválidos.

Esta grande vitória deve-se também ao apoio que nos foi dado pelos povos dos países irmãos, em nossa luta justa, pelo povo francês e pelas pessoas amantes da paz no mundo.

Graças a estas vitórias e aos esforços feitos pela delegação da União Soviética na Conferência de Berlim, negociações foram entabuladas entre nosso país e a França na Conferência de Genebra. Nesta conferência, a luta de nossa delegação e a assistência que nos foi dada pelas delegações da União Soviética e da China terminaram numa grande vitória para nós: o governo francês reconheceu a independência, a soberania, a uni-

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *A resistência do Vietnam*, cit., p. 180-3.

dade e a integridade territorial de nosso país; ele concordou em retirar as tropas francesas de nossa nação, etc.

De agora em diante, devemos fazer todo o esforço para consolidar a paz e realizar a reunificação, a independência e a democracia através do nosso país.

2. A fim de restabelecer a paz, o primeiro passo a tomar é que as forças armadas de ambas as partes cessem fogo.

O reagrupamento em duas regiões é uma medida temporária; é um passo de transição para a execução do armistício e a restauração da paz, e acimenta o caminho para a reunificação nacional através de eleições gerais. Reagrupamento em regiões não é de maneira nenhuma uma divisão de nosso território nem uma repartição administrativa.

Durante o armistício, nosso exército é reagrupado no Norte; as tropas francesas são reagrupadas no Sul, isto é: há uma troca de regiões. Certo número de regiões que estavam antes nas mãos dos franceses agora tornam-se zonas libertas nossas. E vice-versa, certo número de regiões libertas por nós serão, agora, ocupadas temporariamente pelos franceses antes que regressem à França.

Isto é uma necessidade; o Vietnã Norte, Central e Sul são territórios nossos. Nosso país será certamente unificado, nosso povo inteiro será seguramente libertado.

Nossos compatriotas do Sul foram os primeiros a empreender a guerra de resistência. Eles possuem uma alta consciência política. Tenho confiança em que eles colocarão os interesses nacionais acima dos interesses locais, os interesses permanentes acima dos interesses temporários e somarão seus esforços com os de todo o povo a fim de fortalecer a paz, realizar a unidade, independência e democracia pelo país inteiro. O Partido, o governo e eu sempre seguimos os esforços de nosso povo e estamos seguros de que nossos compatriotas serão vitoriosos.

3. A luta para consolidar a paz e realizar a reunificação, a independência e a democracia é também uma batalha longa e dura. A fim de conseguir algo, nosso povo, nossos militares e nossos quadros de norte ao sul do país devem se unir intimamente. Eles devem ser um em pensamento e ação.

Estamos decididos a cumprir os acordos feitos com o governo francês. Ao mesmo tempo, exigimos que o governo francês corretamente execute os acordos que assinou conosco.

Devemos fazer o máximo para restabelecer a paz e estar alerta para obstar as manobras dos sabotadores da paz.

Devemos lutar para a obtenção de eleições gerais livres por todo o país para reunificar nosso território.

Devemos exercer todos os nossos esforços para restaurar, construir, fortificar e desenvolver nossas forças em cada setor para alcançar completa independência.

Devemos fazer o máximo para empreender reformas sociais para melhorar os meios de vida de nosso povo e atingir a legítima democracia.

Estreitamos mais as nossas relações fraternais com o Camboja e o Laos.

Aumentamos a grande amizade entre nós e a União Soviética, a China e os países irmãos. Para manter a paz, realçamos nossa solidariedade para com o povo francês e com povos espalhados pelo mundo.

4. Conclamo todos os compatriotas nossos, militares e quadros, a seguir rigidamente as linhas e os programas traçados pelo Partido e governo, para lutar pela consolidação da paz e a realização da reunificação nacional, independência e democracia por todo o país.

Apelo ardentemente a todos os patriotas legítimos, não obstante sua condição social, seu credo religioso ou político e sua afiliação anterior, para que cooperem sinceramente conosco e lutem em benefício de nosso país e do nosso povo a fim de conseguirmos a paz e realizarmos a reunificação, a independência e a democracia para o nosso amado Vietnã.

Se nosso povo estiver unido, se milhares de homens forem como um só, a vitória certamente será nossa.

Viva um Vietnã pacífico, unificado, independente e democrático.

6. A AGRESSÃO NORTE-AMERICANA

Período de transição — do colonialismo francês ao invasor norte-americano:

a. Relatório apresentado à III Sessão da Assembléia Nacional (1 de dezembro de 1953) *

[...]

Que faz o inimigo atualmente, e o que espera fazer?

Os imperialistas norte-americanos intensificam sua intervenção na guerra do Vietnã, no Camboja e no Laos, financiam e armam ainda os imperialistas franceses e fantoches. Eles compram os fantoches e aceleram a organização das forças supletivas. Obrigam os imperialistas franceses a fazer concessões aos fantoches, o que vem a ser o mesmo que obter concessões para si mesmos. Planejando suplantar por etapas os imperialistas franceses, continuam, ao mesmo tempo, servindo-se destes como agentes de sua política de guerra.

Além da política de exploração e de pilhagem econômica, os imperialistas franceses e norte-americanos praticam uma política de blefe. Eis alguns exemplos disso:

---

* Reproduzido de HO CHI MINH. *Écrits (1920-1969)*, cit., p. 162-3.

— Declaração de pseudo-independência e pseudodemocracia, organização de eleições fraudulentas.

— Aplicação de uma suposta reforma agrária para enganar os camponeses.

— Organização de sindicatos "pelegos" para iludir os operários.

— Proclamação de sua "vontade de paz" para dissimular a verdade ao povo francês e aos povos do mundo e enganar nosso povo.

Paralelamente a estas manobras, o gen. Navarre reúne febrilmente suas forças motorizadas para atacar-nos, assediar nossa retaguarda, intensificar as operações de comandos e desenvolver a espionagem.

Resumindo, os imperialistas franceses e norte-americanos esforçam-se para estender a guerra, "lançando os vietnamitas contra os vietnamitas e alimentando a guerra com a guerra".

Não sejamos subjetivos subestimando o inimigo. Ao contrário, sejamos constantemente clarividentes, sempre alerta e prontos para desbaratar todas as suas manobras. Podemos, porém, afirmar que suas atividades provam sua fraqueza mais que sua força. O inimigo teme nossa política de resistência prolongada e o movimento da paz no mundo. Para desarmar suas maquinações, devemos impulsionar vigorosamente a resistência. Devemos, para isso, realizar a reforma agrária.

[...]

b. *Relatório para a VI Conferência do Comitê Central do Partido dos Trabalhadores do Vietnã (15 de julho de 1954)* *

[...]

No campo imperialista, com os EUA à frente, as contradições se aprofundam e se ampliam cada dia mais. Eis alguns exemplos:

Contradições entre ingleses e norte-americanos: elas se traduzem no conflito de interesses que opõe os EUA à Inglaterra no Mediterrâneo, no Próximo Oriente e no Oriente Médio. Os norte-americanos procuram atrair o Paquistão, a Nova Zelândia e a Austrália, que pertenciam ao grupo inglês. No Extremo Oriente, a política norte-americana e a política inglesa com relação à China e ao Japão se contradizem, etc.

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Oeuvres choisies (1922-1967)*, cit., p. 154-8.

Contradições entre franceses e norte-americanos: os norte-americanos aparentemente ajudam os franceses, mas na realidade essa ajuda serve para chantageá-los. Os EUA fazem de tudo para forçar a França a assinar o tratado franco-alemão e o tratado sobre a organização de um exército europeu. A concordância da França equivaleria a seu próprio suicídio. No que diz respeito à Indochina, os franceses e os norte-americanos parecem estar de acordo sobre a guerra no Vietnã. Na realidade, estes últimos, que querem dominar os fantoches para afastar os franceses, entregaram o poder fantoche a Ngo Dinh Diem, seu fiel lacaio.

A política norte-americana com relação ao "Tratado militar de defesa européia" semeou a discórdia entre os países da Europa Ocidental e no interior desses países. O povo opõe-se aos governos pró-norte-americanos, e as contradições dividem os capitalistas pró-norte-americanos daqueles que não o são. Na Ásia, os norte-americanos se propõem a criar o Pacto SEATO (Southeast Asia Treaty Organization), visando combater asiáticos com asiáticos. Sua política é extremamente reacionária, mas eles sofrem numerosos fracassos. Empregam a "política de força", acenam com a ameaça das bombas A e H. Mas o movimento pela paz que se opõe à sua política e à utilização de armas atômicas intensifica-se dia a dia. Até o Papa viu-se na obrigação de condenar a política de utilização dessas armas de destruição maciça. O movimento pela paz ganhou assim a grande maioria nos povos, grande número de membros da burguesia dos diferentes países e até o chefe da Igreja Católica Romana.

Antes da Conferência de Genebra e da vitória de Dien Bien Phu, os EUA tinham a intenção de estabelecer uma "declaração comum" entre eles mesmos, a França, a Inglaterra e alguns outros países, na qual dirigiriam ameaças contra a China, acusando-a de intervenção na guerra da Indochina. Mas os ianques falharam porque a Grã-Bretanha se opôs à sua proposição e os outros países não lhes deram seu apoio. A seguir, preconizaram uma "ação comum" para socorrer os franceses em Dien Bien Phu. Novo fracasso: seu projeto não foi aceito pela Inglaterra nem pelos outros países. Eles fazem de tudo para sabotar a Conferência de Genebra, ou seja, para solapar a paz. O Secretário de Estado dos EUA desapareceu depois de ter assistido alguns dias à Conferência. As delegações dos outros países não deixaram de deliberar por isso, e a Conferência deu resultados.

Apesar de seus fracassos, os imperialistas norte-americanos não ficam tranqüilos, e teimam em prosseguir com suas pérfidas manobras.

Estão agora forçando a formação da SEATO. Seus fracassos correspondem a vitórias para nosso campo. Eles são o principal inimigo da paz mundial, e devemos concentrar nossas forças contra eles.

Situação no país

O Vietnã, o Camboja e o Laos estão unidos, e sua resistência se intensifica cada dia mais. Nossas forças de guerrilha no Sul, no Centro e no Norte, não só são sólidas mas também adquirem cada dia um impulso mais poderoso. Da campanha da fronteira à de Hoa Binh, e do Noroeste, etc., nosso exército regular obtém uma vitória após a outra. Essas vitórias às quais se soma a de Dien Bien Phu, produziram uma mudança considerável na situação do país. Conseguimos colocar em xeque o Plano Navarre e, graças a isso, provocar uma crise no gabinete Laniel-Bidault, forçando o corpo expedicionário francês a reduzir suas zonas de ocupação.

Nossas vitórias se devem à política justa de nosso partido e de nosso governo, ao heroísmo de nosso exército e de nosso povo, ao apoio dos povos dos países amigos e dos povos do mundo inteiro. Nossas vitórias são também as vitórias do movimento mundial pela paz e pela democracia.

Ao lado de nossos êxitos no campo militar, começamos a obter outros na frente antifeudal. Se os primeiros exercem bons efeitos sobre a mobilização das massas para a realização da reforma agrária, os outros influem positivamente sobre a luta antiimperialista. Nossos êxitos entusiasmam nosso povo e os povos do mundo, consolidam nossa posição diplomática em Genebra, constrangendo nossos inimigos a sentar-se à mesma mesa de conferência conosco. A atitude dos franceses mudou notavelmente, se comparada às condições colocadas por Bollaert em 1947. Assim, desde o começo da resistência, nossa posição se fortalece mais e mais, enquanto a do inimigo se enfraquece diariamente. Mas não devemos jamais esquecer que esta força e esta fraqueza são relativas e não absolutas. Não devemos cair no subjetivismo e subestimar o inimigo. Nossas vitórias despertaram os norte-americanos. Depois da batalha de Dien Bien Phu, eles mudaram seus planos de intervenção para prolongar a guerra da Indochina, internacionalizá-la, sabotar a Conferência de Genebra, procurar por todos os meios afastar os franceses, apoderar-se do Vietnã, do Camboja e do Laos, fazer desses três povos seus escravos e aumentar a tensão internacional.

Assim, os norte-americanos não são só os inimigos dos povos do mundo inteiro, mas estão se convertendo nos inimigos principais e diretos dos povos vietnamita, cambojano e laosiano.

A conferência de Genebra reuniu-se depois das mudanças acontecidas, como dissemos acima, na situação mundial e nacional. Através dela, vemos declararem-se ainda mais as contradições entre os imperialistas: os franceses desejam negociar, os ingleses permanecem dúbios, os norte-americanos sabotam. Neste momento, estes últimos estão cada vez mais isolados.

O Vietnã, a China e a União Soviética estão mais unidos que nunca. Como conseqüência das contradições entre os imperialistas e graças a nossos esforços e aos esforços de nosso campo, chegamos a alguns acordos bastante importantes. Estando o governo francês atualmente nas mãos dos partidários da paz, há possibilidades de chegarmos à cessação das hostilidades na Indochina.

Durante a suspensão provisória da Conferência de Genebra, os chefes das delegações voltaram a seus países depois de ter confiado seus poderes a seus auxiliares. Aproveitando a ocasião, o camarada Chou En-lai, primeiro-ministro da República Popular da China, visitou a Birmânia e a India e assinou duas declarações sobre a paz com os primeiros-ministros desses países. Os cinco princípios enunciados nessas declarações são breves, mas absolutamente claros e justos, e foram bem recebidos pelos povos de todo o mundo, particularmente pelos povos da Ásia; ao mesmo tempo, colocaram em xeque as manobras norte-americanas que visam semear a divisão entre os povos da Ásia. Eis o conteúdo:

1. Respeito mútuo da soberania e da integridade territorial.
2. Não-agressão.
3. Não-intervenção nos assuntos internos de cada país.
4. Relações de amizade e de igualdade.
5. Coexistência pacífica.

Minha entrevista com o camarada Chou En-lai deu também bons resultados. Seus encontros amistosos com os representantes da Índia, da Birmânia e do Vietnã têm fortalecido a união entre os povos da Ásia. Este é um êxito a mais para nosso campo.

A situação no mundo, em nosso país e na Ásia faz com que possamos chegar à paz. Mas, como os EUA se esforçam em fazer sabo-

tagem, subsistem ainda partidários da guerra na França e os fantoches pró-norte-americanos multiplicam seus esforços de sabotagem, a continuação da guerra é ainda possível. Esta é a característica da nova situação de nosso país.

[...]

O imperialismo ianque avança:

a. Apelo à nação (17 de julho de 1966) *

Compatriotas e combatentes em todo o país!

Os imperialistas norte-americanos deflagraram da maneira mais bárbara uma guerra de agressão para conquistar nosso país, mas estão sofrendo grandes derrotas.

Eles enviaram maciçamente um corpo expedicionário de cerca de 300 mil homens ao Sul de nosso país. Mantêm uma administração e um exército fantoches, instrumentos de sua política de agressão. Utilizam métodos de guerra extremamente selvagens, produtos químicos tóxicos, bombas de napalm, etc. Sua política consiste em incendiar tudo, massacrar tudo, destruir tudo. Eles esperam dominar nossos compatriotas do Sul por meio desses crimes.

Mas, sob a firme e hábil direção da Frente Nacional de Libertação, o exército e a população do Sul, estreitamente unidos e combatendo com heroísmo, têm obtido vitórias gloriosas e estão decididos a lutar até a vitória total para libertar o Sul, defender o Norte e avançar no sentido da reunificação do país.

Os agressores norte-americanos têm impudentemente lançado ataques aéreos contra o Norte de nosso país, na esperança de sair da sua desastrosa situação no Sul e de impor-nos "negociações" segundo suas condições.

Mas o Norte permanece inabalável. Nosso exército e nosso povo redobraram seu ardor para produzir e para combater com heroísmo. Até hoje, abatemos mais de 1.200 aviões inimigos. Estamos decididos a

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Écrits (1920-1969)*, cit., p. 315-8.

pôr em xeque a guerra de destruição do inimigo e a apoiar com todas as nossas forças nossos irmãos do Sul.

Ultimamente, os agressores norte-americanos subiram mais um degrau, muito grave, na sua escalada. Eles atacaram a periferia de Hanói e de Haiphong. Este é um ato de desespero, o sobressalto de uma fera mortalmente ferida.

Johnson e seus acólitos devem estar cientes disto: podem enviar 500 mil homens, um milhão ou até mais, para intensificar a guerra do Vietnã do Sul; podem utilizar milhares de aviões para multiplicar os ataques contra o Norte, mas jamais poderão abalar nossa férrea vontade de combater a agressão norte-americana, pela salvação nacional. Quanto mais agressivos se mostram, mais agravam seu crime. A guerra poderá durar ainda cinco anos, dez anos, 20 anos ou mais ainda; Hanói, Haiphong e outras cidades ou empresas poderão ser destruídas, mas o povo vietnamita não se deixará intimidar. Não existe nada de mais precioso que a independência e a liberdade. Após a vitória, nosso povo reconstruirá o país, melhor, maior e mais belo.

*

É público e notório que, cada vez que se preparam para intensificar sua guerra criminosa, os agressores norte-americanos recorrem sempre à trapaça das "negociações de paz", na esperança de enganar a opinião mundial e de acusar o Vietnã de não querer "negociações de paz".

Quem sabotou os Acordos de Genebra, que garantiam a soberania, a independência, a unidade e a integridade territoriais do Vietnã? As tropas vietnamitas foram invadir os EUA e massacrar os norte-americanos? Não foi o governo dos EUA quem enviou as tropas norte-americanas para invadir o Vietnã e massacrar os vietnamitas? Responda a estas perguntas, presidente Johnson, publicamente, diante do povo dos EUA e dos povos do mundo!

Que os EUA cessem sua guerra de agressão ao Vietnã, retirem todas as suas tropas e as de seus satélites e a paz voltará imediatamente. A posição do Vietnã é clara: são os quatro pontos do governo da República Democrática do Vietnã e os cinco pontos da Frente Nacional de Libertação do Vietnã do Sul. Não existe outro caminho!

O povo do Vietnã é profundamente amante da paz, da paz verdadeira, da paz na independência e na liberdade, e não de uma falsa paz, de uma "paz norte-americana".

Pela independência da pátria, para cumprir nosso dever com relação aos povos em luta contra o imperialismo norte-americano, nosso povo e nosso exército, unidos como um só homem, combaterão decididamente até a vitória final, quaisquer que possam vir a ser os sacrifícios e as privações. Outrora, em condições muito mais difíceis, vencemos os fascistas japoneses e os colonialistas franceses. Hoje, as condições nacionais e internacionais são mais favoráveis, e a luta de nosso povo contra a agressão norte-americana e pela salvação nacional será certamente vitoriosa.

*

Caros compatriotas e combatentes!

Nossa força vem da justiça de nossa causa, da nossa união nacional de norte a sul, da nossa tradição de luta indomável, da simpatia e do amplo apoio dos países socialistas irmãos e dos povos progressistas do mundo inteiro. Venceremos.

Diante da situação que acaba de ser criada, estamos unanimemente decididos a suportar todas as privações e a aceitar todos os sacrifícios para levar adiante a gloriosa tarefa histórica destinada a nosso povo: vencer os agressores norte-americanos!

Em nome do povo vietnamita, aproveito esta ocasião para agradecer calorosamente aos povos dos países socialistas e aos povos progressistas do mundo, e entre eles ao povo norte-americano, pelo apoio e ajuda devotados. Diante das novas manobras e dos novos crimes dos imperialistas norte-americanos, estou convencido de que os povos e os governos dos países socialistas irmãos, dos países amantes da paz e da justiça no mundo, apoiarão e ajudarão mais vigorosamente ainda o povo vietnamita na sua luta patriótica contra a agressão norte-americana até a vitória total.

O povo vietnamita vencerá!

Os agressores norte-americanos serão vencidos!

Viva o Vietnã pacífico, reunificado, independente, democrático e próspero!

Compatriotas e combatentes do país inteiro, avancem galhardamente!

Apelo à solidariedade dos países irmãos:

a. Mensagem aos chefes de Estado da URSS, da República Popular da China e dos outros países socialistas (24 de janeiro de 1966) *

Prezado camarada presidente,

Tenho a honra de chamar sua atenção para a guerra de agressão que os imperialistas norte-americanos estão fazendo em nosso país, o Vietnã.

[...]

Até agora, materializando a solidariedade internacional, o povo e o governo (do país irmão destinatário) mantiveram de todo o coração e ajudaram nosso povo, na sua luta contra os imperialistas agressores norte-americanos, a salvaguardar sua independência e sua liberdade. Em nome do povo vietnamita e do governo da República Democrática do Vietnã, faço questão de exprimir aqui nossa profunda gratidão ao povo e ao governo (do país irmão destinatário).

Diante da situação extremamente grave criada no Vietnã pelos EUA, estou firmemente convencido de que o povo e o governo (do país irmão destinatário) reforçarão seu apoio e sua ajuda à justa luta de nosso povo, condenarão energicamente as hipócritas manobras de paz do governo dos EUA e impedirão a tempo qualquer novo e pérfido ardil norte-americano no Vietnã e na Indochina.

Aproveito esta ocasião para lhe renovar, prezado camarada presidente, a garantia da minha maior consideração.

Resposta ao presidente dos EUA, Lyndon B. Johnson (15 de fevereiro de 1967) **

Excelência,

A 10 de fevereiro de 1967, recebi sua mensagem. Eis minha resposta:

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Oeuvres choisies (1922-1967)*, cit., p. 172 e 175.
** Reproduzido de Ho Chi Minh. *Oeuvres choisies (1922-1967)*, cit., p. 179-80.

O Vietnã se acha a milhares de milhas dos EUA. O povo vietnamita jamais atentou contra os EUA. Mas, contrariamente aos compromissos assumidos por seus representantes na Conferência de Genebra de 1954, o governo dos EUA não deixou de intervir no Vietnã, desencadeou e intensificou a guerra de agressão ao Vietnã do Sul, visando prolongar a divisão do Vietnã e transformar o Vietnã do Sul em uma neocolônia e uma base militar norte-americanas. Faz mais de dois anos que bombardeia com sua aviação e sua marinha militares a República Democrática do Vietnã, país independente e soberano.

O governo dos EUA cometeu crimes de guerra, crimes contra a paz e contra a humanidade. No Vietnã do Sul, meio milhão de soldados norte-americanos e satélites recorreram às armas mais desumanas e aos métodos de guerra mais bárbaros, tais como o napalm, os produtos químicos e os gases tóxicos, para massacrar nossos compatriotas, destruir as colheitas e arrasar as aldeias. No Vietnã do Norte, milhares de aviões norte-americanos despejaram centenas de milhares de toneladas de bombas, destruindo cidades, aldeias, fábricas, estradas, pontes, diques, barragens e até mesmo igrejas, pagodes, hospitais, escolas. Em sua mensagem, o senhor se mostra desolado pelos sofrimentos e pelas devastações causadas ao Vietnã. Permita-me perguntar-lhe: Quem perpetrou esses crimes monstruosos? Foram os soldados norte-americanos e satélites. O governo dos EUA é inteiramente responsável pela situação extremamente grave no Vietnã.

A guerra de agressão norte-americana contra o povo vietnamita costitui um desafio aos países do campo socialista, uma ameaça ao movimento de independência dos povos e um grave perigo para a paz na Ásia e no mundo.

O povo vietnamita ama profundamente a independência, a liberdade e a paz. Mas, face à agressão norte-americana, levantou-se unido como um só homem, não temendo os sacrifícios nem as privações; está decidido a levar a resistência até que haja conquistado a independência e a liberdade reais e uma paz verdadeira. Nossa justa causa goza da aprovação e do apoio poderoso dos povos do mundo inteiro e de amplas camadas do povo norte-americano.

O governo dos EUA desencadeou uma guerra de agressão no Vietnã. Ele deve cessar esta agressão. Esta é a única via para o restabelecimento da paz. O governo dos EUA deve cessar definitiva e incondicionalmente os bombardeios e todos os outros atos de guerra contra a República

Democrática do Vietnã, retirar do Vietnã do Sul todas as tropas norte-americanas e satélites, reconhecer a Frente Nacional de Libertação do Vietnã do Sul e deixar o próprio povo vietnamita acertar seus assuntos. Tal é o conteúdo fundamental da posição em quatro pontos do governo da República Democrática do Vietnã, que é a expressão dos princípios e disposições essenciais dos Acordos de Genebra de 1954 sobre o Vietnã. Essa é a base de uma solução política correta para o problema vietnamita.

Em sua mensagem, o senhor sugeriu conversações diretas entre a República Democrática do Vietnã e os EUA. Se o governo dos EUA deseja realmente essas conversações, deve, antes de mais nada, cessar incondicionalmente os bombardeios e todos os outros atos de guerra contra a República Democrática do Vietnã. Somente depois da cessação incondicional dos bombardeios e de todos os outros atos de guerra norte-americanos contra a República Democrática do Vietnã, é que esta e os EUA poderiam iniciar conversações e discutir as questões que interessam às duas partes.

O povo vietnamita não cederá jamais diante da força; ele não aceitará jamais conversações sob a ameaça das bombas.

Nossa causa é justa. Cabe desejar que o governo dos EUA aja conforme à razão.

Saudações

Ho Chi Minh

7. O PARTIDO DA CLASSE OPERÁRIA

a. Apelo por ocasião da formação do Partido Comunista indochinês (18 de fevereiro de 1930) *

Operários, camponeses, soldados, jovens, estudantes,

Compatriotas oprimidos e explorados,

Amigos, camaradas,

As contradições do imperialismo provocaram a guerra mundial de 1914-1918. Depois dessa horrível chacina, o mundo dividiu-se em duas frentes: de um lado, a frente revolucionária, englobando os povos coloniais oprimidos e o proletariado mundial explorado e da qual a União Soviética constitui a vanguarda; e, do outro lado, a frente contra-revolucionária do capitalismo internacional e do imperialismo, cujo estado-maior é a Sociedade das Nações.

Essa guerra causou aos povos perdas incalculáveis, em homens e em bens. Entre todos, o imperialismo francês foi o que mais sofreu. Por isso, a fim de restaurar as forças do capitalismo na França, os imperialistas franceses têm recorrido aos mais pérfidos meios para intensificar a exploração capitalista na Indochina. Eles criam novas fábricas para explorar os operários, pagando-lhes um salário de fome. Roubam as terras de nossos camponeses para fazer plantações, acuando assim o cam-

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Oeuvres choisies (1922-1967)*, cit., p. 82-4.

pesinato a uma miséria espantosa. Esmagam-nos com uma política fiscal exorbitante e obrigam-nos a comprar bônus de empréstimo. Em suma, acuam nosso povo à miséria.

Eles aumentam suas forças militares. Em primeiro lugar, para abafar a revolução vietnamita. Em seguida, para preparar uma nova guerra imperialista no Pacífico, visando conquistar novas colônias; em terceiro lugar, para reprimir a Revolução Chinesa. E finalmente, em quarto lugar, para atacar a União Soviética, porque ela ajuda os povos oprimidos e o proletariado explorado a fazer a revolução. A II Guerra Mundial será deflagrada. É certo, então, que os imperialistas franceses conduzirão nosso povo a uma matança sem precedentes. Se lhes deixarmos as mãos livres para preparar esta guerra, se os deixarmos combater a revolução chinesa, atacar a União Soviética e estrangular a revolução vietnamita, não seria como deixá-los varrer nossa raça da face da terra e afogar nossa nação no Oceano Pacífico?

No entanto, a bárbara opressão e a exploração feroz dos colonialistas franceses despertaram a consciência de nossos compatriotas. Todos compreenderam que só a revolução nos permitirá viver e que, sem a revolução, estamos condenados a uma morte lenta e miserável. É precisamente por esta razão que o movimento revolucionário cresce e se fortalece cada dia: os operários fazem greve, os camponeses exigem a terra, os estudantes fazem greve das aulas, os comerciantes, a greve do mercado. Em todo lugar, as massas se levantam contra os imperialistas franceses, que tremem diante da revolução que cresce. Por sua vez eles utilizam, de um lado, os feudalistas e os burgueses para oprimir e explorar nossos compatriotas, e, de outro lado, aterrorizam, jogam na prisão e massacram em massa os revolucionários vietnamitas.

Mas, se eles pensam que, usando o terror, podem estrangular a revolução vietnamita, cometem um erro grosseiro.

Primeiramente, a revolução vietnamita não está isolada, mas tem o apoio do proletariado internacional e em particular da classe operária francesa. Em segundo lugar, é precisamente no momento em que os colonialistas redobram suas manobras terroristas, que os comunistas vietnamitas, antes divididos, unem-se todos num só partido, o Partido Comunista indochinês, para dirigir a luta revolucionária de todo o nosso povo.

Operários, camponeses, soldados, jovens, estudantes!

Compatriotas oprimidos e explorados!

O Partido Comunista foi fundado. É o partido da classe operária. Sob sua direção, o proletariado dirigirá a revolução no interesse de todos

os oprimidos e explorados. A partir de agora, nosso dever é aderir ao Partido, segui-lo e ajudá-lo para realizar as seguintes palavras de ordem:

1. Derrubar o imperialismo francês, a feudalidade e a burguesia reacionária do Vietnã.

2. Conquistar a independência completa da Indochina.

3. Formar o governo dos operários, camponeses e soldados.

4. Confiscar os bancos e outras empresas imperialistas e colocá-los sob o controle do governo dos operários, camponeses e soldados.

5. Confiscar todas as plantações e as outras propriedades dos imperialistas e dos burgueses reacionários vietnamitas, para distribuí-las aos camponeses pobres.

6. Aplicar a jornada de trabalho de oito horas.

7. Abolir os empréstimos forçados, a capitação [1] e as taxas iníquas que pesam sobre os pobres.

8. Realizar as liberdades democráticas para as massas.

9. Dar instrução a todos.

10. Realizar a igualdade entre o homem e a mulher.

Nguyen Ai Quoc

[1] Capitação: imposto que se paga por cabeça ou imposto pessoal. (N. do T.)

8. CARACTERÍSTICAS INTERNAS DO PARTIDO DOS TRABALHADORES DO VIETNÃ

a. Relatório político ao II Congresso Nacional do Partido dos Trabalhadores do Vietnã (11 de fevereiro de 1951) *

[...]

Para realizar todos esses pontos [1], devemos possuir um partido oficial, organizado de maneira adequada à situação interna e internacional, com o objetivo de dirigir todo o povo na sua luta até a vitória. Esse partido adota o nome de Partido dos Trabalhadores do Vietnã.

Do ponto de vista de sua composição, o Partido dos Trabalhadores do Vietnã acolherá no seu seio os operários, os camponeses, os trabalhadores intelectuais verdadeiramente ativos e de elevada consciência revolucionária.

Em matéria de teoria, o Partido dos Trabalhadores do Vietnã adota o marxismo-leninismo.

No nível da organização, aplica o regime do centralismo democrático.

Quanto à disciplina, observa uma disciplina de ferro, que é, ao mesmo tempo, uma disciplina voluntária.

---

* Reproduzido de HO CHI MINH. *Action et révolution (1920-1967)*, cit., p. 138-40.

[1] Ver o trecho inicial do "Relatório político ao II Congresso Nacional do Partido dos Trabalhadores do Vietnã", nesta coletânea, p. 106-8. (N. da Org.)

Como lei para o desenvolvimento, usará da crítica e da autocrítica para educar seus membros e as massas.

Como objetivos imediatos, o Partido dos Trabalhadores do Vietnã unirá e dirigirá todo o povo na resistência até a vitória completa, para reconquistar a unidade e a independência total; ele dirigirá todo o povo para realizar a nova democracia e criar as condições para ir em direção ao socialismo.

O Partido dos Trabalhadores do Vietnã deve ser um grande partido, poderoso, sólido, puro, revolucionário em toda a acepção do termo.

O Partido dos Trabalhadores do Vietnã deve ser o dirigente esclarecido, decidido, fiel à classe operária e ao povo trabalhador, o dirigente do povo vietnamita para poder unir e dirigir a nação na resistência até a vitória total, e para realizar a nova democracia.

No atual período, os interesses da classe operária e do povo trabalhador assim como os interesses da nação são idênticos. Porque o Partido dos Trabalhadores é o partido da classe operária e do povo trabalhador, deve ser também o partido da nação vietnamita. Atualmente, a tarefa primordial, a tarefa urgente de nosso Partido, é conduzir a resistência à vitória. Todas as outras tarefas devem estar subordinadas a esta.

Nossa tarefa é imensa, nosso futuro glorioso. Mas devemos superar ainda numerosas dificuldades. A resistência tem suas dificuldades e a vitória, as suas.

Assim, por exemplo:

— Do ponto de vista ideológico, os quadros, os membros do Partido e a população não estão ainda bastante maduros para enfrentar as diversas mudanças que acontecem no país e no mundo.

— Os imperialistas norte-americanos podem ajudar ainda mais o agressor francês e este, graças a isso, tornar-se ainda mais histérico.

— Nossas tarefas aumentam mais e mais. Enquanto isso, faltam-nos quadros, e a estes faltam capacitações e experiência.

— É necessário achar a solução racional mais conforme aos interesses do povo para o problema econômico e financeiro.

Não temos medo das dificuldades. Mas devemos prevê-las com exatidão e preparar-nos para resolvê-las.

Com união, unidade de opinião e de ação, com a indomável determinação do Partido, do governo e de todo o povo, venceremos todas as dificuldades para chegar à vitória total.

[...]

9. O PARTIDO DOS TRABALHADORES DO VIETNÃ: VANGUARDA DA CLASSE OPERÁRIA

Balanço de 30 anos de lutas:

a. *Relatório político ao II Congresso Nacional do Partido dos Trabalhadores do Vietnã (11 de fevereiro de 1951)* *

[...]

O nascimento de nosso partido

Após a I Guerra Mundial (1914-1918), a fim de compensar suas pesadas perdas, os colonialistas franceses investiram em nosso país capitais vultosos para explorar e saquear ainda mais nossas riquezas e intensificar a exploração de nossa mão-de-obra. Por outro lado, a vitória da Revolução russa e a efervescência da revolução chinesa exerceram influência extremamente ampla e profunda. É assim que a classe operária vietnamita, tornando-se adulta, começou a tomar consciência de si própria, entrou na luta e sentiu necessidade de uma vanguarda, de um estado-maior para dirigir seu movimento.

---

* Reproduzido de HO CHI MINH. *Action et révolution (1920-1967)*, cit., p. 110-2, 120-30, 134-6, 137 e 138.

Nosso partido nasceu em 6 de janeiro de 1930.

Depois do triunfo da Revolução russa de Outubro, Lenin dirigiu a criação da Internacional Comunista. Desde então, o proletariado mundial e a revolução mundial formam uma única grande família, na qual nosso Partido é um dos recém-nascidos.

Marx, Engels, Lenin, Stalin são os mestres comuns da revolução mundial.

O camarada Mao Tse-tung adaptou habilmente à situação chinesa a doutrina de Marx-Engels-Lenin-Stalin, aplicou-a da maneira mais sensata às condições da China e levou a revolução chinesa à vitória total.

Devido às condições geográficas, históricas, econômicas, culturais, etc., a revolução chinesa exerce uma influência considerável na revolução vietnamita. A revolução vietnamita deve aprender e muito aprendeu da experiência da revolução chinesa.

A experiência da revolução chinesa e o pensamento de Mao Tse-tung nos permitiram compreender melhor a doutrina de Marx-Engels-Lenin-Stalin e, assim, obter numerosos êxitos. Os revolucionários vietnamitas devem guardar essa lembrança e mostrar-se agradecidos.

Nosso Partido nasceu numa situação muito difícil, criada pela política selvagem de terror dos colonialistas franceses. No entanto, logo em seguida, dirigiu contra estes últimos uma luta feroz, que atingiu seu ponto culminante durante o período dos sovietes do Nghe An.

Pela primeira vez, nosso Partido tomava o poder à escala local e começava a aplicar uma política democrática, ainda que dentro de limites restritos.

A despeito de sua derrota, os sovietes do Nghe An tiveram grande significado. Seu espírito heróico, que vive sempre fervoroso na alma das massas, abriu caminho às vitórias posteriores.

[...]

As dificuldades do Partido e do governo

Logo que nasceu, o poder popular se defrontou imediatamente com grandes dificuldades.

A política de cínica pilhagem aplicada pelos japoneses e franceses, que sugavam nosso povo até a medula, fez morrer de fome em apenas pouco mais de seis meses (fins de 1944 ao começo de 1945) mais de dois milhões de nossos compatriotas.

Ainda não tinha decorrido um mês da proclamação de nossa independência, e as forças armadas dos imperialistas ingleses invadiam o Sul de nosso país. Sob pretexto de desarmar as tropas japonesas, conduziram-se como um verdadeiro exército expedicionário, dando uma mão aos colonialistas franceses na sua tentativa de reconquista.

Ao Norte, as tropas do Kuomintang chinês faziam sua aparição. Sob pretexto de desarmar as tropas japonesas, perseguiam três pérfidos objetivos:

— liquidar nosso partido,

— abalar o Viet Minh,

— ajudar os reacionários vietnamitas a derrubar o poder popular para estabelecer em seu lugar um governo reacionário que lhes fosse devotado.

Face a esta situação difícil e premente, o Partido precisou lançar mão de diversas medidas para manter-se, para militar e para desenvolver-se, visando exercer uma direção mais discreta e mais eficaz e ter tempo de fortalecer progressivamente o poder popular e a Frente Nacional unida.

O Partido não podia hesitar. Hesitar teria sido arriscar tudo. Devia decidir prontamente, tomar as medidas adequadas — mesmo que dolorosas — para superar a situação.

Nesse momento, um fato pareceu pouco compreensível a muitas pessoas: o Partido proclamou sua dissolução. Na realidade, ele passou à clandestinidade.

Mas, mesmo na clandestinidade, continuou dirigindo o Estado e o povo.

Consideramos que a proclamação da dissolução do Partido (de fato sua passagem à clandestinidade) foi uma medida justa.

Apesar das imensas e numerosas dificuldades, o Partido e o governo dirigiram nosso povo e conduziram nosso país através de recifes e escolhos perigosos, e realizaram numerosos pontos do programa da Frente Viet Minh:

— Organização de eleições gerais para a Assembléia nacional, estabelecimento da Constituição;

— Edificação e consolidação do poder popular;

— Liquidação dos reacionários vietnamitas;

— Edificação e consolidação do exército popular;

— Realização da palavra de ordem: "O povo em armas";

— Instituição da legislação trabalhista;

— Redução das taxas de arrendamento de terras e de juros;

— Desenvolvimento da cultura popular;

— Ampliação e consolidação da Frente Nacional unida (fundação da Frente Lien Viet [1]).

Aqui é importante recordar o Acordo preliminar de 6 de março de 1946 e o *modus vivendi* de 14 de setembro de 1946, que pareceram também pouco compreensíveis a muitas pessoas, que os consideraram como manifestações de uma política direitista. No entanto, nossos camaradas e compatriotas do Sul acharam sensata esta política. Com efeito, ela o era, porque eles souberam aproveitar a ocasião para pôr em atividade e desenvolver suas forças.

Como Lenin disse: "Se fosse vantajoso para a revolução, poderíamos fazer ajustes até com bandidos".

Para reconstruir nosso país, tínhamos necessidade de paz. Assim, para salvaguardá-la, fomos obrigados a fazer concessões. Embora os colonialistas tenham violado seus compromissos e provocado a guerra, quase um ano de paz nos deu tempo para edificar nossas forças de base.

Quando os franceses iniciaram deliberadamente as hostilidades, não podíamos esperar mais: a resistência se desencadeou em todo o país.

A resistência prolongada

O inimigo tentava uma guerra-relâmpago. Queria combater rápido, vencer rápido, resolver rápido o problema. De nosso lado, o Partido e o governo lançavam a palavra de ordem: resistência prolongada.

O inimigo tentava dividir-nos, nós lançávamos a palavra de ordem: União de todo o povo.

Assim, desde o começo, nossa estratégia venceu a do inimigo.

Para uma resistência prolongada, o exército devia estar suficientemente equipado e o povo devia ter o que comer e como vestir-se. Nosso país era pobre, nossa técnica fraca, nossas cidades um pouco mais industriais estavam ocupadas pelo inimigo. Devíamos compensar as insuficiências materiais com o entusiasmo de todo o povo. O Partido e o governo lançaram então a palavra de ordem: Emulação patriótica. A

[1] *Lien Viet* (Liga Nacional do Vietnã): fundada em 29 de maio de 1946, por decisão do Partido e do camarada Ho Chi Minh, para ampliar o bloco de união do povo inteiro e para congregar os patriotas não-membros do Viet Minh. A partir de 1951, após sua fusão com a Frente Viet Minh, formou-se uma única frente, a Frente Lien Viet.

emulação diz respeito a todos os níveis, mas visa a três objetivos principais: liquidar a fome, liquidar o analfabetismo, liquidar o invasor.

Nossos operários entraram em emulação para fabricar as armas destinadas ao exército. O exército fez todos os esforços para treinar-se e vencer o inimigo, e obteve resultados satisfatórios. Nossos êxitos recentes são a prova. Nosso povo entrou em emulação com entusiasmo e obteve resultados apreciáveis: a prova é que, possuindo uma economia atrasada, resistimos há mais de quatro anos e continuamos a suportar esta provação sem sofrer demais pela falta de vestuário ou pela fome. A maioria da população se libertou do analfabetismo, e esse é um resultado brilhante que o mundo inteiro admira. Proponho que nosso Congresso dirija nosso afetuoso agradecimento e nossas felicitações ao exército e à população.

No entanto, no que diz respeito a organizar a emulação, seguir seus resultados, trocar experiências e tirar as lições, não somos muito brilhantes. Esse é nosso defeito. Mas se, de agora em diante, o corrigirmos, nosso movimento de emulação trará ainda melhores frutos.

A atividade militar é a tarefa principal da resistência.

No começo da resistência, nosso exército achava-se ainda na infância. Não lhe faltava coragem, mas sim armas, experiência, quadros e muitas outras coisas.

O exército inimigo era famoso mundialmente. Dispunha de forças navais, força aérea, infantaria. E era, além disso, ajudado pelos imperialistas ingleses e norte-americanos, sobretudo por estes últimos.

Em razão desse desequilíbrio de forças, alguns consideravam nossa resistência na época como a luta do "gafanhoto contra o elefante".

Para um olhar limitado, que enxerga apenas o lado material das coisas ou seu aspecto momentâneo, a situação parecia ser realmente assim. Para resistir aos aviões e aos canhões do inimigo, tínhamos somente lanças de bambu. Mas nosso Partido é um partido marxista-leninista: não enxergamos apenas o presente, mas também o futuro, depositamos nossa confiança no moral e nas forças das massas e do povo. Por isso, respondíamos decididamente aos hesitantes e aos pessimistas:

Hoje é realmente o gafanhoto que mede forças com o elefante,

Mas, amanhã, o elefante perderá suas tripas.

A realidade demonstrou que o "elefante" colonialista começa a perder suas tripas, enquanto nosso exército cresceu e se torna um tigre majestoso.

Embora no começo o inimigo fosse tão poderoso e nossas forças tão modestas, não deixávamos de combater com energia e não deixávamos de obter numerosos êxitos, com a certeza de chegar à vitória final. Por quê? Porque nossa causa é justa, nosso exército corajoso, nosso povo unido e indomável e porque conseguimos o apoio do povo francês e do campo democrático mundial. Mas assim também é precisamente porque nossa estratégia é justa.

Nosso Partido e nosso governo avaliaram que nossa resistência comporta três fases:

1.ª fase: Resistir firmemente e desenvolver o exército. Esta fase ia de 23 de setembro de 1945 ao fim da campanha do Viet Bac, no outono-inverno de 1947.

2.ª fase: Lutar energicamente pelo equilíbrio de forças e preparar a contra-ofensiva geral. Esta fase começou depois da campanha do Viet Bac (1947) e continua até agora.

3.ª fase: contra-ofensiva geral.

A respeito desta última fase, alguns camaradas têm uma concepção errônea, por não compreenderem exatamente a política do Partido e do governo. Uns estimam que a palavra de ordem "preparar-se para a contra-ofensiva geral" foi lançada prematuramente. Outros queriam saber a data e a hora da contra-ofensiva. Outros ainda pensaram que seria desencadeada sem falta em 1950, etc.

Estas concepções erradas influíram de maneira muito deplorável em nosso trabalho.

Em primeiro lugar, devemos lembrar que a resistência será longa e penosa, mas que ela vencerá.

A resistência deve ser prolongada porque nosso território é estreito, o povo pouco numeroso e o país pobre. Devemos fazer longos preparativos e todo o nosso povo deve estar pronto em todos os aspectos. Por outro lado, não nos esqueçamos de que, comparado conosco, o agressor é um inimigo bastante poderoso e beneficia-se da ajuda dos norte-americanos e dos ingleses.

O agressor francês é como a "casca consistente da tangerina"; necessitamos de tempo para "afiar nossas unhas" e a seguir arrancá-la em pedaços.

Devemos compreender ainda que cada fase está vinculada às outras, seguindo a fase precedente e criando as premissas da fase seguinte.

De uma fase para outra ocorrem mudanças. Cada fase comporta também suas próprias mudanças.

É possível basear-se na situação geral para determinar cada fase importante; no entanto, é impossível destacar completamente as diversas fases como quando se corta um bolo em muitas porções. A duração de uma fase depende da situação no país e no mundo, das mudanças operadas nas forças do inimigo e nas nossas forças.

Devemos compreender que a resistência prolongada está estreitamente vinculada à preparação da contra-ofensiva geral. Sendo a resistência prolongada, a preparação da contra-ofensiva geral o é igualmente. Esta se produzirá mais cedo ou mais tarde, dependendo, de um lado, das mudanças nas forças do inimigo e nas nossas, e de outro lado, da evolução da conjuntura internacional.

De todo modo, quanto mais cuidadosa e completa for a preparação, mais condições favoráveis beneficiarão a contra-ofensiva.

A palavra de ordem: "Preparemo-nos para passar vigorosamente à contra-ofensiva geral", foi lançada no começo de 1950. Fizemos alguns preparativos no decurso desse ano? Sim, o governo deu a ordem de mobilização geral, lançou o apelo à emulação patriótica. O exército e o povo mantêm intensos preparativos e alcançam resultados satisfatórios, como todos sabem.

Operamos em 1950 a "passagem" à contra-ofensiva geral?

Sim. "Começamos" e estamos neste momento operando a "passagem". Nosso brilhante êxito diplomático no começo de 1950 e nosso grande êxito militar no final desse mesmo ano são provas evidentes disso.

Mas já estamos lançando a contra-ofensiva geral?

Continuamos a preparar-nos para passar vigorosamente à contra-ofensiva geral, mas não a desencadeamos ainda. É importante compreender muito bem os termos: "preparar-nos para passar vigorosamente à..."

Quando a preparação estiver verdadeiramente completa, desencadearemos a contra-ofensiva geral. Quanto mais completa — verdadeiramente completa — for a preparação, mais cedo chegará a hora da contra-ofensiva geral e mais esta será favorável.

Devemos evitar qualquer precipitação ou impaciência.

O exército, o povo, os quadros, todos os setores, todo mundo deve rivalizar em ardor por uma preparação completa. Quando os preparativos estiverem prontos, desencadearemos a contra-ofensiva geral e, então, ela será necessariamente vitoriosa.

Remediar as lacunas e os erros

Nosso Partido obteve muitos êxitos, mas não está isento de defeitos. Devemos criticar-nos sinceramente para corrigir-nos. É necessário que nos esforcemos para corrigir-nos e progredir.

Antes de enumerar os defeitos, é necessário reconhecer primeiro que nosso Partido conta com quadros — sobretudo nas zonas ocupadas — muito corajosos e muito dedicados, que permanecem sempre ao lado do povo, apesar dos riscos e do perigo, aferrando-se às tarefas que lhes são confiadas, sem medo, sem queixar-se jamais de nada e sacrificando sem lamentar inclusive sua vida.

Esses são os combatentes-modelo do povo, os dignos filhos do Partido.

De maneira geral, nosso Partido praticou uma política justa desde sua fundação até hoje. Se não fosse assim, como teria podido obter êxitos tão consideráveis? Mas mostrou defeitos e insuficiências: devido a estudos teóricos insuficientes, numerosos quadros não alcançaram a maturidade no plano ideológico, e seu nível ideológico permanece baixo. Como conseqüência disso, a aplicação da política do Partido deu margem a desvios de "esquerda" e de "direita" (por exemplo, na aplicação da política agrária, da política de frente, das minorias nacionais, das religiões, do poder popular, etc.).

Como o trabalho de organização ainda é medíocre, muitas vezes não se pôde garantir uma aplicação correta da política do Partido e do governo.

Em conseqüência, estudar a teoria, aperfeiçoar-se no plano ideológico, elevar o nível teórico, melhorar a organização, são as tarefas urgentes do Partido.

Além disso, nas diversas instâncias dos organismos dirigentes, o estilo de trabalho, as medidas preconizadas, a maneira de dirigir, comportam ainda defeitos bastante extensos e graves, a saber: subjetivismo, burocracia, caudilhismo, estreiteza de espírito, exagero dos méritos pessoais.

O subjetivismo se manifesta na tendência a acreditar que a resistência prolongada pode tornar-se uma resistência de curta duração.

A burocratização se manifesta no gosto pela papelada, afastamento das massas, estudo insuficiente dos problemas, a ausência de controle na execução das tarefas, recusa de aprender através da experiência das massas.

O caudilhismo se manifesta na tendência a utilizar o poder para constranger o povo, negligenciando o trabalho de propaganda e de explicação para obter uma colaboração consciente e voluntária da população.

A estreiteza de espírito se manifesta na excessiva severidade em relação aos sem-partido, na tendência a ignorá-los, a não discutir com eles, a não pedir-lhes a opinião.

O exagero dos méritos pessoais se traduz assim:

— Jactando-se dos serviços prestados, alguns se mostram orgulhosos e presunçosos, considerando-se como "a providência do povo", "o homem de mérito" do Partido. Depois, reclamam postos importantes e honrarias. Sendo incapazes de cumprir tarefas importantes, não se contentam com funções modestas. O exagero dos méritos pessoais é extremamente prejudicial para a unidade, tanto dentro quanto fora do Partido.

— Jactando-se de sua qualidade de membro do Partido, alguns fazem pouco caso da disciplina e da ordem hierárquica nas organizações populares e nos organismos do governo.

Os camaradas que padecem deste mal não compreendem que cada membro do Partido deve ser um exemplo na observância da disciplina — não só da disciplina do Partido, mas também da disciplina das organizações populares e dos organismos do poder revolucionário.

Essas e outras doenças existem ainda no Partido; o Comitê Central detém parte da responsabilidade, porque não dedicou ainda toda a atenção necessária ao controle. A educação ideológica existe, mas ela não é dada por toda parte nem de maneira suficiente. A democracia no Partido não é ainda realizada de maneira bastante abrangente. A crítica e a autocrítica não foram ainda elevadas ao nível de um hábito.

No entanto, estamos remediando aos poucos este estado de coisas. Os exames de consciência e o movimento de crítica e autocrítica empreendidos nos últimos tempos deram bons resultados, apesar de comportarem às vezes alguns desvios.

Como disse o camarada Stalin: "O partido revolucionário necessita da crítica e da autocrítica, como o homem necessita do ar". E ainda: "Um controle rigoroso permite evitar grandes defeitos".

De agora em diante, o Partido deve procurar difundir amplamente a doutrina para elevar a consciência política de seus membros. É neces-

sário cuidar especialmente do estilo de trabalho coletivo, consolidar os laços entre o Partido e as massas, aumentar o senso da disciplina, o respeito dos princípios, o espírito de partido, em cada um dos membros. É preciso intensificar o movimento de crítica e de autocrítica no seio do Partido, nos serviços públicos, nas organizações, na imprensa e até mesmo no povo. A crítica e a autocrítica devem ser permanentes, realistas, democráticas, feitas de cima para baixo e de baixo para cima. Enfim, o Partido deve exercer um controle rigoroso.

Cumprindo estas condições, os defeitos diminuirão e os progressos serão rápidos.

[...]

As novas tarefas

Os camaradas do Comitê Central farão relatórios das questões importantes, como o programa, os estatutos, a situação militar, o poder popular, a Frente Nacional unida, a economia, etc. O presente relatório se limita a sublinhar as principais entre nossas novas tarefas:

1. Conduzir a resistência à vitória final.

2. Organizar o Partido dos Trabalhadores do Vietnã.

Devemos dedicar-nos a desenvolver as forças do exército e do povo para vencer ainda, vencer sempre e avançar em direção à contra-ofensiva geral.

Esta tarefa visa realizar os seguintes pontos principais:

— *Na instrução e no desenvolvimento do exército*, devemos dedicar-nos a acelerar a organização e a fortalecer o trabalho político e militar em nosso exército. É necessário elevar a consciência política, aperfeiçoar a tática e a técnica, reforçar a disciplina consciente e voluntária em nosso exército do povo.

Ao mesmo tempo, é preciso desenvolver e consolidar as milícias populares de guerrilha, do ponto de vista da organização, formação, comando e potencial de combate. Devemos fazer com que essas forças se tornem amplas e sólidas armadilhas de aço estendidas por toda parte e nas quais o inimigo cairá, onde quer que ele vá.

— *Desenvolver o patriotismo.* Nosso povo está animado por um ardente patriotismo. Esta é uma de nossas tradições mais nobres. Desde os tempos mais antigos, cada vez que a pátria foi invadida, esta fé

tornou-se uma vasta e poderosa maré que, sem levar em conta perigos nem dificuldades, engoliu os traidores e os agressores.

Nossa história conheceu numerosos períodos de resistência grandiosa, que testemunham o patriotismo de nosso povo. Temos o direito de estar orgulhosos das gloriosas páginas escritas por nossas heroínas Trung, Trieu, e nossos heróis Tran Hung Dao, Le Loi, Quang Trung... Lembremo-nos dos méritos desses heróis nacionais: são eles os símbolos de um povo heróico.

Nossos compatriotas são, neste momento, perfeitamente dignos de nossos antepassados. Dos velhos de cabelos brancos até as crianças, dos nossos compatriotas que vivem no estrangeiro aos que estão na zona ocupada, dos habitantes das montanhas aos que vivem no delta, todos possuem um ardoroso patriotismo, todos odeiam o inimigo; dos combatentes de primeira linha, que suportam a fome dias inteiros para hostilizar o inimigo e esmagá-lo, aos funcionários da retaguarda que jejuam para oferecer seus víveres ao exército; das mulheres que aconselham os maridos e os filhos a alistarem-se, enquanto elas mesmas servem nos transportes, às mães de combatentes que cuidam de nossos soldados como se fossem os próprios filhos; das operárias, operários e camponeses que rivalizam em ardor para desenvolver a produção, sem levar em conta o cansaço, para dar sua contribuição à resistência, aos proprietários de terras que oferecem seus arrozais ao governo..., tantos belos gestos, sem dúvida diferentes no modo como se manifestam, mas iguais pelo ardente patriotismo que os motiva.

[...]

— Na grande obra de resistência e de reconstrução nacional, a Frente Unida Lien Viet-Viet Minh, os sindicatos, a união camponesa e as organizações populares exercem uma ação considerável. Devemos ajudá-los a desenvolver-se, a avaliar-se e a militar efetivamente.

— No que se refere à política agrária, na zona livre, há razões para realizar estritamente a redução das taxas de arrendamento de terras e de juros, a confiscação dos arrozais dos colonialistas franceses e dos traidores, para distribuí-los aos camponeses pobres e às famílias dos combatentes, e assim tornar melhor a vida dos camponeses e exaltar seu espírito e seu potencial de resistência.

— No que se refere à economia e às finanças, cumpre desenvolver as bases de nossa economia e lutar contra o inimigo no terreno econômico. A política fiscal deve ser eqüitativa e racional. É necessário esta-

belecer equilíbrio entre as receitas e as despesas, para assegurar o abastecimento do exército e do povo.

[...]

Graças às nossas vitórias, libertaremos pouco a pouco as zonas provisoriamente ocupadas. Por isso, devemos estar preparados para consolidar essas zonas sob todos os pontos de vista, logo que forem libertadas.

— A vida e os bens dos estrangeiros que respeitam as leis do Vietnã devem ser protegidos. Com relação aos cidadãos chineses, é necessário estimulá-los a participar na resistência vietnamita. Se se engajarem na nossa luta, terão os mesmos direitos e obrigações que os cidadãos vietnamitas.

Nós resistimos e os povos amigos khmer e lao resistem também. Os colonialistas franceses e os intervencionistas norte-americanos são nossos inimigos tanto quanto deles. Devemos esforçar-nos, por isso, em ajudar nossos irmãos khmer e lao em sua resistência e em fazer progressos para a formação de uma Frente comum Vietnã-Khmer-Lao.

— Nossa resistência é vitoriosa, em parte graças à simpatia dos países amigos e dos povos do mundo inteiro. Devemos, portanto, consolidar a amizade entre nosso país e os países amigos, entre nosso povo e os povos do mundo inteiro.

[...]

b. Trinta anos de luta do Partido (1960) *

[...]

Para levar a cabo esta tarefa tão difícil quanto gloriosa, nosso Partido deve realizar os seguintes objetivos:

1. Fortalecer-se do ponto de vista ideológico e aprimorar sua organização. Deve estender suas organizações com passos seguros e o mais amplamente possível entre as massas operárias, para fortalecer o elemento proletário no seu seio.

2. Todos os seus militantes devem esforçar-se para estudar o marxismo-leninismo, para consolidar seu espírito de classe proletário e para assimilar as leis do desenvolvimento da revolução vietnamita. Devem

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Écrits (1920-1969)*, cit., p. 250-2.

mostrar-se à altura das exigências da moral revolucionária, lutar energicamente contra o individualismo, fortalecer seu espírito coletivo proletário, mostrar-se laboriosos e frugais para a edificação da pátria, vincular-se estreitamente às massas trabalhadoras e entregar-se sem reservas aos interesses superiores da revolução e da pátria.

A edificação do socialismo no Vietnã do Norte exige de nosso Partido que ele domine a ciência e a técnica e, em conseqüência, que seus membros façam esforços máximos para elevar seu nível cultural, científico e técnico.

Nosso Partido deve fortalecer sua direção em todos os campos:

— A União da Juventude trabalhadora deve ser o braço direito do Partido na organização e na educação da juventude e das crianças, para fazer delas, no futuro, militantes de uma fidelidade absoluta à obra de edificação do socialismo e do comunismo.

— Os sindicatos devem tornar-se de fato, para nossa classe operária, uma escola de gestão do Estado e de direção econômica e cultural.

— A União das Mulheres deve constituir uma força poderosa, que ajude o Partido a mobilizar, organizar e dirigir as mulheres na marcha em direção ao socialismo;

— As cooperativas agrícolas, sob a direção do Partido, devem tornar-se as brigadas de vanguarda de mais de dez milhões de trabalhadores camponeses, para o desenvolvimento da produção, para a elevação do nível de vida e para a edificação de uma campanha vietnamita próspera e socialista;

— Nosso exército popular deve elevar continuamente seu nível político e dominar a técnica para tornar-se uma força cada dia mais poderosa, sempre pronta para defender a independência de nossa pátria e o trabalho de edificação pacífica de nosso povo.

Sob o estandarte do marxismo-leninismo, nosso Partido, heróico exército invencível e seguro de sua vitória, cerra mais estreitamente ainda suas fileiras. Ele avança corajosamente para conduzir os trabalhadores de nosso país a novos êxitos na luta pela edificação do socialismo no Vietnã do Norte e pela reunificação da pátria.

Viva o Partido dos Trabalhadores do Vietnã!

Viva o Vietnã pacífico, reunificado, independente, democrático e próspero!

Viva o socialismo!

Viva a paz mundial!

Política exterior do Partido e o internacionalismo proletário:

a. *Relatório à Conferência Política Extraordinária (27 de março de 1964)* *

[...]

Exaltemos o internacionalismo proletário, mantenhamos e desenvolvamos a amizade com os países socialistas irmãos, apoiemos de todo coração o movimento de libertação dos povos, unamo-nos à classe operária e aos povos do mundo na sua luta contra o imperialismo encabeçado pelos EUA, e pela paz, pela independência, pela democracia e pelo socialismo.

[...]

A política exterior de nosso Partido e de nosso Estado visa fortalecer nossa solidariedade *com os países socialistas* irmãos, sobre a base do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário; visa lutar decididamente contra a política de agressão e de guerra do imperialismo, realizar a coexistência pacífica entre os países de regimes políticos e sociais diferentes; visa apoiar energicamente o movimento de luta pela libertação nacional e pela defesa da independência, apoiar o movimento de luta da classe operária e dos povos do mundo pela paz, pela independência nacional, pela democracia e pelo socialismo. A realidade desses últimos anos provou o absoluto acerto desta política, que obteve grandes êxitos. A posição internacional de nosso país não cessou de afirmar-se. Beneficiamo-nos da aprovação e do apoio cada dia mais amplo e mais vigoroso dos países irmãos e de todos os outros povos à nossa tarefa de edificação do socialismo no Norte, à luta de libertação de nossos compatriotas do Sul e à luta de nosso povo inteiro pela reunificação pacífica da pátria.

Fazendo parte integrante da Ásia do sudeste, apoiamos de todo coração a luta dos povos desta região contra a política de agressão e de escravização empreendida pelo imperialismo, assim como também pelo antigo e pelo novo colonialismo.

Com relação ao *Reino do Laos*, nosso vizinho, temos sempre nos dedicado a desenvolver relações de amizade em todos os campos. Apoiamos sem reservas a justa luta do povo lao contra a agressão norte-americana, apoiamos os esforços desdobrados pelo governo de união nacional laosiano e pelo príncipe Souvanna Phouma, seu primeiro-ministro, na

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Écrits (1920-1969)*, cit., p. 300 e 297-9.

execução dos Acordos de Genebra de 1962 sobre o Laos e na salvaguarda da paz e da neutralidade do Laos. Desejamos sinceramente ao governo de união nacional laosiano uma pronta realização da concórdia nacional e uma rápida estabilização da situação para favorecer a edificação de um Laos próspero.

Com relação ao *Reino do Camboja*, sempre preconizamos estabelecer relações de vizinhança. Apoiamos inteiramente a atitude decidida do governo do Camboja diante das provocações e ameaças de agressão dos imperialistas norte-americanos e seus lacaios. Repetidas vezes temos declarado nosso apoio à proposta do príncipe Sihanouk de reunir uma conferência internacional para garantir a neutralidade e a integridade territorial do Camboja, conferência na qual estamos prontos para participar.

Temos a firme convicção de que, fortalecido pelo vigoroso apoio dos povos do mundo, o povo cambojano preservará sua independência e sua soberania nacionais, sua neutralidade e sua integridade territorial, contribuindo assim dignamente para a salvaguarda da paz e da segurança nesta região.

Apoiamos inteiramente o povo indonésio, que, sob a direção do presidente Sukarno, luta decididamente contra o bloco da "grande Malásia" criado pelos imperialistas para manter seus privilégios e prerrogativas na Ásia do sudeste e para servir de trampolim de suas ofensivas contra o movimento de libertação nacional. O desígnio dos imperialistas está fadado ao fracasso, e a justa luta do povo indonésio vencerá.

No interesse comum do movimento revolucionário mundial e da luta contra o imperialismo, faremos todo o possível para contribuir para a salvaguarda e o fortalecimento da união no seio do campo socialista e do movimento comunista internacional. De acordo com a resolução do 9.º Plenário do Comitê Central do Partido, comprometemo-nos a prosseguir junto aos partidos marxistas-leninistas irmãos a luta para salvaguardar a pureza do marxismo-leninismo e os princípios revolucionários que foram estabelecidos pelas declarações de Moscou. Temos a inteira convicção de que as divergências de opiniões no movimento comunista internacional serão eliminadas. O marxismo-leninismo vencerá, o campo socialista e o movimento comunista internacional estreitarão ainda mais sua união, reforçarão sua potência e, dando um impulso vigoroso à luta revolucionária da classe operária e dos povos do mundo, obterão êxitos cada vez maiores em favor da paz, da independência nacional, da democracia e do socialismo.

[...]

IV. ESTRATÉGIA E TÁTICA

10. O CARÁTER DA REVOLUÇÃO

a. Trinta anos de luta do Partido (1960) *

Desde o restabelecimento da paz, o Vietnã se encontra numa nova situação, caracterizada pela divisão provisória do país em duas zonas. O Norte, libertado integralmente, edifica o socialismo, enquanto os imperialistas norte-americanos e seus lacaios mantêm a dominação sobre o Sul. Eles procuram transformá-lo em colônia e base militar norte-americanas, para provocar nova guerra e exercer repressão sangrenta e selvagem contra os patriotas. Os norte-americanos violam cinicamente os Acordos de Genebra e opõem-se sistematicamente à conferência consultiva para a discussão das eleições gerais livres e da reunificação do país. São os mais ferozes inimigos de nosso povo.

Como conseqüência desta situação, a revolução vietnamita deve atualmente levar adiante *duas tarefas*:

1. Edificar o socialismo *no Vietnã do Norte.*

2. Completar a revolução nacional democrática *no Sul.*

Essas duas tarefas têm ambas o mesmo objetivo: a consolidação da paz, a reunificação do país sobre a base da independência e da democracia.

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Écrits (1920-1969)*, cit., p. 240-5 e 246-9.

Na resolução de sua XV Sessão, o Comitê Central de nosso Partido definiu nestes termos as tarefas comuns a todo o país:

> "Fortalecer a união nacional, lutar energicamente pela reunificação da pátria sobre a base da independência e da democracia, completar a revolução democrática em todo o país, consolidar a qualquer preço o Norte e fazê-lo avançar em direção ao socialismo, edificar um Vietnã pacífico, reunificado, independente, democrático e próspero: contribuir ativamente para a salvaguarda da paz na Indochina, no Sudeste asiático e no mundo".

*

O Vietnã do Norte deve necessariamente avançar em direção ao socialismo. E a *característica mais importante do período de transição* no Vietnã é precisamente esta *passagem direta* de um país agrícola atrasado ao socialismo, sem passar por uma etapa capitalista.

Os imperialistas franceses legaram-nos uma economia das mais miseráveis. Uma agricultura, excessivamente atrasada, ocupada na maior parte pela produção em pequena escala. A indústria é insignificante. A agricultura e a indústria foram gravemente devastadas por 15 anos de guerra. Além disso, os colonialistas franceses acrescentaram ainda os danos da sabotagem econômica, levada a cabo por ocasião da sua retirada do Vietnã do Norte.

Nestas circunstâncias, nossa tarefa mais importante é *edificar a base material e técnica do socialismo*, fazer avançar progressivamente o Vietnã do Norte, dotá-lo de indústria e de agricultura modernas, proporcionar-lhe uma base cultural e científica de vanguarda. Nesta revolução socialista, em que precisamos transformar a antiga economia e construir uma nova, o trabalho de edificação é a tarefa essencial e a longo prazo.

De 1955 a 1957, tínhamos como principal tarefa a *restauração econômica*, quando nos dedicamos essencialmente a restaurar a agricultura e as bases industriais, para curar as feridas da guerra, estabilizar a economia e começar a melhorar as condições de vida do povo.

Graças aos esforços conjugados de todo o Partido e de todo o povo, graças à ajuda fraternal do campo socialista, em fins de 1957 essa tarefa, no que se refere ao essencial, tinha sido levada a cabo com êxito. A produção industrial e agrícola atingiu aproximadamente o nível de 1939. Os resultados foram particularmente brilhantes no campo das cul-

turas alimentares. O Vietnã do Norte, que produzia 2,5 milhões de toneladas de *paddy* em 1939, alcançou em 1956 uma produção de mais de 4 milhões de toneladas.

Durante esse período, as relações de produção sofreram importantes mudanças, com novas relações de produção substituindo progressivamente as antigas. A reforma agrária que acabávamos de realizar eliminou definitivamente o regime de propriedade feudal e libertou as forças de produção no campo; 12 milhões de camponeses viram realizar-se seu sonho: a partilha das terras. O monopólio econômico dos imperialistas estava liquidado. Nosso Estado tomou o controle de todos os comandos econômicos, mobilizou uma economia estatal de caráter socialista e assegurou a direção de toda a economia nacional. Graças à ajuda generosa e desinteressada dos países irmãos, e em primeiro lugar da União Soviética e da China, restauramos 29 antigas empresas industriais e instalamos 55 novas.

Em muitas regiões, os camponeses se organizaram em *grupos de ajuda mútua*, que introduziam os embriões do socialismo. Foram criadas *cooperativas agrícolas* experimentais. Muitos *artesãos* aderiram aos grupos de produção.

A *indústria* e o *comércio* capitalistas privados começaram a se engajar no caminho do capitalismo de Estado, adotando formas primárias ou médias: encomendas executadas para o Estado, fornecendo este as matérias-primas, organização dos comerciantes privados como depositários dos armazéns do Estado, etc.

Tendo completado com êxito a restauração econômica, o Partido dirige atualmente a realização do *plano trienal* (1958-1960). Este está centrado na transformação socialista da agricultura, do artesanato, da indústria e do comércio capitalistas privados, sendo o ponto principal a transformação socialista e o desenvolvimento da *agricultura*. É necessário transformar e desenvolver a agricultura para criar as condições da industrialização do país. O desenvolvimento da indústria e de nossas exportações só será possível tendo por base uma agricultura socialista e próspera.

Dentro do plano trienal, a transformação socialista constitui o problema-chave, e concentramos nossos esforços no acabamento das reformas, precisamente para criar as condições favoráveis a uma rápida edificação do socialismo.

A linha do Partido para a transformação socialista da agricultura visa incorporar paulatinamente os camponeses individuais nos grupos de ajuda mútua com embriões de socialismo, nas cooperativas agrícolas de tipo inferior (semi-socialistas) e, em seguida, nas cooperativas de tipo superior (socialistas).

Nos nossos campos, uma população muito densa vive sobre superfícies de terra restritas; as técnicas agrícolas são ainda atrasadas, e a produtividade permanece em nível muito baixo. Só pelo fato de agrupar-se, de melhorar as técnicas de cultivo e de administração, já se consegue uma produtividade mais elevada que a dos lavradores individuais. Nossos camponeses compreenderam isto. Eles têm, além disso, tradições revolucionárias, profunda confiança no Partido e estão prontos a responder a seus apelos. Assim, aderem com entusiasmo aos grupos de ajuda mútua e às cooperativas agrícolas para encaminhar-se ao socialismo. Atualmente, mais de 40% das famílias camponesas já se incorporaram nas cooperativas.

A consolidação das relações de produção socialistas provocará necessariamente um venturoso desenvolvimento da agricultura. Este desenvolvimento facilitará o progresso da indústria, que fornecerá à agricultura os meios hidráulicos, os adubos, os instrumentos de lavoura renovados, a energia elétrica e as máquinas agrícolas de que a agricultura necessita.

A *transformação socialista pacífica da burguesia nacional* é outra tarefa de primeira necessidade. *No plano econômico*, não confiscamos seus meios de produção, mas aplicamos uma *política de resgaste. No plano político*, continuamos outorgando à burguesia nacional direitos razoáveis e o lugar que ela ocupa no seio da Frente da Pátria.

Como conseqüência do caráter colonial de nosso país, nossa burguesia nacional foi sempre uma classe pouco importante, entravada em seu desenvolvimento pelos imperialistas e pelos feudalistas, que a impediram de levantar a cabeça. É por isso que grande número de seus membros se juntou ao povo na luta antiimperialista e antifeudal e participou na guerra patriótica. Esse é seu aspecto positivo. Porém, em decorrência de seu caráter de classe, não querem abandonar a exploração e alimentam a esperança de poder continuar a desenvolver-se no caminho do capitalismo. Mas, no quadro da marcha do Vietnã do Norte em direção ao socialismo, tais aspirações não poderiam realizar-se de forma alguma. Os burgueses nacionais percebem que devem aceitar as reformas socialistas, já que não podem se estabelecer fora da grande família vietnamita. E, na sua grande maioria, compreenderam bem a

necessidade de aceitar sinceramente esta transformação socialista. Perceberam que, para eles, esse é o único caminho da honra e do futuro.

[...]

*

Por que obtivemos esses êxitos?

1. Porque nosso Partido, sempre firme na sua posição de classe proletária, sempre fiel aos interesses de sua classe e do povo, soube adaptar o marxismo-leninismo às realidades de nosso país e propor programas políticos justos. Nosso Partido desenvolveu uma luta incessante contra as tendências reformistas da burguesia e contra o aventureirismo político das camadas pequeno-burguesas no movimento nacional, contra a fraseologia "esquerdista" nos trotskistas no movimento operário, contra as tendências de direita e de esquerda no seio do Partido, tanto na definição quanto na execução da estratégia e da tática revolucionárias nas suas diferentes etapas. O marxismo-leninismo nos ajudou a superar essas provas. Isto permitiu que nosso Partido não só tomasse a direção do movimento revolucionário em todo o país, mas também a mantivesse solidamente em todos os campos, desbaratando todas as manobras da burguesia, que procurava disputar-nos essa direção.

2. Graças ao marxismo-leninismo, nosso Partido pôde perceber que, nas condições de um país agrícola atrasado como o nosso, a questão nacional é, no fundo, a questão camponesa; que a revolução nacional é essencialmente uma revolução de camponeses sob a direção da classe operária, e que o poder popular é essencialmente um poder operário-camponês. Foi por isso que, em cada fase de sua história, nosso Partido *compreendeu bem e resolveu corretamente o problema camponês e consolidou a aliança dos operários e dos camponeses.* Ele lutou com tenacidade contra os desvios de direita e de esquerda, que subestimam o papel dos camponeses na revolução, ignorando que estes constituem o grosso das forças da revolução, são o aliado principal e mais digno de confiança da classe operária, a força fundamental que deve construir o socialismo em combinação com a classe operária. Esses desvios não compreendem que a aliança dos operários e camponeses é a própria base da Frente Nacional e do poder popular. A experiência adquirida por nosso Partido em sua ação revolucionária nos mostrou que, toda vez que nossos quadros encontraram uma solução justa para as mais caras aspirações dos camponeses e aplicaram bem o princípio da aliança entre operários e camponeses, a revolução avançou rapidamente.

3. Nosso Partido soube juntar todas as forças patrióticas e progressistas no seio da *Frente Nacional* e, assim, realizar a união nacional na luta antiimperialista e antifeudal. Sendo os operários e os camponeses a força essencial do bloco da união nacional, sua aliança é a base sobre a qual repousa a Frente Nacional. Na formação, na consolidação e no desenvolvimento da Frente Nacional, nosso Partido sempre combateu a estreiteza de espírito, assim como as tendências à união despida de princípios no seio da Frente. Trinta anos de experiência no trabalho de união nacional provaram a nosso Partido que é necessário lutar contra estes desvios para assegurar seu papel dirigente na Frente Nacional e para consolidar a base operária e camponesa, o que permitiu à Frente Nacional ampliar-se e consolidar-se.

4. Nosso Partido cresceu na conjuntura internacional favorável criada pela grante vitória da Revolução socialista russa de Outubro. Os êxitos de nosso Partido e de nosso povo não podem ser dissociados do apoio fraternal da União Soviética, da China Popular e do campo socialista; do apoio do movimento comunista e operário internacional, do movimento pela paz e pela libertação nacional do mundo inteiro. Se nosso Partido pôde superar todas as dificuldades e conduzir nossa classe operária e nosso povo aos gloriosos êxitos de hoje, foi precisamente porque *soube vincular o movimento revolucionário de nosso país ao movimento revolucionário da classe operária mundial e dos povos oprimidos.*

Estamos sinceramente agradecidos ao Partido Comunista da União Soviética e ao Partido Comunista chinês, que ajudaram nosso Partido a forjar-se como um partido da classe operária de novo tipo.

Guardamos sempre em nossa memória os grandes serviços que o Partido Comunista da União soviética, o Partido Comunista chinês e o Partido Comunista francês têm prestado generosamente a nosso Partido e a nosso povo na luta revolucionária.

Doravante, no caminho que leva a novos êxitos, na edificação do socialismo no Vietnã do Norte e na luta pela reunificação da pátria, nosso Partido se empenhará ativamente em desenvolver a solidariedade internacional da classe operária. Contribuirá o mais possível para consolidar a potência do campo socialista encabeçado pela União Soviética, fará o máximo esforço para inculcar profundamente em nosso povo o senso do internacionalismo socialista estreitamente unido ao verdadeiro patriotismo; fortalecerá os estreitos laços já existentes entre o movimento

revolucionário em nosso país e o movimento dos trabalhadores e dos povos oprimidos do mundo inteiro que lutam pela paz, pela democracia, pela independência nacional e pelo socialismo.

[...]

Aliança operário-camponesa:

a. Aos quadros camponeses (novembro de 1949) *

Nosso país é um país agrícola.

Mais de 9/10 de nosso povo são camponeses.

Mais de 9/10 dos camponeses são camponeses médios, camponeses pobres e camponeses sem terra.

A maioria dos combatentes do exército nacional, das unidades regionais e das formações de guerrilheiros são camponeses.

São os camponeses que desenvolvem a produção para fornecer os víveres ao exército, aos operários e aos funcionários.

A sabotagem para evitar os golpes do inimigo, o conserto das estradas, as comunicações e os transportes são ainda, em grande parte, assegurados pelos camponeses.

Em resumo, os camponeses constituem uma grande força da nação e um fiel aliado da classe operária.

Para o êxito da resistência e da reconstrução nacional, para obter a independência e a unidade nacional efetivas, é absolutamente necessário apoiar-se no campesinato.

Nossos camponeses são uma força imensa, são compatriotas ardentes, combativos, dispostos a todos os sacrifícios.

O trabalho político dentro do campesinato é:

— Organizar solidamente os camponeses.

— Uni-los num só bloco.

— Educá-los para despertar completamente sua consciência política.

— Dirigi-los na sua enérgica luta pelos seus interesses de classe e pelo interesse da pátria.

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Écrits (1920-1969)*, cit., p. 92-3.

A *agitação política* no campesinato significa pôr em movimento todo o campesinato, em outras palavras, fazê-lo compreender claramente seus interesses de classe e os interesses da nação, fazê-lo aderir em grande número à Associação dos camponeses pela salvação nacional, visando lutar por seus próprios objetivos e participar na resistência e na reconstrução.

Para conseguir esses objetivos, os quadros camponeses devem combater o subjetivismo, formalismo e a burocracia.

Os quadros do escalão provincial irão aos distritos e às comunas.

Os quadros distritais irão às comunas e às aldeias.

É preciso ir ao local, verificar as coisas diretamente, ouvir o que se diz, falar com as pessoas, trabalhar com as próprias mãos e refletir por si mesmo.

Isto tudo para fazer pesquisas realistas, dar uma ajuda efetiva aos camponeses, controlar suas atividades, extrair e trocar as lições da experiência, para ajudar os camponeses e retirar proveito para si mesmo.

É absolutamente necessário que os camponeses pobres e os camponeses sem terra participem efetivamente nos órgãos do poder e nos comitês diretores da união camponesa.

Que nossos quadros (quadros camponeses e quadros do governo) trabalhem exatamente nesse sentido — que se esforcem por não desviar-se nem um milímetro, façam o que fizerem,

na emulação pela intensificação da produção e contra a fome;

na emulação pelo ensino do *quoc ngu* e contra a ignorância;

na emulação ao serviço do exército regular e pelo treinamento dos guerrilheiros, contra a agressão estrangeira.

Estamos certos de obter brilhantes êxitos.

b. Carta à Conferência dos Sindicatos (23 de fevereiro de 1950) *

Por ocasião da reunião de sua Conferência, envio aos delegados meus votos de boa saúde e bom êxito. Durante a resistência de nosso povo, a classe operária fez importante contribuição e obteve excelentes resultados. Doravante, nossa classe operária deverá redobrar seus esforços. Na minha opinião, eis os objetivos principais da Conferência:

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Écrits (1920-1969)*, cit., p. 94

— Organizar e educar os operários nas regiões libertadas e nas regiões ainda controladas pelo inimigo.

— Dirigir o movimento de emulação patriótica dos operários, assim como sua preparação para a contra-ofensiva geral.

— Organizar todos os trabalhadores intelectuais e manuais.

— Ajudar e dirigir os operários em todos os campos.

— Ligar-se intimamente à classe operária mundial e, em primeiro lugar, às classes operárias chinesa e francesa.

Na resistência à agressão estrangeira, do mesmo modo que na reconstrução do país e na edificação de uma nova democracia, a classe operária deve ter o papel dirigente. É por isso que os operários e as operárias devem esforçar-se em seus estudos para aperfeiçoar-se, devem tornar-se exemplares em todos os seus trabalhos para cumprir a gloriosa tarefa de sua classe.

Cordial saudação! Venceremos!

c. *A luta sindical nas colônias* *

Extrato do relatório da sessão de 27 de junho de 1923 durante a terceira reunião do Conselho central da Internacional Sindical vermelha:

O imperialismo contemporâneo baseia-se na exploração de muitos milhões de trabalhadores das colônias e semicolônias. Por isso, a desarticulação do imperialismo só será completa e definitiva quando conseguirmos quebrantar os alicerces do edifício imperialista. Sob esse ponto de vista, a organização dos sindicatos nas colônias adquire importância particularmente grave. Os partidários da Internacional Sindical vermelha não fizeram quase nada nesse sentido, nem no Egito, nem na Tunísia, nem em todos os países que estão sob a bota do imperialismo francês. Os laços que existem entre os diversos grupos operários das colônias francesas e os sindicatos franceses são apenas fruto do acaso. Não existe nenhum trabalho sistemático. Ora, é evidente que, enquanto não conquistarmos as massas das colônias, seremos impotentes para solapar o organismo imperialista. É necessário, portanto, empreender um grande trabalho de propaganda nas colônias, para criar organizações sindicais e desenvolver os sindicatos que existem em forma ainda embrionária. É

---

* Le procès de la colonisation française (excerto). In: Ho Chi Minh. *Oeuvres choisies (1922-1967)*, cit., p. 80.

necessário também que superemos a desconfiança dos trabalhadores das colônias com relação aos representantes das raças dominadoras, mostrando-lhes a real fraternidade de classe que existe entre os operários de todas as nações e de todas as raças. A vinculação orgânica dos sindicatos coloniais com os da metrópole só poderá ocorrer como resultado de um trabalho muito longo nas colônias.

Não esquecer os trabalhadores das colônias, ajudar suas organizações, lutar constantemente contra os governos das metrópoles que oprimem as colônias, eis um dos deveres mais imperiosos de todos os sindicatos revolucionários, sobretudo nos países cuja burguesia escraviza e explora as colônias e semicolônias.

[...]

d. A reforma agrária *

[...]

Limitar-me-ei a expor sucintamente alguns pontos desse problema:

Significado da reforma agrária: Nossa revolução é uma revolução nacional, democrática e popular contra o imperialismo agressor e contra o feudalismo, seu ponto de apoio.

Nossa palavra de ordem na resistência é: "Tudo pela Frente, tudo pela vitória". Em razão de seu desenvolvimento, a resistência exige cada dia mais forças humanas e maiores doações materiais. Os camponeses têm contribuído mais que as outras classes. É preciso libertá-los do jugo feudal, alimentar suas forças para poder mobilizar inteiramente a potência considerável que eles representam e jogá-la na resistência para obter a vitória.

A questão-chave da resistência está na consolidação e na ampliação da Frente Nacional unida, no fortalecimento da aliança operários-camponeses e do poder popular; na consolidação e no desenvolvimento do exército, na consolidação do Partido e no fortalecimento de sua direção em todos os campos. Para levar adiante esses trabalhos, é absolutamente necessário mobilizar as massas para a realização da reforma agrária.

O inimigo se empenha em lançar os vietnamitas contra os vietnamitas e em alimentar a guerra pela guerra, ele se esforça em blefar, em

---

* Rapport présenté a la IIIe Session de l'Assemblée Nationale (excerto). In: Ho Chi Minh. *Écrits (1920-1969)*, cit., p. 165-70.

dividir e em explorar nosso povo. Promovendo a reforma agrária, influiremos sobre nossos compatriotas camponeses que vivem na retaguarda do inimigo, nós os encorajaremos a lutar ainda mais vigorosamente para libertar-se e para apoiar ainda mais ardentemente o governo democrático da resistência. Provocaremos, dessa maneira, a desagregação das formações supletivas, cuja maioria é composta por camponeses que moram em zona ocupada.

Nosso povo é constituído quase que inteiramente por camponeses. Foi graças às forças do campesinato que resistimos vitoriosamente estes últimos anos. E será graças a essas mesmas forças que amanhã a resistência vencerá e que será feita a reconstrução nacional.

Nossos camponeses, que representam cerca de 90% da população, possuem só 3/10 das terras aproximadamente, trabalham o ano todo e levam uma vida miserável.

Os latifundiários feudais não atingem 5% da população, mas, junto com os colonialistas, apropriam-se de quase 70% dos arrozais e levam uma vida ociosa e dourada. Esta situação é de uma injustiça gritante. Essa é a razão pela qual nosso país perdeu sua independência e por que nosso povo se acha no atraso e na miséria. Durante a resistência, o governo ordenou a redução das taxas de arrendamento de terras, a devolução do dinheiro recebido em excesso, a entrega aos camponeses dos arrozais pertencentes aos colonialistas e aos traidores e a concessão provisória dos arrozais comunais aos camponeses das zonas livres. Mas o problema central permanece sem solução: as massas camponesas não possuem arrozais ou não os possuem em quantidade suficiente. Esta situação influi sobre as forças que participam na resistência e sobre a atividade produtora dos camponeses.

A reforma agrária dará a terra a quem nela trabalha e libertará as forças produtivas do campo dos entraves impostos pela classe dos latifundiários. Somente ela poderá pôr fim à miséria e ao atraso dos camponeses e mobilizar a força imponente que eles representam, a fim de desenvolver a produção e levar a resistência à vitória.

Objetivo da reforma agrária: Suprimir o regime feudal de apropriação dos arrozais, efetuar a palavra de ordem: "A terra para quem nela trabalha", libertar as forças produtivas do campo, desenvolver a produção, impulsionar vigorosamente a resistência.

Linha política geral: Apoiar-se sem reservas nos camponeses pobres e camponeses sem terra, unir-se estreitamente aos camponeses médios, entender-se com os camponeses ricos, suprimir por etapas e discrimina-

damente o regime de exploração feudal, desenvolver a produção e impulsionar a resistência.

Para satisfazer as exigências da resistência e da Frente Nacional unida, que visam tanto entregar a terra aos camponeses quanto consolidar e desenvolver a Frente, no interesse da resistência e da produção, devemos fazer uma distinção entre os grandes proprietários, segundo sua atitude política. Em outras palavras, devemos aplicar, segundo o caso, a confiscação, a requisição ou a compra administrativa, em vez de proceder à confiscação ou à requisição de maneira sistemática.

Princípio diretor da reforma agrária: Proceder a uma ampla mobilização política e ideológica dos camponeses, apoiar-se nas massas, seguir a linha de massas, organizar e educar as massas camponesas, fazer com que lutem seguindo um plano, por passos sucessivos, ordenadamente e sob uma direção estrita.

É declarada ilegítima a possessão das terras que os latifundiários dividiram após a promulgação do decreto de 14 de julho de 1949, referente à redução das taxas de arrendamento de terras (salvo os casos excepcionais mencionados na Circular da Presidência do Conselho de 1 de junho de 1953).

Os arrozais confiscados, requisitados ou comprados pela administração serão atribuídos definitivamente aos camponeses sem terra ou mal providos, que terão direito de propriedade sobre eles.

Princípios a serem observados para atribuição das terras: Tomar a comuna como divisão administrativa para a partilha. Atribuir as terras com base no loteamento existente, procurando igualar os lotes de acordo com as diferentes relações de qualidade, quantidade e localização, e, sempre que possível, deixando a cada um as terras que cultivava antes da reforma.

Dentre os elementos recalcitrantes, traidores, reacionários, tiranetes ávidos e cruéis, aqueles que tiverem sido condenados a cinco ou mais anos de prisão serão privados do direito à concessão de terras.

*

A mobilização das massas empreendida este ano servirá de experiência e de preparação para a reforma agrária a ser efetuada no ano que vem. Desta experiência tiramos certo número de ensinamentos. Nos lugares onde a política do Partido e do governo foi bem compreendida e a linha de massas foi bem observada, os resultados foram bons no conjunto.

Mas registramos fracassos onde as autoridades locais agiram apressadamente e por sua própria iniciativa, antes de terem recebido a ordem do Comitê Central do Partido e do governo.

A reforma agrária é uma política comum a todo o país, mas deve realizar-se por etapas, variando a ordem de realização de uma região a outra, segundo as condições locais.

Após a adoção da lei sobre a reforma agrária, o governo indicará no próximo ano as localidades na zona livre onde ela será empreendida e o tempo previsto para seu cumprimento.

O governo decidirá as medidas a serem tomadas para as zonas das minorias nacionais, a 5.ª interzona, o Nam Bo e as bases de guerrilha.

A política agrária será aplicada às zonas de guerrilha e às zonas ocupadas, quando estas tiverem sido libertadas.

Nas localidades onde a mobilização das massas por uma redução rigorosa das taxas de arrendamento de terras não tiver sido iniciada ainda, será absolutamente necessário passar antes por esta primeira etapa. Isto permitirá organizar os camponeses, elevar sua consciência política, assegurar sua preponderância política no campo, e ao mesmo tempo formar os quadros, reajustar a organização e preparar as condições políticas para a reforma agrária.

Nas regiões onde a mobilização das massas ainda não tiver sido ordenada pelo governo, é absolutamente proibido às autoridades locais introduzi-la por iniciativa própria.

A reforma agrária é uma revolução camponesa, uma luta de classes no campo, luta vasta, árdua e complexa. Por isso os preparativos devem ser muito minuciosos, o plano deve ser muito preciso, a direção muito estrita, as localidades cuidadosamente escolhidas, a duração definida com precisão e a execução realizada pontualmente. Essas são as condições para obter êxito.

A experiência internacional mostra que uma boa realização da reforma agrária ajuda a superar muitas dificuldades e a solucionar muitos problemas.

No campo militar: Os camponeses mostrarão mais entusiasmo em participar na resistência, o que permitirá aumentar os efetivos do exército e mobilizar mais facilmente os trabalhadores voluntários. Nossos combatentes, tranqüilizados quanto à sorte de suas famílias, combaterão com maior tenacidade.

No campo político: O poder político e econômico no campo estará nas mãos dos camponeses, a ditadura da democracia popular se tornará uma realidade e a aliança dos operários e camponeses será consolidada.

A Frente Nacional unida abrangerá mais de 90% da população do campo e se tornará inifinitamente mais ampla e poderosa.

No campo econômico: Os camponeses, libertados do jugo dos latifundiários feudais, se entregarão com fervor ao trabalho de produção e economizarão de bom grado; o aumento de seu poder de compra permitirá o desenvolvimento da indústria e do comércio e do conjunto da economia nacional.

Graças ao aumento da produção, as condições de vida dos camponeses, dos operários, do exército e dos quadros melhorarão mais rapidamente.

[...]

e. *Alocução ao VII Plenário do Comitê Central do Partido (20 de junho de 1962)* *

Camaradas!

Nosso país é um país quente, de clima benigno. Suas florestas valem ouro, seus mares valem prata, seu solo é fecundo. Nosso povo é corajoso, trabalhador e frugal. Os países irmãos dão-nos ajuda substancial.

Assim, dispomos destas três condições propícias: clima, terra, coração do homem, favoráveis para edificar o socialismo, ou seja, para edificar uma vida feliz para nosso povo.

É importante que nosso Partido e nosso povo inteiro façam todo o possível para combinar essas três condições e aplicá-las com habilidade na edificação econômica do Norte de nosso país.

O III Congresso Nacional do Partido definiu claramente em suas resoluções nossa linha geral de desenvolvimento econômico.

A 5.ª Sessão do Comitê Central aprovou uma resolução sobre o desenvolvimento da agricultura, e a 7.ª Sessão aprovou uma resolução sobre o da indústria.

Assim, adotamos uma orientação clara e medidas concretas.

Para ser mais claro, exporei brevemente algumas idéias.

"Barriga esfomeada não tem orelhas", diz uma de nossas máximas populares. E um provérbio chinês diz: "Para o povo, a comida vem em primeiro lugar". Na sua simplicidade, esses dois provérbios são muito justos. Para elevar o nível de vida do povo, é necessário antes de mais nada resolver corretamente o problema da *alimentação* (o vestuário e

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Écrits (1920-1969)*, cit., p. 275-8.

outras questões vêm só depois). É necessário fazer com que haja *víveres* suficientes. Ora, os víveres provêm da agricultura, *e desenvolver a agricultura é de extrema importância.*

Nos países frios, por causa da neve e do gelo, não se pode fazer mais que uma colheita cada ano. O clima quente de nosso país permite fazer cultivo durante o ano inteiro e colheitas em qualquer estação. Temos então um *clima* muito favorável.

No delta do Norte, os arrozais são pouco extensos e a população é numerosa; mas nós intercalamos as culturas e multiplicamos as colheitas de tal maneira que cada hectare vale por dois. Quanto à região alta, que abrange superfícies imensas e férteis, nela podemos cultivar tanto quanto quisermos. A *terra*, pois, nos é muito favorável.

Hoje a terra pertence aos camponeses. Mais de 85% deles aderiram às cooperativas (35% destas correspondem às aldeias). Em breve, o sistema de cooperativas abrangerá quase todos os camponeses. Uma dezena de milhões de camponeses organizados, eis uma força considerável, suscetível de "aplainar as montanhas e preencher os mares". *O fator humano* é, então, igualmente propício.

Para desenvolver a agricultura, o mais importante neste momento é *aprimorar os comitês de gestão das cooperativas.* Com bons comitês, teremos boas cooperativas. E com boas cooperativas, a agricultura conhecerá um crescimento notável.

A indústria e a agricultura, eis os "dois pés" de nossa economia.

A *agricultura* deve desenvolver-se vigorosamente para fornecer víveres suficientes à população, matérias-primas (algodão, cana-de-açúcar, chá) às fábricas e produtos agrícolas (amendoim, feijão, juta) para a exportação em troca de máquinas.

A *indústria* deve desenvolver-se vigorosamente com o objetivo de fornecer suficientes artigos de consumo à população e, em primeiro lugar, aos camponeses; fornecer-lhes bombas, adubos químicos, inseticidas, etc., para dar forte impulso à agricultura e a partir daí equipar progressivamente as cooperativas agrícolas com arados e grades de esterroar mecânicas. O desenvolvimento da indústria condiciona o da agricultura. Elas devem complementar-se. Ambas devem desenvolver-se, da mesma maneira que nossos pés, os quais, quando andam vigorosamente e de maneira harmoniosa, nos permitem avançar rapidamente e atingir logo nosso objetivo. Desta maneira, realizaremos a *aliança dos operários e dos camponeses*, a fim de edificar o socialismo e oferecer a nosso povo uma vida fecunda e feliz.

Graças a nossos próprios esforços e à ajuda devotada dos países irmãos, sobretudo da União Soviética e da China, nossa indústria se

desenvolve em ritmo bastante rápido. Assim, em 1955, no valor global da produção industrial e agrícola, a parte da indústria era apenas de 17%. Em 1961, ela se eleva já a mais de 43%. No entanto, a produção industrial permanece abaixo de nossas necessidades. Assim, a produção de energia elétrica, de ferro e de aço, de máquinas, de produtos químicos, etc., não corresponde ainda às necessidades da agricultura e dos outros setores da economia. Os artigos produzidos são ainda de qualidade medíocre e seu preço continua elevado.

Para atingir nosso objetivo, a industrialização socialista, o Partido e o povo inteiro devem envidar grandes esforços para executar integralmente as resoluções do VII Plenário do Comitê Central.

Na minha opinião, o aperfeiçoamento dos comitês de gestão das cooperativas é a *chave* do desenvolvimento da agricultura. E a questão-chave do desenvolvimento da indústria reside no aprimoramento da gestão das empresas: enquanto os quadros e os operários devem aprender a dominar a técnica, os órgãos de direção devem ter contatos estreitos com a base e servir adequadamente a produção.

Na edificação do socialismo, encontramos, decerto, algumas *dificuldades*. Transformar uma sociedade antiga em uma nova sociedade não é nada fácil. Mas essas são dificuldades de crescimento. Elas serão superadas se todo o Partido e todo o povo estiverem unidos e conjugarem seus esforços.

Por outro lado, beneficiamo-nos de condições favoráveis quanto ao clima, à terra e ao fator humano. Nosso movimento de *emulação patriótica* demonstrou-o, sobretudo depois de 1961. Nossos operários, camponeses e quadros tomaram milhares e milhares de iniciativas para vencer as dificuldades, aumentar a produção e fazer economias.

Nesse movimento, revelaram-se dezenas de heróis do trabalho, milhares de trabalhadores de elite, dezenas de milhares de trabalhadores de vanguarda e centenas de equipes e de brigadas de trabalho socialistas.

Eis aí alavancas extremamente poderosas. Sob a direção do Partido, combinando o movimento de emulação patriótica com a campanha contra a prevaricação, o desperdício e a burocracia, visando inculcar em todos a consciência de serem os proprietários coletivos do país e o espírito de economia por ocasião da edificação nacional, conseguiremos infalivelmente ter êxito na industrialização socialista do Norte, base sólida de nossa luta pela reunificação pacífica do país.

Espero que vocês estudem com cuidado a 5.ª e a 7.ª resoluções do Comitê Central, que as difundam de maneira muito ampla e que as apliquem rigorosamente para que a decisão do Partido se torne a decisão das massas. Graças a isso, o êxito nos estará assegurado!

A Frente Democrática:

a. A linha do Partido durante o período da Frente Democrática (1936-1939) *

1. Atualmente, o Partido (o Partido Comunista indochinês) deve abster-se de visar alto demais nas suas reivindicações (independência, parlamento, etc.) para não cair na armadilha dos fascistas japoneses.

Que ele se limite a reclamar os direitos democráticos: liberdade de associação, de reunião, de imprensa, de opinião e a anistia geral para os condenados políticos; que lute pelo direito a uma atividade legal.

2. Em vista desses objetivos, o Partido deve dedicar-se a criar uma ampla frente nacional democrática, que incluiria não só indochineses, mas também franceses progressistas, e não só as camadas trabalhadoras, mas também a burguesia nacional.

3. Com relação à burguesia nacional, o Partido deve mostrar-se hábil, flexível. Deve fazer o possível para ganhá-la para a causa da Frente, para aliar todos os elementos suscetíveis de ser aliados e neutralizar todos os elementos suscetíveis de ser neutralizados. Evitar tanto quanto possível que a burguesia nacional fique fora da Frente, porque isso seria empurrá-la para os braços da contra-revolução, seria fortalecer a reação.

4. Com relação aos trotskistas: nenhuma aliança nem concessão. É preciso, por todos os meios, desmascarar esses agentes do fascismo, é necessário aniquilá-los no plano político.

5. Para fortalecer e ampliar a esfera de sua influência, para assegurar uma eficácia maior na sua ação, a Frente democrática deve manter ligação estreita com a Frente popular francesa, que também luta pela liberdade e pela democracia e pode dar-nos ajuda apreciável.

6. O Partido não pode impor sua direção à Frente. Deve mostrar que está na vanguarda no que tange aos sacrifícios, ao trabalho e à fidelidade à causa comum. O papel de dirigente será reconhecido ao Partido somente quando, na luta e no trabalho quotidiano, as amplas massas terão reconhecido o acerto de sua política e sua capacidade de direção.

7. Para poder cumprir as tarefas indicadas acima, o Partido deve lutar energicamente contra o sectarismo e a estreiteza de espírito, deve organizar o estudo metódico do marxismo-leninismo para elevar o nível

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Oeuvres choisies (1922-1967)*, cit., p. 85-6.

cultural e político de seus membros; deve ajudar os quadros sem partido a elevar sua consciência política e deve manter relações estreitas com o Partido Comunista francês.

8. O Comitê Central deve controlar a imprensa partidária, para evitar todo erro de tática ou de estratégia...

b. Carta do estrangeiro (6 de junho de 1941) * [1]

Respeitáveis anciãos,
Personalidades patrióticas,
Intelectuais, camponeses, operários, comerciantes, soldados,
Caros compatriotas,

Depois que os franceses foram derrotados pelos alemães, suas forças desagregaram-se. Mas, para com nosso povo, eles mantêm seus abomináveis procedimentos de pilhagem, sugam nosso sangue e ainda aplicam abertamente uma política de massacre e de terror. Ajoelhando-se diante do invasor, alienaram uma parte de nosso território aos siameses e abandonaram covardemente nosso país aos japoneses. Nosso povo geme sob sua dupla opressão. Ele, que já servia de burro de carga aos piratas franceses, converte-se agora em escravo dos piratas japoneses. Ah! que crime nosso povo cometeu para sofrer sorte tão deplorável? Mas será que nesta situação lamentável nosso povo irá entregar-se de mãos e pés amarrados à morte? Não! Absolutamente não! Mais de 20 milhões de descendentes dos Lac e dos Hong [2] estão decididos a não suportar por mais tempo esta vida de escravos. Durante 80 anos, sob a bota de ferro dos piratas franceses, nunca cessamos de combater pela liberdade e pela independência nacional, sem importar-nos com o que isto pudesse nos

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Oeuvres choisies (1922-1967)*, cit., p. 87-90.

[1] A VIII Sessão do Comitê Central do Partido Comunista indochinês, efetuada em Pac Bo, no Cao Bang (Vietnã do Norte), de 10 a 19 de maio de 1941, decidiu a nova linha política do Partido, lançou a palavra de ordem de libertação nacional e fundou o Viet Minh ou Frente da Independência do Vietnã. As organizações de massa convertiam-se então em Associações pela Salvação Nacional. Preparava-se a insurreição armada. Pouco depois de 6 de junho de 1941, o camarada Nguyen Ai Quoc lançava esta carta, conclamando à união para derrubar os fascistas japoneses e os colonialistas franceses.

[2] Segundo a lenda, Lac Long Quan, da dinastia dos Hong Bang (2879-258 a.C.) e descendente do "Dragão", casou com a fada Au Co. Desta união nasceram cem rapazes, que são os ancestrais dos vietnamitas. A alusão aos descendentes dos Lac Hong, ou do Dragão e da Fada, lembram as origens legendárias do povo vietnamita.

custar. O espírito de patriotismo e de valentia de nossos antepassados, tais como Phan Dinh Phung [3], Hoang Hoa Tham [4], Luong Ngoc Quyen [5], as façanhas gloriosas dos heróis de Thai Nguyen, de Yen Bai, do Nghe Tinh, etc., vivem sempre na nossa memória. As recentes insurreições do Nam Bo [6], de Do Luong [7] e de Bac Son [8], testemunham que nossos compatriotas estão decididos a seguir o exemplo glorioso das gerações anteriores e a continuar o combate heróico pelo aniquilamento do inimigo. Se nossos esforços ainda não deram resultados, isso não significa absolutamente que os colonialistas franceses eram fortes, mas sim que as condições não estavam amadurecidas e que a união nacional não estava ainda perfeitamente concretizada em todo o país.

Hoje, a hora da libertação chegou. A França revelou-se incapaz de exercer por si mesma a dominação sobre nosso país. Quanto aos japoneses, atolados na China, entravados pela ação dos Aliados, não

---

[3] Líder do movimento de resistência contra os colonialistas franceses (1885-1895), aos quais infligiu, assim como a seus fantoches, duras perdas nas quatro províncias do centro do Vietnã (Ha Tinh, Nghe an, Quang Binh e Thanh Hoa). Abatido pela doença, morreu em 1896. Em represália, os colonialistas franceses fizeram incinerar seus despojos e misturaram suas cinzas com a pólvora dos canhões.

[4] Líder de uma insurreição camponesa no Yen The (Vietnã do Norte), a mais longa e mais ampla campanha de resistência armada logo depois da conquista do Vietnã. Esse movimento causou sérias perdas às forças francesas. Estendendo-se por toda a província de Bac Giang e províncias limítrofes, teve grande repercussão em todo o país. Por várias vezes, o exército colonial tentou sem êxito reduzir essa guerrilha pela força ou pela corrupção. Finalmente, a 10/2/1913, Hoang Hoa Tham foi perfidamente assassinado por um traidor, após trinta anos de guerrilha.

[5] Eminente militante do movimento de "Viagem ao Leste". Fez seus estudos na escola militar japonesa. Detido pelas autoridades inglesas de Hong-Kong (1915), foi entregue aos colonialistas franceses. Preso em Thai Nguyen (agosto de 1917), dirigiu, junto com o sargento Can, a insurreição armada das tropas da guarnição da província e foi morto durante um combate.

Can prosseguiu por mais seis meses uma luta tenaz.

[6] Denominada também "da Cochinchina", foi organizada e dirigida pelo Comitê do Nam Bo (Vietnã do Sul) do Partido Comunista indochinês; explodiu a 23 de novembro de 1940.

[7] A 13/1/1941, o sargento Cung, encabeçando certo número de atiradores, sublevou-se e ocupou o posto de O Cho Rang (Vietnã do Centro). Foi uma sublevação espontânea, sem intervenção direta do Partido Comunista indochinês.

[8] A 22 de setembro de 1940, depois do ataque japonês contra Lang Son, as tropas francesas derrotadas atravessaram o distrito de Bac Son para retroceder até o delta. A máquina administrativa local se deslocou. Aproveitando a ocasião, a 27/9/40 e sob a direção do Comitê local do Partido Comunista indochinês, a população da região apoderou-se das armas das unidades francesas em debandada e instaurou o poder revolucionário.

podem empenhar todas as suas forças contra nós. Se todo o nosso povo se unir em bloco, poderemos derrotar os corpos expedicionários francês e japonês, por mais bem armados que estejam.

Compatriotas de todo o país! Levantemo-nos. Sigamos o glorioso exemplo do povo chinês! Organizemos sem demora a Liga pela salvação nacional que combaterá os franceses e os japoneses!

Respeitáveis anciãos!

Personalidades patriotas!

Nos séculos passados, quando nosso país se achava em perigo diante da invasão mongol, os anciãos da época dos Tran se ergueram para conclamar o povo inteiro a unir-se para aniquilar os invasores. O perigo foi repelido e a glória dos anciãos transmitiu-se à posteridade para sempre.

Nossos anciãos e nossas personalidades patriotas devem seguir o exemplo de nossos ilustres ancestrais.

Ricos notáveis, soldados, camponeses, intelectuais, funcionários, comerciantes, jovens, mulheres, vocês que estão cheios de patriotismo! Nesta hora, a libertação nacional vem antes de tudo. Unamo-nos! Conjuguemos nossos esforços e unidos num único coração ardente combatamos os japoneses, franceses e seus cães de guarda para salvar nosso povo do abismo.

Caros compatriotas!

A salvação nacional é a obra comum de todo o nosso povo. Cada vietnamita deve dar sua contribuição. Aqueles que têm dinheiro, darão seu dinheiro, os homens robustos darão a força de seus braços, aqueles que possuem talento darão seu talento. Eu juro me entregar por inteiro, por mais modestos que sejam meus talentos, para acompanhá-los no serviço da pátria, mesmo que nisso deva sacrificar minha vida.

Combatentes da revolução!

A hora chegou! Levantem alto o estandarte da insurreição. Dirijam todo o nosso povo para derrubar os japoneses e os franceses! O apelo sagrado da pátria ecoa em seus ouvidos, o sangue ardente de nossos ancestrais ferve em seus corações! O heroísmo de nosso povo explode diante de seus olhos! De pé! Levantemo-nos! Unamo-nos, realizemos a unidade de ação para derrubar os japoneses e os franceses!

A revolução vietnamita vencerá!

A revolução mundial vencerá!

Nguyen Ai Quoc

11. A LUTA ARMADA E O POVO

Da necessidade de organizar política e militarmente o povo:

a. Diretrizes sobre a formação da Brigada de propaganda (dezembro de 1944) * [1]

1. O nome "Brigada de propaganda do Exército de Libertação" significa que a ação política da brigada é mais importante que seu esforço militar. Ela se ocupa, antes de mais nada, da propaganda. Para chegar a uma atuação eficaz, o princípio fundamental que deve ser observado do ponto de vista militar é o de juntar as forças. Também, de acordo com as novas diretrizes de nossa organização, será conveniente escolher, entre as formações de guerrilheiros de Bac Can, Lang Son e Cao Bang, os elementos mais decididos e mais fervorosos para constituir nossa brigada principal. Esta será dotada da maior parte das armas disponíveis.

---

* Reproduzido de HO CHI MINH. *Oeuvres choisies (1922-1967)*, cit., p. 91-2.

[1] Fundada a 22 de dezembro de 1944, a partir de pequenos grupos de guerrilheiros que combatiam em Cao Bang e em Lang Son, e contando no início apenas 34 combatentes e quadros munidos de armas rudimentares, a brigada soube elevar a um alto grau o espírito de sacrifício heróico na luta pela independência nacional e pela democracia. Desencadeou, em numerosos pontos do país, um movimento de luta armada, que culminaria na insurreição nacional de agosto de 1945. Ela foi o embrião do atual Exército Popular do Vietnã.

Sendo nossa resistência de caráter popular, cabe mobilizar e armar todo o povo. É por isso que, ao mesmo tempo em que reunimos forças para formar a primeira brigada, devemos pensar em conservar as forças regionais, coordenar sua ação e ajudá-las sob todos os pontos de vista. Por sua vez, a brigada tem o dever de apoiar os quadros regionais, de ocupar-se de sua instrução e de fornecer-lhes armamento se for o caso, tudo isto para permitir um crescimento constante das forças regionais.

2. Com relação às forças regionais: reagrupar os quadros para instruí-los, enviá-los em seguida às localidades, proceder a intercâmbios de experiências, manter sólida ligação entre as diversas unidades, coordenar sua ação no combate.

3. Tática. Praticar o método da guerrilha: segredo, rapidez, iniciativa (hoje ao leste, amanhã ao oeste), aparecer e desaparecer de improviso sem deixar rastros.

A brigada de propaganda do Exército de Libertação do Vietnã será como a irmã mais velha de uma família numerosa. Oxalá possa ver nascer logo novas brigadas, para ajudá-la.

O começo é modesto, sem dúvida, mas a brigada vê abrirem-se diante dela as mais gloriosas perspectivas. Ela é o embrião do Exército de Libertação e tem à sua frente, como campo de ação, todo o solo do Vietnã, do norte ao sul.

b. Apelo à insurreição geral (agosto de 1945) * [2]*

Caros compatriotas!

Há quatro anos, conclamei-os à união, porque a união faz a força, e a força é a chave da conquista da independência e da liberdade.

Atualmente, as tropas japonesas estão desagregadas. O movimento pela salvação nacional ganha todo o país. A Liga pela Independência do Vietnã (Viet Minh) conta milhões de adeptos de todas as camadas sociais: intelectuais, camponeses, soldados, e de todas as nacionalidades:

---

* Reproduzido de HO CHI MINH. *Oeuvres choisies (1922-1967)*, cit., p. 93-4.

[2] O Congresso Nacional, ocorrido a 16 de agosto de 1945 em Tan Trao (Tuyen Quang) e convocado pelo Comitê geral do Viet Minh, reuniu 60 delegados dos partidos políticos, organizações populares e nacionalistas. Adotou os dez pontos do programa político, ratificou a ordem de insurreição geral do Viet Minh, elegeu o Comitê de Libertação Nacional e o governo provisório da República Democrática do Vietnã, presidido pelo camarada Ho Chi Minh. No final do Congresso, o presidente redigiu este apelo à insurreição geral, visando conquistar a independência.

Tho, Nung, Muong, Man. Em suas fileiras, nossos compatriotas, jovens e velhos, homens e mulheres, lutam ombro a ombro, sem distinção de credo religioso ou de riqueza. A Liga convocou recentemente o Congresso nacional do povo, e este elegeu o Comitê de Libertação Nacional para dirigir todo o país na sua luta obstinada pela independência.

Eis um grande passo à frente na história da luta na qual se empenha nosso povo há quase um século em prol de sua libertação.

Para nossos compatriotas é um poderoso estímulo e, para mim, uma alegria imensa.

Mas não podemos nos deter lá. Nossa luta será ainda dura e longa. A derrota dos japoneses não nos torna de vez livres e independentes. Devemos redobrar esforços. Somente graças à nossa união e à nossa luta, nosso país poderá recuperar sua independência.

O Viet Minh serve atualmente de base para a união e para a luta de nosso povo. Filiem-se ao Viet Minh, demonstrem seu apoio e façam com que ele se fortaleça ainda mais.

O Comitê Nacional de Libertação do Vietnã equivale neste momento a um governo provisório. Unam-se à sua volta, cuidem que sua política e suas ordens sejam cumpridas em todo o país.

Então, infalivelmente nossa pátria recuperará rapidamente sua independência e nosso povo, sua liberdade.

Caros compatriotas!

Chegou a hora decisiva para o destino de nosso povo.

De pé, compatriotas! Libertemo-nos por nossas próprias forças!

Muitos povos oprimidos no mundo inteiro rivalizam em ardor na luta pela sua independência. Não podemos ficar para trás.

Vamos! Adiante! Compatriotas! Marchemos valentes, sob a bandeira de Viet Minh!

Nguyen Ai Quoc

c. *Apelo de 19 de junho de 1947 (após seis meses de resistência)* *

Cidadãos,

Combatentes do exército nacional, da milícia popular e das formações de autodefesa,

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Écrits (1920-1969)*, cit., p. 72-5.

Os ultracolonialistas franceses colocaram em ação dezenas de milhares de homens das forças de terra, mar e ar. Suas despesas militares elevam-se a dezenas de milhões de piastras por dia. Eles estavam certos de dominar nosso país em poucos meses, lançando forças maciças numa guerra-relâmpago. Por outro lado, colocaram a seu serviço um bando de títeres, na esperança de solapar nossa resistência e de dividir-nos, mas suas manobras, tanto militares quanto políticas, têm sido um fracasso completo. Hoje, a resistência de Nam Bo tem quase dois anos de duração, e a resistência nacional exatamente seis meses. E nossas forças crescem, nossos êxitos acentuam-se. Por quê?

a) *Porque combatemos por uma causa justa*

Não fazemos outra coisa senão defender nosso país, lutamos apenas pela unidade e independência de nossa pátria.

Os ultracolonialistas reacionários franceses, ao contrário, se propõem reconquistar nosso país, escravizar novamente nosso povo. O direito está do nosso lado. A justiça vencerá.

b) *Porque nosso povo realizou a grande união*

Estamos todos animados por um único e mesmo desejo: não cair de novo na escravidão.

Temos só uma vontade: não perder nossa pátria.

Perseguimos um único objetivo: combater até o fim para conquistar a unidade e a independência nacional.

Nossa unidade de pensamento forma uma muralha de bronze em volta da pátria. Por mais feroz e pérfido que seja o inimigo, ele se destroçará contra ela.

c) *Porque nossos combatentes são intrépidos*

Embora nosso equipamento ainda seja inadequado e nossa experiência insuficiente, nossos combatentes, graças à firmeza de sua alma, a seu espírito de sacrifício, têm executado gloriosos atos de bravura, proezas extraordinárias, vencendo a força brutal do inimigo.

d) *Porque nossa estratégia é certa*

O inimigo quer realizar uma guerra-relâmpago para obter rápida vitória. Mas, se o conflito durar, suas perdas aumentarão, e isso será sua derrota.

Assim, empregamos a estratégia da resistência prolongada para desenvolver nossas forças e enriquecer nossa experiência. Nossa tática é a guerrilha, que desgasta o inimigo, até que chegue o dia em que a contra-ofensiva geral o expulsará para sempre.

A posição do inimigo é a posição do fogo, a nossa é a posição da água. A água vencerá fatalmente.

Além disso, em nossa resistência prolongada, cada cidadão é um combatente, cada aldeia é uma fortaleza. Vinte milhões de vietnamitas estão decididos a acabar com as poucas dezenas de milhares de colonialistas.

e) *Porque nossos amigos são numerosos*

A guerra de agressão empreendida pelos colonialistas é uma guerra injusta; o mundo inteiro a detesta. Nossa resistência pela salvação de nossa pátria é uma causa justa. Por isso conta com muitos apoios.

A maioria do povo francês deseja a paz e a amizade conosco.

Os povos colonizados estão de nosso lado com todo o seu coração.

Somos apoiados pelos povos da Ásia e pela opinião pública mundial.

Portanto, no plano moral, o inimigo já obteve um fracasso absoluto e nós, uma vitória total.

Cidadãos!

Combatentes!

Nossa resistência prolongada passará ainda por muitos períodos difíceis.

Devemos aceitar os sacrifícios, suportar as privações e os sofrimentos, fazer os maiores esforços. Mas estamos decididos a suportar tudo, a aceitar todos os sacrifícios durante cinco anos, dez anos até, se for preciso, para romper as correntes que nos mantiveram escravizados durante 80 anos, e para reconquistar para sempre nosso direito à unidade e à independência.

Em nome do governo:

Ordeno a todo o exército combater com maior animosidade ainda e rivalizar em ardor para esmagar o inimigo.

Convoco todos os nossos compatriotas para desenvolver a produção, armazenar os cereais em lugar seguro, vigiar as represas, apoiar o exército.

Que os quadros políticos, administrativos e técnicos redobrem seus esforços para superar todas as dificuldades, que corrijam seus defeitos e se tornem exemplares.

Unidos de coração e espírito, estamos certos de que venceremos.

Avante!

Derrotemos os ultracolonialistas franceses!

Viva a amizade dos povos vietnamita e francês! A resistência prolongada vencerá!

Viva a independência e a unidade do Vietnã!

O papel do Exército de Libertação:

a. Aniversário da fundação do Exército de Libertação do Vietnã (22 de dezembro de 1947) *

Das brigadas de libertação ao exército de defesa nacional

O primeiro destacamento das brigadas de libertação era apenas uma pequena semente que se desenvolveu e tornou-se a grande floresta que hoje é o exército de defesa nacional. Um observador superficial que assistisse aos começos das brigadas de libertação certamente as teria comparado a uma brincadeira de crianças ou à invenção de alguns "utopistas" e não teria deixado de ironizar:

> "Um punhado de fedelhos, estudantes ou camponeses, uns *Tho* ou *Nung*, os outros *Trai* ou *Kinh*, armados de algumas espingardas e de uma dúzia de facões e que ousam chamar-se "brigadas" e reivindicar a tarefa de libertar a nação".

Mas nosso Partido estava decidido a realizar a qualquer preço o plano de formação das brigadas de libertação e tinha confiado a execução ao camarada Vo Nguyen Giap.

Os resultados obtidos provaram a exatidão desta política de nosso Partido; política certa porque nos inspiramos na realidade mais simples: a nação vietnamita deve ser e será libertada. Para libertar-se, deve combater os fascistas japoneses e franceses. Para combater os fascistas, deve possuir forças armadas. Para ter essas forças, deve organizar-se. E isso só se alcançará com determinação e método.

No começo faltava tudo: víveres, armas, vestimentas e medicamentos. Freqüentemente os combatentes precisavam jejuar, mas estavam sempre cheios de ânimo e de bom humor.

Seus efetivos, algumas dezenas de homens, logo se elevaram a centenas. Os jovens afluíam para alistar-se. Decididos a ajudar a brigada, compatriotas do Viet Bac vendiam até seus búfalos e suas terras. Nossos compatriotas de outras regiões também davam seu apoio. Graças a esta ajuda e graças a suas próprias vitórias obtidas uma atrás da outra, nossas unidades viram aumentar seus efetivos e sua potência sem cessar. Criada a zona livre, construíram-se bases por toda parte.

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Écrits (1920-1969)*, cit., p. 76-8.

O ardor e a disciplina exemplar de nossos combatentes fizeram-nos ganhar a estima e o afeto de nossos compatriotas.

*

Na primeira etapa, a tarefa das brigadas de libertação era ajudar a fazer a Revolução de Agosto e edificar a República democrática. Na etapa seguinte, elas legaram ao exército de defesa nacional bons quadros e transmitiram-lhe gloriosas tradições.

Comemorando hoje, em plena resistência, a fundação das brigadas de libertação, tiremos alguns ensinamentos:

1. O exército de defesa nacional e as milícias de guerrilha devem manter sempre a disciplina férrea, o moral de bronze, a decisão de vencer e as outras virtudes das brigadas de libertação, tais como a inteligência, a coragem, a integridade e a fidelidade.

2. Há pouco, começando do nada, conseguimos criar forças de libertação bastante poderosas para derrubar os agressores japoneses e franceses.

Hoje, devemos enfrentar um inimigo só: os colonialistas reacionários, mas temos o Partido, a Assembléia nacional, o governo, a Frente e as forças imensas do exército de defesa nacional e das milícias de guerrilha. Além disto, beneficiamo-nos do apoio de nossos 20 milhões de compatriotas e da opinião pública mundial. É por isso que nossa resistência vencerá.

Nesta ocasião, envio meu agradecimento a nossos compatriotas do Viet Bac pela ajuda que deram às brigadas de libertação e pelo apoio devotado à resistência neste momento. Envio meu afetuoso cumprimento e a expressão de nossa determinação de vencer aos veteranos das brigadas de Libertação, que valentemente combatem, agora, nas fileiras do exército de defesa nacional.

Das milícias populares:

a. Ao Congresso Nacional das Milícias Populares (15 de abril de 1948) *

Por ocasião de seu Congresso envio-lhes meus afetuosos votos de boa saúde e peço-lhes que transmitam minhas melhores lembranças a

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Écrits (1920-1969)*, cit., p. 79-81.

todos os guerrilheiros das milícias populares. Eis algumas idéias sobre os problemas que irão discutir.

Em geral, as formações de guerrilheiros prestaram serviços apreciáveis durante a resistência. Em muitos lugares, combateram o inimigo sozinhas ou em cooperação estreita com o exército regular. Com entusiasmo, fizeram uso de todas as suas energias e obtiveram importantes êxitos na luta contra espiões, bandidos e comandos, contra os conselhos de notáveis fantoches, na sabotagem das vias de comunicação, no estudo do alfabeto e na intensificação da produção.

Os guerrilheiros deram glória a aldeias, famosas por seu heroísmo, tais como Dinh Bang e tantas outras. Alguns guerrilheiros se destacaram: Pham Van Trac, Le Binh, Nguyen Van Y, Do Van Thin, Dang Van Gieng, Pham Van Man... Devemos também nossa admiração às unidades guerrilheiras formadas de anciãos e mulheres que foram heroicamente ao assalto do inimigo.

Tais são os *pontos fortes* de nossos guerrilheiros, mas é importante levá-los ainda mais longe.

Por outro lado, existem ainda *pontos fracos*, que é preciso corrigir sem demora. Em muitas localidades, ainda não se percebeu claramente e a fundo o que deve ser a guerrilha. Há quem goste das grandes batalhas e que queira atacar pontos de apoio sólidos: tais tendências são ambas errôneas. Além disso, não se aplica efetivamente a palavra de ordem: "Aprovisionar-se e bastar-se a si mesmo", e não se leva a sério a intensificação da produção.

Não se sabe ainda como cooperar estreitamente com o exército regular.

Não se sabe tomar a iniciativa de procurar o inimigo para combatê-lo.

Do ponto de vista da organização e da instrução, existe ainda formalismo e falta de realismo.

É preciso remediarmos decidida e rapidamente este estado de coisas. Devemos:

1. Organizar e formar efetivamente guerrilheiros em *cada aldeia*. De um lado, *tomar como base as formações da milícia popular da aldeia* e, de outro, consolidar unidades de guerrilheiros dispensados da produção.

2. Levar cada guerrilheiro a compreender bem onde residem nossas forças, inculcar-lhes fé nelas e em nossas armas rudimentares.

3. Fazer com que os guerrilheiros cooperem estreitamente com o exército regular.

4. Fazer cada guerrilheiro compreender a fundo sua nobre tarefa.

5. Fazê-los compreender a tática da guerrilha: manter sempre a iniciativa, procurar o inimigo para combatê-lo, hostilizá-lo, fazer destruições, acumular pequenos êxitos que acabarão por equivaler a uma grande vitória.

6. Aumentando a produção, efetivar a palavra de ordem: "Aprovisionar-se e bastar-se a si mesmo".

7. Realizar para isto a *emulação*: emulação entre aldeias, entre distritos, entre província: entre zonas.

Prometo que o governo recompensará os guerrilheiros e as unidades que obtiverem os êxitos mais brilhantes no decorrer desse movimento de emulação.

Estou seguro de que, com o plano claro e realista que o Congresso estabelecerá, com o fervor de todas as formações de guerrilha e com a ajuda de nossos compatriotas, nossos guerrilheiros levarão a cabo sua gloriosa tarefa: abater o maior número possível de inimigos, arrebatar-lhes o maior número possível de armas, executar numerosas façanhas para antecipar a data da vitória da resistência prolongada e a data da independência e da unidade nacionais.

Cordiais saudações. Venceremos.

Frente Viet Minh:

a. À Conferência do Comitê Central da Liga pela Independência do Vietnã (20 de abril de 1948) *

Queridos camaradas!

Lamento que minhas ocupações me impeçam de assistir à sua Conferência que hoje se inicia. Envio-lhes meus votos de boa saúde e bom êxito.

Acho que é meu dever lembrar-lhes nesta ocasião algumas experiências.

Se a Frente Viet Minh tem obtido êxitos é porque sua política é justa.

a) Desde o começo, sua política interior visou unir todo o povo com o objetivo de obter a independência da pátria.

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Écrits (1920-1969)*, cit., p. 82-4.

Para atingir esse objetivo, a Frente resolutamente decidiu combater ao mesmo tempo os japoneses e os franceses.

Quando éramos poucos e nada tínhamos, quando os japoneses e os franceses se aliavam para abafar nosso movimento patriótico, essa decisão foi considerada ingênua por alguns. Os resultados, porém, provaram o contrário.

b) A política exterior do Viet Minh foi a de alinhar-se no campo democrático.

Isto podia parecer loucura pura e simples num momento em que os fascistas alemães, italianos e japoneses faziam o que bem entendiam e que os países democráticos sofriam uma derrota depois da outra. Não obstante, o Viet Minh predizia que os Aliados do campo democrático acabariam infalivelmente por triunfar. Os resultados provaram o acerto da política do Viet Minh.

c) Enquanto os colonialistas franceses colaboravam estreitamente com os fascistas japoneses, o Viet Minh previu que eles se trairiam mutuamente um dia e que os japoneses seriam os primeiros a voltar-se contra os franceses. Em conseqüência disso, preparou um plano de ação para explorar a ocasião favorável que se apresentaria. Os resultados mostraram também a correção de sua análise.

d) Desde o começo, o Viet Minh estava seguro de reconquistar a independência nacional. Por isso, decidiu criar uma zona livre, não só para fazer dela uma base para a resistência, mas também para ter um lugar seguro onde formar os quadros destinados ao exército e à administração do amanhã. O êxito confirmou igualmente o acerto de suas concepções.

e) Logo após a vitória da Revolução de Agosto, quando assumiu o poder, o Viet Minh decidiu formar um governo amplo, agrupando todos os homens de valor para que assumissem as tarefas do Estado. Mas havia quem pensasse que não era provável que personalidades notáveis aceitassem de bom grado colaborar com o Viet Minh. Ora, aconteceu o contrário: essas personalidades ofereceram voluntariamente sua colaboração, precisamente porque o Viet Minh colocava os interesses da nação e do povo acima de tudo e trabalhava com um espírito de justiça e com um desinteresse a toda prova.

f) No momento em que se revelou necessária uma união maior do povo, o Viet Minh oportunamente preconizou a criação do "Lien Viet" e ajudou a nova organização a tomar amplo e rápido impulso, o que contribuiu para o desenvolvimento e para a consolidação do Viet Minh.

g) A política do Viet Minh era a paz. Não obstante, quando foi preciso resistir, tudo fez para apoiar a política de resistência prolongada, preconizada pelo governo. Ele predisse que a resistência seria vitoriosa, seguramente vitoriosa. O que aconteceu uma vez acontecerá duas.

Resumindo, a experiência mostrou que, desde sua formação, a Liga Viet Minh sempre praticou uma política certa. Convém destacar esses êxitos e trabalhar para desenvolvê-los.

No entanto, a organização da Liga comporta um defeito: ela tomou um impulso tão rápido, que não teve tempo de educar todos os seus quadros. Assim, em muitos lugares, estes aplicaram mal a política geral. Alguns, até, fazem-se notar pela leviandade de seus costumes.

É importante, de um lado, que a Liga se dedique a educar seus quadros a partir do escalão comunal e, de outro, que os próprios quadros façam sua autocrítica para serem dignos de sua difícil mas gloriosa missão. Os membros da Liga devem servir como exemplo no cumprimento das tarefas da resistência e da edificação nacionais.

Tenho esperanças de que sua Conferência estabelecerá planos práticos para o desenvolvimento e a consolidação da Liga durante a campanha de emulação patriótica.

Saudações cordiais

Tática da resistência:

a. Diretrizes dadas por ocasião de uma conferência sobre a guerra de guerrilha (julho de 1952) *

I. Minhas irmãs e irmãos, aqui presentes, todos têm feito mais ou menos esforços, adquirido méritos e suportado privações. Isto é louvável. *Mas não se esqueçam de que esses méritos não são pessoais, eles pertencem ao conjunto de nossas tropas e de nossos compatriotas.* Sem a ajuda de nossas tropas e de nossos compatriotas, nossos talentos não teriam oportunidade de ser usados.

II. Depois da campanha de Hoa Binh, a guerrilha na retaguarda do inimigo tomou considerável impulso; *em particular, nossos compatriotas e nossos quadros adquiriram maior confiança em si mesmos para vencer o inimigo.* Isto é muito bom e é uma mudança muito positiva.

Vocês devem saber que *nossa resistência será longa e rude, mas necessariamente vitoriosa.* Será longa porque deve durar até a derrota do inimigo, até o momento de sua fuga. A opressão que os colonialistas

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Ecrits (1920-1969)*, cit., p. 148-54.

franceses fizeram pesar sobre nós por mais de 80 anos é como uma doença crônica grave, não pode curar-se em um dia ou um ano. Não sejam, então, demasiado apressados, não peçam uma vitória imediata, pois cairiam no subjetivismo. A resistência prolongada implica privações e sacrifícios, mas ela vencerá.

É necessário levar adiante esta resistência longa e árdua, apoiando-nos em nossas próprias forças. Devemos aplicar-nos particularmente à observância deste princípio, sobretudo na retaguarda do inimigo. A ajuda dos países amigos é importante, por certo, mas não devemos ficar de braços cruzados, apenas à espera de sua assistência. Um povo que não conta com suas próprias forças e apenas espera a ajuda dos outros não merece ser independente.

Nesta resistência prolongada, o que devem fazer as milícias de guerrilha na retaguarda do inimigo? Qual é sua tarefa? *Devem resistir longamente. Devem frustrar os desígnios do inimigo de alimentar a guerra com a guerra, de fazer os vietnamitas combaterem os vietnamitas.* Não podendo apoderar-se dos recursos humanos e materiais de nossas zonas livres, o inimigo os saqueia na sua retaguarda. Devemos impedi-lo de fazer isto. Frustrando seus desígnios, participaremos de maneira eficaz na preparação da contra-ofensiva geral, o inimigo se tornará cada vez mais enfraquecido e acabará por ser derrotado.

III. Vocês têm demonstrado, na retaguarda do inimigo, muitas qualidades: abnegação, coragem, união. Deixarei de lado as qualidades para tratar dos principais defeitos de que vocês devem corrigir-se:

1. Os quadros do exército, das organizações populares, da administração e do Partido não estudam minuciosamente as diretrizes e as ordens do Comitê Central e do governo. Essa é uma grave lacuna. O Comitê Central e o governo possuem ampla visão e só elaboram suas diretrizes depois de ter estudado a situação, aproveitando as lições da experiência adquirida nas diferentes regiões do país. Nossos quadros devem estudar cuidadosamente essas diretrizes, para aplicá-las de maneira apropriada à situação concreta de cada localidade. As regiões não têm uma visão larga, vêem as árvores mas não a floresta, a parte mas não o todo; um trabalho que determinada região considera bem-sucedido pode ser, na realidade, um fracasso se inserido na situação de conjunto. Isto acontece quando não se estudaram a fundo as diretrizes do governo e do Comitê Central.

2. Não é bom que as unidades regulares, as formações regionais e as milícias de guerrilha saibam somente combater. Saber combater é bom, mas *saber só combater*, negligenciando a política, a economia, a propa-

ganda e a educação da população, é conhecer só um aspecto das coisas, pois o combate não pode estar divorciado da política e da economia. Se combatermos sem pensar na economia, poderá não haver mais arroz e não haver mais combates. Portanto, vamos combater, certamente, mas pensando também nos outros problemas.

3. Outro erro: *as unidades regulares, as formações regionais e as milícias de guerrilha querem travar grandes batalhas, obter grandes vitórias*, em lugar de proceder a um estudo minucioso da situação, de nossas possibilidades e das possibilidades do inimigo, para definir de maneira apropriada os objetivos a atingir e a maneira de combater. Assim, na prática, pecamos em mais de um aspecto. Em toda parte, só atacaremos quando estivermos certos de vencer, senão nos absteremos, sobretudo quando estivermos rodeados pelo inimigo.

4. Os quadros militares só conhecem os assuntos militares, os quadros administrativos os assuntos administrativos e os quadros do Partido os assuntos do Partido. São como um homem que se apóia num pé só. É perigoso, portanto, que o quadro conheça só um campo, pois este não estaria completo, e o bloco formado pelos diversos elementos, militar, popular, administrativo e do Partido, não seria poderoso e compacto se lhe faltasse um só desses elementos. Ora, os quadros do Partido e da administração deixam quase inteiramente aos quadros militares a tarefa de combater o agressor, sem saber que a direção do Partido deve estender-se a todos os campos e que uma batalha só pode ser ganha por meio de ação coordenada em todos os campos.

5. No que diz respeito aos quadros do Partido — devido às dificuldades geradas pela situação, e sobretudo porque não dominam a questão mais importante, a saber, os fundamentos da organização do Partido — atualmente não são ainda muito sólidas as bases do Partido na zona provisoriamente ocupada pelo inimigo. Saibamos que, com uma forte organização do Partido, tudo correrá bem.

6. A luta contra a espionagem deixa ainda a desejar, o segredo ainda não está sendo bem guardado.

7. O trabalho de agitação junto às tropas fantoches foi bem sucedido, mas não em toda parte. Onde os quadros têm iniciativa, ele é bem executado, mas em outros lugares é feito com desleixo. O inimigo está organizando uma guarda rural e uma guarda civil. É preciso desativar estes empecilhos. Vocês devem trocar suas experiências para fazer progredir seu trabalho de agitação.

8. Quanto à propaganda na retaguarda do inimigo, já a fizemos com êxito antes da Revolução de Agosto, graças a nossas iniciativas e

apesar da presença dos japoneses, dos franceses e dos traidores; a propaganda era feita de boca a boca ou através dos jornais. Agora, o Comitê Central e o governo fazem todo o possível para introduzir os jornais *Cuu Quoc* (*Salvação Nacional*) e *Nham Dan* (*O Povo*) na zona sob controle do inimigo, mas ainda não é o suficiente e não deixa de ter dificuldades. É preciso criar, na retaguarda inimiga, jornais litografados ou impressos de maneira rudimentar. Não é preciso que tenham formato grande ou que sejam cotidianos; o que importa é difundir a linha e a política do governo, fazer a população compreender a significação de nossos êxitos bem como os fracassos e crimes do agressor. Este é o trabalho de educação do Partido.

IV. Agora falemos do que é preciso fazer:

1. Antes de mais nada, é preciso realizar uma estreita união em nossas fileiras, quer dizer, entre o exército, as organizações populares, a administração e o Partido. Em cada trabalho é necessário discutir cuidadosamente, pesar os prós e os contras, realizar a unidade de pensamento e de ação, ajudar-se mutuamente, praticar a crítica e a autocrítica de maneira sincera para todos progredirem juntos.

2. É necessário estudar minuciosamente as diretrizes e as ordens do Comitê Central e do governo, aplicá-las de maneira correta e executá-las integralmente.

3. Um ponto essencial: as tropas — regulares, regionais ou de guerrilha — devem permanecer estreitamente unidas à população; se elas se separarem, serão derrotadas. Permanecer estreitamente unido à população é trabalhar para ganhar seu coração, sua confiança, é fazer com que ela as conheça e as ame. Desse modo, todo trabalho, por mais difícil que seja, poderá ser levado adiante, e assim obteremos sem dúvida a vitória. Para isso, é preciso defender a população, ajudá-la, educá-la. Educar a população não quer dizer entregar-lhe livros e obrigá-la a estudar. Se vocês agirem assim, irão contra seus interesses e contra os interesses da revolução. Isso seria burocracia e autoritarismo. É preciso exortar a população a fazer de bom grado aquilo que lhe pedimos; se usarmos constrangimento, só se obterão resultados momentâneos e superficiais.

4. As unidades regulares que operam na retaguarda do inimigo têm o dever de ajudar em todos os sentidos as formações regionais e as milícias de guerrilha em sua organização e em sua instrução; devem ajudá-las, mas não devem fazer tudo em seu lugar. Devem também dar assistência à população. Algumas unidades o vêm realizando bem, outras ainda mostram algumas insuficiências. Um provérbio vietnamita diz:

"Numa cabaça ficamos redondos e, num tubo, compridos". Isto significa que, na zona sob controle do inimigo, é necessário aplicar a tática de guerrilha e não a tática de guerra regular como na zona livre. É absolutamente necessário evitar travar grandes combates, e querer obter grandes vitórias, exceto no caso em que o êxito esteja cem por cento garantido.

5. A guerrilha não tem por objetivo ganhar grandes batalhas, mas roer as forças do inimigo, tirar-lhe o apetite e o sono, fatigá-lo, desgastá-lo moral e materialmente para acabar por aniquilá-lo. Fazer de maneira que, em qualquer lugar aonde vá, o inimigo seja hostilizado por nossos guerrilheiros, que tombe sobre uma mina, que sofra alguns disparos. Eis o que os soldados franceses escrevem em suas cartas: "No Vietnã, a morte nos espreita em cada buraco das rochas, em cada moita, em cada lagoa..."

Se conseguirem corrigir seus defeitos e fazer seu trabalho como acabo de dizer, vocês obterão êxito, com certeza. Mas, enquanto houver um só agressor sobre nosso solo, não poderemos dizer que já obtivemos a vitória. Se o inimigo, mais forte que nós em armas e em experiência, tem sofrido sucessivas derrotas, é porque pecava por subjetivismo. Evitem, pois, cair no subjetivismo, ou subestimar o inimigo, e o êxito será seu.

Ao voltarem às suas bases, vocês dirão a nossos compatriotas e a nossos combatentes para rivalizar em ardor em todos os campos. Cumpre realizar façanhas no combate, organizar a agitação junto aos soldados inimigos e fantoches, aumentar a produção e economizar. "O exército é forte, quando come à vontade." Sem aumento da produção e sem prática da economia, não haverá víveres suficientes para fazer a guerra; vocês prometem fazê-lo? (*Todos respondem com um "sim" retumbante.*) Vocês prometeram, então é preciso realizá-lo a qualquer preço.

Ainda um ponto: Vocês devem prestar contas dos méritos de nossas tropas e de nossos compatriotas para que o Comitê Central e o governo os felicitem. As citações e recompensas constituem um meio de educação e de exortação. Estimulam os mais louváveis e animam os outros a rivalizar em ardor. Até agora, como as instâncias locais fizeram bem poucos relatórios, vocês devem remediar o melhor possível esta lacuna.

Peço-lhes, enfim, que transmitam a nossos compatriotas, a nossos quadros e combatentes, em particular aos velhos e às crianças que lutam na resistência, a expressão da minha solicitude, do Comitê Central e do governo. O Comitê Central, o governo e eu mesmo estamos seguros e nos sentimos felizes por sabermos que nossas tropas e nossos compatriotas na retaguarda do inimigo aplicarão corretamente a linha e as diretrizes da resistência para chegar rapidamente à vitória.

12. RELAÇÕES PARTIDO — ORGANIZAÇÕES DE MASSAS — POVO

a. Por ocasião do encerramento da VI Conferência dos quadros do Partido (18 de janeiro de 1949) *

Desta vez a Conferência reuniu os delegados do Centro, do Sul e do Norte e os quadros superiores do Partido que trabalham na administração, no exército, na economia, nas finanças, no aparelho do Partido, no trabalho de massas, no controle, etc. Isso é bom.

As questões inscritas na ordem do dia eram numerosas; mas convergiam todas para o mesmo objetivo: a vitória da resistência, a edificação da nova democracia para preparar a passagem ao socialismo.

Tendo sido traçado o caminho, nós o seguiremos e chegaremos ao objetivo com certeza.

Eis nossas tarefas para o presente ano:

1. Estimular o esforço militar, colocar a resistência, a luta armada, acima de tudo. Tudo o que fizermos deverá visar à vitória da resistência.

2. Reajustar o aparelho do poder, integralmente, a começar pela comuna. Se o reorganizarmos de baixo para cima e de cima para abaixo, tudo terá naturalmente um bom resultado.

3. Produzir muito, gastar pouco, abster-se de fazer despesas sem necessidade. Essa é toda a nossa política econômica e financeira.

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Écrits (1920-1969)*, cit., p. 88-91.

4. Reajustar os agrupamentos populares. Nossos êxitos devem-se ao povo, mas muitos agrupamentos populares são ainda muito fracos.

5. Para levar adiante essas tarefas, é importante, antes de mais nada, aprimorar a organização interna do Partido. É necessário especificar os problemas essenciais e concentrar neles nossas energias.

O Partido é como um dínamo, e as tarefas acima são comparáveis a lâmpadas. Se o dínamo é suficientemente possante, as lâmpadas se acendem.

Temos tarefas urgentes para realizar dentro do Partido:

a) Faltam-nos muitos quadros. É preciso formá-los, educá-los, para obter progressivamente um efetivo suficiente. O Partido deve ajudar os quadros a estudar por conta própria. E já que o Partido os ajuda, cabe a eles fazer os esforços necessários. Muitos de nossos camaradas têm experiência prática bastante rica, mas, em matéria de cultura, estão ainda no bê-a-bá. Os camaradas intelectuais leram muito, porém falta-lhes experiência prática e não estão habituados aos métodos de trabalho do Partido.

É preciso elevar o nível teórico dos quadros antigos e exercitar os quadros intelectuais no trabalho de massas.

b) Neste momento, os métodos de trabalho no Partido comportam duas lacunas:

os quadros antigos trabalham de maneira "artesanal";

os novos quadros trabalham de maneira científica, mas exageram e não se adaptam à situação na resistência.

É necessário corrigir nosso método de trabalho para torná-lo racional e adaptá-lo às nossas condições, para não cair no formalismo nem no mecanicismo.

c) Diante das massas, não é simplesmente escrevendo a palavra "comunista" na testa que nos faremos amar.

As massas só dão seu afeto àqueles que são dignos dele por sua conduta e por suas virtudes. É preciso que nós mesmos demos o exemplo, se queremos conduzir o povo. Muitos de nossos camaradas têm se mostrado dignos, mas ainda há alguns cujos costumes são criticáveis. O Partido tem o dever de ajudá-los a corrigirem-se

Se queremos exortar à prática da economia, é necessário que nós mesmos a observemos primeiro. Os camaradas devem adquirir as quatro virtudes revolucionárias: trabalho, economia, integridade, retidão.

Para fazer a revolução, é necessário, antes de tudo, que cada pessoa corrija seu próprio caráter.

d) Mesmo que sejamos diferentes uns dos outros pela nacionalidade ou pela origem social, seguimos a mesma doutrina e perseguimos o mesmo objetivo, estamos ligados na vida e na morte, partilhamos as mesmas alegrias e as mesmas dores. Assim, é necessário que nos unamos sinceramente. Para chegar ao objetivo almejado, não basta organizar-se; é preciso ainda ser sincero no fundo de si mesmo.

Dispomos de dois meios para realizar a unidade de pensamento e a coesão no seio do Partido: a crítica e a autocrítica.

É necessário que absolutamente todos a utilizem para unir-se e progredir cada dia mais.

e) observar a disciplina.

Apesar de sermos numerosos no Partido, marchamos para o combate como um homem só. Esta coesão se deve à disciplina. Nossa disciplina é uma disciplina de ferro, ou seja, severa e consciente. Nossos camaradas devem aplicar-se a segui-la rigorosamente.

*

Nossa Conferência ocorre num momento em que a revolução mundial progride rapidamente, sobretudo pela vitória do povo e do Partido Comunista chinês.

Formamos o Partido Comunista da Indochina, mas temos ainda o dever de dar nossa contribuição à libertação do Sudeste asiático. Dizemos isto, não para orgulharmo-nos, mas para esforçarmo-nos em levar adiante nossa tarefa.

O mundo conta mais de 2 bilhões de homens, e os Partidos comunistas contam mais de 20 milhões de membros, ou seja, uma média de 1 comunista para cada 100 habitantes. Segundo as cifras atuais, existe na Indochina 1 comunista para cada 112 habitantes. Podemos felicitar-nos disto. Se cada um de nós cumprir inteiramente com seu dever, a resistência vencerá e a reconstrução nacional será completamente realizada.

Viva o Partido Comunista da Indochina!

Viva a vitória da Revolução mundial!

b. Pontos "a fazer" e "a não fazer" (5 de abril de 1948) *

O povo é a base da nação.

As forças essenciais para a resistência e para a reconstrução nacional residem no povo. Por isso, nas suas relações ou na sua vida em comum com o povo, todos os combatentes do exército, todos os quadros, quer trabalhem nos órgãos do governo, quer nas organizações populares, devem lembrar e colocar em prática estes doze pontos:

Seis pontos "a não fazer"

1. Não fazer nada que possa danificar os jardins, terrenos e cultivos da população; não sujar nem danificar suas casas ou móveis;

2. não insistir demasiadamente em comprar ou tomar emprestado o que as pessoas não querem vender nem emprestar;

3. não levar aves [1] vivas à casa de nossos compatriotas montanheses;

4. jamais faltar à nossa palavra;

5. jamais atentar contra as crenças ou costumes populares: não deitar diante do altar dos ancestrais, não colocar os pés na fornalha, não tocar música [1] na casa, etc.;

6. Não fazer nem dizer nada que possa fazer crer aos habitantes que os desprezamos.

Seis pontos "a fazer"

1. Ajudar efetivamente a população em seus trabalhos quotidianos (colheitas, coleta de lenha para aquecimento, transporte de água, consertos...);

2. de acordo com suas possibilidades, fazer compras para as pessoas que moram longe do mercado (comprar-lhes: facas, sal, agulhas, fio, penas, papel...);

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Oeuvres choisies (1922-1967)*, cit., p. 118-9.

[1] Nas minorias nacionais, o costume proíbe introduzir na casa um galo (ou uma galinha) ainda vivo, por medo de que um gênio malfazejo esteja escondido no animal. Pelo contrário, tocando música corre-se o risco de expulsar os "bons espíritos" que protegem o lar.

3. nas horas de lazer, contar anedotas alegres, simples e úteis para a resistência, sem, no entanto, trair os segredos da defesa nacional;

4. ensinar o alfabeto e as noções de higiene habituais;

5. estudar os costumes regionais a fim de compreendê-los bem, primeiro para ganhar a simpatia dos habitantes, depois para explicar-lhes, aos poucos, por que convém ser menos supersticioso;

6. fazer sentir à população que somos sérios, trabalhadores, disciplinados.

Poema de propaganda

Nestes doze pontos,
O que há de misterioso?
Quem for um pouco patriota
Não poderá esquecê-los.
Façamos deles então um hábito
Para todos e para cada um.
A um povo e a um exército corajosos
Não existe nada impossível.
A raiz faz a solidez da árvore.
O palácio de toda vitória
Se constrói sobre o povo inteiro.

c. Apelo à emulação patriótica (11 de junho de 1948) *

A emulação patriótica tem um tríplice objetivo:

Vencer a fome
Vencer a ignorância
Vencer o invasor

Eis o meio: apoiar-se

nas forças do povo,
no moral do povo.

Para criar:

a felicidade do povo.

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Écrits (1920-1969)*, cit., p. 85-7.

É por isso que cada cidadão, qualquer que seja seu ofício, seja ele intelectual, camponês, artesão, comerciante ou combatente no exército, tem o dever de participar na emulação para:

Fazer rápido — Fazer bem — Fazer muito.

Cada vietnamita, sem distinção de idade, sexo, fortuna e posição social, deve tornar-se combatente em uma destas frentes: militar, econômica, política, cultural. Cada um deve pôr em prática a palavra de ordem:

"Resistência do povo inteiro. Resistência total".

Na emulação patriótica, realizamos a reconstrução nacional ao mesmo tempo que a resistência.

Quanto aos resultados da emulação, ei-los:

Todo o povo saciará sua fome e se vestirá decentemente.

Todo o povo saberá ler e escrever.

Todo o exército terá víveres e armas suficientes para esmagar o inimigo.

A nação será inteiramente independente e unificada.

Assim obteremos:

A independência para a nação
A liberdade para os cidadãos
A felicidade para o povo

Para chegarmos a esses radiosos objetivos, convido a participar da emulação:

Os anciãos: que eles encorajem a juventude a participar com ardor em todos os trabalhos!

As crianças: que elas rivalizem no trabalho escolar e na ajuda aos adultos!

Os comerciantes e os industriais: que eles aumentem seus negócios!

Os camponeses e os operários: que eles desenvolvam a produção!

Os intelectuais: que eles criem! Os técnicos: que eles inventem!

Os funcionários: que eles sirvam o povo com o maior devotamento!

O exército regular e as formações de guerrilheiros: que inflijam as mais pesadas perdas ao inimigo e que capturem um importante despojo de guerra!

Em suma, todos devem participar na emulação, tomar parte na resistência e na reconstrução nacional. Quanto mais entusiasta for o movimento, mais a emulação arrebatará as camadas sociais e ganhará amplitude e profundidade em todos os aspectos, e assim melhor poderemos superar as dificuldades e desbaratar as pérfidas manobras do inimigo, para chegarmos à vitória final.

Com o espírito indomável e as forças imensas de nosso povo, com o amor à pátria e a vontade decidida do povo e do exército, nossa emulação patriótica será um êxito: podemos fazê-lo e o faremos.

Compatriotas e combatentes! Avante!

d. Aos comitês populares do Norte, do Sul e do Centro do Vietnã, a todos os comitês provinciais, distritais e comunais (outubro de 1945) *

Meus caros amigos,

Nosso país viveu sob o jugo dos colonialistas franceses durante mais de 80 anos, e sob o jugo dos fascistas japoneses durante cerca de cinco anos. Nosso povo sofreu fome e miséria indizíveis. Só de lembrá-lo nosso coração se dilacera. A união de todo o nosso povo e a prudente direção do governo nos permitiram romper nossas correntes e reconquistar nossa liberdade e nossa independência.

Sem o povo, não teríamos forças. Sem o governo, não teríamos direção. Povo e governo devem, portanto, formar um bloco monolítico. Nós edificamos a República Democrática do Vietnã. Mas a independência não teria sentido se o povo não conhecesse a felicidade e a liberdade.

O governo se comprometeu a fazer todo o necessário para que cada um tenha sua parte de felicidade. A reconstrução exigirá tempo, não se fará em um só dia, mas desde os primeiros passos devemos tomar o caminho certo. Lembremo-nos de que, do escalão nacional ao escalão comunal, os órgãos do governo estão a serviço do povo: devem servir o povo ocupando-se das tarefas comuns e não esmagá-lo, como acontecia sob a dominação francesa e japonesa.

Tudo faremos para realizar aquilo que serve ao povo.

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Oeuvres choisies (1922-1967)*, cit., p. 99-101.

E tudo faremos para evitar aquilo que prejudique seus interesses.

Amemos o povo, se quisermos que ele nos ame e nos respeite.

Eu não desconheço que muitos de vocês aplicam fielmente a política do governo e souberam ganhar o coração do povo.

Outros, no entanto, cometeram faltas muito graves. Eis aqui as principais:

1. *Violação da legalidade.* Os traidores contra os quais foram feitas acusações formais devem ser punidos, evidentemente, e ninguém o considerará censurável. Mas acontece que, por vingança pessoal, se procede a prisões e a confiscações de bens, que provocam descontentamento na população.

2. *Abuso de poder.* Sob pretexto de ser membro de um ou outro comitê, não se faz caso dos regulamentos e das pessoas, age-se a seu bel-prazer; despreza-se a opinião pública, não se pensa no povo, esquecendo-se de que foi eleito pelo povo para servi-lo e não para cometer abusos.

3. *Corrupção dos costumes.* Quer-se comer do bom e do melhor, ser elegante; gosta-se cada vez mais do luxo, cai-se na dissipação cada dia um pouco mais. De onde é que vem o dinheiro? Pior ainda, desviam-se fundos públicos, faz-se pouco caso da integridade e da virtude. O senhor membro do comitê passeia no carro da administração, depois será a senhora sua esposa, depois ainda as senhoritas suas filhas e os senhores seus filhos! Quem paga isso no final das contas?

4. *Favoritismo.* Alguns se cercam de partidários incondicionais, distribuem empregos a parentes incapazes ou a amigos; afastam-se para isso homens de valor, homens íntegros, que não têm a sorte de agradar-lhes. Esquecem-se de que se trata, no caso, de cargos públicos e não de negócios pessoais.

5. *Espírito de divisão.* Toma-se partido por um clã contra outro, em vez de levar as diferentes camadas sociais a fazerem-se mútuas concessões e a entenderem-se. Em certas localidades, chegou-se até mesmo a deixar terras sem lavrar, e os camponeses reclamam. Esquece-se de que nossa tarefa atual é unir todo o povo sem distinção de idade nem de riqueza, para salvaguardar a independência e combater o inimigo comum.

6. *Orgulho.* Porque são membros de uma administração, alguns se consideram semideuses e desprezam o povo, exibindo-se a todo momento

como "mandarins revolucionários". Esquecem-se de que essas fanfarronadas nos farão perder a confiança do povo e prejudicarão o prestígio do governo.

Não temos medo dos erros, mas assim que os detectamos, devemos corrigi-los a qualquer preço. Que aqueles que não cometeram essas faltas, evitem-nas e esforcem-se para fazer novos progressos. Que aqueles que cometeram esses erros, retifiquem-nos rapidamente, senão o governo não poderá deixar de puni-los.

É pela felicidade do povo e no interesse da nação que faço questão de fazer estas observações. Temos o dever de gravar profundamente em nossos corações a justiça e a retidão.

Espero que vocês façam progressos.

V. A NOVA SOCIEDADE

13. EDUCAÇÃO E CULTURA

a. Contra o analfabetismo (outubro de 1945) *

Cidadãos vietnamitas!

Os colonialistas franceses que nos governavam praticaram uma política obscurantista: limitaram o número de escolas; não desejavam que nos instruíssemos para mais facilmente poder enganar-nos e explorar-nos.

Noventa e cinco por cento dos vietnamitas não podiam freqüentar a escola: quer dizer, quase todos eram analfabetos. Em tais condições, como falar de progresso?

Agora que a independência já foi reconquistada, uma das tarefas urgentes é elevar o nível de instrução.

O governo decidiu que, dentro de um ano, todos os vietnamitas conhecerão o *quoc ngu*, nossa escrita nacional latinizada. Para isso, o governo instituiu uma Direção do Ensino popular.

Vietnamitas!

Para consolidar a independência nacional, para fortalecer e enriquecer o país, é necessário que cada um de nós saiba exatamente quais são seus direitos e seus deveres, e que possua novos conhecimentos

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Écrits (1920-1969)*, cit., p. 62-3.

para poder participar na edificação nacional. Antes de mais nada, é necessário que todos saibam ler e escrever o *quoc ngu*.

Que aqueles que já o sabem, ensinem aos outros; que dêem sua contribuição ao ensino popular.

Os analfabetos farão esforços para instruir-se. O marido ensinará a esposa, o mais velho dos filhos ensinará o caçula, os filhos os pais, o chefe da casa os que moram sob seu teto. Os ricos instalarão em suas casas classes para os analfabetos.

Quanto às mulheres, devem estudar ainda com mais ardor, já que inumeráveis entraves as impediram até agora de se instruírem. Chegou a hora de elas alcançarem os homens e de se tornarem dignas de ser cidadãs com todos os direitos.

Espero que nossa juventude, rapazes e moças, se devotará a esta obra sem medir esforços.

b. Recomendações ao I Congresso Nacional de Educação de quadros (maio de 1950) *

I. *O trabalho de educação deve ser realista, consciencioso.*

A educação dos quadros não é um trabalho simples; para conseguir dirigi-la bem, é preciso conhecê-la bem. Agora responderei sucessivamente às suas perguntas:

1. *A quanto se eleva o número de quadros que nossas organizações educaram até agora?*

Não sabemos ainda o número exato, mas podemos fazer uma estimativa: os relatórios da Juventude da 5.ª zona assinalam que foram abertos 2.713 cursos de educação. Este número parece "científico" demais para que possamos acreditar totalmente nele. Logo, podemos "deixar cair" 713 e tomar somente 2.000 cursos. Quanto às outras organizações na mesma zona (operários, camponeses, mulheres, etc.), puderam abrir ainda mais 3.000 cursos. Portanto, só pela 5.ª zona, cuja população está espalhada, pudemos organizar 5.000 cursos. Supondo que cada curso comporta 10 pessoas, o número total de indivíduos que receberam formação de quadro em todo o setor já se elevaria a 50.000. No Nam Bo, na 3.ª e 4.ª zonas, e no Viet Bac, a população é mais densa e, em certas localidades, o trabalho de educação pôde realizar-se de maneira mais intensa. Se estimarmos que a média de 50.000

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Oeuvres choisies (1922-1967)*, cit., p. 126-34.

pessoas passou pelos cursos em cada zona, isso já atingirá 250.000 pessoas, ou seja, 250.000 quadros. E, no entanto, lamentamo-nos sempre da falta de quadros. A que se deve isso? Porque o trabalho de educação se faz mais pela forma que pela essência: dá-se mais valor à quantidade, sem fazer o trabalho de maneira realista e conscienciosa.

2. *Quem devemos formar?*

Devemos formar:

— os quadros,
— os membros das organizações populares,
— os quadros técnicos do governo,
— a população.

Tomemos primeiro os quadros, pois "os quadros formam o capital das organizações populares".

É preciso ter um capital para fazê-lo frutificar. Para a aplicação de uma política, para a execução de um trabalho, contando com bons quadros, chega-se ao êxito, quer dizer, à rentabilidade. Sem bons quadros, o trabalho fracassa, em outras palavras, há perda de recursos.

3. *Quem é que educa?*

Não se pode dizer que qualquer um seja capaz de fazer o trabalho de educação. Para formar ferreiros ou ajustadores, o próprio educador deve ser experiente no ofício de ferreiro ou de ajustador. Nas organizações populares, o próprio educador deve ser um modelo sob todos os pontos de vista: ideologia, moralidade, método de trabalho.

O educador deve aprender sempre mais para poder cumprir sua tarefa. Lenin nos exortou a: "Aprender, aprender ainda, aprender sempre". Cada um de nós deve se lembrar deste conselho e colocá-lo em prática, e o educador mais do que ninguém. O educador que pretende saber tudo é o último dos ignorantes. A palavra de ordem: "Instruir-se, instruir-se ainda, ensinar, ensinar ainda", afixada na sala de reuniões vem de Confúcio. Confúcio era um feudalista e na sua doutrina existem muitas coisas que não são justas, mas podemos tirar proveito dos bons ensinamentos que ela encerra. "Só os autênticos revolucionários sabem aproveitar o precioso saber legado pelas gerações passadas", como Lenin no-lo ensinou.

4. *Que é preciso ensinar para a formação dos quadros?*

a) Quanto à teoria: é necessário inculcar em todos a teoria marxista-leninista. Mas de nada serve conhecer a teoria sem aplicá-la.

Não se aprende teoria para discursar. Conhecer a teoria sem aplicá-la, é cair na teoria oca. Aprende-se a teoria para aplicá-la na nossa

ação. Agir sem conhecer nada da teoria é andar às apalpadelas à noite, lentamente e tropeçando. A teoria ajuda a compreender tudo o que se passa na sociedade, no movimento, o que nos permite tomar as medidas justas e aplicá-las corretamente.

b) Quanto ao trabalho prático: além da teoria é preciso ensinar o trabalho prático. Por exemplo, no que se refere à mobilização geral, à emulação patriótica, ao pagamento do imposto em *paddy*, etc., é necessário saber como explicar claramente à população, como mobilizá-la ao nível moral, como organizar o trabalho. Quanto aos nossos recentes êxitos diplomáticos, é oportuno examinar sua influência sobre nós, sobre o inimigo, sobre a situação interna do país, sobre a situação internacional, examinar o que é preciso fazer para explorar ao máximo a influência desses êxitos. Convém ensinar tudo isso a nossos quadros e nossos camaradas.

c) Quanto à cultura: dar uma cultura geral aos camaradas que não a possuem em grau suficiente, para ajudá-los a progredir em matéria de teoria e de trabalho.

d) Quanto à qualificação profissional: todos devem saber exercer um ofício para viver. Os quadros que dirigem uma área de atividade devem possuir a necessária qualificação profissional. Assim, os camaradas dirigentes das ferrovias devem ser qualificados na técnica ferroviária. Somente sob esta condição podem assegurar uma direção rigorosa.

5. *Como educar os quadros?*

a) É mais necessário ser realista e consciencioso do que correr atrás da quantidade.

O essencial é fazer aqueles que estudam compreenderem a fundo o assunto. Mas existem várias maneiras de compreender a fundo: uma delas é entrar em todos os detalhes, mas isto requer muito tempo. Por outro lado, pode-se ensinar de maneira geral e igualmente fazer compreender a fundo o assunto. Assim, para ensinar às pessoas o que é um elefante, pode-se descrever minuciosamente seu esqueleto, sua dentição, seus hábitos, indicar a duração de sua vida, etc. No entanto, se ainda não se pode ensinar todos esses detalhes, pode-se sempre fazer compreender o que é um elefante, descrevendo-o sumariamente: seu tamanho, três ou quatro vezes maior que o de um búfalo, suas patas, tão volumosas como as colunas de uma casa, suas orelhas, largas como leques, sua cabeça, com uma tromba e duas presas, etc. Dessa maneira, os alunos não podem confundir um elefante com um camarão, um gato

ou um boi. Melhor ainda, quando escutarem falar de caça ou de captura de elefantes, não imaginarão equivocadamente que podem utilizar anzóis para agarrar ou vime ou paus para bater no animal. Deste modo, poderão utilizar mais ou menos seu saber no seu trabalho. Mas se, pelo contrário, com o pouco tempo de que dispomos e com o nível cultural ainda baixo, estudarmos demoradamente só a presa de marfim, os alunos, uma vez em casa, confundirão o elefante com o marfim, o que não será de utilidade alguma.

b) É preciso assegurar a educação de baixo até em cima. Os comitês de educação de quadros não devem ser demasiado ambiciosos. Eles educam os quadros de um escalão inferior, que, por sua vez, se encarregarão do ensino dos quadros de um escalão mais baixo. O Comitê Central forma quadros para as zonas e para as províncias; estes asseguram depois a educação dos quadros distritais e comunais. Assim faremos uma economia de forças e de tempo e nos colocaremos mais ao alcance dos camaradas do escalão imediatamente inferior. No entanto, uma educação empreendida desta maneira deve ser conduzida muito conscienciosamente. É preciso evitar a negligência; se reina o desleixo no escalão superior, quanto mais se descer para os escalões inferiores, mais os erros se acentuarão.

c) Vincular estreitamente a teoria ao trabalho prático. O Comitê Central dá as diretrizes sobre que medidas tomar no quadro da política do partido. O comitê de educação deve explicar essas medidas por meio de documentação concreta retirada da situação real e da experiência prática. Só assim a teoria não estará dissociada da realidade concreta.

d) A formação deve visar às necessidades reais. O comitê de educação deve manter estreito contato com os organismos de propaganda, de agitação e do poder. A formação de quadros tem por objetivo essencial prover as diversas áreas: organizações populares, Frente Nacional unida, serviços públicos, exército. Essas áreas consomem. O comitê de educação fabrica. O fabricante deve satisfazer a demanda do consumidor. Se fabricarmos bules em quantidade, enquanto quase toda a demanda se concentra em veículos, os bules não serão comprados.

e) A formação dos quadros deve atribuir toda a importância necessária à transformação ideológica. É preciso compreender bem os alunos para poder desenvolver suas aptidões e eliminar seus defeitos. É necessário formar e forjar. Ensinar é fazer aprender, forjar é desembaraçar o cérebro de seus vícios. Por exemplo: atualmente, nossos quadros padecem de um grave defeito: o orgulho e a suficiência. É preciso extirpá-los a qualquer preço. Senão, o saber adquirido com o estudo só será

mais nefasto. É por orgulho e suficiência que os quadros ambicionam altas funções. Exemplo: um quadro que serve no escalão de zona reclamará, desanimado, se a organização o designar para o escalão de província. Para ele, esta designação é indigna de suas capacidades, que deveriam normalmente garantir-lhe um posto mais elevado! Essa inclinação pelos altos postos deve ser extirpada. É necessário fazer qualquer trabalho útil à revolução e ao partido: não existe trabalho nobre nem trabalho vil.

6. *Documentação a ser utilizada*

a) Em primeiro lugar, é necessário tomar os textos do marxismo-leninismo como documentos de base. No entanto, deve-se fazer uma escolha e reclassificar os textos, porque existem diferenças de nível entre os alunos e, para cada categoria, são necessários documentos adequados. É inútil estudar textos que não convêm. Uma vez, voltando de uma reunião, encontrei um grupo de jovens e de mulheres do campo descansando sentados no alto de uma colina. Como perguntei as razões de sua viagem, eles me informaram que voltavam de um curso de formação de quadros e que, apesar de ser época de trabalhos no campo, tinham-se esforçado em arranjar tempo para assistir ao curso, levando cada um provisão de arroz para dez dias. Perguntei:

— Vocês tiveram prazer em seguir esse curso?

— Muito prazer.

— Que foi que vocês estudaram?

— Karl Marx.

— Vocês compreenderam alguma coisa?

Eles pareceram embaraçados:

— Não.

Assim, eles tinham perdido seu tempo e seus víveres.

b) Além dos documentos sobre o marxismo-leninismo, existem também os documentos tirados da prática. São as experiências fornecidas pelos próprios ouvintes, experiências de êxitos ou fracassos. O intercâmbio dessas experiências lhes traria preciosos ensinamentos. Para que haja uma lição a aprender, não é necessário esperar que um camarada do escalão superior venha fazer uma exposição. O intercâmbio e a reunião de fatos vividos devem ser cuidadosamente organizados, não se permitindo que qualquer um se ponha a perorar à vontade.

c) As instruções, as resoluções, as leis, as ordens da organização e do governo são documentos que devem ser estudados.

II. *Elevàr o nível dos estudos pessoais e guiá-los.*

O trabalho na escola da organização não se assemelha ao trabalho nas escolas de velho tipo, onde os alunos estudavam só quando o professor estava lá e divertiam-se durante sua ausência. É preciso saber tomar a iniciativa de estudar por si mesmo.

Também devemos perguntar-nos:

1. Por que estudar?

a) Estudar para corrigir-se ideologicamente: entregar-se à revolução com ardor, está muito bem. Mas, enquanto não se tem ainda exatamente idéias revolucionárias, é necessário estudar para poder retificar. Só quando a ideologia é justa é que a ação está isenta de erros e pode-se levar adiante a tarefa revolucionária.

b) Estudar para cultivar a moral revolucionária: é preciso possuir as virtudes revolucionárias, saber dedicar-se até o sacrifício pela revolução, para poder dirigir as massas e levar a revolução à vitória.

c) Estudar para ter confiança: confiança na organização, no povo, no futuro da nação, no futuro da revolução.

É preciso ter fé para poder mostrar-se firme e fervoroso na ação, decidido a todos os sacrifícios diante das dificuldades.

d) Estudar para agir: o estudo e a ação devem andar juntos. Não existe estudo útil sem ação. Não há ação que dê bons resultados sem o estudo.

2. Onde estudar?

Aprender na escola, nos livros; aprender uns com os outros, junto com as massas. Não aprender com as massas seria uma grande omissão. Eis uma história muito interessante sobre este assunto. A heroína é uma camarada Thai, originária de Son La. Quando tinha 15 ou 16 anos, os quadros da Revolução lhe confiaram uma tarefa no trabalho de propaganda, mas ela apenas repetia o que lhe diziam, sem compreender muita coisa. Um ano depois, o inimigo ocupou Son La. A população e os quadros de Son La se refugiaram em Hoa Binh. Lá, a população lhes mostrou seu desprezo, acusando-os de ter medo do inimigo, o que os decidiu a voltar para reconquistar suas aldeias. Na estrada de volta, enfrentaram todo tipo de dificuldades e precisaram suportar muitos sofrimentos, mas, como se amavam uns aos outros, continuavam ajudando-se mutuamente. Aconteceu uma vez que uma camarada ficou muito doente, e o grupo fez de tudo para cuidar dela, lavando até mesmo sua roupa. Os quadros se dedicavam a ajudar a população em todas as ocupações, desse modo ganhando sua estima. Foi assim que se restabeleceu a

união entre a população e os quadros. As bases foram reconstruídas. Os quadros viviam misturados à população e conseguiram pouco a pouco reorganizar a produção e a luta armada. Um dia, quatro milicianos chegaram à aldeia. As aldeãs, vestidas com requinte, serviram-lhes licor. Como este continha narcótico, os milicianos, depois de beber, caíram todos desmaiados. As mulheres chamaram então os guerrilheiros, que os despojaram de suas armas. Quando voltaram a si e viram que haviam perdido seus fuzis, os milicianos fugiram. Prevendo represálias, os quadros discutiram com a população como esconder o cereal e os outros bens na floresta. Mas não ousaram ainda, naquele momento, preconizar a tática de "terra arrasada". Foram justamente os velhos da aldeia os primeiros a ter a idéia de queimar as casas para que o inimigo não achasse nada para lhes servir de abrigo caso chegassem à aldeia. Esta idéia foi aprovada por todos. Quando o inimigo chegou, suas próprias armas (tomadas aos milicianos) permitiram aos habitantes resistir e rechaçá-los. Desde então, a população está cheia de confiança nas suas próprias forças e nos quadros, e o movimento cresce dia a dia.

A camarada Thai, que hoje tem apenas 20 anos e pouca instrução, contou esta história de maneira muito clara e tirou uma conclusão muito marxista em três pontos:

"Primeiro, somos muito unidos,
Segundo, somos amados pela população,
Terceiro, tiramos lições das experiências da população".

Isso significa que:

Quando são unidos, os quadros levam adiante tudo o que têm a fazer.

Os quadros devem fazer-se amar pelo povo, ganhar sua confiança e sua estima.

Os quadros devem manter-se perto das massas e aprender com elas.

III. *Um defeito a corrigir imediatamente na formação dos quadros.*

O defeito geral é atribuir importância à quantidade, sem fazer o trabalho de maneira conscienciosa. Esquecemos que "mais vale a qualidade que a quantidade". Isso é particularmente visível na organização dos cursos de formação de quadros.

1. O efetivo das classes é muito elevado. Daí os resultados limitados, tanto do lado dos professores quanto do lado dos alunos, já que suas diferenças no nível teórico impedem que tenham a mesma capacidade de assimilação. O programa também não responde às necessidades

reais, pelo fato de que os alunos são quadros ocupados em tarefas de nível diferente.

2. Abrem-se cursos um pouco ao acaso. Neste momento, grassa uma epidemia de abertura de escolas. Por exemplo, ao lado da escola da Organização, existem as da ação popular, camponesa, feminina, operária, a escola da ação popular junto aos jovens. Visto que qualquer escola da organização deve ensinar a ação popular, por que abrir outras com o mesmo objetivo? Em razão do grande número de cursos, há falta de professores, o que desanima os alunos. Por falta de professores, somos obrigados a impor mais trabalho àqueles que estão disponíveis, o que os torna sempre apressados e os obriga a passar de uma classe à outra como "as libélulas roçam a água com suas patas". Seu ensino não responde às exigências da situação. Quando faltam professores e há necessidade de "preencher os buracos", aquele que "preenche buracos" não está à altura de sua tarefa, comete erros, o que prejudica os alunos, ou seja, a organização.

Finalmente, esbanja-se arroz e a aprendizagem é feita de qualquer jeito.

Então, como fazer?

É preciso racionalizar a formação dos quadros, ou seja:

Quando se abre um curso, é necessário que possua as condições requeridas.

Não se deve abrir cursos ao acaso.

Não falo só dos cursos. A imprensa deve ser igualmente racionalizada. Poucas folhas. Fazer pouco, mas seriamente. Se não racionalizarmos, a imprensa produzirá finalmente artigos que não acham leitores e que custam demais. A organização paga somas enormes, enquanto os jornalistas se divertem fazendo rabiscos que não interessam a ninguém.

Eis, em resumo, o que eu tinha para dizer. Agora, cabe a vocês rever a questão.

c. *Relatório apresentado à III Sessão da Assembléia Nacional (1 de dezembro de 1953)* *

[...]

No campo cultural e social, a grande maioria do povo, tendo o bastante para alimentar-se e vestir-se, procurará instruir-se com mais ardor,

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Écrits (1920-1969)*, cit., p. 170-1.

pois quem tem o que comer, pensa na sabedoria. Assim, os bons costumes e os bons hábitos se desenvolverão. Nos locais onde se mobilizaram as massas, verificou-se que as pessoas se apaixonam pelo estudo e que os intelectuais têm muitas e repetidas ocasiões de servir o povo.

[...]

d. *Relatório político ao II Congresso Nacional do Partido dos Trabalhadores do Vietnã (11 de fevereiro de 1951)* *

[...]

Estimular o trabalho cultural, a fim de formar homens novos e quadros novos para a resistência e a reconstrução nacional. É preciso eliminar radicalmente todas as marcas do colonialismo e todas as influências da cultura imperialista. Ao mesmo tempo, devemos desenvolver nossas belas tradições culturais nacionais e assimilar o que há de novo na cultura progressista mundial, a fim de construir no Vietnã uma cultura nacional, científica e popular.

[...]

e. *Alocução à I Conferência dos Ativistas da Cultura (11 de fevereiro de 1960)* **

[...]

Para progredir em direção ao socialismo, devemos desenvolver a economia e a cultura. Por que não disse eu: desenvolver a cultura e a economia? Porque uma de nossas máximas afirma: "Para pensar na moral, é preciso antes ter o que comer". Assim, a economia deve estar em primeiro lugar. Mas por que desenvolver a economia e a cultura? Para elevar o nível de vida material e cultural do povo. E é muito bom que vocês estejam cheios de ardor em seu trabalho de produção e em suas atividades culturais. A cultura deve servir o povo, contribuir para elevar o nível de vida das massas, para tornar sua vida mais sadia, mais radiosa. Ela deve ter um conteúdo educativo. É necessário, por exemplo, ensinar a nossos compatriotas o que é nossa vida, o que é a moral revo-

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Action et révolution (1920-1967)*, cit., p. 137-8.
** Reproduzido de Ho Chi Minh. *Écrits (1920-1969)*, cit., p. 253-4.

lucionária. Por ocasião do "Tet consagrado à plantação de árvores", é necessário difundir a maneira de plantar as árvores, de cuidá-las e de fazê-las crescer a contento.

Em muitos lugares, vocês compuseram poemas e canções tratando dessas questões de modo muito prático e com bom conteúdo. Eu os felicito. É necessário ligar assim a cultura ao trabalho cotidiano e à produção. Uma cultura que se afasta da vida, que se afasta do trabalho, é cultura sem realizações. A tarefa do quadro cultural é utilizar a cultura para ensinar a dedicação ao trabalho e à economia para a reconstrução nacional, a edificação do socialismo e a luta pela reunificação pacífica do país. Assim, o trabalho cultural deve servir para propagar e inculcar nos camponeses cooperativistas o amor ao trabalho e à economia na instalação das cooperativas, deve fazê-los amar a cooperativa como seu próprio lar, deve combater a tendência à economia individual e as idéias atrasadas que entravam a consolidação e o desenvolvimento das cooperativas. Nas empresas, o trabalho cultural deve servir, em primeiro lugar, para propagar e inculcar nos operários a consciência de serem os proprietários coletivos, e, também, para impulsionar o movimento de emulação pelo cumprimento do plano do Estado, pela edificação de nossa indústria por meio do trabalho e da economia, pela luta contra as depredações e o desperdício, etc.

Em resumo, para servir a revolução socialista, a cultura deve ser socialista na essência e nacional na forma.

Vocês estão decididos a fazer isto?

Neste momento, enfrentamos ainda numerosas dificuldades; o nível cultural dos quadros e da população é ainda baixo, o que limita os resultados de nosso trabalho e de nossa produção. Vocês devem fazer ainda maiores esforços para contribuir a elevar o nível cultural do povo.

f. Relatório à Conferência Política Extraordinária (27 de março de 1964) *

[...]

No domínio cultural e social, sob a dominação francesa, 95% da população era analfabeta; atualmente, 95% da população sabe ler e escrever. Com relação à época imediatamente após o restabelecimento da paz, o número de alunos das escolas de ensino geral aumentou três

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Écrits (1920-1969)*, cit., p. 287-8 e 290.

vezes e meia, e o número de alunos e de estudantes das escolas profissionais aumentou 25 vezes. Muitas minorias nacionais têm agora sua escrita, e numerosos jovens das minorias nacionais têm obtido diplomas de estudos superiores. As realizações obtidas no campo sanitário permitiram controlar as epidemias e os flagelos sociais legados pelo antigo regime, e velar melhor pela saúde da população. As crianças são objeto de cuidados cada vez maiores.

A cultura das massas registrou constantes progressos. A literatura e a arte de conteúdo socialista e caráter nacional conhecem grande florescimento.

[...]

Os *trabalhadores intelectuais* entregam-se com fervor aos trabalhos de pesquisa e a outras atividades nos campos da ciência, da técnica, do ensino e da arte. Muito têm contribuído para o desenvolvimento da economia e da cultura, para a prosperidade do país e para a formação dos futuros quadros.

[...]

g. *Lendo uma "Antologia de mil poetas"* *

Os antigos costumavam cantar a beleza natural:
Neve e flores, lua e vento, névoa, montanhas e rios.
Hoje devemos fazer poemas falando também de ferro e aço,
E o poeta também deve saber comandar e atacar.

h. *Carta aos pintores, por ocasião da exposição de pintura de 1951 (10 de dezembro de 1951)* **

Caros amigos,

Soube que seria inaugurada uma exposição de pintura e lamento que minhas ocupações me impeçam de comparecer. Envio-lhes a expressão de meus afetuosos sentimentos. Aproveitando a ocasião, apresento-lhes algumas idéias sobre a arte: espero que lhes possam ser úteis.

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Diário de prisão*. Rio de Janeiro, Difel, s.d. p. 134.

** Reproduzido de Ho Chi Minh. *Écrits (1920-1969)*, cit., p. 134-5.

A literatura e a arte constituem também uma frente, na qual vocês são os *combatentes*.

Como os outros combatentes, os da arte têm sua missão: servir a resistência, servir a pátria, servir o povo, e em primeiro lugar os operários, os camponeses e os soldados.

Para cumprir bem sua tarefa, os combatentes da arte devem ter uma *posição política sólida*, uma *ideologia justa*; em suma devem colocar antes e acima de tudo os interesses da resistência, da pátria, do povo.

Para *criar*, é importante que os artistas se ponham em contato com o povo, que entrem profundamente em sua vida e que a conheçam a fundo. Só assim poderão pôr em evidência todo o heroísmo, toda a firmeza de nossos combatentes e de nosso povo, e conseguirão ajudá-los a desenvolver e exaltar suas qualidades. A resistência avança rapidamente. Nosso exército e nosso povo fazem progressos vigorosos e contínuos: é necessário, então, que os artistas, por sua vez, pratiquem a crítica e a autocrítica, para que também eles avancem sem cessar.

Haverá sem dúvida alguém que pensará: "O presidente Ho Chi Minh quer juntar arte com política!" Exatamente: a cultura, a arte, como os outros ramos de atividade, não podem ficar fora da economia e da política, devem incluir-se nestas.

O futuro de nosso país é radioso, o futuro da arte vietnamita é imenso. Desejo a vocês, caros amigos, boa saúde, grandes progressos e muito êxito.

Cordiais saudações. Venceremos.

14. A FAMÍLIA E A MULHER

a. Relatório à Conferência Política Extraordinária (27 de março de 1964) *

[...]

As regiões altas e médias, saídas de seu isolamento, estão recebendo dezenas de milhares de habitantes das planícies, vindos para valorizar, junto com a população local, as imensas riquezas do país.

Hoje, a sociedade do Norte é uma sociedade em que os trabalhadores, convertidos em donos coletivos decididos a contar essencialmente com suas próprias forças, e dando provas de aplicação e economia, estão edificando o socialismo e uma nova vida para eles e para as gerações futuras. Esta sociedade é uma grande família que une todas as camadas da população, todas as nacionalidades irmãs, que se ajudam mutuamente e partilham alegrias e dificuldades a serviço da pátria. Nosso regime é um regime novo. Nosso povo está forjando para si uma nova moral, uma moral socialista dos trabalhadores cuja divisa é: "Um por todos, todos por um". Ao mesmo tempo que construímos o novo, desenvolveremos as belas tradições de nossos ancestrais e nos inspiraremos nas realizações dos povos dos países irmãos.

Estamos orgulhosos de que muitos de nossos anciãos de 70 a 80 anos testemunhem ainda tanto entusiasmo no estudo e no trabalho e que

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Écrits (1920-1969)*, cit., p. 288-90.

sejam os promotores das brigadas denominadas "das cabeças encanecidas", exemplares nos movimentos de plantação de árvores, no ensino popular e na propagação da higiene e da profilaxia.

Nossas *mulheres* contam a seu favor grandes realizações na produção agrícola e industrial. Muitas delas são heroínas do trabalho, trabalhadoras de elite, chefes de equipes de produção, presidentas de cooperativas, chefes de brigadas de autodefesa, médicas, professoras eméritas.

Nossos *jovens* são voluntários para ocupar os postos avançados em todos os campos da economia, da cultura e da defesa nacional, aplicando a palavra de ordem: "Os jovens estão onde a situação o exige, onde as tarefas são difíceis".

Nossas *crianças* são muito bem comportadas. Estudam bem e trabalham bem. Muitas têm-se mostrado valentes, salvando seus camaradas. Muitas deram provas de honestidade restituindo objetos achados. Elas se ajudam mutuamente e participam no movimento de emulação das "mil boas ações".

Nossos *campos* eram outrora miseráveis e nossos camponeses deviam labutar o ano inteiro. Hoje, o trabalho coletivo atinge o máximo nas aldeias e nos vilarejos, onde surgem por toda parte escolas, creches, maternidades, clubes, silos de cooperativas, novas habitações para os cooperativistas. A vida material melhora e a vida cultural eleva seu nível sem cessar.

O movimento pelo melhoramento da gestão das cooperativas e pela renovação da técnica atrai milhões de camponeses. Eles participam ativamente nos debates sobre a orientação e a planificação da produção e sobre a renovação das técnicas de cultivo, marcando uma virada na agricultura e criando um novo espírito e um novo ambiente no campo.

Nas *empresas industriais*, nas *obras em construção* e em *outras instituições econômicas*, nossos operários e nossos quadros, verdadeiros donos coletivos, participam com entusiasmo na emulação, sobretudo no movimento pelas inovações. Eles se dedicam a cumprir progressivamente a revolução técnica, para aprimorar a qualidade dos produtos e reduzir os preços ao consumidor. Por toda parte, ativa-se o movimento dos "três prós e os três contras" (pela elevação do senso de responsabilidade, pelo melhoramento da gestão, pela renovação técnica; contra a malversação, o desperdício e a burocracia). Esses movimentos de grande significado revolucionário visam favorecer uma produção abundante e de boa qualidade, com economia de tempo e a preços baixos, como também o cumprimento do plano do Estado. Movimentos assim impulsionarão vigo-

rosamente a economia nacional, contribuindo de maneira muito importante para a realização progressiva da industrialização socialista e para a elevação do nível de vida do nosso povo.

[...]

b. Resumo de uma palestra numa reunião de quadros em que se debatia o projeto de lei sobre o casamento e a família (outubro de 1959) * [1]

Algumas pessoas acham que, por ser eu um solteirão, não posso ter perfeito conhecimento deste assunto. Apesar de não ter família — minha — tenho, no entanto, uma família muito grande: a classe operária de todo o mundo e o povo vietnamita. Por esta enorme família posso julgar e imaginar uma pequena.

Presentemente, todo o nosso povo deseja a estrutura socialista. O que deve ser feito para se construir o socialismo?

A produção deve certamente ser incrementada tanto quanto possível. Para aumentar a produção, deve haver muita capacidade de trabalho, a qual só pode ser satisfatoriamente obtida pela emancipação da capacidade de trabalho das mulheres.

As mulheres compõem metade da sociedade. Se elas não são libertas, metade da sociedade não está liberta. Se as mulheres não estão emancipadas, somente metade do socialismo está construído.

É correto ter um interesse acentuado pela família; muitas famílias constituem a sociedade. Uma boa sociedade faz uma boa família e vice-versa. O núcleo da sociedade é a família. É precisamente para construir o socialismo que a devida atenção deve ser dada a este núcleo.

"Vivendo em harmonia, marido e mulher podem esvaziar o mar da China", diz o provérbio. Para gozar de harmonia na vida matrimonial, o casamento deve ser baseado em legítimo amor.

A lei sobre o casamento a ser apresentada à Assembléia nacional é uma revolução, uma parte integrante da revolução socialista. Então devemos adotar a posição proletária para compreendê-la. Não estará

---

* Reproduzido de HO CHI MINH. *A resistência do Vietnam*, cit., p. 220-2.

[1] Em 28/12/1959, em sua 11.ª sessão, a Assembléia Nacional aprovou a lei sobre o casamento e a família. Esta lei é baseada em quatro princípios fundamentais: liberdade de casamento, monogamia, igualdade entre homens e mulheres e defesa dos direitos e interesses das crianças.

correto se nossa compreensão for baseada num ponto de vista feudal, burguês ou pequeno-burguês.

A lei sobre o casamento visa à emancipação das mulheres, ou seja, à libertação de metade da sociedade. A emancipação das mulheres deve ser executada simultaneamente com a extirpação da mentalidade feudal e burguesa nos homens. Por si mesmas, as mulheres não devem esperar até que as instruções do governo e o Partido as libertem, mas devem contar consigo mesmas e lutar.

O Partido deve dar prioridade a esta lei, desde seu preparo até sua apresentação e execução, porque isto é revolucionário. A prioridade dada pelo Partido significa que todos os quadros e membros do Partido devem aplicar esta lei rigorosamente e levar todas as organizações de jovens e de mulheres a pô-la em prática, resoluta e corretamente.

A execução desta lei é, por um lado, fácil, porque nossa gente recebeu a educação do Partido e fez muito progresso; por outro lado, difícil, por causa dos velhos hábitos e tradições por muito tempo defendidos e profundamente arraigados entre nosso povo. Por isto é que nem tudo está resolvido com a promulgação desta lei, havendo necessidade de prolongada propaganda e educação para se obterem bons resultados.

Espero que todos vocês façam o possível, sejam pacientes e procurem ter um conhecimento extenso desta lei, e a executem satisfatoriamente. Em particular, vocês devem ser cuidadosos ao extremo, porque esta lei exerce grande influência no futuro da família, da sociedade e da nação.

c. *Mulheres anamitas e o domínio francês* * [2]

A colonização é, em si mesma, um ato de violência dos mais fortes contra os mais fracos. Esta violência torna-se ainda mais odiosa quando é exercida sobre mulheres e crianças.

É amargamente irônico verificar que a civilização — simbolizada em suas várias formas, a saber, liberdade, justiça, etc., pela gentil imagem da mulher e dirigida por uma categoria de homens bem conhecidos como campeões de galanteria — inflige ao seu emblema vivo o mais ignóbil tratamento e a aflige desavergonhadamente em seus hábitos, sua modéstia e mesmo em sua vida.

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *A resistência do Vietnam*, cit., p. 11-2.

[2] Publicado no *Le Paria*, em 1 de agosto de 1922.

O sadismo colonial é incrivelmente difundido e cruel, mas nos limitaremos aqui a recordar alguns exemplos vistos e descritos por testemunhas insuspeitas de parcialidade. Estes fatos permitirão às nossas irmãs ocidentais compenetrarem-se ao mesmo tempo da natureza da "missão colonizadora" do capitalismo e dos sofrimentos de suas irmãs nas colônias.

"Na chegada dos soldados", relata um colonialista, "a população fugiu; ficaram somente dois homens velhos e duas mulheres: uma donzela e uma mãe amamentando seu bebê e segurando pela mão uma menina de oito anos. Os soldados pediram dinheiro, bebida e ópio.

Porque eles não se fizeram entender, tornaram-se furiosos e abateram um dos velhos com a coronha dos fuzis. Mais tarde dois deles, já bêbados quando chegaram, divertiram-se por várias horas assando o velho numa fogueira. Enquanto isso, os outros violentaram as duas mulheres e a menina de oito anos. Então, exaustos, assassinaram a menina. A mãe então conseguiu fugir com o bebê e, de uma centena de metros adiante, escondida entre os arbustos, viu sua companheira ser torturada. Ela não soube por que foi cometido o assassinato, mas viu a menina jazendo de costas, amarrada e amordaçada, e um dos homens, muitas vezes, lentamente impelir uma baioneta na barriga dela e, muito vagarosamente, retirá-la.' Então ele cortou o dedo da menina morta, para se apossar de um anel, e a cabeça dela, para roubar um colar.

Os três cadáveres jaziam no chão de uma primitiva salina: a menina de oito anos nua, a jovem mulher eviscerada, com seu antebraço esquerdo apontando um punho fechado para o céu indiferente, e o ancião, horrível, nu como os outros, desfigurado por ter sido assado na sua própria gordura, que havia derretido e depois solidificado sobre a pele da barriga, a qual estava inchada, grelhada e dourada, tal como o couro de um porco assado."

15. A NOVA MORALIDADE

a. Aos camaradas do Bac Bo (1 de março de 1947) *

Camaradas do Bac Bo,

Lamento que as circunstâncias me impeçam de tomar parte em sua reunião para proceder à crítica e à autocrítica e discutir nosso trabalho.

Gostaria de fazer-lhes algumas recomendações, na esperança de que vocês as levem em conta.

1. Quando a nação se acha numa encruzilhada de caminhos, quando estão em jogo nossa vida e nosso futuro, cabe a cada camarada e a toda a nossa organização [1] trabalhar de corpo e alma para engajar o povo inteiro num só caminho e orientá-lo para o mesmo objetivo: expulsar os colonialistas franceses, realizar a unidade e a independência nacionais.

Para fazê-lo, devemos mostrar-nos clarividentes, hábeis, prudentes, enérgicos, perseverantes e unânimes no pensamento e na ação.

2. A longa guerra de resistência é a revolução nacional no seu ponto culminante. Neste momento, os pensamentos e as ações de cada camarada têm sérias repercussões sobre os interesses gerais do país. Uma

---

* Reproduzido de HO CHI MINH. *Oeuvres choisies (1922-1967)*, cit., p. 112-7.

[1] Apesar de dissolvido, o Partido Comunista indochinês prosseguia em suas atividades. Daí o termo organização, empregado aqui.

negligência individual, uma desatenção, podem trazer um grave fracasso: "Um erro do tamanho de uma polegada pode provocar um desvio de uma légua".

Devemos então, com a máxima energia, desembaraçar-nos dos seguintes defeitos:

a) Espírito bairrista.

Alguns se preocupam só com os interesses de sua localidade, sem levar em conta o conjunto do país. Pensam só em defender seu setor. Esse defeito gera conseqüências mínimas à primeira vista, mas na realidade prejudiciais a nível do conjunto.

Assim, procuram conservar em seu distrito todos os quadros e todos os materiais, sem consentir nas mudanças e nos intercâmbios necessários reclamados pela instância superior.

b) Sectarismo.

Alguns escutam de bom grado os amiguinhos, mesmo quando estão equivocados; empregam-nos mesmo se forem incapazes. Por outro lado, qualquer um que não tenha a sorte de agradar-lhes é rebaixado sistematicamente, qualquer que seja seu valor. Suas observações, por mais justas que sejam, jamais são levadas em conta.

Este é um grave defeito. Isto faz nossa organização perder quadros, enfraquece sua unidade de pontos de vista e de ação. Freqüentemente, é a causa do fracasso. Esta é uma doença muito perigosa.

c) Caudilhismo e burocratismo.

Alguns, nomeados responsáveis de uma região, se comportam como reizinhos, dando livre curso à sua arrogância e ao seu orgulho. Fazem pouco caso dos superiores e abusam de seus poderes para maltratar os escalões inferiores. Por suas maneiras de mandarins, fazem-se temer pelas massas. Esta mentalidade de "grande senhor" suscita antipatias e semeia a divisão, cavando um fosso entre os diversos escalões, entre nossa organização e o povo.

d) Estreiteza de espírito.

Devemos lembrar que todo homem tem qualidades e defeitos. Devemos fazer com que as qualidades sejam proveitosas e, ao mesmo tempo, ajudar as pessoas a corrigir seus defeitos. Devemos ser como o operário que trabalha a madeira. Para o artesão hábil, toda peça de madeira tem utilidade, seja grande ou pequena, reta ou curva.

A estreiteza de espírito prejudica a ação. Atrai mais inimigos que amigos. Priva um homem de seus pontos de apoio. Entrava o desenvolvimento de nossa organização.

e) Mania das formas e do decoro.

Em tudo, em vez de pensar nos imperativos do momento e nos resultados positivos, alguns só se preocupam com as aparências, só procuram o decoro por gloríola. Por que fazer treinamento militar? Antes de mais nada, para aprender a fazer uso de um fuzil, de uma arma branca, de uma granada, para habituar-se a utilizar o terreno, a fazer aproximações noturnas, a colher informações sobre o inimigo, em resumo, para exercitar-se a fazer a guerrilha, é o que penso. Isto não impede que em muitas localidades todo o tempo seja empregado em exercícios de marcha, recitando "um, dois! um, dois!". Isto equivale a aprender a música ritual dos pagodes para apagar incêndios!

Em muitas outras localidades, como propaganda e agitação, limitam-se a decorar a casa com informações e palavras de ordem em linda caligrafia, a exibir bandeiras e cartazes, a levantar um palanque solene. Mas não se dão ao trabalho de misturar-se cada dia às massas, para fazê-las compreender a fundo as diretrizes de nossa organização.

f) Burocracia.

Alguns mergulham com prazer na papelada. Sentados num escritório, contentam-se em dar ordens de longe, sem se dar ao trabalho de ir ao local, para controlar e indicar concretamente como aplicar as diretrizes. De fato, ignoram até mesmo se as diretrizes foram postas em prática ou não. Este estilo de trabalho é desastroso; impede de seguir de perto o movimento, de conhecer bem a situação local; eis por que a maioria de nossas diretrizes não têm sido aplicadas a fundo.

g) Indisciplina e relaxamento.

Nas regiões atingidas pela guerra, certos camaradas abandonaram deliberadamente suas localidades para ir trabalhar em outro lugar, sem a menor decisão dos escalões superiores da organização. Abandonar assim as tarefas que desencorajam, para se limitar a fazer os trabalhos mais fáceis e agradáveis, não é só deixar de ter moral, é também desprezar a disciplina e semear a desordem em nossas fileiras.

Em muitos casos, os camaradas faltosos não receberam as sanções merecidas; alguns, rebaixados de posto aqui, retomaram o trabalho em outro lugar, no mesmo escalão do passado; outros, rebaixados apenas formalmente, conservaram de fato suas antigas funções.

Por favoritismo, camaradas que mereciam sanções foram somente objeto de críticas e advertências puramente formais. Em certos casos, houve até cumplicidade para apagarem-se mutuamente as falhas, dissimular os erros, enganar as instâncias superiores e esconder a verdade à organização.

Tais práticas não só tornam os culpados incapazes de corrigirem-se, mas também inspiram-lhes desprezo pela disciplina. Mais grave ainda é que tal relaxamento da disciplina na organização pode dar aos elementos reacionários a oportunidade de introduzirem-se em nossas fileiras para solapá-la.

h) Egoísmo e corrupção.

Existem camaradas que, por arrivismo, disputam postos de membro ou presidente de um ou outro comitê; outros há que só pensam nos prazeres da boa mesa e na elegância do vestuário, que procuram apropriar-se de bens públicos e aproveitar-se de suas funções para praticar comércio fraudulento e lucrativo, que se ocupam mais dos negócios particulares que dos negócios do Estado. As virtudes revolucionárias e a opinião pública são a última de suas preocupações.

Outros se mostram orgulhosos, maravilhados de si mesmos. Jactando-se de suas antigas condenações políticas, de sua participação na Liga Viet Minh, acham-se superiores a todos, inigualáveis. Certamente, as cadeias e os campos de concentração imperialistas foram escolas para os quadros, e a Liga Viet Minh é um agrupamento de patriotas devotados que trabalham para salvar o país. Mas é inegável que, fora de suas fileiras, existem também muitos homens de valor que ela ainda não conseguiu integrar. Mesmo supondo que os antigos condenados políticos e os membros da liga sejam pessoas excepcionais, poder-se-ia realmente dizer que todos os que não tiveram a honra de conhecer as cadeias e os campos imperialistas ou que não entraram ainda na Liga não valem nada?

Cada camarada deve mostrar-se modesto. Quanto mais alguém é veterano na luta revolucionária, quanto mais capaz é, menos deve autovalorizar-se. É preciso almejar fazer ainda melhor e trazer sempre no espírito estas palavras de nosso mestre: "Aprender, aprender ainda, aprender sempre". Mostrar-se fátuo e suficiente é fechar-se em si mesmo, entravar o próprio progresso.

Existem camaradas que aplicam o velho provérbio: "Um parente mandarim, e toda a família aproveita". Dão postos aos parentes e aos íntimos, sem se preocuparem se são capazes. Pouco lhes importa que

disso resultem conseqüências deploráveis para nossa organização, contanto que seus parentes e amigos tenham boa colocação.

Sei que, no conjunto, nossos camaradas são pacientes, trabalhadores, engenhosos, cheios de iniciativa. São qualidades preciosas, que constituem boa base para adquirir outras. Mas nesta época de provações, sozinhas não bastam. Para estarmos seguros da vitória final, é preciso que nossos camaradas se apóiem sobre esta base para superar decididamente os defeitos de que já falei.

3. Camaradas, vocês devem fazer o impossível para realizar os seguintes pontos:

a) Militarizar nossa organização, chegar a uma unidade de opinião e de ação absoluta. Somos o exército de vanguarda. Se, na hora do assalto, as opiniões diferirem, se um toca o ataque no clarim, enquanto o outro bate a retirada no tambor, será inútil falar de vitória. A unidade de opinião e de ação deve ser realizada não só no seio de nossa organização, mas também entre o exército, o povo e os serviços públicos.

b) Escolher convenientemente os quadros para os órgãos de direção, delimitar claramente as atribuições, organizar uma ligação e uma colaboração estreita entre os serviços, evitar absolutamente tanto os abusos de poder e a pretensão de tudo acumular, quanto o desacordo, o trabalho malfeito e a fuga diante das responsabilidades.

Atualmente, a questão dos serviços de direção é uma questão primordial. Os quadros nomeados devem ser cuidadosamente escolhidos. Mas, uma vez no posto, deve-se obedecer-lhes rigorosamente, o escalão inferior submetendo-se às ordens de cima. Somente sob esta condição as coisas irão funcionar.

c) Assegurar as comunicações e as ligações entre as diferentes províncias e interzonas, entre o Norte, o Centro e o Sul do Vietnã.

As comunicações são as artérias que decidem tudo. Se são cortadas, tudo se torna difícil. Se são restabelecidas, tudo corre sem tropeços.

Camaradas, espero que vocês saibam, com todo o ardor revolucionário, superar seus defeitos, fazer desabrochar suas qualidades, unir os esforços, realizar a coesão em nossa organização, ampliar nossas fileiras, reorganizar o trabalho, para levar o povo a participar valentemente da resistência até o dia glorioso da vitória.

Envio a vocês minha saudação fraterna. Venceremos.

b. *Economizar e lutar contra a prevaricação, o desperdício, a burocracia (1952)* *

Camaradas,

O programa dos trabalhos de nosso governo e de nosso Partido para este ano está contido nestas cinco palavras: "Resistência prolongada, contar consigo mesmo".

Para realizar estritamente este programa, o governo e o Partido destacam principalmente os seguintes pontos:

— Rivalizar em ardor para aniquilar o inimigo, para desenvolver a produção e para economizar.

— Combater a prevaricação.

— Combater o desperdício.

— Combater a burocracia.

No que diz respeito ao movimento de *emulação para aniquilar o inimigo e distinguir-se por atos de bravura*, o alto-comando elaborou um plano completo, que foi comunicado a todas as instâncias do Partido, a todos os combatentes do exército nacional, das forças regionais, das milícias populares, e a todos os guerrilheiros, com o objetivo de que todos possam estudá-lo, assimilá-lo e realizá-lo.

Quanto ao movimento de *emulação pelo desenvolvimento da produção*, o governo elaborou um plano de conjunto completo. Os diversos ramos, as diversas localidades e cada família o tomarão como base para estabelecer seus próprios planos de maneira realista, coordenando-os com o plano do Estado, e deverão realizá-lo a qualquer preço.

Os camaradas responsáveis exporão claramente essas duas questões. Aqui, limitar-me-ei a falar do problema da *emulação para realizar economias e lutar contra a prevaricação, o desperdício e a burocracia.*

Fazer economias

Em primeiro lugar, façamos algumas perguntas:

— O que é preciso entender por economias?

— Por que devemos economizar?

— O que devemos economizar?

— Quem deve economizar?

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Écrits (1920-1969)*, cit., p. 136-9, 144-7.

1. Economizar não significa: ser avaro, "considerar uma moeda como um tesouro", abster-se até de fazer o que deve ser feito, recusar até as despesas necessárias. Economizar não quer dizer constranger o exército, os quadros e o povo a privarem-se de alimentação e de vestimentas. Ao contrário, as economias têm sobretudo o objetivo de ajudar a desenvolver a produção, e desenvolvemos a produção para elevar o nível de vida do exército, dos quadros e do povo. Cientificamente falando, a prática da economia é um ato positivo e não, negativo.

2. Durante 80 anos, nosso país foi sangrado pelos imperialistas franceses e depois pelos imperialistas japoneses; por isso, nossa economia é pobre e atrasada. Hoje, necessitamos de uma economia bastante sólida para prosseguir a resistência e a edificação nacional. Recursos em dinheiro e em produtos são necessários para a reconstrução nacional. Para obter recursos, os países capitalistas utilizam-se de três meios: tomar empréstimos no estrangeiro, saquear as colônias, explorar os camponeses e os operários. Para nós é inconcebível recorrer a tais meios. Só podemos, de um lado, desenvolver a produção e, do outro, fazer economias para acumular mais recursos, visando à edificação e ao desenvolvimento econômico de nosso país.

3. Devemos *economizar nosso tempo.* Por exemplo: um trabalho que antes precisava de dois dias, agora pode ser feito em um dia, graças a uma organização e a uma disposição de forças mais judiciosa.

Devemos *economizar nossa força de trabalho.* Por exemplo, antes uma tarefa precisava de dez homens. Agora, cinco pessoas são suficientes, se sabemos organizar melhor e elevar o rendimento.

Devemos *economizar nosso dinheiro.* Antes, um trabalho precisava de muita mão-de-obra e de muito tempo e custava 20.000 dongs. Agora, economizando a mão-de-obra, o tempo e as matérias-primas, gastaremos só 10.000 dongs.

Resumindo: precisamos chegar a ter uma organização apropriada para que uma pessoa possa fazer o trabalho de duas, para que uma jornada de trabalho renda por duas, para que um dong possa servir como dois.

4. Todos devem economizar. Em primeiríssimo lugar, os serviços públicos, o exército, as empresas. Alguns dizem: o exército só pensa em rivalizar em ardor para aniquilar o inimigo e cumprir façanhas; ele não é um organismo de produção; como poderia economizar?

O exército abrange a intendência, os armamentos, os transportes, etc., todos organismos para os quais é necessária a prática da economia. Por exemplo: antes, um combatente devia utilizar em média 60 balas

para abater um soldado inimigo. Hoje, graças ao treino mais exigente, que permite melhorar o tiro, bastam, em média, 10 balas para obter o mesmo resultado. Assim, o combatente economiza 80% de balas. Disto resulta uma economia de mão-de-obra e matérias-primas que podem servir para fabricar outras armas. Antes, o serviço dos transportes devia transportar 100 carregamentos de munições, agora deve transportar só 20. Disso resulta uma economia de veículos, de combustíveis e de lubrificantes. E como os veículos rodam menos, há menos reparações a fazer, portanto, uma economia de força de trabalho para os trabalhadores populares.

Durante as operações militares, tomamos *despojos* importantes (munições, víveres, armamentos). Saber apreciá-los e aproveitá-los cuidadosamente para usá-los contra o inimigo é também *desenvolver a produção.*

Alguns dizem: além da horticultura e da criação de animais domésticos que os serviços públicos (por exemplo, o Serviço Judiciário) praticam para satisfazer suas próprias necessidades, que mais poderiam economizar?

Cada serviço público pode e deve economizar.

Exemplo: Todos os serviços públicos utilizam envelopes. Se todos economizam utilizando cada envelope duas ou três vezes, o governo pode economizar dezenas de toneladas de papel por ano. Se os quadros judiciários elevarem seu rendimento, ajudarão os compatriotas que precisam recorrer à justiça a economizar seu tempo e a dedicá-lo ao desenvolvimento da produção.

[...]

A prevaricação e o desperdício são inimigos do povo

A. A prevaricação, o desperdício e a burocracia são inimigos do povo, do exército e do governo.

São inimigos poderosos. Não estão armados de fuzis ou de espadas, mas instalam-se no seio de nossas organizações para estragar nosso trabalho.

Consciente ou inconscientemente, a prevaricação, o desperdício e a burocracia são aliados dos colonialistas e dos feudalistas. Atrasam nossa resistência e nossa edificação nacional, atentam contra a pureza de nossos quadros e contra sua vontade de superar as dificuldades; atacam nossas virtudes revolucionárias: trabalho, espírito de economia, integridade, retidão.

Nossos combatentes e nossos compatriotas dão suas vidas e seu suor pela vitória da resistência e pelo êxito da reconstrução. Os prevaricadores, os desperdiçadores, os burocratas destroem o moral, dilapidam as forças e consomem os bens do governo e do povo. Seu crime é tão grande quanto o crime dos traidores e dos espiões.

Por estas razões, a luta contra a prevaricação, o desperdício e a burocracia é tão importante e tão imperiosa quanto o combate na frente contra o agressor. Trata-se, no caso, da frente ideológica e política.

Como nas outras frentes, para vencer é preciso ter um plano e organizar-se, são necessários uma direção e militantes.

B. A luta contra a prevaricação, o desperdício e a burocracia é uma ação revolucionária.

Fazer a revolução é destruir o que é mau e construir o que é bom. Fazemos a revolução para aniquilar o regime colonial e feudal, para construir a nova democracia.

Se o colonialismo e o feudalismo forem aniquilados, mas suas taras (prevaricação, desperdício, burocracia) subsistirem, a revolução não terá sido inteiramente bem sucedida ainda, pois essas taras entravam, minam dissimuladamente a obra construtiva da revolução.

Existem homens que, no decorrer da luta, se destacam pelo ardor e fidelidade: não temem o perigo, nem as provações, nem o inimigo; em outras palavras, *prestaram serviços relevantes à revolução.* Porém, quando obtêm algum poder, tornam-se orgulhosos, gastadores, caem na prevaricação, no desperdício, na burocracia inconsciente. *Eles tornam-se culpados diante da revolução.* Devemos salvá-los, ajudá-los a recuperar suas virtudes revolucionárias. Há outros que declaram servir à pátria, servir o povo. Mas caem na prevaricação, no desperdício e prejudicam a pátria e o povo. Devemos educá-los, colocá-los na via revolucionária.

A prevaricação, o desperdício e a burocracia são taras da antiga sociedade. Provêm do apego ao interesse pessoal, do amor por si mesmo às custas do próximo. São seqüelas do regime de "exploração do homem pelo homem".

Queremos construir uma *nova sociedade,* uma sociedade livre onde os homens sejam iguais; uma sociedade onde reinem o trabalho, o espírito de economia, a integridade, a retidão. Por isso, devemos extirpar completamente as taras da antiga sociedade.

C. A luta contra a prevaricação e o desperdício é uma tarefa democrática.

Para salvar a pátria, o exército não teme derramar seu sangue nem a população teme derramar seu suor. Para sustentar a resistência e reconstruir o país, nossos combatentes dão suas vidas, nossos com-

patriotas dão suas forças, seus bens, e colocam-nos nas mãos do governo e do Partido. Esta é uma forma de *centralismo democrático.*

O governo e o Partido delegam seus poderes aos quadros para que estes dirijam o exército e disponham dos bens públicos para a resistência e a edificação nacionais. Os quadros devem cuidar de cada combatente e cercá-lo de afeto; devem respeitar, economizar cada moeda, cada tigela de arroz, cada hora de trabalho de nossos compatriotas. Nossos combatentes e nossos compatriotas têm o *direito* de exigir que os quadros cumpram bem suas tarefas e têm o *direito de criticar* aqueles que não estão à altura.

Ser democrático é apoiar-se nas massas, seguir exatamente a linha das massas. Assim, para triunfar, nosso movimento de luta contra a prevaricação, o desperdício e a burocracia deve necessariamente *apoiar-se na força das massas.*

As massas são o conjunto dos combatentes no exército, o conjunto dos empregados num serviço público, etc., enfim, o povo inteiro. Para esta luta, como aliás para todas as coisas, *é preciso mobilizar as massas, respeitar a democracia,* fazer com que as massas compreendam bem do que se trata, provocar sua participação entusiasta. Só nessas condições teremos o êxito assegurado. Quanto mais numerosas forem as massas participantes, mais completo e rápido será o triunfo.

O *dever das massas* é participar com ardor na luta contra a prevaricação, o desperdício e a burocracia. O combatente oferece suas façanhas, o povo oferece seus bens na luta contra o inimigo pela salvação da pátria. A prevaricação, o desperdício, a burocracia constituem um "*inimigo escondido no interior*". Se os combatentes e o povo se aplicam na luta contra o invasor estrangeiro, mas esquecem de combater o *inimigo interior,* não estão ainda cumprindo inteiramente sua tarefa. Por isso, devem participar com ardor no movimento de luta contra este inimigo.

Devemos unir e conjugar nossas forças em todos os níveis para vencer nesta luta. Nossos êxitos ajudarão a nos unir ainda mais e a aumentar nosso rendimento. A luta ajudará os quadros a reeducarem-se ideologicamente, a elevar seu nível de consciência, a impregnarem-se da moral revolucionária, a servir sinceramente o exército e o povo. Ela ajudará nosso poder a adquirir a pureza, a merecer a confiança e os sacrifícios de nossos combatentes e de nossos compatriotas. Ela nos ajudará a realizar completamente o plano de desenvolvimento da produção e de economias estabelecido pelo governo e pelo Partido. Enfim, a luta nos ajudará a completar nossos preparativos para passarmos à contra-ofensiva geral.

c. *Da moralidade revolucionária (1958)* *

Desde o começo de sua existência, a humanidade foi obrigada a *lutar* contra a natureza para subsistir: luta contra as feras, contra as intempéries. Para vencer nesta luta, cada homem deve apoiar-se na força do número, ou seja, na força da coletividade, da *sociedade*. Reduzido unicamente a suas forças, o *indivíduo* não poderia dominar a natureza, nem mesmo sobreviver.

A humanidade deve ainda produzir para ter o necessário para alimentar-se e vestir-se. Mas a produção também deve apoiar-se na força da coletividade, da sociedade. O indivíduo sozinho não poderia produzir nada.

Nossa época é uma época civilizada, revolucionária. Em todos os aspectos, devemos, com maior razão, apoiar-nos na coletividade, na sociedade. O indivíduo não poderia permanecer isolado, devendo integrar-se à coletividade, à sociedade.

É nisso que o *individualismo* se opõe ao coletivismo. O *coletivismo* e o socialismo vencerão, enquanto o individualismo será infalivelmente aniquilado.

O modo de produção e as forças produtivas se desenvolvem e transformam-se continuamente, provocando o desenvolvimento e mudanças no pensamento dos homens, nos regimes sociais, etc. Todos sabemos que, desde os tempos antigos até nossos dias, a produção se fazia no começo com paus e com machados de pedra e que depois se desenvolveu empregando a máquina, a eletricidade, a energia atômica. O regime social evoluiu também: passou do comunismo primitivo à escravatura, depois ao feudalismo e ao capitalismo, e hoje quase a metade da humanidade encaminha-se em direção ao socialismo, ao comunismo.

Esta evolução e este progresso ninguém pode impedi-los.

Com o aparecimento da propriedade privada, a sociedade dividiu-se em *classes*, classes exploradoras e classes exploradas, quando aparecem as contradições sociais e a *luta* de classes. Desde então, todos pertencem a uma ou a outra classe, ninguém está fora das classes. E cada um exprime a *ideologia* de sua própria classe.

Na sociedade antiga, os feudalistas e os latifundiários, os capitalistas e os imperialistas oprimiam e exploravam sem piedade as outras camadas sociais, sobretudo os operários e os camponeses. Eles monopolizavam os bens públicos, produzidos pela sociedade, para levar uma vida ociosa

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Écrits (1920-1969)*, cit., p. 198-211.

e dourada. Mas falavam o tempo todo só de "moralidade", de "liberdade", de "democracia", etc.

Cansados da opressão e da exploração, os operários, os camponeses e os outros trabalhadores levantaram-se para fazer a *revolução* a fim de libertarem-se e de *transformar* a antiga sociedade, tão disforme, em uma sociedade nova, melhor, em que todos os trabalhadores conhecerão uma vida feliz e da qual a exploração do homem pelo homem será banida.

Para triunfar, a revolução deve ser *dirigida pela classe operária*, a classe mais avançada, mais consciente, mais decidida, mais disciplinada e mais solidamente organizada. E o partido proletário é o estado-maior da classe operária. A revolução na União Soviética e nos outros países do campo socialista provou-o de maneira incontestável.

Fazer a revolução para transformar a sociedade antiga em uma nova sociedade é uma obra gloriosa, mas é também tarefa pesada, uma luta extremamente complexa, longa e árdua. É preciso ser forte para poder levar grandes cargas e ir longe. Somente tendo a *moralidade revolucionária* como fundamento é que o revolucionário pode cumprir sua tarefa de maneira honrosa.

Tendo nascido na sociedade antiga, cada um de nós conserva em si mais ou menos seqüelas dessa sociedade do ponto de vista da ideologia, dos costumes, etc. O aspecto mais negativo e mais perigoso é o *individualismo*. O individualismo é o antípoda da moral revolucionária. Por menos que reste ainda na pessoa, o individualismo espera a ocasião propícia para desenvolver-se e eclipsar a moral revolucionária, para impedir-nos a inteira devoção à luta pela causa revolucionária.

O individualismo é uma coisa astuta e pérfida: atrai insidiosamente o homem para uma descida fatal. Sabemos que descer uma ladeira é mais fácil que subi-la novamente, por isso o individualismo é ainda mais perigoso.

Para eliminar as seqüelas da antiga sociedade, para forjarmos em nós uma virtude revolucionária, devemos estudar, aperfeiçoar-nos, remodelar-nos para progredir sem cessar. Se não nos esforçássemos por progredir, regrediríamos e ficaríamos atrasados. Ora, o homem demorado, o homem atrasado será rejeitado pela sociedade que progride.

Não é só indo à escola ou assistindo aos cursos de formação que se pode estudar, aperfeiçoar-se, forjar-se e transformar-se. Em todas as atividades revolucionárias, poderemos e deveremos todos estudar e corrigir nós mesmos nossos erros. O trabalho revolucionário clandestino, a insurreição geral, a resistência contra os colonialistas franceses e, hoje, a

edificação do socialismo no Norte e a luta pela reunificação do país são escolas muito boas onde podemos forjar nossa moral revolucionária.

Aquele que possui a moral revolucionária não tem medo, não se deixa intimidar e não recua diante das dificuldades, das provações e dos fracassos. Pelo interesse comum do Partido, da revolução, da classe, do povo e da humanidade, ele não hesita em sacrificar todo e qualquer interesse pessoal. Se for preciso, sacrificará sua vida sem lamentar-se. Essa é a manifestação mais evidente, mais nobre, da moral revolucionária.

Em nosso Partido, Tran Phu, Ngo Gia Tu, Le Hong Phong, Nguyen Van Cu, Hoang Van Thu, Nguyen Thi Minh Khai e numerosos outros camaradas, que se sacrificaram heroicamente pelo povo e pelo Partido, dão-nos exemplos brilhantes de virtude revolucionária, de abnegação total.

Aquele que possui a virtude revolucionária permanece simples, modesto, pronto para aceitar novas provações, mesmo que as circunstâncias lhe sejam favoráveis ou que obtenha êxitos. "Preocupar-se com as tarefas antes dos outros, descansar depois dos outros", preocupar-se por cumprir bem sua tarefa e não mostrar-se ciumento dos direitos e privilégios concedidos aos outros, não cair no narcisismo, na burocracia, no orgulho, na depravação, tudo isso constitui uma outra demonstração da moral revolucionária.

Em resumo, a moralidade revolucionária consiste em:

Lutar toda a vida pelo Partido e pela revolução. Esse é o ponto fundamental.

Trabalhar com todas as forças pelo Partido, manter firme a disciplina, aplicar corretamente sua linha e sua política.

Colocar o interesse do Partido e do povo trabalhador antes e acima do interesse pessoal. Servir o povo de todo coração e com todas as forças. Lutar com abnegação. No interesse do Partido e do povo, mostrar-se exemplar sob todos os pontos de vista.

Estudar com aplicação o marxismo-leninismo, servir-se constantemente da crítica e da autocrítica para elevar seu nível ideológico, melhorar seu trabalho e progredir junto com os camaradas.

Cada revolucionário deve compreender profundamente que nosso Partido é a vanguarda, a organização mais sólida da classe operária, o dirigente da classe operária e do povo trabalhador. Atualmente, apesar de não ser ainda muito numerosa, nossa classe operária se desenvolve cada dia mais. No futuro, as cooperativas estarão organizadas em toda parte, utilizando muitas máquinas no campo, e os camponeses se trans-

formarão em operários. Aos poucos, os intelectuais farão trabalho manual, e a distinção entre operários e intelectuais se apagará progressivamente. A indústria de nosso país desenvolve-se constantemente. É por isso que os operários serão cada vez mais numerosos, e suas forças cada vez mais poderosas; o futuro da classe operária é grande e glorioso. Ela reconstrói o mundo ao mesmo tempo em que aprimora a si mesma.

O revolucionário deve ter isto bem presente e manter-se firme nas posições da classe operária para lutar com todas as forças pelo socialismo e pelo comunismo, pela classe operária e por todo o povo trabalhador. *A moral revolucionária é a fidelidade absoluta ao Partido e ao povo.*

O único interesse que nosso Partido tem de servir é o interesse da classe operária e do povo trabalhador; seu objetivo imediato é lutar pelo encaminhamento do Norte ao socialismo e pela reunificação da pátria.

Sob a direção do Partido, nosso povo, lutando heroicamente, sacudiu o jugo dos colonialistas e libertou completamente o Norte do país. Essa é uma grande vitória, mas a revolução não está ainda completa, sendo o objetivo atual do Partido lutar pela reunificação do país, pela realização de um Vietnã pacífico, reunificado, independente, democrático e próspero, de modo que não reste, no país todo, ninguém que seja submetido à exploração, e que o país inteiro construa uma sociedade nova onde todos terão uma vida de felicidade.

Nossa indústria está ainda atrasada. Graças à ajuda desinteressada dos países irmãos, em primeiro lugar da União Soviética e da China Popular, estamos desenvolvendo nossa indústria. Para que esta empresa seja coroada de êxito, nossos operários devem rivalizar em ardor para produzir muito e rapidamente artigos de boa qualidade e baratos, observar rigorosamente a disciplina do trabalho, participar ativamente na gestão das empresas, lutar contra o desperdício e a prevaricação. Nossos quadros devem mostrar-se trabalhadores e econômicos, dar provas de integridade e retidão e participar no trabalho dos operários.

Nossos camponeses receberam as terras partilhadas, e sua vida começa a melhorar. Mas seu modo de produção é ainda disperso e atrasado, seus rendimentos não aumentam bastante e a melhora de sua vida ainda é pouca. É preciso ampliarmos firmemente o movimento pela constituição de grupos de intercâmbio de trabalho e de cooperativas a fim de aumentar a produção. Nossos camponeses poderão assim libertar-se da miséria e conhecer uma vida melhor.

Por isso, a moral revolucionária consiste em lutar com todas as forças para realizar o objetivo do Partido, em devotar-se inteiramente

e sem hesitação nenhuma à causa da classe operária e do povo trabalhador.

A maioria dos membros do Partido e da União da Juventude trabalhadora, a maioria de nossos quadros agem em acordo com esses princípios, mas existem outros que não o fazem. Estes acreditam equivocadamente que, já que não existe mais o colonialismo e os feudalistas no Norte, a revolução já conseguiu seus objetivos. Daí se manifesta neles o *individualismo*. Reclamam recompensas e repouso, pedem um trabalho conforme aos seus desejos, e não querem aquele que lhes é confiado. Manobram para obter postos importantes, mas temem as responsabilidades. Aos poucos, seu espírito combativo e seu dinamismo decaem, a força de alma e as belas qualidades revolucionárias alteram-se também neles; esquecem que o critério número um do revolucionário é *lutar decididamente a vida toda pelo Partido e pela revolução.*

Devemos compreender que os êxitos obtidos são apenas os primeiros passos de um percurso de dez mil léguas. Devemos avançar, a revolução deve progredir ainda, senão retrocederemos e nossos êxitos não poderão consolidar-se e, menos ainda, multiplicar-se.

A luta para chegar ao socialismo é longa e árdua. Exige revolucionários porque ainda existem inimigos da revolução. Estes últimos são de três tipos:

O capitalismo e os imperialistas revelam-se inimigos muito perigosos.

Os usos e costumes atrasados são também grandes inimigos, pois entravam dissimuladamente o progresso da revolução. Mas não podemos reprimi-los, sendo melhor corrigi-los com precaução e perseverança e durante muito tempo.

A terceira categoria de inimigos é o *individualismo*, a mentalidade pequeno-burguesa que se esconde ainda no interior de cada um de nós. Este inimigo espera a oportunidade — de um fracasso ou de uma vitória — para levantar de novo a cabeça. Ele é aliado dos inimigos das outras duas categorias.

A *moral revolucionária* consiste em lutar decididamente em todas as circunstâncias contra os inimigos, quaisquer que sejam; consiste em estar sempre vigilante, em manter-se pronto para combater, em dar provas de ser indomável. Só sob estas condições pode-se dominar o inimigo e cumprir a tarefa revolucionária.

Graças à sua política justa e à sua direção unificada é que nosso Partido está em condições de dirigir nossa classe operária e todo o nosso povo, encaminhando-os em direção ao socialismo. E sua direção é unificada graças à unidade de opinião e de ação de todos os seus membros.

Sem a unanimidade de opinião e de ação, os membros seriam elementos discordantes, puxando para todos os lados. Não seria possível dirigir as massas nem fazer a revolução.

As palavras e os atos dos membros do Partido repercutem na luta revolucionária, pois influenciam muito as massas. Por exemplo, a política atual de nosso Partido é organizar em todo lugar e de maneira sólida *grupos de intercâmbio de trabalho* e *cooperativas*, é realizar a cooperação agrícola. Mas existem membros do Partido e da União da Juventude trabalhadora que não aderem a eles, ou que aderem mas não participam ativamente na sua edificação e consolidação. O *individualismo* levou esses camaradas a agirem de maneira libertária, a infringirem as prescrições e a disciplina do Partido. Queiram ou não, seus atos prejudicam o prestígio do Partido e colocam obstáculos à sua obra e aos progressos da revolução.

As medidas políticas e as resoluções do Partido inspiram-se no interesse do povo. Por isso, a *moralidade revolucionária* consiste, para um membro do Partido, em *agir decididamente de acordo com as medidas políticas e as resoluções do Partido*, em dar bom exemplo às massas, quaisquer que sejam as dificuldades. Todos os membros do Partido devem elevar seu senso da responsabilidade diante do povo, diante do Partido, devem estar vigilantes contra o individualismo e combatê-lo decididamente.

Nosso Partido representa o *interesse da classe operária* e de todo o povo trabalhador, e não apenas o interesse de um grupo ou de um indivíduo. Todos sabem disso.

A classe operária luta não só por sua própria libertação, mas para libertar a humanidade inteira da opressão e da exploração. Por isso, o interesse da classe operária se identifica com o interesse do povo.

O membro do Partido representa, em nome deste, o interesse da classe operária e do povo trabalhador. É por isso que o interesse do membro do Partido deve integrar-se ao interesse do Partido e da classe e não pode colocar-se fora dele. Os êxitos e o triunfo do Partido e da classe pertencem também ao militante. Separado do Partido e da classe, o indivíduo não pode fazer nada de bom, por mais talentoso que seja.

A *moralidade revolucionária*, para um membro do Partido, consiste em *colocar em qualquer circunstância o interesse do Partido acima de tudo*. Quando o interesse do Partido está em contradição com o interesse pessoal, este último deve subordinar-se ao primeiro.

Por não terem ainda eliminado em si mesmos o *individualismo*, alguns falam ainda de "seus méritos" com relação ao Partido. Querem

que o Partido lhes "agradeça". Reclamam um tratamento privilegiado, honrarias, postos importantes. Reclamam vantagens. Como suas exigências não são satisfeitas, zangam-se com o Partido, queixam-se dizendo que não têm futuro, que são "sacrificados". Afastam-se aos poucos do Partido e chegam inclusive a sabotar sua política e sua disciplina.

Muitos quadros e combatentes se sacrificaram heroicamente durante o período de luta clandestina e durante a resistência; os heróis do trabalho e os trabalhadores de elite empenham todas as forças para aumentar a produção; não reclamam postos importantes nem honrarias, não pedem agradecimentos ao Partido.

Nosso Partido tem caráter de massa, conta centenas de milhares de membros. Em razão das condições concretas de nosso país, a maioria dos membros provém da pequena-burguesia. Isto não tem nada de surpreendente.

Forjados no crisol da revolução e da resistência, os membros do Partido, em geral, são bons, fiéis ao Partido e à revolução, ainda que, no começo, sob a influência da ideologia burguesa, faltasse firmeza à sua plataforma, clareza às suas concepções e correção à sua ideologia.

Esses camaradas compreenderam bem que, quando cometem faltas, devem corrigi-las de bom grado e em tempo, que não devem deixá-las acumular-se e agravar-se. Praticam sinceramente a *autocrítica* e a *crítica*, o que lhes permite progredir com os outros camaradas.

Isso coincide com a *moralidade revolucionária*. Se nosso Partido, mesmo perseguido pelo implacável terror dos colonialistas e enfrentando múltiplas dificuldades e perigos durante os anos de luta clandestina, tornou-se cada dia mais forte, e se levou a revolução e a resistência à vitória, é porque soube utilizar essa arma de aço: a crítica e a autocrítica.

Mas um pequeno número de membros do Partido, prisioneiros de seu individualismo, tornaram-se altivos, demasiado orgulhosos de seus méritos e passaram a ter opinião boa demais de si mesmos. Criticam os outros, mas não querem ser criticados; não praticam a autocrítica ou praticam-na sem sinceridade nem seriedade. Temem perder prestígio, desacreditar-se. Não dão atenção às opiniões das massas, fazem pouco caso dos quadros sem partido. Não compreendem que é muito difícil não cometer erros quando se milita. Não temamos em reconhecer nossos erros; o que devemos temer é não estarmos decididos a corrigi-los. Para isso é necessário prestar-se de bom grado à crítica das massas e praticar sinceramente a autocrítica. Rejeitar a autocrítica e abster-se da crítica conduzirá infalivelmente à degradação moral, ao retrocesso. E aquele

que cair nisso será rejeitado pelas massas. É uma conseqüência inevitável do individualismo.

As forças da classe operária são imensas, ilimitadas. Mas, para estar certas da vitória, devem ser dirigidas pelo Partido. Quanto ao Partido, deve estar estreitamente ligado às massas, saber organizá-las e dirigi-las para fazer triunfar a revolução.

A *moralidade revolucionária* consiste em unir-se às massas, em ter confiança nelas, em compreendê-las, em escutar atentamente suas opiniões. Por suas palavras e seus atos, os membros do Partido, da União da Juventude trabalhadora e os quadros ganham a confiança, a admiração e o afeto do povo, realizam a união estreita das massas em torno do Partido, organizam-nas, fazem a propaganda entre elas, mobilizam-nas, para aplicar com entusiasmo a política e as resoluções do Partido. Foi assim que agimos no decorrer da revolução e da resistência.

Mas, hoje, o *individualismo* persegue alguns de nossos camaradas. Pretendendo ser muito bons em tudo, afastam-se das massas, não desejam aprender com elas, querem só ser seus mestres. Opõem-se ao cumprimento do trabalho de organização, de propaganda e de educação dedicado às massas. Caem na burocracia e no autoritarismo. Resultado: as massas não têm confiança neles, não os admiram e os amam ainda menos. No final, eles não podem fazer nada de bom.

*

O Norte de nosso país encaminha-se, aos poucos, em direção ao socialismo. Essa é uma exigência premente de dezenas de milhões de trabalhadores. É a obra coletiva das massas laboriosas sob a direção do Partido. O individualismo constitui um grande obstáculo para a edificação do socialismo. Por isso, *a vitória do socialismo não pode ser dissociada do êxito obtido na luta contra o individualismo.*

Combater o individualismo não significa pisotear o interesse pessoal.

Cada homem possui sua personalidade, seus pontos fortes, sua vida privada e familiar. Os interesses pessoais que não estão em contradição com os da coletividade não são interesses ilegítimos. Mas é necessário dizer a si mesmo que só sob o regime socialista cada um tem a possibilidade de melhorar suas condições de vida, de desenvolver seus pontos fortes e sua personalidade.

Nenhum regime social pode igualar-se ao socialismo e ao comunismo quanto ao respeito pelo homem e à atenção dada ao exame e à satisfação de seus legítimos interesses. Na sociedade dominada pelas classes explo-

radoras, só interesses pessoais de uma pequena minoria são satisfeitos, enquanto os das massas laboriosas são pisoteados. Ao contrário, sob os regimes socialista e comunista, o povo trabalhador é quem governa, cada homem é parte integrante da coletividade, desempenha um papel determinado e participa na edificação da sociedade. Isto porque o interesse pessoal se acha contido no interesse coletivo, do qual é parte integrante. O interesse pessoal de cada um só pode ser satisfeito quando o interesse coletivo estiver assegurado.

O interesse pessoal está ligado ao interesse coletivo. Se o interesse pessoal está em contradição com o interesse coletivo, a moralidade revolucionária manda que o primeiro seja subordinado ao segundo.

A revolução e o Partido estão em constante progresso. O revolucionário também deve progredir sem cessar.

O movimento revolucionário arrasta milhões e milhões de pessoas.

O trabalho revolucionário comporta mil aspectos difíceis e complexos. Para pesar os prós e os contras em todas as situações, para compreender todas as contradições existentes e resolver corretamente todos os problemas, devemos esforçar-nos em *estudar o marxismo-leninismo.*

Desta forma, podemos fortalecer nossa moral revolucionária, manter firme nossa plataforma, elevar nosso nível teórico e político e prosseguir no trabalho confiado pelo Partido.

Estudar o marxismo-leninismo é procurar aprender a maneira de resolver cada problema da existência, a maneira de comportar-se em todas as situações, em relação aos outros e a si mesmo; é assimilar os princípios gerais do marxismo-leninismo, para aplicá-los criativamente às realidades de nosso país. Estudamos para agir. Nossos estudos teóricos devem ir de par com as atividades práticas. Certos camaradas aprendem de cor livros inteiros que tratam de marxismo-leninismo. Pretendem saber esta doutrina melhor que ninguém. Mas, na prova da prática, ou mostram-se incapazes de criar, ou ficam embaraçados. Suas palavras e seus atos se contradizem. Estudam livros de marxismo-leninismo, mas não conseguem adquirir o espírito marxista-leninista. Estudam para exibir seus conhecimentos e não para aplicá-los aos problemas da revolução. Isso também é *individualismo.*

O individualismo gera centenas de doenças perigosas: burocracia, autoritarismo, fraccionismo, subjetivismo, prevaricação, desperdício, etc.

O individualismo amarra suas vítimas, venda-lhes os olhos; elas se deixam guiar por suas ambições e seus interesses pessoais e não pensam no bem-estar da classe operária e do povo.

O individualismo é um inimigo cruel do socialismo. O revolucionário deve aniquilá-lo.

A tarefa atual de todo o nosso Partido e de todo o nosso povo consiste em envidar os maiores esforços para aumentar a produção e economizar, visando edificar o Norte, encaminhá-lo ao socialismo e fazer dele uma base sólida para a reunificação do país. Essa é uma tarefa das mais gloriosas. Que todos os membros do Partido e da União da Juventude trabalhadora, que todos os quadros, do Partido e sem partido, estejam decididos a servir durante toda a vida ao Partido e ao povo. Aí está o grande valor moral do revolucionário, sua moral, seu espírito de partido, seu espírito de classe, garantias da vitória do Partido, da classe operária e do povo.

A moralidade revolucionária não cai do céu. Ela desabrocha e se consolida no crisol de uma luta cotidiana e tenaz. É como uma pérola que brilha mais vivamente quanto mais é polida, ou como o ouro que se purifica ainda mais no longo contato com o fogo.

Nada é mais glorioso nem dá tanta felicidade como cultivar sua moral revolucionária para dar uma digna contribuição à edificação do socialismo e à libertação da humanidade!

Desejo que todos os camaradas, membros do Partido e da União da Juventude, quadros do Partido e quadros sem partido, redobrem seus esforços e façam progressos.

VI. TESTAMENTO



Nossa resistência patriótica contra a agressão norte-americana — mesmo que tenhamos de suportar ainda maiores dificuldades e aceitar novos sacrifícios — chegará necessariamente à vitória total.

Esta é uma coisa absolutamente segura.

Eu me proponho, quando esse dia chegar, percorrer todo o país, do sul ao norte, para felicitar nossos compatriotas, nossos quadros e nossos combatentes heróicos, para visitar nossos velhos, nossos jovens e nossas criancinhas tão amadas.

Em seguida, em nome de nosso povo, irei aos países irmãos do campo socialista e aos países amigos do mundo agradecer-lhes o apoio e a ajuda calorosa à luta patriótica de nosso povo contra a agressão norte-americana.

*

Tu Fu, o grande e conhecido poeta da época Tang, na China, escreveu: "Em todas as épocas, são raras as pessoas que atingem os 70 anos".

Este ano, com meus 79 anos, já faço parte dessas pessoas "raras em todas as épocas"; entretanto, guardo o espírito e a cabeça perfeitamente lúcidos, ainda que minha saúde acuse um leve declínio em com-

---

* Reproduzido de Ho Chi Minh. *Écrits (1920-1969)*. cit., p. 369-73.

paração com os anos anteriores. Quando se ultrapassam as 70 primaveras, quanto mais avança a idade, mais a saúde recua. Isso não deve surpreender-nos.

Mas quem pode predizer por quanto tempo poderei ainda servir à revolução, servir à pátria, servir ao povo?

É por isso que deixo estas poucas linhas, prevendo o dia em que irei me juntar com os veneráveis Karl Marx, V. I. Lenin e outros revolucionários que nos precederam; desta maneira, nossos compatriotas em todo o país, os camaradas do Partido e nossos amigos no mundo não ficarão surpresos.

Falarei antes de tudo do Partido. Graças à estreita união, ao total devotamento à classe operária, ao povo e à Pátria, nosso Partido, desde sua fundação, pôde unir, organizar e dirigir nosso povo, fazê-lo lutar com ardor e conduzi-lo de vitória em vitória.

A *união* é uma tradição extremamente preciosa de nosso Partido e de nosso povo. Que todos os camaradas, do Comitê Central às células de base, preservem a união e a unidade do Partido como se fossem as pupilas de seus olhos.

No seio do Partido, realizar uma ampla democracia, praticar regularmente e de maneira séria a *autocrítica* e a *crítica* constituem os melhores meios para consolidar e desenvolver sua união e sua unidade. É importante que um afeto fraternal ligue todos os camaradas entre si.

Somos um Partido no poder. Cada membro do Partido, cada quadro, deve impregnar-se profundamente da *moral revolucionária*, dar verdadeiramente provas de aplicação, de economia, de integridade, de retidão, de um total devotamento à coisa pública e de um desinteresse absoluto. É preciso preservar a perfeita pureza do Partido e tornar-se digno de seu papel de dirigente, de servidor verdadeiramente fiel do povo.

Os membros da Juventude trabalhadora e nossos jovens, em geral, são de muito boa índole e ardentes para engajar-se em todas as tarefas; não temem nem um pouco as dificuldades, aspiram a progredir continuamente. Nosso Partido deve tomar a peito a obra de inculcar-lhes uma *moral revolucionária elevada*, de fazer deles os continuadores ao mesmo tempo "vermelhos" e "técnicos" da edificação socialista.

Formar e educar as gerações revolucionárias futuras é uma tarefa extremamente importante e absolutamente necessária.

Nosso povo trabalhador, tanto nas planícies quanto nas regiões montanhosas, suportou durante séculos muitas misérias, sofreu a exploração

e a opressão feudais e coloniais e, além disso, conheceu muitos anos de guerra.

Entretanto, nosso povo deu sempre provas de um heroísmo, de uma coragem, de um entusiasmo e de uma aplicação ao trabalho notáveis. Sempre seguiu nosso Partido, desde sua fundação, e sempre lhe foi fiel.

O Partido deve estruturar um bom *plano* para desenvolver a economia e a cultura, com vistas a *elevar sem cessar o nível de vida do povo.*

A resistência à agressão norte-americana pode ainda prolongar-se. Nossos compatriotas talvez devam aceitar ainda muitos sacrifícios em bens, em vidas humanas. Qualquer que seja o custo, devemos estar decididos a combater o agressor norte-americano até a vitória total.

Nossos rios, nossas montanhas, nossos homens sobreviverão sempre.

Depois de derrotar o ianque, construiremos o país dez vezes mais belo!

Quaisquer que sejam as dificuldades e as privações, nosso povo vencerá infalivelmente. Os imperialistas norte-americanos deverão, sem dúvida nenhuma, ir embora. Nossa pátria será, certamente, reunificada. Nossos compatriotas do Norte e do Sul se reunirão, com certeza, sob o mesmo teto. Nosso país terá a insigne honra de ser uma pequena nação que, graças a um combate heróico, terá vencido dois grandes imperialismos — o imperialismo francês e o imperialismo norte-americano — dando uma digna contribuição ao movimento de libertação nacional.

A propósito do movimento comunista mundial. Tendo consagrado toda a minha vida ao serviço da revolução, quanto mais orgulhoso me sinto vendo crescer o movimento comunista e operário internacional, maior é meu sofrimento com o atual desentendimento entre os partidos irmãos!

Desejo que nosso Partido obre com todas as suas forças e contribua eficazmente ao restabelecimento da união entre os partidos irmãos sobre a base do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, segundo as exigências da razão e do coração.

Estou firmemente convencido de que os partidos irmãos e os países irmãos se unirão necessariamente de novo.

*

No que me concerne pessoalmente. Durante toda a minha vida, servi com todo o meu coração e todas as minhas forças à pátria, à revo-

lução e ao povo. Agora, se devesse deixar este mundo, nada tenho a censurar-me; lamento unicamente não poder servir por mais tempo e melhor.

Após a minha morte, é preciso evitar a organização de grandes funerais, para não desperdiçar o dinheiro nem o tempo do povo.

Para terminar, a todo o nosso povo, a todo o nosso Partido, a todas as nossas forças armadas, a meus sobrinhos e sobrinhas — jovens e crianças — lego-lhes meu afeto sem limites.

Envio também minha fraternal saudação aos camaradas, aos jovens e às crianças de todos os países.

Meu último desejo é que todo o nosso Partido e todo o nosso povo se unam estreitamente e empenhem todos os esforços em edificar um Vietnã pacífico, reunificado, independente, democrático e próspero, e contribuir dignamente para a revolução mundial.

Hanói, 10 de maio de 1969.

Ho Chi Minh

ÍNDICE ANALÍTICO E ONOMÁSTICO

Acordos de Genebra, 67, 78-80, 87, 90
agitação política, 119, 144
agricultura, 125-7
    v.tb. economia
aliança operário-camponesa, 8, 9, 16-7, 116, 118-27
Alvarez, Marta Elena, 5-34
analfabetismo, 29, 101, 156-7, 166
anticolonialismo, 8, 13-4, 77
apelo(s), 25, 27, 29, 70-2, 77, 86, 88, 133-66, 151-3
    à insurreição geral, 25, 133-4
    à nação, 86, 88
    à resistência nacional, 77
    ao internacionalismo, 70-2
    ao patriotismo, 29, 151-3
    contra a fome, 27
    de 19 de junho de 1947, 134-6
    v. tb. emulações
Associação(ões), da Juventude Revolucionária do Vietnã, **ver** Thanh Nien
    pela Salvação Nacional, 129

Ba, "o aventureiro", 10
    v.tb. Ho Chi Minh
brigada(s) de propaganda, 23, 132-3, 137-8
Burchett, Wilfred G., 11, 34
burguesia nacional, 115, 128
burocracia, 104, 119, 170, 175-6, 181-3

camponeses, 8, 9, 15-7, 65, 114-27
    v.tb. reforma agrária
Capitan-Peter, Colette, 37, 39
casamento, 31, 171-2
centralismo democrático, 95, 183
China Popular, 15-6, 20, 22, 85
classe operária, **ver** operariado
Claudin, F., 8, 14-5
colonialismo, 8, 10, 13-4, 19-20, 23-4, 39-55, 61-72, 120-1, 129-31, 135, 172
    e burguesia colonizadora, 44
    e Igreja, 49
    e imprensa comunista, 45-7
    e Internacional Camponesa, 45
    e Internacional Comunista, 43-50
    e leninismo, 61-9
    e luta sindical, 120-1
    e nacionalismo, 46
    e partidos comunistas, 8, 41-7
    francês, 10, 41, 48, 50-5, 70-2, 129-31, 135, 172
    v.tb. imperialismo
combatentes da arte, 165-8
comitês, de gestão, 126-7
    populares, 153-5

Comitê, de Libertação Nacional do Vietnã, criação do, 25, 133-4
Provisório do Vietnã do Sul, 26
comunismo, 8, 42, 111
v.tb. internacionalismo proletário; marxismo-leninismo
Confederação Geral dos Trabalhadores Unitária, 47
Conferência, Ampliada do Comitê Central do Partido Comunista Indochinês, VIII, 20
de Genebra de 1954, 90
do Comitê Central do Partido dos Trabalhadores do Vietnã, VI, 82-6
do Comitê Central do Viet Minh, 140-2
dos Ativistas da Cultura, I, 165-6
dos Quadros do Partido Comunista da Indochina, VI, 147-9
objetivo, 147
tarefas, 147-9
v.tb. quadros políticos
dos Sindicatos, 119-29
Nacional do Partido Comunista Indochinês, I, 19
Política Extraordinária, 110-1, 166-7, 169-71
Congresso, da Internacional Comunista, **ver** Internacional Comunista
dos Povos do Oriente, 14
Nacional das Milícias Populares, 138-40
Nacional de Educação de Quadros, I, 157-64
Nacional do Partido Comunista Francês, III, 45
Nacional do Partido Comunista Indochinês, I, 19
Nacional do Partido dos Trabalhadores do Vietnã, II, 30, 37-8, 95-108, 165
III, 125-6
Nacional do Viet Minh, 133
Popular Extraordinário, 25
Socialista de Tours, 12, 39-40
Conselho Central da Intersindical Vermelha, 120-1
contra-ofensiva geral, 102-3
cooperativas agrícolas, 109, 114-5, 126-7
corrupção, 154, 177
crianças (as) e o socialismo, 170
crítica e autocrítica, 96, 104-6, 149, 186, 190
cultura, 159, 165-8
v.tb. educação
Cung, 9, 10, 130
v.tb. Ho Chi Minh

Dai-Nam, 46
Dai Viet (organização anticomunista), 28
Dauphin-Meunier, A., 34
democracia, 124, 183
popular, 124
Dien Bien Phu, 77-8, 83-4
disciplina, 95, 105, 149, 176-7
"Doze Pontos", 29, 150-1

economia, 107-8, 125-7, 147, 165, 170-1, 179-81
v.tb. agricultura; indústria; reforma agrária
edificação do socialismo, 14, 108-15, 125, 157-64, 169-71, 182
nova sociedade, 169-71, 182
num só país, 14
três condições para, 125
v.tb. apelos; comitês populares; cultura; economia; educação; emulações; Ho Chi Minh; luta armada; moral revolucionária; nacionalismo; partido; povo; reconstrução nacional; resistência; socialismo
educação, 29-30, 101, 156-67

v.tb. cultura; edificação do socialismo
egoísmo, 177
eleições gerais, 80
emulações, 29, 100-1, 103, 119-20, 127, 151-3, 179-83
para aniquilar o inimigo e distinguir-se por atos de bravura, 179
para economizar, lutar contra a prevaricação, o desperdício e a burocracia, 179-83
patrióticas, 29, 100-1, 103, 120, 127, 151-3
pelo desenvolvimento da produção, 179
v.tb. apelos
escravidão negra, 58-60
v.tb. negro
EUA, 24-5, 67, 81-91
v.tb. imperialismo
Exército de Libertação do Vietnã, 23-4, 32, 101-2, 106, 109, 137-8

família, 31, 169, 171-2
feudalismo, 65, 121-2
fome, 17-8, 27
França, e Frente Popular, 19
v.tb. colonialismo; imperialismo; Ho Chi Minh; Vietnã
frente(s), 14, 18-9, 86-7, 91-2, 99, 100, 107-8, 117, 121-3, 125, 128-31
contra-revolucionária, 92
da independência do Vietnã, 129
e os movimentos de libertação nacional, 14
popular, 18-9
revolucionária, 92
Frente, Comum Vietnã-Kmer-Lao, 108
Democrática, 128-31
Lien Viet, 99, 100, 107
Nacional de Libertação do Vietnã do Sul, 86-7, 91
Nacional Unida, 117, 121-3, 125, 128-31
v.tb. Frente Unida Lien Viet-Viet Minh
Unida Lien Viet-Viet Minh, 107
Viet Minh, **ver** Viet Minh

Giap, **ver** Vo Nguyen Giap
grupos de ajuda mútua, 114-5
guerra civil, 29
guerrilha, 21, 23-7, 31-3, 84, 106, 132-3, 135, 138-40, 142-6
como tática da resistência prolongada, 135, 142
diretrizes da, 142-6
v.tb. luta armada

heróis nacionais, 107, 130
Ho Chi Minh (Nguyen Sinh Cung), 7-34, 37, 39-40, 43, 50, 54, 58, 61, 63, 68, 70, 72-3, 77-8, 81-2, 86, 92, 95, 97, 108, 110, 112, 118-21, 125, 128-9, 132-4, 137-8, 140, 142, 147, 150-1, 153, 156-7, 164-7, 169, 171-2, 174, 179, 184, 194
bibliografia sobre, 34
biografia de, 7-34
como Ba, "o aventureiro", 11
como escritor e jornalista, 12--3, 16, 20
como líder da revolução e chefe do Viet Minh, 26
como Nguyen Ai Quoc, "o patriota", 10-4, 18-21, 27, 92, 129, 133
como "padre Chin", 16
como presidente do governo revolucionário, 27, 133
como "professor Linov", 20
como "tio Ho", "o que ilumina", 21-2, 27

da frente única proletária à frente popular, 18-20
e aliança operário-camponesa, 8, 9, 16-7
e anticolonialismo, 8, 13-4
e berço revolucionário, 9, 10
e caminhada para o poder, 11
e caráter da revolução, 21
e "Carta do Estrangeiro", 21
e colonialismo, 10-4, 19-20, 23-4
e Comitê de Libertação Nacional, 25
e Conferência Ampliada do Partido Comunista Indochinês, VII, 20
e Congresso da Internacional Comunista, 15
e Congresso Socialista de Tours, 12
e consolidação do poder, 28-9
e educação, 29-30
e Exército de Defesa Nacional, 32
e franceses, 19, 25, 26
e guerra civil, 29
e guerrilha, 21, 23-7, 31-3
e imperialismo, 10, 19, 20, 23-5
e independência do Vietnã, 27
e insurreição geral, 25
e Internacional Comunista, III, 8, 12-6, 18-9
e internacionalismo, 8, 12, 14
e japoneses, 19, 20, 23-4
e Juventude Socialista, 12
e Ku Klux Klan, 14
e Kuomintang, 15
e leninismo, 8, 12-5, 24
e luta armada, 19, 21-7, 31-3
e luta entre o "tigre e o elefante", 29-31
e luta política, 33
e mulher, 30-1
e nacionalismo, 7-8, 10-3, 21, 29
e negro, 11
e nomes diversos, 10-2, 16, 20-2
e norte-americanos, 24-5
e Partido Comunista Francês, 7, 12, 15
e Partido Comunista Indochinês, 16-20
e stalinismo, 8
e tática e estratégia, 31-3
e Viet Minh, 20-6
em Moscou, 13-5, 20
em Tonquim, 20
na China, 15-6, 20, 22
na escola de quadros de Whampoa, 16
na França, 11-3
no Brasil, 11
no Sião, 16
nomes diversos, 10-2, 16, 20-2
prisão e poesia, 22-3
testamento e morte, 34
Hué, 26

Igreja, 49, 58-9, 83
imperialismo, 10, 19-20, 23-5, 39, 40-5, 48, 50-3, 70-2, 81-93, 99, 102, 110-1, 120-1, 129-31, 153, 196
francês, 10, 25, 39-43, 45, 48, 50-3, 70-2, 81-93, 99, 102, 120-1, 129-31, 196
inglês, 43, 82, 99
japonês, 19-21, 23-4, 51, 129--31, 153
norte-americano, 24, 25, 81-91, 110-1, 196
v.tb. colonialismo
imprensa, burguesa, 45
comunista, 45, 164
Indochina, 81-91, 110-1

indústria, 125-7
v.tb. economia
insurreição, 24-5, 129-34
v.tb. resistência
Internacional, Camponesa, 45
v.tb. camponeses
Comunista, III, 8, 12-6, 18-9, 40, 43-50
internacionalismo, proletário, 8, 12, 14, 37, 39-40, 70-2, 110, 117, 196
v.tb. solidariedade internacional

Ku Klux Klan, 11, 54, 57
Kuomintang, 15, 99

Lacouture, J., 10, 18-9, 23, 25-8, 34
leninismo, 7, 8, 12-5, 24, 40-1, 44, 61-9, 158
v.tb. marxismo-leninismo
Lien Viet (Liga Nacional do Vietnã), 100, 141
v.tb. Frente Unida Lien Viet--Viet Minh; Viet Minh
Liga, dos Comunistas Indochineses, 17
Nacional do Vietnã, **ver** Lien Viet
Line, 10
v.tb. Ho Chi Minh
Linov, 20
v.tb. Ho Chi Minh
luta, armada, 19, 21-7, 31-3, 132-46
v.tb. brigada de propaganda; edificação do socialismo; Exército de Libertação do Vietnã; guerrilha; milícias populares; propaganda política; resistência
de classes, 124, 184-5
v.tb. revolução

Mai Luah, 34
maoísmo, 98
marxismo-leninismo, 95, 98, 109, 116, 158-9, 161, 192
v.tb. comunismo; leninismo; maoísmo; partido; revolução; socialismo; trotskismo
Masson, A., 9
milícias populares, 106, 134-6, 138-40
v.tb. luta armada
modus vivendi de 14/set/46, 46, 70, 75-6, 100
moral revolucionária, 104-6, 162, 165-6, 169, 174-93
coletivismo, 184-5, 191-2
conteúdo da, 186-9, 191
critério n.° 1 do revolucionário, 188
crítica e autocrítica, 190
defeitos, 175-7
bairrismo, 175
burocratismo, 175-6
caudilhismo, 175
corrupção, 177
egoísmo, 177
formalismo, 176
indisciplina, 176-7
relaxamento, 176-7
sectarismo, 175
e ação revolucionária, 185-6
e centralismo democrático, 183
e classe operária, 186-7
e individualismo, 184-5 191-2
e inimigos da revolução, 188
e massas, 183, 191
e partido, 186-91
e quadros políticos, 189
e sociedade, 174
objetivo da, 174
que fazer, 178-83
virtudes revolucionárias, 181, 186
v.tb. edificação do socialismo
movimento(s) de libertação nacional, 14, 44, 65, 110-1, 130

mulher, 30-1, 109, 157, 169-73
v.tb. casamento
Mus, Paul, 27-8

nacionalismo, 7-8, 10-3, 21, 29, 37-40, 42-50, 100-3, 116
v.tb. apelos; colonialismo
Nam Bo, província de, 72-3, 75-6, 130, 135
nazismo, 18
negro, 11, 50-60
v.tb. Ku Klux Klan
Nghe An, província de, 10, 98
Nghe Thinh, província de, 9, 10
Ngo Dinh Diem, 83
Nguyen Ai Quoc, "o patriota", 10-4, 18-21, 92-4, 129-31, 133-4
v.tb. Ho Chi Minh
Nguyen Sinh Cung, 9, 10
v.tb. Ho Chi Minh
norte-americanos, 24-5, 81-91, 110-1
v.tb. imperialismo

operariado, **ver** proletariado
organizações, de massa, 129, 150-5
v.tb. comitês populares; povo democrático-liberais, 45
orgulho, 105, 154

Partido, 7, 12, 15-21, 29, 37-45, 66-8, 81-6, 92-131, 135-6, 147-64, 174-8, 186-90
Comunista da Indochina, 17, 147-9
Comunista do Anã, 17
Comunista Francês, 7, 12, 15, 45, 128-9
Comunista Indochinês, 16-20, 92-4, 128-31, 147-55, 174
criação do, 16-7, 92-4
e Associação da Juventude Revolucionária, 16-7
e "Carta do Estrangeiro", 21, 29, 130-1
e comitês populares, 153-5
e emulação patriótica, 151-3
e fundação do Viet Minh, 129
e insurreição, 130
e nova linha política, 129
e nova moral, 174-8
e povo, 150-3
e Sessão do Comitê Central do, VIII, 129
palavras de ordem, 94
v.tb. Partido dos Trabalhadores do Vietnã
dos Trabalhadores do Vietnã, 37-8, 66-7, 81-6, 95-131, 135-6, 187, 190
características internas, 95-6
caráter de massa, 190
clandestinidade, 99
composição, 95
criação do, 97-8
crítica e autocrítica, 105-6
defeitos graves e extensos, 104-6
burocratismo, 104
caudilhismo, 105
indisciplina, 105
orgulho, 105
presunção, 105
sectarismo, 105
subjetivismo, 104
dificuldades, 98-9
dissolução, 99
e Exército de Libertação, 101-2
e Frente Lien Viet, 100
e Frente Viet Minh, 99
e internacionalismo, 110-1
e Kuomintang, 99
e movimentos de libertação, 110-1
erros e acertos, 104-6
estratégia justa, 102

objetivos imediatos, 96, 108-9, 187
política externa do, 110-1
resistência prolongada, 96, 100-3, 135-6
responsabilidade do Comitê Central, 105
tarefa(s) novas, 106-8
primordial, 96
urgentes, 104-6
trinta anos de luta do, 108-31, 135-6
v.tb. Partido Comunista Indochinês
Socialista Francês, 12, 39-40
paz, 79, 83, 87, 117
Phan Van Dong, 19-20
Plenário do Comitê Central do Partido, VII, 125-7
poder popular, 99, 116, 121
poesia, 22, 23, 151, 167
"política de blefes", 81-2
pontos, "a fazer" e a "não fazer", **ver** "Doze Pontos"
fortes e fracos, 139
povo, 29, 150-5, 183, 186-7, 191
v.tb. edificação do socialismo
prisão, 22
proletariado, 8-9, 15-7, 41, 65, 97, 109, 116, 118-27, 170
v.tb. aliança operário-camponesa; luta de classes; marxismo-leninismo; sindicatos
propaganda política, 132, 144-5, 151
v.tb. brigada de propaganda

quadros políticos, 147-9, 157-64, 183, 188-9
educação dos, 157-64
e moralidade revolucionária, 188-9
e Partido Comunista da Indochina, 147-9
quoc ngu (escrita vietnamita latinizada), 10, 156-7

racismo, 11, 54-7
v.tb. Ku Klux Klan
reconstrução nacional, 75, 107-9, 153
v.tb. edificação do socialismo
reforma agrária, 82, 107, 114-5, 121-5
v.tb. camponeses
relações de produção, transformação socialista das, 115
v.tb. edificação do socialismo
resistência, 71-2, 75, 77, 82, 84, 90, 96, 100-3, 107-8, 116-7, 121-5, 129-31, 133-6, 142-6, 179-83
apelo à, 134-6
caráter popular da, 133
contra colonialistas franceses, 129-31
e atividade militar como tarefa principal, 101
e economia e finanças, 107-8
e estrangeiros, 108
e Frente Comum Vietnã-Kmer-Laos, 108
e reforma agrária, 107, 121-5
estratégia da, 135
fases da, 102-3
guerrilha como tática, 142-6
palavras de ordem, 100-3
porque dos êxitos, 116-7
questão chave da, 121
v.tb. edificação do socialismo; movimentos de libertação nacional; reunificação; solidariedade internacional
reunificação, 70, 74-6, 79-80, 109
v.tb. resistência
revolução(ões), 12, 14, 20, 24-5, 31-3, 65-6, 93, 97-8, 100-3, 108-9, 111-36, 138-46, 182, 185, 188
chinesa, 65-6, 93, 97-8
de Agosto, 138-41

democrática, 112
inimigos da, 188
internacional, 12, 111
russa, 97-8
vietnamita, 20, 24-5, 31-3, 93, 98, 100-3, 108-9, 112-36, 142--6, 182
caráter da, 21, 116, 121
e relações de produção, 115
estratégia da, 20, 31-3, 100--3, 112-6, 121, 133, 135, 182
insurreição geral, 24-5, 129--34
objetivos, 112
porque dos êxitos, 116-7, 135-6
tarefas principais, 108-9, 112-5, 125
tática, 31-3, 133, 142-6
v.tb. edificação do socialismo

Sader, Eder S., 7
sadismo, e colonialismo, 172-3
v.tb. Ku Klux Klan
Sardenberg Neto, I., 9, 34
SEATO (Southeast Asia Treaty Organization), 83-4
Sihanouk, Norodon, 34
Simmons, William Joseph, 55-6
sindicatos, 109, 119-21
v.tb. proletariado
socialismo, 14, 108-15, 125, 169-72, 174-93
v.tb. edificação do socialismo
sociedade, 169-72, 184-5
v.tb. economia
Sociedade das Nações, estado-maior da frente contra-revolucionária, 92
solidariedade internacional, 89, 93, 110, 117
v.tb. internacionalismo
sovietes do Nghe Am, 10, 98
stalinismo, 8, 44

Ta Tu Than, 19
Tan Trao (capital da "zona liberada"), 24
Ta Thanh, 10
v.tb. Ho Chi Minh
tática revolucionária, 31-3, 133, 142--6
teoria, e formação de quadros, 158--9
"terra arrasada", 163
testamento, 194-7
Thanh Nien (Associação da Juventude Revolucionária do Vietnã), 16-7
Thich Nhat Hanh, 34
Tran Phu, 17-8
Tran Van Giau, 26
Tratado Militar de Defesa Européia, 83
trotskismo, 15, 18-9, 128
Trung Bo, 75

União, da Juventude Trabalhadora, 109
das Mulheres, 109
v.tb. mulher
URSS, 14, 66, 92-3, 97-8

Valera, Eamon de, 42
Viet Bac, 102, 137-8
Viet Minh (Liga pela Independência do Vietnã), 20-6, 51, 99-100, 107, 129-31, 133-4, 140-2
assume poder no Vietnã, 26
criação do, 20-1, 129
e "Carta do Estrangeiro", 21, 129-31
e insurreição geral, 133-4
e Partido dos Trabalhadores do Vietnã, 99
fusão com Lien Viet, 100

política justa, 140-2
pontos do programa, 99-100
v.th. frentes; resistência
Viet Nam Quoc Dan Dang (VNQDD), 25
Vietnã, 9-10, 16, 19, 23-8, 34, 46, 50-3, 67, 70-91, 96, 99-103, 107-25, 129-31, 133-6, 142-6, 153, 179-83
ataques a Hanói e Haiphong, 71 86-7
contradições entre os imperialistas, 82-3
crimes de guerra, 90
Dien Bien Phu, 77-8, 83-4
eleições gerais, 80
fim da saída pacífica, 77
guerra, 28, 67, 70-91, 96, 99-103, 107
história milenar, 9-10, 129
internacionalismo, 70-2, 110
intervenção americana, 81, 90
modus vivendi de 14/set/46, 46, 70, 75-6
negociações com a França, 28, 72-7, 87
paz, 79, 83, 87
"política de blefes", 81-2
reagrupamento em regiões, 79
referendo, 76
relações com China Popular e URSS, 85, 89
tarefas comuns a todo país, 113
Vietnã do Norte, 23-8, 50-3, 70-1, 74, 78-9, 82, 86-7, 90-1, 99, 107-25, 133-4, 153, 179-83
burguesia nacional, 115
camponeses e partido, 115-9
independência, 23-8, 50-3, 70, 74, 78-9, 99, 133-4, 153
luta sindical, 120-1
plano trienal, 114
política externa, 110-1, 114
porque dos êxitos, 116-7
programa de governo, 179-83
restauração econômica, 82, 107, 113-5, 121-5
transformação socialista das relações de produção, 115
Vietnã do Sul, 86, 87, 90-1, 99-112, 135
Vo Nguyen Giap, 20-1, 23-5, 137

"zona liberada" ou "zona livre", 20, 24, 32, 137